## OBRAS DO MESMO AUTOR, EM VOLUME:

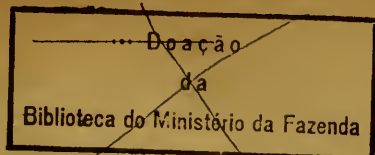
Lexico de termos technicos e scientificos, 1909
Chronica do Tempo dos Philippes, romance seiscentista, 1910
A missão artistica de 1816, 1912
Lexico de Lacunas, 1914
Nicolau A. Taunay, 1916
S. Paulo nos primeiros annos, 1920
A' gloria dos Andradas, 1920
Na era das bandeiras, 1920
A' gloria das Monções, 1920
Ensaio de Bibliographia referente ao Brasil e ás sciencias naturaes, 1920
(em collaboração com A. Hempel, F. Hoehne e H. Luederwaldt)
S. Paulo no seculo XVI, 1921
Grandes vultos da Independencia Brasileira, 1922
Collectanea de documentos da antiga cartographia paulista, 1922
No Brasil Imperial, 1922
Pedro Taques e seu tempo, 1923
Sob El Rey nosso Senhor, 1923
Um grande bandeirante: Bartholomeu Paes de Abreu, 1923
Piratininga, 1923
Na Bahia colonial, 1924
Rio de Janeiro de antanho, 1924
Non ducor, duco! 1924
Historia geral das Bandeiras paulistas (Tomo I), 1924
Vocabulario de omissões, 1924

## NO PRELO

Escriptores coloniaes
Do Reino ao Imperio
Ensaio de Bibliographia (II Parte)

## EM VIA DE IMPRESSÃO

Historia geral das Bandeiras paulistas (Tomo III)
Guanabara
Todos os Santos

AFFONSO DE E. TAUNAY

# Historia Geral das Bandeiras Paulistas

ESCRIPTA Á VISTA DE AVULTADA DOCUMENTAÇÃO INEDITA DOS ARCHIVOS BRASILEIROS, HESPANHOES E PORTUGUEZES

## TOMO SEGUNDO

CYCLO DA CAÇA AO INDIO — LUCTAS COM OS JESUITAS E OS HESPANHOES — INVASÃO DO GUAYRÁ, DO ITATIM E DO TAPE — CONQUISTA DO SUL E DO SUDOESTE DO BRASIL PELOS PAULISTAS

(1628 — 1641)

1925
TYP. IDEAL — HEITOR L. CANTON
Rua Ribeiro de Lima, 22
S. PAULO

# *Introducção*

*Ao encetarmos este segundo tomo do nosso ensaio da historia geral das bandeiras paulistas seja nos dado repetir as phrases com que abrimos o nosso prefacio. Não é uma obra de synthese que o leitor tem sob os olhos. Nem poderia ou deveria sel-o que a historia systematica e pormenorisada do bandeirismo até hoje jamais se fez.*

*Proseguimos, no presente volume, com a analyse detida da copiosissima documentação, inedita e sobremodo preciosa, que os archivos hespanhoes nos forneceram, sobre esse periodo capital dos fastos do bandeirantismo comprehendido entre os millesimos de 1628 a 1641. Revela-nos ella novidades innumeras, tão valiosas quanto interessantes.*

*Encetamos o tomo com a exposição extensa dos actos de Don Luis de Cespedes Xeria, ao assumir o governo do Paraguay e percorrer a região do Guayrá, dentro em breve conquistada pelas bandeiras.*

*E' como que a introducção á phase aggressiva, systematicamente anti-hespanhola e anti-jesuitica, assumida pela arrancada paulista para o Sul e o Sudoeste.*

*Serve de pretexto á apresentação de um quadro cheio de aspectos muito curiosos e de real valia pois documentam muitos dos processos administrativos hispano-americanos na intimidade dos seus actos e sobretudo revelam a mentalidade colonial seiscentista, em relação ao problema vital da intensificação da colo-*

*nisação europeia, parasita insaciavel e feroz do homem americano escravisado.*

*Tão interessantes nos pareceram taes escriptos, não só aos brasileiros quanto a todos os hispano-americanos e sobretudo aos do Prata e do Perú, que seu exame nos trouxe verdadeira perplexidade relativamente á fixação do quantum a lhes conceder de espaço neste segundo volume da* Historia das Bandeiras, *receiosos que estavamos de cahir em larga digressão, tal a massa de papeis a condensar e quasi sempre tão cheia de informes relevantes.*

*Para a confecção deste tomo muito nos valeu tambem a contribuição das inestimaveis* Actas *e* Registo Geral da Camara de S. Paulo, *a mais intima e frequentemente a unica das contraprovas lusitanas aos depoimentos castelhanos.*

*Deste manancial de tão alto valor ainda não haviam os nossos historiadores lançado mão na parte relativa á historia das luctas locaes paulistano-jesuiticas, salvo uma ou outra referencia de Azevedo Marques e dos chronistas.*

*Valioso auxilio nos trouxeram as rigorosas pesquizas de Alfredo Ellis Junior na documentação recentemente publicada pelos archivos estadual e municipal de S. Paulo e condensadas no seu excellente livro:* O bandeirismo paulista e o recuo do Meridiano. *Prestaram nos optimos serviços para o estudo de diversas bandeiras meridionaes. Assim tambem, e ainda em relação á invasão do Rio Grande do Sul pelos paulistas, largamente nos valemos do primeiro tomo da* Historia do Rio Grande do Sul, *do Rev. P. Carlos Teschauer S. J. bella obra em que se compendia com a maior fidelidade a velha litteratura dos autores ignacinos e coloniaes em geral, além de muitos elementos novos hauridos de honestas e intelligentes pesquizas archivaes.*

*Como verão os leitores enorme foi a massa de informes fornecida pelo levantamento archival do douto e honestissimo historiador que é Pablo Pastells.*

*Bem nos demonstra esta occurrencia quanto até hoje se tem escripto do modo mais lacunoso sobre o capitulo primacial da nossa historia que é o do bandeirantismo.*

*Ha mais que provavelmente, em Sevilha, Simancas e Madrid, em Portugal, no Brasil nos proprios*

*archivos de S. Paulo, uma infinidade de papeis ignotos e de alto valor refertos de novidades importantes e preenchedores dos muitos claros que o nosso modesto ensaio deixou.*

*Contribuições novas e valiosas sobre o bandeirismo paulistas trouxeram-nos ultimamente do Norte, Studart, Borges de Barros, Heleodoro Pires, Wenceslau de Almeida examinando os nossos archivos septentrionaes. São as primeiras galerias de uma mina que ainda dará muita cousa. No Rio de Janeiro existem enormes acervos de documentos. O que delles pode um pesquizador sacar mostrou-nos magnificamente Basilio de Magalhães com a exploração do Archivo Nacional, infelizmente interrompida.*

*Quanta surpreza soberba não se depar ará a quem o imitar, penetrando no recesso destes papeis virgens?*

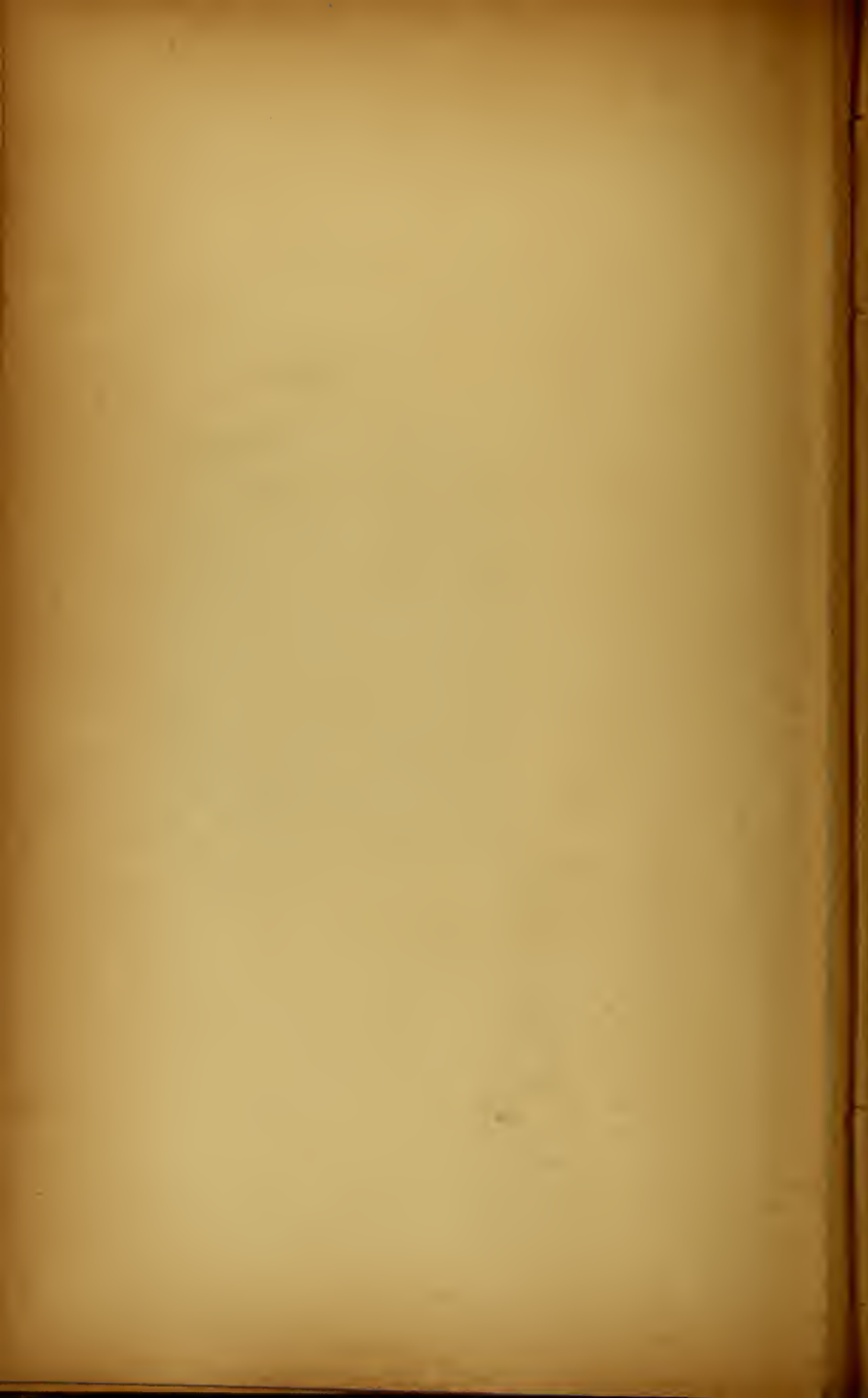
*Seja como fôr é nos um motivo de muito intensa satisfacção havermos conseguido revelar aos nossos prezados leitores a grande copia de documentos estrangeiros, novos e valiosos, sobre a phase capital da historia do bandeirantismo paulista, que se desenvolve do assalto ao Guayrá ao grande revez de Mbororé, e neste volume apresentados. E' esta aliás a unica valia do trabalho condensado no presente tomo.*

Affonso de E. Taunay

*Tabajara (Limeira), 2 de julho de 1924.*

# OS PAULISTAS

"Numa epopéa, capaz da tuba épica, viu surdir o mundo novo a estirpe dos paulistas, filhos intractaveis do cruzamento entre o genio europeu e a energia americana, de uma constituição á prova do medo e uma actividade inaccessivel ao cansaço. Entregues á corrente do Tietê, de rio em rio, de serra em serra, de planura em planura, as suas expedições iam ter ao Miranda, ao Cuyabá, ao Paraguay, arrebatando a Castella, para a casa de Bragança, "a maior extensão da America do Sul, a região mais formosa de toda a terra habitavel". Deanteiros da expansão portugueza na America do Sul, fundaram nos seculos XVII e XVIII, os primeiros estabelecimentos de Minas, de Goyaz, de Matto Grosso, de Santa Catharina, do Rio Grande, conquistaram a provincia castelhana de Guaira, obrigaram os hespanhóes a evacuar a bacia do Jacuhy, a do Piratinim, a do Ihicuhy, toda a região a leste do Uruguay, levando, por fim, suas destemidas excursões até ao norte do Paraguay e á Cordilheira do Perú. Não fôra o valor e o arrojo desses caçadores de homens, gente "mais ardida que os primeiros conquistadores", e a costa do Brasil ao sul de Paranaguá seria hoje hespanhola, hespanhóes veriamos os sertões de Matto Grosso e Goyaz, outro povo occuparia as nossas melhores zonas, respiraria os nossos ares mais benignos, cultivaria as nossas mais desejadas terras".

RUY BARBOSA.

# PRIMEIRA PARTE

## A CONQUISTA DO GUAYRA'

*Da partida da grande bandeira de Manuel Preto e Antonio Raposo Tavares á queda de Villa Rica (1628-1632)*

*A arrancada paulista de 1628 e Don Luis de Cespedes Xeria. — Acção deste Capitão General do Paraguay no Guayrá. — Estado desta região e do Paraguay, em geral, antes do assalto paulista. — O ataque de 1629 ás reducções guayrenhas. — Exodo geral dos jesuitas e dos guaranys para o Sul. — Proseguimento da aggressão paulista aos hespanhóes. — Cerco e queda de Villa Rica. — Abandono de Ciudad Real. — Expulsão definitiva dos hespanhóes do Guayrá.*

## CAPITULO I

*A arrancada paulista de 1628. — Nomeação de Don Luis de Cespedes Xeria para o cargo de Capitão General do Paraguay em 1625. — Viagem accidentada ao Brasil. — Chegada ao Rio de Janeiro onde se casa com D. Victoria de Sá. — Partida para S. Paulo. — Estada na villa. — Partida para o baixo Tietê.*

Attingimos com a nossa narração a um ponto culminante da historia do bandeirismo.

Depois de uma serie de contactos hostis com os hespanhoes e jesuitas vão os paulistas tomar a mais energica das decisões, dispostos a arrazar os estabelecimentos que os ignacinos possuiam no Guayrá e tratar de expulsar os castelhanos além Paraná.

Esta arrancada poderosa em que toma parte a população inteira de S. Paulo, tendo á sua testa os representantes do seu poder municipal, enceta-se em agosto de 1628, e é sobretudo determinada pela acção de um homem que encerrava em si um prodigioso estuar de energias: Antonio Raposo Tavares.

E' elle o inspirador do movimento, muito embora a sua mocidade. A sua recente acclimação entre os paulistas leva-o a deixar a chefia da grande entrada á um sertanista idoso coberto do maior prestigio, o velho Manuel Preto.

Mas é elle o organisador, o responsavel pelo feito que vae tornar para sempre portuguezes os territorios dos nossos actuaes estados do Paraná e de S. Catharina e encetar uma era de rechasso dos hespanhoes do Rio Grande do Sul e da parte meridional de Matto Grosso,

Na historia deste periodo ha um ponto obscuro de difficil elucidação. Affirmam os historiadores jesuitas que um dos principaes promotores, ou pelo menos o grande encorajador da aggressão paulista aos estabelecimentos hespanhoes ao sul do Paranápanema foi um representante directo da corôa hespanhola: o Capitão General do Paraguay Don Luis de Cespedes Xeria. Contra esta cumplicidade protestou elle energicamente no processo de residencia que lhe foi feito.

Seja como fôr, a presença de Cespedes em terras paulistas e paraguayas teve capital importancia. Assim antes de encetarmos a historia do assalto ás reducções do Guayrá, pela grande bandeira de 1628 vamos nos occupar de tal personagem e de sua acção nos meios sul americanos.

De 1621 a 1626, governara o Paraguay d. Manuel de Frias, ex-governador de Buenos-Ayres. Tivera tempestuosa administração por causa de suas questões com o bispo, que acabara por excommungal-o.

Sabedor de taes divergencias, resolvera o Conde Duque de Olivares substituil-o antes que acabasse o prazo do governo, os cinco annos em que devia servir.

Assim, a seis de Fevereiro de 1625, dava-lhe successor na pessoa de d. Luiz de Céspedes Xeria, fidalgo de linhagem, então na côrte madrilena, official de seus quarenta annos de idade, viuvo e que já no Chile servira bastante tempo e segundo parece com certo destaque.

Ia este homem, deixamol-o dito, representar enorme papel nos acontecimentos do conflicto hispano-jesuita-paulista, de que resultaria a evacuação das terras áo occidente do Paraná pelos castelhanos, numa zona por elles occupada havia já muitas dezenas de annos.

Tivemos o ensejo de analysar, com muitos pormenores, apoiados em extensa documentação, absolutamente inédita, a «Relacion de viaje» do governador paraguayo em nossa obra: «Na era das bandeiras». E assim como esta parte da sua estada na America do Sul não pertence propriamente á historia das bandeiras reportamos os leitores áquelle livro e aqui apenas daremos um resumo do que alli constitue uma serie de capitulos.

Recebendo ordens para que partisse immediatamente para assumir o governo do Paraguay, mas sem um vintem de ajuda de custo — o que tanto era do tempo em Hespanha — teve immensa difficuldade em obter passagem para a America do Sul. Repellido de Se-

vilha, foi a Lisboa, onde depois de muita insistencia e muita humilhação conseguiu embarque num galeão portuguez.

Só em fins de maio de 1626 é que chegou á Bahia Para deixar a capital brasileira as difficuldádes aindá lhe foram maiores, sobretudo por causa dos cruzeiros hollandezes de Piet Heyn nos nossos mares.

Afinal, a 11 de janeiro de 1628, sahia do Salvador, assim mesmo numa canoa grande de voga que se destinava ao Rio de Janeiro. A 14 de fevereiro depois de correr graves perigos chegava ao Rio. (Cf. «Annaes do Museu Paulista» tomo II, p. 2, pag. 16-21 e pag. 25)

Foi ahi muito bem acolhido pelo Governador Martim de Sá e seu illuustre filho Salvador Correa de Sá, o futuro restaurador de Angola, e tal sympathia angariou, que dentre em breve desposava D. Victoria de Sá, filha de Gonçalo Correa de Sá, irmão de Martim, senhora que lhe trouxe rico dote.

Decidido a tomar posse do seu governo sahiu do Rio a 8 de julho de 1628, em canoa e desembarcou em Santos a 18. A 29 subia a serra em direcção a S. Paulo. Em Santos compareceu perante o ouvidor da capitania de S. Vicente que então era Amador Bueno da Ribeira e apresentou-lhe um requerimento para que tornasse effectiva a prohibição das entradas de paulistas no Paraguay. «Nenhuma pessoa, quem quer que fosse, se mostrasse ousado, a ponto de ir ás terras de sua jurisdicção.» Respondendo, dizia, o futuro «acclamado» de 1641, que faria affixar editaes, prohibindo tal transito, sob pena de 500 ducados de multa, mas ao mesmo tempo prevenia que o capitão-general só se poderia fazer acompanhado das pessoas designadas pelo capitão-mór da capitania vicentina.

Não se contentou d. Luis de Cespedes com a provisão ouvidoral para documentar o zelo por Sua Magestade Catholica; fez, segundo requerimento, agora ao capitão-mór Alvaro Luis do Valle, aliás de autoridade dubia, pedindo-lhe prohibisse a entrada dos portuguezes em terras do Guayrá. Deferiu-lhe Valle o pedido num alvará em que acenava com o confisco dos bens e a applicação de graves penas aos contraventores.

Autorisava, entretanto, um dos maiores bandeirantes da época, o capitão Manuel Preto, a servir de guia ás canoas do capitão-general paraguayo, Tietê abaixo, podendo levar comsigo sómente seis indios e nenhum

branco. Apenas chegasse a uma villa castelhana voltasse a S. Paulo, sem digressões. Si, durante a viagem, deixasse o rumo collimado, fosse tido como trahidor á corôa de Sua Majestade. De sua conducta, ficaria aliás responsavel d. Luis de Cespedes.

De todos estes documentos exigiu Cespedes e obteve traslados.

A 28 de junho de 1628 sahiu de Santos em direcção a S. Paulo onde, gaba-se, teve excellente acolhimento. «Fuy muy bien recebido y regalado de todos los moradores, estaré siempre reconocido», escrevia ao Rei, pouco depois.

Curiosa gratidão, comtudo, esta que, tão pouco tempo depois, lhe ditava a carta confidencial de 8 de novembro de 1628 a Sua Majestade. Curto lhe fôra o reconhecimento pelas provas amigaveis dos paulistas, a seu respeito, pois delles faz a mais negra descripção dos actos e costumes, da vida commum, projectos e emprezas.

Começa prevenindo o seu real amo, para que não se espante do que vai lêr: «Suplico a Vuestra Majestad mire con atencion desde aquilo que le boy diciendo y oyrá desta gente de San Pablo y su jurisdicion las mayores maldades, trayciones y vellaquerias, que hazen ni an hecho vasallos suyos».

Quatrocentos homens em estado de pegar em armas, dizia d. Luis de Céspedes, residiam em São Paulo, quatrocentos moradores, a que dá o appellido de soldados.

Vivia a villa com as casas fechadas, habituálmente, porque a «assistencia» dos habitantes «mujeres y hijos es en el campo», commentava. Trazendo do littoral uma série de attestações de passagem e de serviços ainda não se dava o governador por satisfeito. Novas provas desejava para convencer Sua Majestade de seu zelo e da importancia dos serviços que allegava.

Assim obteve que a 2 de julho de 1628 lhe dessem os padres Salvador da Silva, superior do collegio paulistano; Joseph da Costa e João de Almeida, superiores das aldeias da Escada, Conceição e S. Miguel, um certificado, declarando que só trouxera e levava os criados do seu serviço, além da roupa do uso «mostrando-se em tudo mui zeloso do serviço de Sua Magestade».

E isto o affirmavam, «in verbo sacerdotis».

Novo documento lhes pediu o eminente itinerante e elles lh'o deram afiançando que como testemunhas de vista lhe haviam assistido ao embarque.

Homem meticuloso e cauteloso este sr. d. Luis de Céspedes y Xeria que, a 16 de julho, deixava a villa paulistana rumo de oeste.

Talvez houvesse contribuido para a brevidade de sua estada em S. Paulo, a attitude da Camara locál.

A 8 de julho, reunidos os edis: o juiz ordinario Mauricio de Castilho, o vereador «baltezar de godoi», e o procurador do Concelho, Christovam Mendes, ausente o vereador, «dioguo brabosa» por estar doente, puzeram os ditos officiaes eleitos para 1628, «em pratiqua as cousas do bem commum».

E como houvesse escaldante ordem do dia, «pello procurador foi dito que requeria aos offisiaes que lhe requeria soubesem como o governador do peragoai que nesta vila está para pasar, mandasse saber, se trazia ordem para passar por este caminho por ser proibido».

Era o assumpto grave sinão gravissimo, implicando uma questão de intrusão de jurisdicção. Embora ao mesmo tempo subditos do rei de Hespanha e de Portugal, não podiam os vassallos de uma das côroas invadir a esphera do poderio da outra. Assim os officiaes da Camara paulistana mandaram «se soubesse a ordem que trazia de sua majestade para passar por S. Paulo».

Indica isto que teve o sr. d. Luis de Cespedes y Xeria a necessidade de exhibir ordens e patentes, circumstancia que provavelmente o irritou, tendo-a como insolencia dos atrevidos paulistanos para com o nobre representante da majestade catholica de El Rei o Senhor Don Philippe o Terceiro. Dahi o azedume do seu relatorio sobre os paulistanos, talvez.

Ninguem mais turbulento do que os paulistas de então, nem logar do mundo existia onde tamanha e tão grave impunidade reinasse, «Vienen al pueblo los dias de fiesta y eso armados com escopetas, rrodelas y pistolas publicamente consientelo las justicias. Porque no ja son mas que en la aparencia y son como las démas muertes, cuchilladas y otras insolencias, matandose y aguardandose en los camiños todos los dias sin que aya sido castigado hombre ninguno hasta el dia de oy ni tal se save».

Com o maior desplante, já em S. Paulo lhe haviam contado que estavam em campo, numa expedição destinada a apresar os aldeiados do Guayrá, novecentos homens da villa e seu termo, seguidos de tres mil indios.

Pretendia d. Luis que, sabedores de suas intenções quanto a tentar proteger os reduzidos do Guayrá, efficientemente, haviam os paulistas pensado supprimil-o. «Estando yo ali harto temeroso que no me matasen porque savian el zelo con que venia a estorbarles».

Assim, deu-se pressa em preparar o comboio com que devia descer o Tietê e o Paraná para chegar ás terras de sua capitania. Seguiam-no seis criados, além de cinco indios e indias, parece que ajustados em S. Paulo. Quarenta remadores indigenas formavam a sua maruja fluvial. Levava-os «pagos com o seu dinheiro», isto é, com alguns ducados do dote, jactava-se ao amo real que o deixara durante tres annos sem subsidios nem soccorros e sempre com uma impagavel letra de mil ducados, innegociavel. Muito amor ao pennacho devia ser o deste homem tão pertinaz em empossar-se do seu cargo, através de tão pavorosa viagem como esta que ia emprehender, sobretudo agora em que estava rico e em lua de mel.

---

## CAPITULO II

*Viagem pelos Tietê e Rio Grande. — Chegada ao territorio paraguayo. — Visita a Loreto.*

Sahindo de S. Paulo, a 16 de julho de 1628, declara don Luis de Céspedes que deixára «aquela mala tierra con toda priessa». Quiçá receava que os paulistas o obrigassem a descer a serra rumo do mar.

Caminhou então quarenta leguas penosas «por tierra y a pie, por ser camiño fragosissimo que no se puede andar de otra manera con ynfinitos travajos de llubias y rios». Dezoito vezes teve de atravessar o Tietê nesta jornada. Tal percurso fazia-o para attingir um ponto onde a navegação do grande rio começasse a ser franca.

Afinal, chegou a este porto, a que deu o nome de Nossa Senhora de Atocha, e onde se demorou um mez, a construir «embarcaciones de palos grandisimos». Fabricou tres, das quaes a que destinava para si excavada num madeiro gigantesco, provavelmente pluri-secular peroba, com uma circumferencia de oito braças (17m.60). De tal madeiro fez uma barca longa de setenta e cinco palmos, dezeseis metros e meio, com seis palmos de bocca (1m32).

Nella vinhamos, diz elle, «sinquenta yndios que remavan y mi persona y criados. Las otras dos eran la mitad menos donde benian el sustento nuestro y de los yndios».

De onde teria o capitão-general encetado esta viagem Tietê a baixo? E' difficil dizel-o.

Logo a jusante de um salto chamado pelos portuguezes «cachuera» (sic) e donde o Añemby («quer decir rio de unas aves añumas»), annotava elle, se precipita de «altisimos peñascos».

Provavelmente, para além do Salto de Ytú.

Nada mais temeroso do que tal jornada fluvial, contava elle ao rei. Só a descer o Tietê gastara dezenove dias.

Dois após a partida, teve de desembarcar toda a comitiva para alliviar as embarcações luctando contra «peligrosissima corriente», que por um triz levou ao fundo do rio «toda la ropa y comida».

Passados dois dias, ainda, já cruzara á esquerda as barras do Itamiriguassú (ou rio «de las piedras chicas y grandes»), do Sarapoy (ou rio «de un pese llamado Sarapós»), do Yequacatu (ou rio «sin peligro»)), e do Incaguarigen (vomito de passaro) (sic)), deixando á direita as fozes do Imboyry (rio de las quentas) Capibary (rio de las Capibaras), Yroy (rio frio), e Ycarehy (rio de lagartos). Foi-lhe então preciso descarregar os batelões, deixando-os descer o fio de agua «a riesgo de hazer se mill pedaços entre aquellas peñas».

Eram bons os barqueiros e nada succedeu. Reembarcou o capitão-general, que nove dias mais tarde pousava nas immediações de um grande salto, de onde se precipitava o rio, do alto de «grandisimas peñas». «Sacamos las canoas por tierra por imposible yr por el ryo y se botaron dos mil pasos. Su nombre proprio es Abayandava (sic) donde se nos atrabesó una canoa entre dos peñas, despues de aver laborado dos dichos pasos». Não houve meio de safal-a, apesar dos esforços dos cincoenta indios e dos mais homens que na comitiva vinham.

«Accomodamonos lo mejor que pudiemos», philosopha pacientemente o capitão-general itinerante.

Além dos rios citados, vira ainda don Luis até ao Avanhandava as barras dos seguintes affluentes do Tietê á esquerda o Piray ou rio dos peixes, Ubaeyry ou «rio capax de alojamiento», Camasibeca («rio de las camasibas de que hazen frechas»), e do Yacarepepi («pestana de lagarto»). A' direita annotára um segundo Jacarehy e uma «Rivera grande» anonyma. Perto da confluencia do Sarapoy avistara uma fazenda de gente de S. Paulo, subindo canoas por este affluente que provavelmente é o Sorocaba.

Cinco dias depois de haver deixado o Avanhandava, attingia o salto de Itapura, através do trecho encachoeirado que lhe ditava estas palavras. «desde el salto grande de Abyandava hasta aqueste de Itapira, todos es grandisimas corrientes y riscos por donde veniamos todos los dias, desnudos, acompañando las canoas y teniéndolas para que se no hiciesen pedazos, y otras veces echandolas al agua con palancas».

No Itapura, nova e penosissima varação. Na noite seguinte, dormiu don Luis no pontal do Paraná e do Tietê. Annotou ainda a existencia á direita de um terceiro Jacarehy, affluente do Tietê e a esquerda a de anonymo «riberón».

Entrando no Paraná, assustou-o muito, o rebojo do Jupiá: «grandisimos remolinos de agua y de mucho peligro para las canoas, donde me desembarqué con toda mi gente, siendo por tierra gran pedazo y las canoas por este peligro».

Seis dias navegou o Paraná, com grande felicidade.

Entre o Tietê e o «Paranapé» (sic) cruzou as barras do Ypiranga (rio Colorado), do Tayaguapey (rio de onzas), e do Guiray (rio dos passaros). Paranapanema, segundo elle, quer dizer «rio sin pescado».

A' margem direita, hoje matto-grossense, divisara as fozes do Guacury («rio de unas palmeras») e Aguapehy (rio de Lozas).

No pontal do Paranapanema, na margem hoje paranaense, encontrou o Capitão-General verdadeiras cidades de indios christianisados pelos jesuitas, nada menos de doze mil pessoas. «Tierra de mi jurisdicción», apressa-se em dizer ao rei. Assim, a seu ver, o limite extremo do Brasil, para o Sul, vinha a ser o Paranapanema... e o era, de facto, na época.

Ao grande aldeiamento de Loreto, vizinho de outro não menos importante, sobre o Paranapanema, o de Santo Ignacio, chegou don Luis a 8 de setembro de 1628, data que lhe era muito cara, pois neste dia «renascera, baptizando-se», dizia, piedosamente.

Quarenta mezes havia que Sua Majestade o despachara de Madrid! Tambem o Paraguay não sahira do logar e dera-se tempo ao tempo, como se costumava fazer naquella pasmaceira administrativa da Hespanha dos Philippes.

Novo antheu a tomar alento no sólo materno e a reflectir que estava onde mandava, partiu don Luis

sem detença para a cidade real do Guayrá, onde chegou com mais oito dias de viagem pelo Paraná, cruzando as barras do Ivahy (Huybay-«rio de canoas», do Iguatemy («rio de pesca aguda»), e Pequiry («rio de las mosarras).

A cidade real de Guayrá, situada na confluencia do Pequiry e do Paraná, achava-se, portanto, a montante das Sete Quédas, a cujo respeito assim se exprime o capitão-general: «El Rio de la Plata, siendo de legua y media de ancho, vá agotandose hasta venir a ser de modo que se puede arojar de una parte á otra una piedra y es tal el ruido que hace que estando en la ciudad real, tres leguas y média, se oye en ella como si estuvieran debajo de él».

Synthetizando os perigos da viagem, desde S. Paulo dizia don Luis ao soberano: «Todos estos riesgos que aqui digo q. tuvimos, son por mayor que no quiero poner los tropezones que veniamos dando cada hora, y es cierto que la Virgen Santisima de Atocha, de quien yo soy muy devoto — y todos los fueran en esta ocasión — nos sacó dellos milagrosamente y asi lo tengo por fé porq. commigo en el descurso de mi vida ha hecho tres milagros patentisimos, dandome muchas ayudas en mis necesidades».

Circumstancia que sobremodo impressionára o capitão-general era a prodigiosa piscosidade do Tietê.

Tal a abundancia de pescado, que uma pequena redada trazia enormes quantidades de exemplares pertencentes a numerosissimas especies ichtyologicas.

«Tambien tiene grandisima suma de casas», conclue elle, referindo-se ainda ás margens do Anhemby, «muchos tigres, leones, muchisimas antas, que matamos, con que veniamos comiendo carne por ser como de vaca». A caça de penna nada ficava á dever em abundancia á de pêlo: hay mucha passareria de diversos colores».

Chegado a Ciudad Real e empossando-se do governo paraguayo, narrou don Luis de Céspedes suas aventuras em extenso documento, datado de oito de novembro de 1628. Prevenia desde logo sua majestade que se preparasse para ouvir ácerca do Guayrá e do Paraguay «las mayores lastimas de pobresa y desnudes, poco govierno, poco amparo en las cosas de Dios y ninguna ayuda en el uno ni eñ el otro».

Começava pedindo ao rei que castigasse exemplarmente os seus detestaveis vassallos paulistas, «que, não contentes de serem maus em sua terra natal, ainda o eram mais em relação aos habitantes das Reducções Jesuiticas, cujos moradores captivavam, mandando-os vender em Santos e no Rio de Janeiro, por todo Estado do Brasil e até em Lisboa».

Com a maior philancia e arrogancia lhe haviam dado noticia os de S. Paulo da grande expedição de 900 brancos e 3000 tupys, que exactamente agora se preparava para arruinar as Reducções ao sul do Paranapanema.

«Ansi me lo dixeron elles mismos», affirma o Capitão-General, para logo depois calorosamente apostrophar o Rei Catholico nos termos seguintes:

«Vuestra Majestad, por quien es y por Dios Nuestro Señor, primeramente remedie esto y haga castigar estes traydores que aun no lo son solo en lo que he dicho sino tambien en lo que hazen y es que para salir en campo a hazer estas vellaquerias ellos mesmos se hazen capitanes, alferez y sargentos y, alsan vanderas y tocan caxas sin consentimento de su governador».

Mal traçára, porém, o substantivo hierarchico, acudiu-lhe á memoria a lembrança dos maus tratos e pirraças do Governador Geral brasileiro, e assim aproveitou o ensejo para, generalizando, aggredir as autoridades do Brasil, em desabafo de despeito e resentimento. Soubera em S. Paulo que todas as providencias contra os sertanistas não passavam de méra comedia, «para hespanhol e jesuita verem», dir-se-ia. Os governadores «lo saben y no lo remedian». «Porque hablo a vuestra magestade lo que bi y no lo que ay y quedo corto por no selle molesto y quien tiene la culpa de que esta ladronera y capa de todos los deliquentes del Bracil y de Lisboa son los governadores generales de aquel Estado, que han tenido y tienen hasta agora su parte de lo que aquellos les tapan la boca para que no se les embien el castigo que merecen. Y tambien es causa sus mismas justicias que son los capitanes y los que los acaudillan».

## CAPITULO III

*O mappa de Cespedes. — Etymologias geographicas. — Chegada ao Paraguay de D. Victoria de Sá. — Relatorio de Cespedes sobre o estado em que encontrara o Guayrá.*

Não se pode dizer que o estylo do sr. d. Luis de Céspedes Xeria seja de indiscutivel crystallinidade. Pelo contrario, a sua feição aranzelica frequentemente dá serio trabalho aos que pretendem interpretal-o.

Teve a excellente idéa de fazer de sua viagem um mappa ou roteiro a que, modesta mas conscienciosamente, chama «boron» e dedicou a Philippe IV, seu real amo. Desenhou-o com as tintas de certas hervas selvagens só para pôr Sua Majestade aó par dos perigos e trabalhos de sua dilatadissima viagem.

Este mappa ou «topographia», como então se dizia, é curiosissimo e tanto mais precioso quanto representa, a nosso vêr, a primeira carta de penetração do Brasil, o primeiro mappa bandeirante.

Assignalada a sua presença no Archivo General de Indias em Sevilha, pela obra monumental de Pablo Pastells, mandamol-o copiar para a collecção de cartographia colonial paulista, do Museu Paulista.

Reproduziu-o o habil cartographo sr. Santiago Montero Diaz, em fiel fac-simile. E' um mappa de 1,18 por 0m,79, e nelle se vêm delineados os cursos do Tietê e do Paraná. Não ha idéas de escalas, proporções, coordenadas geographicas, nem accidentes orographicos ou quaesquer outros.

Nem siquer se lembrou o topographo de estabelecer uma certa relação entre os volumes dos dois grandes rios.

O Tietê é representado tão largo e ás vezes mais que o Paraná, «que és el Rio de la Plata».

Como já o temos referido, assignala o autor numerosos nomes de affluentes dos dois caudaes; os do Tietê perderam os appellidos que lhes attribue, e cujas etymologias guaranys não parecem das mais autorizadas.

Queremos crêr que o seu Sarapoy seja muito provavelmente o nosso Sorocaba, pelo facto de lembrar que por elle se navegava e ter este como affluente superior o actual Sarapuhy. O Capivary, provavelmente, é o mesmo assim chamado hoje.

A sua «Rivera grande», anonyma, poderia passar pelo Piracicaba, si a não puzesse tão perto do Avanhandava.

Aos grandes affluentes da esquerda do Paraná attribue em geral os nomes que conservam até hoje: Pequiry, Ivahy, Paranapanema. Os seus Guiray, Tayaguapory e Ypitanga são os nossos Santo Anastacio, Peixe e Aguapehy. Na margem matto-grossense menciona o Iguatemy e o Aguapehy, nomes que subsistiram, e o Guacury, antigo appellido do Sucuriú, cremos.

Os seus Aguapehy parecem ser o nosso Pardo e Miney («rio que não corre») o Ivinheima.

Acima da foz do Tietê colloca uma grande corrente, desemboccando no Paraná, em terras de São Paulo, a que chama Itayguiry, e á esquerda um menor, o Curaray.

Naturalmente, assim os denomina, servindo-se de informações recebidas. Assignalando a confluencia dos dois grandes caudaes formadores do Paraná, a um delles chama Paranahyba, e deixa o outro como tronco do Rio da Prata.

Ao nosso actual Rio Grande, denominação que ainda no seculo XVIII vemos attribuida ao caudal que hoje chamamos Paraná, imprime comtudo uma directriz de sul a norte, absolutamente falsa.

Estes depoimentos nos revelam que em 1628 já o Paranahyba era conhecido pelo nome que hoje tem.

Facto curioso é que, tratando a carta cespediana do curso superior do Paraná, nellá não haja a minima referencia á cachoeira de Urubupungá, que o itinerante

não póde deixar de ter conhecido, dada a sua situação de contiguidade á fóz do Tietê.

O grande esclarecimento que ella nos traz é que a navegação do Sorocaba, do Tietê e do Paraná era cousa corrente em principios do seculo XVIII. Dahi a facilidade em admittir-se a possibilidade das primeiras expedições paulistas, exploradoras do territorio mattogrossese, de que nos falam os velhos chronistas.

Chegado a Ciudad Real, quiz o capitão general conhecer o districto do Guayrá. Assim, visitou Villa Rica, «onde se coje y haze la yerva», conta.

Muita miseria por toda a parte presenciou.

Em materia de vestuario só viu indios e brancos maltrapilhos. Até mesmo os alcaides e regedores «benian vestindo lienço de algodon tenido de ñegro y esto muy roto. Las mujeres y hijos destos andan vestidos de la misma hasta las camisas».

Pouca a abundancia de viveres. Além de umas raizes chamadas yucas, só havia laranjas e algum milho. «No tiene bacas ni obejas ni otro ningum ganado». Tambem jámais ali estivera governador ou visitador ecclesiastico algum.

Passando a Xeres, a cidade de além Paraná, que dentro em breve os paulistas destruiriam, notou a mesma penuria.

Emfim, concretizava o delegado regio, doia-lhe vêr como viviam tão barbaramente hespanhoes e vassallos de sua majestade, e isto decorrido quasi um seculo da descoberta do Paraguay.

Grandes planos formára para a restauração de tão flagellada terra, e via em todos os incidentes de sua tormentosa e demorada viagem, o dedo da Providencia.

In petto, naturalmente, ao traçar taes conceitos, referia-se ao casamento fluminense,

«Entiendo como xptiano (christão) que quiso siempre Dios Nuestro Señor hiciese yo este camino para su santo servicio».

Tambem o tinham os povos como um verdadeiro enviado de Deus.

«Entretanto por esta Ciudad Real de Guayrá comensaron los hombres, las mujeres y los niños derramando muchas lagrimas de contento a decidirse unas a vozes de alegria que «ya, a venido el Redentor de nuestros trabajos y desventuras.»

Acabava don Luis a sua carta lembrando ao rei que do proprio bolso gastara muito dinheiro. Casara-se no Rio de Janeiro e alli logo se separara da mulher para acudir ás exigencias do real serviço. Permittisse sua majestade, pois, que esta senhora pudesse vir com sua casa e criados. «Para que yo y ella, estemos como como Dios manda», dizia piedosa e apaixonadamente.

Algum tempo mais tarde ia d. Victoria de Sá estabelecer-se no Paraguay, ao lado do esposo, que em principios de 1629 fôra empossado do governo de Assuumpção.

Repetiu o penosissimo itinerario do marido, o que mostra quanto nesta senhora havia a energia dos illustres Sás de que provinha.

Levou-a ao Paraguay, como veremos, o famoso sertanista André Fernandes, co-fundador de Parnahyba, com seu pae Manuel Fernandes Ramos. Quanto tempo lá permaneceria é o que não podemos dizer. Veremos que D. Luis de Cespedes accusado pelos jesuitas da aggressão dos paulistas ás reducções guayrenhas foi deposto do governo pela Audiencia Real de Charcas, mas continuou no Paraguay.

Tomou activa parte nas pendencias de 1648 entre o violento bispo de Assumpção, d. Frei Bernardino de Cárdenas, e os jesuitas, naturalmente a favor daquelle.

Algum tempo mais tarde, estando os loyolistas expulsos do Paraguay e havendo-lhes o bispo mandado queimar o Collegio, em Assumpção, assignou d. Luis de Céspedes um termo de retratação e reparação do que disséra e fizéra contra a Companhia.

Em 1657 era alcaide ordinario de Assumpção.

Algum tempo depois fallecia no Rio de Janeiro, informou-nos o nosso douto mestre Capistrano de Abreu. Sua viuva continuou a residir na cidade natal.

Como não tivesse filhos e fosse summamente piedosa, ao fallecer no Rio de Janeiro, a 26 de agosto de 1667, deixou todos os seus grandes bens aos benedictinos, as tres fazendas de Camorim, em Jacarépaguá, que a Ordem conservou até 1892, e quatro sobrados á rua dos Governadores, etc. Seu testamento e inventario constam do archivo do Mosteiro Fluminense.

Vê-se o seu tumulo no centro da nave da egreja da grande abbadia fluminense.

Entre as obrigações dos outorgados, pelo legado, instituira uma procissão e festa solemne annual, no dia de S. Gonçalo, onomastico de seu pae.

Não quiz, comtudo, fazel-o para S. Luis, santo do nome do marido.

Implicaria acaso o facto em alguma exprobração posthuma ao Capitão-General castelhano, a quem desposara, como para mais uma vez documentar o proverbio luso, que approxima casamento e mortalha? (*)

---

(*) NOTA: A documentação em que se baseiam estes capitulos está impressa nos *Annaes do Museu Paulista*, tomo I, parte IIª pags. 167, 172, 180 e tomo II, parte IIª, a pags. 16-31. As abreviaturas A. do M. P. das diversas notas deste volume referem-se aos *Annaes do Museu Paulista*.

## CAPITULO IV

*Chegada a Ciudad Real. — Ruina do districto do Guayrá. — Attitude dos jesuitas. — Asylo dado aos escravos dos paulistas. — Demonstração de autoridade. — Ida a Villa Rica. — Decreto sobre armas de fogo. — Assembléa de indios.*

As ligações de d. Luiz de Cespedes Xeria, com os paulistas, parecem pois ter capital importancia para a historia do bandeirismo, accusado categoricamente, como foi, de haver sido o instigador do assalto ás reducções guayrenhas.

Assim vamos estudar-lhe detidamente os passos no territorio, então hespanhol, ao sul do Paranapanema, que o ataque de 1629 traria á corôa de Portugal.

Cinco annos devia ser o prazo do governo de Cespedes, aquem o rei attribuira grande latitude de faculdades. Assim, podia immiscuir-se em todas as causas civeis e criminaes, nomear autoridades civis e militares, exilar quem bem entendesse. comtanto que de tal désse immediato conhecimento a sua majestade. De vencimentos teria 2000 escudos annuaes.

Attingindo Ciudad Real, como houvesse percorrido um caminho prohibido, pediu immediatamente vistoria de sua bagagem ao thesoureiro real Francisco Sanchez de Vera, afim de que nunca pudesse ser accusado da pécha de introductor de contrabando.

Jamais vira o Guayrá um capitão-general. A presença do delegado régio provocou immediatamente uma

série de pedidos de providencias urgentes, que devéras era das mais afflictivas a situação da cidade e da provincia. A 27 de setembro enviava-lhe o procurador do conselho da cidade, o capitão João de Alvear de Cuniga, um memorial sobre a terrivel decadencia da região, desde 1615 accentuada, affirmava.

Apesar do clamor do povo, jámais haviam querido os governadores do Paraguay transportar-se ao Guayrá para attender á grita dos vassallos. (cf. A. do M. P.; tomo II, 2, 31).

Provinha toda essa decadencia da entrada dos jesuitas na Provincia.

Fundadas as suas reducções, haviam-se convertido em refugio dos indios «encommendados», aos colonós hespanhóes. E os padres, cada vez mais açambarcadores e despoticos, eram os protectores desabusados dos pelles vermelhas contra seus legitimos senhores. Em 1628 haviam-se apresentado aos serviços de sua obrigação, apenas 54 indios, e, no entanto, sabia-se que as reducções jesuiticas asylavam mais de quinhentos encommendados! Resultado: em Ciudad Real havia a maior miseria e desorganisação. Cahiam os edificios publicos, reinava a fome nas familias brancas que emigravam umas após outras. Mais dois annos e ninguem ficaria no inhabitavel logar, séde outróra de ricas encommendas. Assim, pedia em nome do povo todo, urgentes providencias contra a intoleravel oppressão dos jesuitas. Devia S. Mce. prohibir-lhes a distribuição de armas de fogo entre os indios, inqualificavel imprudencia. Ainda ultimamente, mais de quarenta arcabuzes haviam entregue aos seus catechumenos. E fizesse S. Mce, com toda a energia com que restituissem o seu a seu dono, os indios aos seus encommenderos. «Haciendo asi, quitará Vuestra Merced una ladronera que tienen y consienten los padres», clamava, indignado, o procurador.

Tal a ancia dos jesuitas em recolher indios e subtrahil-os a seus legitimos senhores que até haviam homisiado mais de 300 tupys fugidos da villa de S. Paulo, a seus legitimos donos, o que provocava o grande perigo de uma reacção violenta dos paulistas.

Outro ponto importante era obrigar a gente de Assumpção a soccorrer os guayrenhos, em occasião de perigo, e impedir correrias de «maloqueiros», de lá, na faina da escravisação dos guaranys de aquem Paraná. Tambem se abolisse o monopolio da herva mate

que só beneficiava a gente de Assumpção e fosse expressamente prohibido aos padres da Companhia, enviar enormes turmas de indios do Guayrá trabalhar nas grandes obras que executavam em Assumpção e até em Buenos Ayres e Cordoba.

Prudente, respondeu-lhe Cespedes que os assumptos eram de tal importancia que só tomaria decisão depois de ouvir a Camara de Assumpção e a Real Audiencia de La Plata.

Passou-lhe neste interim o real thesoureiro uma declaração de que nada havia de suspeito em sua bagagem. Trouxera seis creados hespanhoes, um negro velho forro, seu cozinheiro, tres rapazes e duas raparigas indias, todos de S. Paulo, além dos remadores. Tres canastras, um bahú, e duas frasqueiras era tudo quanto se lhe arrolara além da roupa branca, trajos de cerimonia, prata de serviço e trem de cozinha.

A 6 de outubro exercia Cespedes pela primeira vez a sua autoridade. Sabendo que no porto do Salto do Guayrá, estava um jesuita, com indios, para lá se dirigiu, encontrando com effeito o padre a quem acompanhavam mais de sessenta indios das reducções de Pirapó e Ypaubussú, inclusive o cacique de Pirapó (cf. A. do M. P.; tomo II, 2, 35).

Seguiam viagem para o Sul e Cespedes, irritado, ordenou, peremptorio, voltassem todos ás suas aldeias immediatamente, provocando este acto grandes applausos dos habitantes de Ciudad Real.

E isto se reflectiu em nova petição do procurador do conselho solicitando licença para os colonos «capturarem indios refugiados em seus esconderijos afim de que gozassem o maior dos bens o saberem de Deus pelo sacramento do baptismo».

Despachou o governador o requerimento deferindo-o. Declarou approvar tão meritoria obra, ordenada por Deus e El-Rei como essa de se reduzirem pagãos! Para a sua realização dessem força todas as autoridades.

Promissora aurora para os colonos do Guayrá! Iam novamente ter indios em fartura!

Quiz Cespedes visitar logo Villa Rica, o segundo dos grandes nucleos hespanhoes da provincia. A 23 de outubro, lá estava, á margem do Ivahy, solemnemente recebido pelo capitão Rodrigo Melgarejo, tenente do governador e justiça maior; Thomaz Martin de Yan-

te, alcaide ordinario; Gonçalo Portillo, alferes real e outros figurões locaes. (cf. A. do M. P.; Ibid, p. 38).

Prestaram-lhe todas as homenagens como ao legitimo delegado d'El Rei numa série dos mais respeitosos salamaleques traduzidos por uma enfiada de formulas do tempo, redigidas por Lourenço Troche, escrivão publico. Acompanhara-o muita gente de Ciudad Real:

Ouuvindo as mesmas e acerbas queixas formuladas em Ciudad Real, baixou a 28 de outubro um decreto prohibindo, sob pena de alta trahição, castigada pela morte, a qualquer habitante, encomendero ou soldado a venda a qualquer indio «ni a frayle, ni a clerigo desta provincia arcabuz ni polvora, ni salitre, ni outro ynstrumento con que haga polvora». E tal prohibição foi solemnemente apregoada na praça publica entre grande concurso de gente. (cf. A. de M. P.; tomo II, p. 2, pag, 4.).

Logo depois, aproveitando tal concurso, resolveu sua senhoria deitar falação aos povos e chamando interprete mandou traduzisse aos indios uma serie de recommendações interminaveis cuja audição provavelmente trouxe aos rudes ouvintes verdadeira anemia cerebral.

— Diga-lhes, começou majestoso, que sua majestade el-rei nosso senhor me envia a estas provincias do Paraguay, para que faça justiça a todos os hespanhoes e paraguayos, os amparar e favorecer.

Diga-lhes, continuou tonitruante, que em mim falam a potestade e a força de el-rei nosso senhor; assim, tenham-me todos o respeito devido a sua majestade; quem fizer o contrario, hei de castigal-o, recompensando a quem me obedecer».

E por ahi continuou o vaidoso e imponente personagem, impando de presumpção, promettendo perdão geral para os pequenos delictos, o exame dos aggravos feitos por autoridades e encomenderos, a restituição de extorsões dos poderosos, inclusivé dos jesuitas.

A todos queria casados christãomente e nada amancebados, obedientes aos seus caciques, respeitadores dos missionarios, pontuaes no pagamento da mita aos encomenderos. Não tivessem o menor escrupulo em se queixar de qualquer aggravo, fosse quem fosse o aggravante. Tambem saberia reprimir ferozmente a indisciplina. Em 1629 voltaria ao Guayrá para apadroar todas as aldeias.

Não queria nem admittia serviços gratuitos, nem á sua pessoa, que no entanto era a do representante immediato de el-rei.

E a tal proposito dizia: — «Si yo fuera tan mal cristiano que no les pagaré los que me sirvieren, que se acuerden muy bien para quando venga otro governador a pedirme cuenta de lo bueno o malo que hubiera hecho, que entónces me hará que les pague.»

Com mais forte razão não admittia que nenhum funccionario se servisse dos indios sem os pagar.

Tambem quanto aos padres e jesuitas, especialmente. Os unicos que podiam requesitar serviços gratuitos, eram os fiscaes e, assim mesmo, só os «muchachos da dotrina» e uma ou duas indias velhas para os trabalhos domesticos.

Autorisava os jesuitas a enviar proprios de uma reducção a outra, até as margens do Paraná, e despachar mensageiros aos indios bravios.

Prohibia-lhes comtudo transportar guayrenhos á outra margem do Paraná, podendo só leval-os ao Salto de Guayrá, de onde deviam voltar aos seus «pueblos».

Qualquer cacique desrepeitador dos cobradores de mitas ou promovendo a finta deste imposto essencial, seria severamente castigado. Tambem não admittiria requisições de indios a trabalhar em hervaes e minas, fóra de seus «pueblos» devendo as autoridades obstar a qualquer violencia de encomenderos neste sentido.

Uma série de providencias acertadas e inspirações equitativas...

## CAPITULO V

*Falação aos indios. — Providencias relativas aos fugidos de S. Paulo. — Abre-se um inquerito sobre o problema servil. — Novas accusações acerbas aos jesuitas.*

Proseguindo o interminavel falatorio aos indios de Villa Rica, a quem chamara guayanazes, affirmou-lhes Don Luis de Cespedes que sua majestade tão satisfeito estava com o ardor por elles demonstrada em pról do real serviço que desejava daqui em deante, tel-os como soldados.

Bella noticia para os pobres diabos! Haveria elle governador de dizer a El-Rei quanto eram bons vassallos e quanto mereciam as reaes mercês.

Assim lhes promettia «por la fee de Dios y por vida del Rey Nuestro Señor de trabajar de noche y de dia, para que ás familias dos habitantes das reducções cercassem todas as garantias «y en el mismo les prometo amparar y faborecer como me lo mandan las dos magestades, la de Dios amenaçandome com su justicia para en este y en el outro mundo y la del Rey para en este» alardeou pomposa e pedantescamente.

Passou depois a tratar de assumpto muito mais serio, a questão paulista; notificou aos seus ouvintes provavelmente muito alarmados, que de S. Paulo haviam sahido novecentos portuguezes e tres ou quatro mil tupys, a correr terras do Guayrá «y aun a ver si pueden llevar algun pueblo, o pueblos de ello».

E se assim procediam estes invasores, era por saberem que nas reducções se asylavam muitos escravos

seus fugidos das cercanias de S. Paulo, irritando-os sobremaneira a guarida que lhes davam os padres e alguns hespanhoes tambem. Prohibia terminantemente, portanto, que tão perigosa e errada pratica continuasse, ficando, pois, defeso aos caciques receberem indios de outros «pueblos» e sobretudo tupys e pés largos de S. Paulo. Castigaria immediatamente com a maxima severidade os desobedientes, exigindo que ás autoridades se entregassem logo os selvagens pertencentes aos paulistas.

Estabelecia daquella data em deante a pena da forca aos canhemboras de S. Paulo e quem os acoutasse.

Que pensar de semelhante recommendação? Julgaria o capitão general afastar a tormenta da invasão paulista que sabia imminente?

Procuraria apenas documentar-se contra possiveis accusações que antevia proximas?

Quanto a elle, pessoalmente, affirmou, ao encerrar o extenso palanfrorio, haveria de voltar todos os annos de seu governo ás cidades do Guayrá, afim de vêr como marchava o serviço real.

Não faria como os relapsos antecessores, jamais avistados pelas populações, a não ser as da margem do Paraguay, como este d. Manuel de Frias, a quem em nome d'El Rei ia pedir contas da desidia.

«Para servir a mi Dios y a mi Rey, blasonou cheio de empafia, he vindo hacer mandado pasando tantos trabajos. Temeroso de Dios y del Rey y de sus castigos, vine y he de venir siempre».

E assim terminou a sua falação, traduzida aos caciques e respectivos indios pelo capitão Felippe Romero alcaide de Santa Hermandade, capitão de guerra e lingua geral.

Aproveitando a presença de tão animadora autoridade, a ella dirigiu-se o procurador de Villa Rica, Francisco de Villalva, endereçando-lhe longa petição sobre o que era necessario prover, com efficacia e brevidade, para bem, augmento e reforma da villa e provincia. Morria Villa Rica, disse o procurador geral, e quem a matava eram os jesuitas, que em Ibitirembetá, Tayaty e Iniay asylavam enorme quantidade de indios, tencentes a encommendeiros villaricanos. (cf. A. do M. P.; tomo II, p. 2, pag. 48).

Dahi a terrivel crise que assolava o districto, achando-se os habitantes da cidade crivados de dividas, sem

poder pagar a herva mate aos seus credores de Assumpção, que deviam recebel-a no porto de Maracajú, sobre o Paraná. Queria tambem o procurador a prohibição da entrada de mercadorias de luxo.

Não sabiam os de Villa Rica resistir á tentação da compra de taes artigos, sobretudo fazendas, dahi a sua má situação financeira. Só poderiam melhoràl-a si cessasse a importação.

Respondeu Cespedes, prudentemente, estava na terra havia pouco e precisava informar-se, documentar-se, estudar as questões.

Proveria quando voltasse em 1629. Em todo o caso, ordenava immediato inquerito sobre as allegações do procurador.

Este, com effeito, se encetou a 17 de novembro de 1628. (cf. A. do M. P.; II, 2, 52).

Motivou-o, dizia-lhe o cabeçalho, o facto de saber o governador que muitos indios de reducções da jurisdicção do diocesano paraguayo se haviam refugiado nas aldeias jesuiticas. Queria sua senhoria saber quantos eram e de onde provinham; quaes as aldeias da Companhia e que distancia entre ellas medeiava; que auxilio lhes fornecera sua majestade para a sua fundação.

Arrolou o alcaide Yante cinco testemunhas hespanholas; o capitão Ruy Ortiz Melgarejo, tenente do governador de Villa Rica; os capitães Miguel de Peralta e Luiz Martinez e o sargento-mór Felippe de Villal'va. E para dar maior cunho de verdade ao inquerito a elle tambem convocou alguns caciques.

Contou Melgarejo que, ainda em setembro daquelle anno, fugira para as aldeias jesuiticas grande quantidade de indios do «pueblo» de Sant'Anna do Yniay, alliciados pelo proprio cacique Bartholomeu Pana. Com elle tinham seguido muitos encommendados da matriz de Villa Rica e pertencentes a numerosos outros encommendados.

Assim tambem succedera a Ytupé e S. Thomé.

Havia uns cinco annos que os jesuitas tinham apparecido pelo Tibagy fundando, nos campos de Ybitirembetá, a reducção de S. Francisco Xavier, distando umas trinta leguas dos nucleos do Ivahy.

Haviam estabelecido a segunda entre o Paranápanema e o Ivahy, a de Concepcion, nos campos de Ypiturapina. A dois dias de marcha de S. Xavier, estava

S. Paulo, no rio Ivahy, vizinho da aldeia de Cuñamingura, pertencente ao bispado do Paraguay. Viera depois a vez de Los Angeles, no Tayaoba, que teria uns dois annos e, ultimamente, não fazia um anno, uma ultima, nos campos de Coracivera, entre os indios guayanazes. As quatro primeiras nenhum trabalho haviam dado aos jesuitas, que encontraram os indios da região encommendados e submissos aos hespanhóes de Villa Rica e muitos delles já christãos.

Los Angeles, sim, tivera principios muito difficeis. Precisara o padre Montoya recuar duas vezes, fugindo para não morrer.

Afinal, á força das armas de fogo, tinham-se rendido os indios e acceito o jugo depois de bem castigados.

Fôra Villa Rica fundada em terras dos indios ibirayaras e estes selvagens sempre se tinham mostrado tão submissos que o fundador Melgarejo os declarára realengos, comtanto que attendessem ás occasiões do real serviço. A mesma facilidade entre elles encontraram os jesuitas.

Depondo a seu turno, contou Felippe de Villalva, que estivera imminente o exodo geral dos indios encommendados aos colonos e apenas sustidos pela noticia da chegada do governador. Em Ytacurú, aldeia do bispo, nenhum indio ficára. Em Los Angeles tinham os jesuitas conseguido manter-se só depois de tremendo castigo infligido aos caciques Yaccuendi e Tinguque, chefes de quasi mil indios. Ali como em diversos outros pontos só havia triumphado a Companhia graças ao auxilio das autoridades e colonos hespanhoes.

No desempenho da commissão recebida do capitão general, partiu Yante a percorrer as diversas aldeias, levando como interprete certo Luiz Roman, individuo que se gabava de muito versado na lingua geral.

A 30 de novembro de 1628 entrava na aldeia de S. João Evangelista, á margem do Ivahy. O cacique Sayay e o capitão do «pueblo» Bartholomeu Coenca, confirmaram-lhe o despovoamento geral de Sant'Anna e Ytacurú e parcial de Itupey e Cuñamingurú, as aldeias episcopaes.

Os jesuitas não trepidavam em alliciar até os indios do seu bispo!

De datas e distancias, nada diziam os depoentes, por não saberem destas cousas. Trabalho para o estabelecimento no Guayrá, não assoberbava aos ignacianos,

que só tinham encontrado gente humilde e desde muito encommendada.

Em Los Angéles deviam a victoria aos hespanhoes. Em S. Thomé do Ytupé, o cacique Tupiay confirmou estas palavras «in totum».

A 3 de dezembro estava Yante em Sant'Anna, da foz do Ivahy, a primeira aldeia recem-despovoada. Alli lhe disse Miguel Rivera; capitão do «pueblo» que o cacique Batú Pana fôra o provocador daquelle exodo. Alcaide da aldeia, alliciara os indios e os guiara para Los Angeles, junto aos jesuitas.

Debalde procurava dissuadil-o e aos sequazes, fazendo-lhes ver que nada os aggravava e os impellia a tão feio passo. Ultimamente, sabedor da amnistia geral, concedida por Cespedes, mandara um emissario a Batú Pana, convidando-o a voltar, mas este recadista regressara espavorido com a violencia dos baldões e ameaças do irreductivel cacique, que por cima de tudo carregara todo o gado pertencente á matriz da aldeia. O mesmo se déra em Ytacurú, cujos indios todos se tinham passado para Los Angeles.

Si o governador não puzesse firme e deifnitivo paradeiro a tal estado de ccousas, affirmou Rivera, dentro em breve, não possuiriam os enccommendeiros do Guayrá e o bispo paraguayo um só indio mais em toda a provincia, que os jesuitas lh'os tomariam todos.

E, como elles, centenas de escravos fugidos dos paulistas, tupys, biobebas e carijós, o que constituia um caso de extrema gravidade.

Não se pode attribuir grande valor a estes depoimentos, feitos por inimigos decclarados dos jesuitas e ferrenhos escravistas. Ha comtudo informes pittorescos que devem ser veridicos de envolta com as accusações severas dirigidas aos ignacinos.

---

## CAPITULO VI

*Instrucções de Cespedes ao Visitador da Provincia de Guayrá. — Providencias relativas aos indios de S. Paulo. — Visita de um delegado ás reducções. — Attrictos com os curas dos pueblos. — Representação do cabildo de Villa Rica contra os jesuitas. — Missiva ao rei applaudindo as medidas de Cespedes.*

Nesse interim, activamente agindo para evitar a dispersão dos indios aldeados do Guayrá, que se mudavam em peso para as reducções jesuiticas, a asylar-se, fugindo aos seus crueis «encomenderos», dictou Cespedes instrucções ao capitão Felippe Romero, visitador da provincia, datadas de 2 de novembro de 1628 e destinadas, pensava elle, a estancar tão grave movimento.

Queria que visitasse aldeia por aldeia, tranquillizando os indios e affirmando aos caciques a sua boa vontade e amizade para com todos, em nome do rei.

Recommendasse-lhes o maior respeito para com os ignacinos, mas, si algum jesuita ou qualquer outra pessoa dissesse cousa diversa do que elle, governador, affirmára na pratica publica de Villa Rica, ficavam os indios autorizados a affirmar-lhes que mentiam.

Annunciasse a visita official para breve e dissesse em todos os «pueblos» que se procurasse estudar a doutrina christã com afinco. Não permittisse que indios de uma aldeia passassem a residir em outra; prendesse com o maior cuidado os tupys e biobebas brasileiros, es-

cravos fugidos dos paulistas, levando-os a Villa Rica, de onde deviam ser despachados aos seus legitimos senhores.

Poz-se a caminho Felippe Romero a cumprir estas ordens. A 13 de novembro, passava por San Pablo del Yguacura, seguindo para S. João Evangelista de Iayay, S. Roque de Ytupé e Sant'Anna do Yniay.

Em todos fez as recommendações de Cespedes, accrescentando, por sua conta e risco, a autorisação para que se recusassem os indios a acompanhar os padres a Maracajú e á exploração de minas de ferro, si a tanto os compellissem.

A 22 de novembro, estava em Cuñamingura, que achou «toda menoscabada», com o seu povo em San Pablo de Aratina, onde assistia o padre Simão Mazzeta. Em todo o caso, fez o ról dos caciques desertores e das encommendas a que pertenciam, propriedade de colonos de Villa Rica, Raros indios ali restavam.

Afinal, a 28 entrou na grande aldeia de S. Francisco Xavier, onde o jesuita Pedro Francisco de Ortega era vigario. Depois de ouvida a missa, convocou os caciques e indios em presença do cura.

Longa pratica lhes fez, aconselhando-lhes que acatassem os jesuitas seus doutrinantes. Graças a elles, agora pertenciam a Deus, quando seus antepassados haviam sido do Diabo. Vinha reclamar maior respeito e obediencia para com a pessoa e ordens de sua senhoria, o capitão general do Paraguay, representante de Sua Majestade, e a quem deviam cégamente acompanhar «clerigos, frayles, padres de la Compañia y españoles y yndios de todas naciones».

Contestou-lhe o padre Ortega que obedecido seria s. s. e convidou os caciques a prestar o juramento de fidelidade, o que se effectuou immediatamente.

Proclamou Romero a prohibição da estada, numa aldeia, de indios de outras, exigiu a entrega dos tupys e biobebas fugidos aos paulistas; annunciou a visita de Cespedes no anno vindouro e noticiou que o antecessor deste seria castigado pelo rei devido á sua desidia em visitar o Guayrá. E por ultimo, autorizou os indios a declarar mentiroso quem se oppuzesse ás ordens do governador fosse até um jesuita.

Dando arrhas de fidelidade á corôa castelhana, pediu o padre Ortega licença para se explicar perante os indios. Perguntou-lhes si haviam comprehendido a pra-

tica do official e si queriam entregar-se por vassallos d'El rei. Confirmaram-no os indios com tres acclamações estrepitosas.

Enfureceu-se Romero e interpellou duramente o padre. «Que maraña era aquella que queria hacer en entregar por vassallos a su majestad los que de antiguidad eran suyos?»

Contestou-lhe o padre: todos os seus catechumenos nunca haviam sido encommendados; eram rapazes novos e recentemente attrahidos á civilização. Como? retorquiu-lhe Romero, si estava a aldeia cheia de quinquagenarios e sexagenarios. Todos ali mentiam, padres e caciques. «Todos aquelles indios eram encommendados da colonia de Villa Rica e descendentes de encommendados do tempo do fundador Melgarejo». Energico, retrucou-lhe o vigario, desmentindo-o: «Só havia alli indios havia pouco bravios e descendentes de indios bravos. Perguntou-lhe então o official si queria que lhe apontasse os mitayos fugidos e asylados no pueblo.

Conhecia a muitos e muitos seriam desmascarados pelos officiaes e soldados do seu sequito. Arguiu-o o padre de má fé e recusou-se á prova.

Retirou-se Romero, sob protesto, declarando que de tudo informaria o governador.

Seis dias mais tarde entrava em Encarnacion del Ybatinguy, onde festivamente o recebeu o vigario padre José Domenech.

Repetiram-se as mesmas scenas de S. Francisco Xavier. Ahi insistiu muito Romero sobre o caso de escravos fugidos aos paulistas.

«Não se provocasse essa gente! Cuidado com o seu desforço!»

«Asi bolveran a ynquietarles!» avisou repetidas vezes.

Exigiu Romero a entrega dos indios escapos aos seus encommenderos de Villa Rica. Negou o padre Domenech a existencia de taes individuos em sua aldeia, no que foi desmentido pelos companheiros de Romero, que apontaram varias canhembóras.

Retiraram-se os hespanhóes mal impressionados.

A 9 de dezembro de 1628, em San Pablo de Aratina, encontrou Romero os padres Simão Mazzeta e Christovam de Mendoça com quem teve o ensejo de conferenciar. Disse-lhe o primeiro, visitador da Provincia, que já a Cespedes despachara um emissario levando-lhe car-

tas e outros papeis, alguns dos quaes destinados ao rei e ainda vinte e seis indios pertencentes a quinze encommenderos, assim como tres tupys fugidos de São Paulo. Arrhas de sua obediencia em relação ao capitão-general do Paraguay...

Emquanto Felippe Romero percorria as aldeias, continuava o Cabildo de Villa Rica a solicitar do Capitão General energicas providencias contra os jesuitas. A 28 de novembro, reunira-se para ouvir do procurador do Conselho, Francisco de Villalva, a leitura da representação que ia ser dirigida ao governador. (cf. A. M. P.; II, 2, 87.).

A mais de quinhentos canhembóras, villariquenhos e paulistas, asylavam os ignacinos, estava o trabalho inteiramente desorganizado, na região de Villa Rica. Assim obrigasse s. s. os padres á mais justa das restituições: a do seu a seu dono. E, uma vez recuperados os indios fugidos, convinha applicar aos mais culpados algum castigo severo. «Segun dicen todos los indios a una voz, denunciava o procurador, se ban todos albergar entre los yndios de las reduciones de los padres de la compañia, lo qual es un grandisimo daño desta Republica».

Lido o seu requisitorio, violento, clamou o procurador que si os seus collegas não o assignassem, elle os responsabilisaria perante Deus e El-Rei, por não cumprirem o seu dever, e não obedecer á sua consciencia. Deante de tal tom, promptamente puzeram os oito membros do Cabildo as firmas por baixo da do procurador.

Entregue o memorial ao capitão general, declarou Cespedes que a pressa em que se via em attender ás «ciudades de abajo» (do Paraguay), não lhe deixava tempo para tomar todas as providencias que a gravidade do caso reclamava. Cria comtudo que algumas medidas já postas em pratica dariam bom resultado, tanto mais quanto parecia ver entre os jesuitas «ciertas esperanças» de composição. Julgava que restituiriam os indios indebitamente asylados. Garantiu ao Cabildo que tudo faria para o servir e assim lhe pedia que o trouxesse sempre informado. Saberia providenciar.

Imagine-se o enthusiasmo dos colonos do Guayrá; tinham governador solidario com elles! Dahi o tom de jubilo com que ao rei escreviam já a 8 de novembro de 1628. «De lo mucho que este Cabildo tiene

para dar cuenta a vuestra majestad, de la estrema miseria em que está, nos a escusado el governador», começava a missiva. «No se puede encarecer el alegria que causó su buena visita; tenemos esperança de su buen zelo y christandad por esta arruynada ciudad, en su primer estado, que por los principios que a mostrado se vê lo que será adelante».

E por ahi continúa a carta municipal arroubadamente....

Tinha «pecho, animo y zelo, de solo servir a Dios e a su majestad» e era ««buen caballero», que «sem fingimento» começava a descrever a longa série de boas obras relatadas ao rei. Tambem já se via o resultado: «los animos caydos con desesperacion se levantan en ver el pecho y animo de su gobernador».

A 28 de dezembro immediato, era por sua vez o Cabildo de Santiago de Xerez, quem ás nuvens elevava perante S. M., os bons serviços do novo Capitão General.

Enthusiasmado o bom corpo municipal — Diego de Orrigo Mendoza, Barnabé de Contreras, Miguel Lopes, Pedro Darruas, Cristobal Cobos de Villamayor — dizia que, depois de haver dado muitas graças ao Todo Poderoso, vinha exprimir a Sua Majestade, quanto fôra acertada a eleição de Cespedes. Com grande vantagem ia don Luis reformando as cousas de seu governo, as cidades abandonadas e em grande risco de se perderem. Jámais se vira governador como aquelle, activo, servidor de seu rei e dos vassallos da catholica majestade. E depois era homem que sabia recompensar o merito, avaliar os sacrificios dos antigos povoadores em se manterem naquellas paragens quando até então os advenas eram os procurados para as distincções e premios.

«Christiano e desinteressado zelo», o de S. S. E fôra muito bem inspirado em chegar ao Paraguay pelo caminho de São Paulo, padecendo horrores pela viagem afóra. Depois de formidavel foguetorio ás qualidades do novo governador, acabava o cabildo pedindo humildemente a s. majestade que dilatasse largamente o prazo governamental de tão providencial autoridade. (cf. A. M. P.; II, 2, 222.).

## CAPITULO VII

*Carta do Cabildo de Villa Rica ao Rei, em favor de Cespedes. — Inquerito. — Queixas dos jesuitas. — A missão de Romero aos pueblos. — A ameaça da invasão paulista.*

No afan de demonstrar o enthusiasmo que lhes ia na alma pela acção do novo governador, resolveram o Cabildo e o procurador de Villa Rica dar publico e solemne testemunho dos serviços que a seu vêr prestava d. Luis de Cespedes. Dahi o inquerito de 14 de dezembro de 1628, por elles ordenado, para que «ad perpetuam» se affirmasse aos posteros haver o actual capitão-general accudido áquellas remotas paragens, semi arruinadas pelo descaso de suas autoridades principaes (cf. A. M. P.; II, 2, 91.).

De principio a fim, é o documento um nunca acabar de louvaminhas. Fôra «redencion su buena llegada», declara Francisco de Villalva, o procurador do conselho villariquense. Demorasse mais um anno e a nem um colono mais encontraria a quem restasse um só indio em suas «encommendas», fugidos todos para as aldeias jesuiticas. Mas agora ia Villa Rica resurgir do estado miseravel em que cahira. Sete ou oito personagens «dos mais prnicipaes», da povoação do Ivahy, unanimes elevaram os meritos do novo governador a incommensuraveis alturas.

Chegou Antonio Cardoso, «encomendero», que pretendeu ser o mais lesado pela fuga de seus mitayos,

a dizer que até entre os indios ouvira os maiores louvores a Sua Illma. Solemnemente entregue o auto a Cespedes, este cuidadosamente o guardou, Era mais um documento a seu favor.

Certa do seu apoio, continuou a municipalidade a agir contra a acção jesuitica. Pediu abertura de inquerito sobre a proxima passada visita do capitão Felippe Romero aos povos do districto e o seu encontro com os caciques Tayaoba e Mbaendy e, ao mesmo tempo, exprimiu a muita admiração causada pela absoluta ausencia dos padres e caciques seus jurisdiccionados em Villa Rica, como a se furtarem ao dever de prestar homenagens ao representante directo de Sua Majestade Catholica. (cf. A. M. P.; II, 2, 105).

E convinha muito saber por que razão haviam feito voltar do caminho ao cacique Tayaoba, quando vinha apresentar os seus respeitos ao capitão-general, obra esta do Padre Pedro de Espiñosa, a quem severamente reprehendera Felippe Romero. A este, se devera a retirada da ordem, podendo então o influente chefe indio visitar o governador, de quem recebera o mais affectuoso acolhimento, sendo a sua chegada em Villa Rica saudada com salvas de fuzilaria. Mas, nem por isto, haviam deixado dois dos padres de o acompanhar e de o vigiar. E tanto elles, como o vigario de Villa Rica, Juan de Ocampo y Medina, haviam assistido á pratica entre s. exc. e o cacique, entabolada por meio de interprete, presente grande numero de colonos hespanhoes e indios. Déra então o leal tuxaua mil demonstrações de respeito e amor á corôa castelhana

Ao alcaide-môr, Thomaz Martin de Yante, incumbiu Cespedes de conduzir este inquerito. (cf. A. M. P.; II, 2, 107).

Relatou o primeiro depoente, capitão Lourenço de Villalva, que, estando nos reductos dos jesuitas no Ybiterembetá e perto do «pueblo» de S. Francisco Xavier, havia encontrado um magote de 30 indios que a Romero traziam atrevida carta do padre Ortega. Não entrassem os hespanhoes nas aldeias, que os indios não os queriam vêr e o governador os excusára de taes visitas. Retrucára Romero que bem sabia a verdadeira causa de tudo isto; os indios refugiados nas missões temiam sobremodo avistar-se com os seus legitimos donos. Protestaram os guaranys; queriam muito até vêr em sua aldeia o representante das autoridades supe-

riores do districto; os padres é que se oppunham a tal A' vista disto, seguiram os hespanhoes até á aldeia, cuja população era grande e onde Romero reconheceu muitos indios fugidos, sobretudo do «pueblo» de Ytupé, como o cacique Itayoapi, christão antigo, por nome Bartholomeu. A este dera o padre Ortega a vara de alcaide e uma casa de destaque na povoação.

Como protestasse Romero e exigisse a entrega dos indios escapos, exaltara-se o cura loyolista. Não entregaria um só indio! Todos ali eram d'El-Rey, jamais haviam sido encommendados, e nenhum governador tinha jurisdicção sobre indios ainda recentemente infieis. Retirara-se Romero, lavrando energico protesto contra tal usurpação.

Na aldeia de Encarnacion de Nhuatinguy, mais habil fôra o cura José Domenech, ou menos arrebatado. Mandára formar todos os seus indios e ordenára que os antigos encommendados a hespanhóes dessem um passo á frente. Ninguem se movera, como era de esperar. Indignado com tal farça, retrucára Romero que podia apontar os homiziados um por um, mas o padre, finoriamente, declarára-lhe que se conformaria com a affirmação dos seus catechumenos.

Em San Pablo do Yniay encontraram os padres Simão Mazzeta e Christovam de Mendoza. Mais edosos, mais prudentes, com elles não houvera altercação nem scena desagradavel. Mas S. Pablo tambem regorgitava de acoitados.

Era perfeitamente exacto tudo o que se referira do caso do cacique Tayaoba, a quem haviam acompanhado os padres José Cataldino e Pablo Benevides, além do padre Pedro de Espinosa.

Repetiu Romero as palavras de Villalva, ajuntando ainda que o padre Ortega, com o maior descaso, lhe afiançára não terem os seus confrades nas reducções um só indio a quem não houvessem catechizado. Ao padre Domenech precisára rebater, lembrando que os indios por elle reconhecidos já eram encommendados antes que ss. reverencias imaginassem estabelecer-se no Guayrá, para a ruina da provincia.

Mandava-lhe a verdade dos factos declarar que em Encarnacion não encontrára indios das cercañias de Villa Rica, mas em S. Xavier avistára muitos servos de Lourenço de Villalva e Agostinho Alvarez.

Assim tambem convinha saber que o padre Ortega se mostrara submisso em obedecer ás ordens do governador, relativas á livre passagem dos caciques Tayaoba e Mbaendy.

Outro depoente, Juan Bautista Troche, affirmou que as perguntas do padre Ortega, em S. Xavier, haviam sido capciosas. Assim tambem as do padre Domenech, em Encarnacion. Contra ellas, protestara Romero.

Uma outra testemunha, Francisco Vasquez, relatou que, em S. Xavier, havendo reconhecido diversos indios seus, pedira ao padre Domenech que ao menos lhe deixasse prender um delles, ao que irado retrucára o jesuita: «faça-o! que nenhum hespanhol daqui sahirá vivo!».

Recebendo Cespedes este memorial, resolveu que Romero inspeccionasse as grandes reducções jesuiticas do Paranapanema, Nossa Senhora do Loreto e S. Ignacio, encarregando-o de repetir os items de seu formidavel discurso aos indios reunidos em Villa Rica (cf. A. M. P.; II, 2, 134).

E, sobretudo, remorasse com toda a insistencia aos padres e aos indios: estava pelo sertão, em marcha para o Guayrá, poderosa columna de 900 portuguezes de S. Paulo e tres ou quatro mil tupys «a correr los montes y campos desta jurisdicion».

E provavelmente com o intuito de arrebanhar, de passagem, algum ou alguns pueblos.

«Y esto lo hacen porque saben de cierto que en sus pueblos les tienen a sus yndios e yndias tupys que les huyen del Brasil y saben que ellos (os padres) los reciben y amparan y tienen en sus cassas».

Para impedir a infallivel represália da gente insultada de S. Paulo, só havia um meio: enforcar os tupys fujões e os que os acolhiam. Só assim ficariam as aldeias indemnes da aggressão paulista e Deus e El-Rei servidos.

A 23 de janeiro de 1629, leu Felippe Romero o laudo do governador em Pirapó, presentes diversos jesuitas, Montoya, Cataldino, Salazar e mais dous outros, numerosos officiaes hespanhóes, o cacique-mór don Rodrigo Guabuyú e outros chefes indios. A 27, scena identica em S. Ignacio de Ypaumbucú, cujos indios declararam ser muito bem tratados pelos seus doutrinantes padres Cataldino e Juan Suarez. Passando a

Loreto, ordenou Cespedes que se arrolassem os indios afim de requesitar o contingente de «mitayos» que dali devia sahir a prestar serviços. De cada grupo de seis tomou um. Submetteu-se resignado o pobre rebanho vermelho «con mucho amor y gusto, sin mostrar en cosa alguna pessar ni alboroto», escreveu em documento official. Em S. Ignacio, obrigou á revisão do censo, determinando que doze indios dali sahissem para servir em casa das hespanholas viuvas necessitadas de Ciudad Real.

Nenhum indio protestou. Pudera! De que valeria?

Emfim, percorrendo os diversos «pueblos», constatára que realmente nelles se achavam muitos escapos ás obrigações das suas encommendas e forçára estes servos remissos ao cumprimento do serviço. Imagine-se o enthusiasmo suscitado entre os hespanhóes do Guayrá por esse governador que fazia frente aos detestados loyolistas!

E avalie-se o alvoroto dos ignacianos ameaçados tão seriamente, por este capitão general hostil á catechese....

---

## CAPITULO VIII

*Partida para as reducções do Paranapanema. — Relatorio ao Rei. — Duas cartas jesuiticas. — Aviso da presença de Antonio Raposo Tavares.*

A Felippe IV, escrevendo em principios de 1629, noticiava-lhe D. Luis de Cespedes Xeria que dois mezes passára em Villa Rica em «grandes dares y tomares» com os jesuitas. Já nem se tratava mais de visitar as reducções. Tão anormal o procedimento dos padres que nem queriam permittir que um representante do governador passasse pelos seus pueblos, chegando ao extremo de nada communicarem á primeira autoridade da provincia do Guayrá e do Paraguay, o que entre elles e os portuguezes de S. Paulo succedera!

Muito de leve deslizava Cespedes sobre o melindroso caso que se apresentava premente, não querendo relatar ao rei grandes pormenores sobre a presença da columna paulista, a algumas dezenas de kilometros de Villa Rica, á margem do Tibagy, e em attitude que nada tinha de muito benevola para com jesuitas e hespanhóes.

Deixando Villa Rica a 2 de janeiro, partiu Cespedes para as reducções do Paranapenema. A' barra do Ivahy veio-lhe ao encontro muita gente de Ciudad Real. A' testa de uma comitiva de 91 hespanhóes, chegou a Loreto. Ahi se demorou 9 dias e obrigou os padres a lhe entregar 48 indios mitayos, pertencentes ás encommendas de Ciudad Real; procedeu, gaba-se, com toda a brandura, pois devia, pelo menos, recrutar 130. E, no emtanto, furioso con este procedimento, re-

cusára apparecer-lhe o padre Montoya, ao visitar elle S. Ignacio. Por toda a parte gabavam-se os jesuitas de que tinham documentos do governador Manuel de Frias, dando-lhes o governo das aldeias; no emtanto, convidados a exhibil-os nunca o haviam feito.

Noticiando estes factos ao Rei, dizia Cespedes que em todas as reducções severamente recommendara aos indios que tratassem os seus curas com o maximo respeito, embora lhes affirmasse tambem que a autoridade dos padres nada valia ante as ordens d'el-rei.

Mandava-lhe a lealdade confessar que em sua viagem de volta recebera dos missionarios fartos presentes de queijos, gallinhas e torresmos. Por toda a parte, constatára a procedencia das queixas dos paulistas. Em todas as aldeias, notára a existencia de canhembóras de S. Paulo. Mandára apprehendel-os estes tupys, temininós, pés largos, carijós, tomando a deliberação de os incorporar ao real padroado. Requisitara-os para o seu serviço, assim deviam acompanhal-o em toda a sua jornada...

Já que haviam fugido aos seus legitimos donos, servissem a Sua Majestade, senhor de todos os indios e brancos. Assim, não viveriam «bagamundos».

O curioso seria saber se estes pobres carijós, pés largos, temininós, e tupys, no fim de algum tempo, não estariam trabalhando nas grandes lavouras que sua senhoria possuia em Jacarepaguá, junto ao Rio de Janeiro. E' bem provavel que sim. Dest'arte castigavam-se a vagabundagem dos indios e a insubordinação dos jesuitas, dava-se uma satisfacção ás justas iras dos paulistas privados de seus escravos e ao mesmo tempo angariava sua senhoria um pequeno premio para os seus trabalhos e dedicação em prol do serviço real, augmentando o numero de seus servos de gleba....

Assim o deixaram formalmente entendido e não insinuado, os jesuitas em suas representações ao monarcha sobre os processos administrativos do sr. don Luis de Cespedes Xeria, cujo relatorio foi rubricado por muitos dos seus numerosos companheiros de viagem em testemunho da verdade.

Ia s. s. a 6 de fevereiro de 1629 partir para a sua capital, Assuncion. Assim pedia a N. S. de Atocha que de tudo quanto fizera e faria no seu governo, resultasse honra e gloria a Deus e a El-Rey e o bem de seus jurisdiccionados «unico premio a que pretendia».

Para exemplificar tudo quanto affirmara de suas relações com os jesuitas annexou ao relatorio as cartas recebidas dos diversos ignacinos e estes papeis são ás vezes valiosos para o estudo da invasão paulista no Guayrá.

De Loreto, a 28 de setembro de 1628 ao saber da passagem do capitão-general do Paraguay pela barra do Paranapenema, escreveu-lhe o padre Diego de Salazar felicitando-o vivamente pelo exito da viagem e aos colonos do Guayrá, que assim «iam gosar de sua presença desde tanto tempo desejada.» Mandara-lhe ao encontro o alcaide e o capitão do «pueblo» com uma balsa e tres canôas «cheias da pobreza dessa misera terra, mas tambem da vontade de servir a sua senhoria». Elle tambem ia partir ao seu encontro quando soubera que o não encontraria mais, pois sua senhoria seguira viagem.

Avisava-o de que em quasi todas as reducções havia muita variola. Ficasse o governador sabendo que tanto era sua vinda desejada que muitas missas se haviam dito para que fosse feliz em sua jornada.

Como presente modesto enviava-lhe dezeseis cestos de farinha e feijões, uma vacca salgada, toucinho, meia duzia de queijos, além das cargas de milho e raizes postas nas barcas pelos indios. «Va esta pobreça que Vuestra Señoria mirará con ojos de misericordia como a cosas de pobres», dizia-lhe a escusar-se o padre Salazar, cuja carta como se vê era a mais cordial.

A segunda carta jesuitica annexada ao seu memorial por don Luis de Céspedes, escreveu-a o padre Pedro Espinhosa, datando-a da reducção de los Angeles del Rey, a 31 de outubro de 1628.

Era a resposta a uma carta do governador, de 14 desse mez, e endereçada ao padre Montoya, superior geral das reducções, ou a quem suas vezes fizesse.

Começa cumprimentando o governador affectuosamente «dentro em breve pessoalmente iria beijar-lhe as mãos pela sua boa e desejada visita». Dava parabens a toda aquella terra, «tan necesitada de buen gobierno pues viene a gobernarla un tan fiel vasallo de su majestad como lo es Vuestra Señoria, en cuyo noble e hidalgo pecho moran muy de asiento la equidad y la justicia, el celo de la honra de Dios y la providencia».

Como se vê, maior amabilidade não seria possivel demonstrar. Tambem soubesse sua senhoria que na-

quellas provincias mais obedientes vassallos não tinha El-Rey que os padres da Companhia.

Não pensasse que houvera pouco caso em lhe não mandar o padre Montoya a escolta pedida. A difficuldades das communicações fôra a causa principal desta falta, e, em segundo logar, a approximação dos paulistas de que se tinha noticia.

Contra elles haviam-se armado mil e quinhentos indios; de uma refrega já occorrida ccom a gente de S. Paulo, tinham comparticipado 1.200 apenas, porque o contigente de Los Angeles não chegára a tempo para pelejar. Agora estavam todos entregues á faina de recolher os indios foragidos pelas mattas de medo da invasão paulista.

Ficasse s. s. certo de que todas aquellas reducções fundadas entre guaranys e gualachos, S. Xavier do Ibiterembetá, Encarnacion de Ibatinguy, San Pablo do Yniay, S. José do Tucuty e Los Angeles, todas eram d'El Rey. Que trabalheira convencer os selvagens que não se desejavam sua morte nem trabalho de escravidão!

Tinham presente aos olhos os horrores praticados pelos hespanhóes, que levavam indios aos hervaes de Maracajú.

«Piensan que no los reducen para otra cosa más que para entregal-os á los españoles para que los consuman».

Não haviam estes exterminado «á todos del rio de la Villa»?

Não viesse s. s. visitar o «pueblo» á testa de cem brancos e 400 indios, como se dizia, porque seriam inevitaveis quaesquer destas hypotheses: ou a fuga geral dos indios para as mattas, como veados; ou o abandono geral de suas casinhas, vendo s. s. um «pueblo» deserto, ou provocaria a morte dos missionarios, assassinados pelos desconfiados neophytos; o que, aliás, era o que desejavam muitos senhores hespanhóes da provincia, «los cuales han deseado con muchas veras que los indios nos maten y nos coman», repontava o padre ironico Aliás, procedimento digno de homens que tinham por magna gloria «el mentir y la borrachera».

Assim, não viesse s. s. aos «pueblos». Ainda havia o perigo de todos os habitantes irem parar ás mãos dos paulistas.

E não se esquecesse s. s. do que succedera no Chile, onde, afinal, não supportando mais tanta iniquidade dos seus tyrannos brancos, haviam os araucanos feito terrivel matança de seus oppressores. «No suceda lo mismo por manos de pecado en la Villa Rica», avisava, sentencioso o jesuita.

Attenciosamente terminando a carta, avisava o cura que daria plena satisfacção a s. s. sobre a queixa que dizia ter do procedimento do padre Pedro de Espinosa para com os indios de Sant'Anna.

Na carta de dois de novembro de 1628, datada de Encarnacion, explicava o padre José Domenech, cura do «pueblo» que s. s. não extranhasse a falta de resposta do padre provincial Antonio Ruiz de Montoya, á sua missiva. Havia insegurança de caminhos, os paulistas interceptavam as cartas algemando os mensageiros.

Assim haviam feito até com um proprio do Capitão General, a quem tinham os padres recobrado, tirando-o da gargalheira em que com outros captivos se achava.

Não pudera o padre Montoya arredar pé de Pirapó pelo motivo da imminencia da invasão paulista.

Não receiava, aliás, o padre Domenech grandes damnos do assalto da gente de S. Paulo. Não se assustasse s. s. demais, que os taes portuguezes muito temiam o encontro com as forças da reducção de Encarnacion. Haviam num primeiro embate sido totalmente desbaratados Os indios vencedores, guiados pelo cura, tinham penetrado no acampamento inimigo e tomado todos os escravizados ali detidos, gente das reducções e indios bravios.

«Todos los sacamos, commentava o ignacino, aunque nos costó sangre de nuestra parte». Batidos, fugiam os bandeirantes, a bom fugir, abandonando feridos e enfermos.

No proprio local desamparado, resolvera, elle cura, para commemorar o bello triumpho, fundar nova reducção, a que impuzera o nome suggestivo do Archanjo S. Miguel.

Facil lhe fôra desarmar e manietar os paulistas, mas não quizera fazel-o. Eram poucos em relação á força posta em campo pela Companhia e ainda estavam muito desunidos.

Antes de pelejar, tivera o padre um encontro com certo chefe, que lhe disse ser o capitão Antonio Raposo Tavares. Affirmara-lhe o bandeirante que o gover-

nador paraguayo protegia os paulistas. «Nós outros o ajudamos e até sahimos juntos (de S. Paulo)». Affirmára outras mil inverdades, ao que elle padre respondera com palavras que haviam maguado, e não pouco, ao atrevido interlocutor». Nesta occasião tinham os paulistas, unanimes, affirmado que percorriam terras da corôa de Portugal. O padre Montoya arregimentava forças para enxotar do Guayrá esses invasores, a quem provavelmente ministraria dura licção.

Pena que na sua carta tão poucos pormenores nos haja deixado o jesuita do revez de que se vangloria haver infligido ás forças de Antonio Raposo Tavares.

O que porém seria difficil explicar, pensaria de si para si o Rei, é como, sabedor de grandes embates entre os seus jurisdicionados das reducções, e os paulistas, justamente, preparava-se o Capitão General em deixar as terras do Guayrá depois de ter calorosamente affirmado que as defenderia dos portuguezes de San Pablo até a ultima gotta de sangue...

---

## CAPITULO IX

*Louvor em bocca propria. — Acerbas queixas dos jesuitas. — Repulsa de insolencias. — A questão dos escravos fugidos de S. Paulo. — Ameaça da represalia paulista.*

A 7 de janeiro de 1629 mandava Cespedes, datando-o de Ciudad Real, volumoso relatorio ao Rei, sobre suas passadas determinações administrativas, referentes aos mezes escoados, desde a chegada de S. Paulo. Era o complemento daquella grande série de documentos já remettidos, de diversos pontos, e comprobatorios de serviços que elle proprio proclamava valiosissimos.

Com mil demonstrações piedosas e de fidelidade a Deus e ao rei encetou o extenso palanfrorio «en nombre de Dios y de su Santissima Madre la Virgen de Atocha».

Viajára Tietê e Paraná abaixo, com a maxima velocidade, afim de estar em terras de sua jurisdicção quando surgisse o exercito invasor dos 900 paulistas e 4000 tupys, «conjurados todos para dar en los enimigos y amigos desta tierra».

Correndo os maiores riscos navegara naquelles rios, coalhados de perigos, dia e noite. Enviara aviso ao padre Montoya das intenções daquelles malditos trahidores a seu rei e ao seu Deus. Apenas avistára os primeiros hespanhóes do Guayrá, só ouvira uma prece: «Justicia! Justicia de Dios contra los padres de la Companhia que usurpan la jurisdiccion del Rey nuestro Señor!» Acabavam os jesuitas de desmoralizar o juiz de Ciudad Real, recusando-lhe entregar os mitayos acou-

tados em suas reducções. De 300 só recolhera 48. Pessima a situação espiritual daquella região. Em Ciudad Real, desde muito, não apparecera um só sacerdote, não havia um moço chrismado. Os jesuitas sô attendiam aos indios. Recordava a S. Majestade o zelo com que fizera revistar sua bagagem afim de provar aos mais malignos que não introduzia contrabando. Um unico estimulo o alentava: servir seu Deus e seu Rei, ancioso por mostrar ao povo daquella zona abandonada, que jámais vira um governador nem um bispo, e que era um Delegado Real ás direitas.

Tambem com que explosões de enthusiasmo lhe fôra saudada a vinda! Redemptor dos colonos!, clamava-se de Villa Rica a Ciudad Real e a Santiago de Xerez. Agira com prudencia, não demittira autoridades sinão em Maracajú, onde as encontrara mal afamadas. A's demais conservara.

Desde o principio notára a visivel má vontade dos jesuitas. Mandara-lhes pedir sete canoas e 50 indios para a navegação dos rios e só recebera 2 canoas e 15 dias! E no emtanto havia no Porto do Salto de Guayrá verdadeira flotilha jesuitica, tres balsas, 5 canoas grandes, todas carregadas de viveres e 95 remadores, capitaneados pelo padre Juan, que ali viera esperar quatro dos seus confrades procedentes das reducções do baixo Paraná. Offendera-o tão grande menosprezo pela sua autoridade, que era a primeira da terra, «por ser yo quien soy y dueño de todo este por los poderes que s. majestade me dá haciendo aqui su misma persona».

Entretanto, desejando evitar questões, nada dissera, de nada se queixara.

O tal padre Juan sahira de um pueblo de 3.000 almas, onde só encontrara 15 indios para o serviço de delegado de seu Monarcha!

Acompanhado de muitos moradores grados de Ciudad Real partira elle, governador, para Villa Rica, Ivahy acima, e esta viagem a realizara a custa de muitas privações, tudo devido ao impatriotismo dos ignacinos.

Reconfortava-o, porém, a noção elevada da dignidade de sua missão, que haveria de conservar «hasta morir al servicio de Dios y al de S. Magestad». Como se vê, para se gabar, era terrivel o homenzinho.

Vieram ao seu encontro os principaes villaricanos; por elles soubera da deserção geral dos indios do dis-

tricto, agora homisiados nas aldeias jesuiticas; até os dos pueblos pertencentes á mitra paraguaya. Fôra então que aos padres escrevera a primeira carta pedindo-lhes a restituição dos indios. A estes promettia amnistia dupla. A tão generosa interpellação respondera o cura de Los Angeles, padre Pedro de Espinosa, do modo «mas desvergonçado libre y esento», como si falasse a um subdito qualquer, pobretão humilde, e fosse elle o capitão general do Paraguay.

Em tal carta dizia o loyolista horrores dos colonos de Villa Rica «llamandóles, sin distinccion de persona alguna, de ynfames, mentirosos y borrachos».

Ah! haveria de mostrar tal papel ao rei! Ver-se assim maltratado pelo insolentissimo loyolista! Elle, que vivera sempre, vivia e haveria de viver «con grande limpieza» servindo ás duas majestades de quem tantas mercês recebera, ser assim desautorado por aquelle malcriado!

Em Villa Rica haviam-lhe os colonos causado optima impressão, a melhor possivel. Abandonado naquelle deserto, por governadores e diocesanos, no entanto tratava aquelle punhado de hespanhóes, com «animo grandissimo», de servir a Deus e a seu rei, sustentando sua villa e jurisdicção.

Recusára valiosos presentes de indios escravos, mandando que taes peças fossem distribuidas pelas pessoas necessitadas da terra sobretudo viuvas, que as havia muitas e pauperrimas.

A festa da falação aos indios do districto, esta, fôra soberba, commovendo-o o modo pelo qual tinha o estandarte real sido saudado com salvas e mais salvas, vivas e mais vivas.

Os jesuitas, sempre anti-hespanhóes, se tinham posto a contrariar-lhe as vistas. Escreveram-lhe novamente, pedindo-lhe pelo amor de Deus, que não fosse ás suas reducções. Sabedores de sua visita fugiriam todos os neophitos para as mattas, espavoridos.

Mas elle, capitão-general, conhecedor do que cada padre custava a el-rei, annualmente, nada menos de 400 ducados de Castella de congrua, desejava verificar de visu como se empregava este dinheiro da Corôa. Quizera, comtudo, ser cordato até o extremo, e assim, adiando a sua visita para 1629, encarregára ao capitão Felippe Romero de a annunciar nas diversas aldeias,

porque, fosse como fosse, elle a realizaria no anno vindouro.

Só assim poderia saber quem realmente governava o Guayrá.

Tambem prohibira logo aos jesuitas o fornecimento de armas de fogo aos indios, «gente ynfame, borracha, sin Dios, ley ni ley», só se rendendo ao regimen do terror.

Eram 14.000 os selvagens do districto; dos quaes, só metade reduzida. Podiam arrasar tres povoações como Villa Rica, onde só havia 130 homens brancos, dos quaes muitos velhos. Em Ciudad Real, seriam 40 ou 50 os colonos. Si os indios não os exterminavam, era porque Deus permittia fossem: «preguiçosos, fracos e pusillanimes». E peior ainda estava Xerez. As providencias tomadas no sentido de se guarnecer o porto de Salto e fechar o caminho novo aberto pelos padres exaltou-a o «modesto» governador, como inspiradas por verdadeiro genio administrativo.

Pela nova estrada jesuitica haviam penetrado no Paraguay dezenas de individuos vindos de S. Paulo contra as ordens terminantes d'El Rei. Era só para isto que ella servia.

No porto se fiscalizaria tambem o movimento dos jesuitas, sendo-lhes prohibido passar o rio Paraná com mais de quatro indios guayrenhos em seu sequito. O alcaide Juan Gimenez prenderia tambem os hespanhóes fugidos do Brasil.

Quando, em 1629, voltasse ao Guayrá, procederia á arrecadação geral das armas de fogo. Já de tal avisara os padres, invocando aliás o exemplo do Perú e do Chile, onde jámais se vira dar espingardas a indios.

Afinal, depois de tantos incidentes de somenos valor, tocou-lhe a vez de cuidar do assumpto capital constituido pela invasão paulista.

Delle cogitou em phrases tão ambiguas que é difficil apprehender-lhes o sentido.

«Averiguara a desgraça agora succedida com a entrada dos portuguezes, verberava vehemente. Vinha esta gente de S. Paulo sobre o Guayrá sem ordem do rei, arvorando-se em traidores a Deus e ao soberano de sua corôa.»

E no emtanto bem sabia que já naquella época a algumas dezenas de kilometros de Villa Rica, sobre o Tibagy acampara a columna paulista.

Mas, em questão de tal modo melindrosa, saberia agir com a maxima prudencia. «Si eu vir que os ditos portuguezes vêm ao territorio de minha jurisdicção a commetter damnos em algum logar della — depois de se averiguar bem quaes as suas intenções, si as de simples excursão, si aggressivas — assim mesmo, esteja eu onde estiver, não se os ha de matar nem repellir pelas armas sem que, para o dito castigo, haja grandes motivos e sem que de tal se dê parte a el rei e a sua real audiencia, vassallos de el-rei de Castella, como agora são os portuguezes».

Assim expressa, esta demonstração de cordura o tornaria suspeito aos olhos dos compatriotas. Era amor demasiado aos tradicionaes adversarios dos castelhanos».

Muito mais acrimonioso o tornava o caso da entrega das armas de fogo aos indios. Relatava ao rei que chegara em certa occasião a quasi perder a paciencia e o respeito devido ao estado sacerdotal, ante os sophismas e a teimosia jesuiticas. Precisara retirar-se para não chegar a algum desatino, depois de lhes haver dito:

«Mas, padres meus! Vossas paternidades são Deus ou santos do céu, e não homens sujeitos a engano sustentando tão grande erro? Hei de remediar a tudo e de tudo ha de saber El-rei!»

No mais, tinham os jesuitas mostrado tolerancia. Assim, a pedido seu, haviam mandado aos colonos de Villa Rica cem vaccas da reducção de Loreto, promettendo no anno seguinte mais cem e prenhes. Desde muito, na villa hespanhola, não se sabia o que era carne. Em compensação, permittira que os padres tomassem 24 indios da jurisdicção da villa, para as obras de construcção de suas egrejas.

Ficára assentado que os indios escravos de paulistas, fugidos solteiros para o Guayrá, e ahi casados, permaneceriam, não sendo recambiados ao Brasil. Quanto aos casados em S. Paulo, estes elle, governador, os enxotaria, por mais que gritassem os ignacinos.

Tudo tinha limites e sobremodo receava provocar o desforço violento dos paulistas, incomparavelmente mais poderosos que os seus visinhos hespanhóes.

Pois não acabara de passar por S. Paulo?

Não se detivera semanas na villa piratiningana?

Notara quanto estavam os paulistas furiosos. Haviam-lhe dito que abriam mãos dos seus fugidos solteiros, idos para o Guayrá e ali casados. Exigiam, porém, os canhemboras que tinham deixado familia em S. Paulo e cujos filhos e irmãos tambem queriam fugir.

Elle, governador, empenhara á gente de S. Paulo a sua palavra, de representante do rei, e queria que se a cumprsse.

Já numerosas vezes haviam os paulistas reclamado dos jesuitas o respeito aos seus direitos, e estes a tudo tinham feito ouvidos de mercador.

Para lhes dar uma prova de quanto estava dispostos a acatal-os, elle, governador, ordenava que oito indios fugidos de S. Paulo e escondidos nas reducções de Villa Rica, pelos jesuitas, fossem presos e levados á sua terra, sob escolta hespanhola. Só assim se obteria a paz de tão ameaçadores visinhos.

---

## CAPITULO X

*Cespedes em Pirapó. — Representação dos colonos contra a ideia de se apadroarem os indios ao dominio realengo.— Recrutamento de mitayos nas reducções do Paranápanema. — Estada de Cespedes em Ciudad Real e Maracajú. — Estabelecimento de uma guarda neste ultimo posto. — Trancamento de uma estrada jesuitica. — Inquerito em abono dos actos do Governador.*

A 23 de janeiro de 1629, estava d. Luiz de Cespedes ainda em Pirapó. Com toda a lentidão afastava-se das terras do Guayrá. Dali mandára tirar quinze indios, e mais quinze de S. Ignacio, para o transporte de fazendas de sua majestade catholica, que o thesoureiro real Francisco Vera de Aragon levava ao porto de Maracajú, em transito para a Assumpção, pagando-se jornal, porém, aos pelles vermelhas. Eram os impostos arrecadados no Guayrá que o thesoureiro devia recolher á Assumpção. Como não houvesse moeda na terra, cobravam-se em ferro e madeiras.

Deviam esses indios ficar seis mezes em Maracajú; a cada um se pagariam «tres cuñas e otras tantas palas». Muitos se haviam offerecido para o comboio do thesoureiro mediante esta remuneração.

Não dispensando formalidade alguma que lhe documentasse as passadas, ordenou Cespedes que se fizesse a relação dos indios mitayos que os encommenderos de Villa Rica e Ciudad Real tinham conseguido rehaver em Loreto. Trinta e tres caciques ali refugiados

com 343 companheiros entregaram 55 mitayos. Apenas um se recusou, certo Pedro Yapoay da «encomienda» de Ruy Diaz de Guzman que «arrimou sua gente á egreja» (cf. A. do M. P.; II, 2, 143, 144).

A esta effectivação da mita assistiram os principaes encomenderos da provincia que continuavam no sequito de Cespedes, naturalmente sastisfeitissimos com esse governador que forçava os indios a servil-os e obrigava os jesuitas a obedecer á autoridade regia. Assim mesmo, constando-lhes que d. Luiz promettera aos caciques Tayaoba e Mbaendy apadroar todos os indios do Guayrá, pondo-os sob a jurisdicção real, e justamente alarmados, endereçaram-lhe o protesto de 25 de janeiro, datado de S. Ignacio, e encabeçado pelo mestre de campo Ruy Ortiz Melgarejo. (cf. A. do M. P.; ,II 2, 151).

Pediam estes signatarios ardentemente a s. mercê mudasse de opinião, lembrando-lhe os trabalhos do fundador de Villa Rica e Ciudad Real, formando as duas povoações naquelles desertos, auxiliado pelo pae de Tayaoba, o cacique mór do Guayrá e seus asseclas Arauera e Aguarucure.

Referiram-se á expedição de Cabeza de Vaca e Fernando de Trecho, que pelo anno de 1550 estiveram no Ivahy. Jámais haviam os indios daquella zona sido insolentes siquer, ainda menos rebeldes.

Tinham-se deixado apadroar facilmente, obedecendo aos seus «encomenderos» durante longos annos. Dahi a prosperidade da provincia perturbada agora pelos jesuitas, graças a quem estavam os indios insubmissos. Como é que sua senhoria ainda vinha aggravar a situação, acenando aos selvagens com esta liberdade real, castigadora de vassallos fieis á sua majestade, e que andavam padecendo «tantos y tan excesivos trabajos»?

Assignada por 19 pessoas gradas, acabava a petição por uma ameaça de recorrer á real audiencia de La Plata e até ao rei, responsabilizando o impolitico governador.

Respondeu Cespedes que o caso era grave: ia consultar a real audiencia e por ella á corôa, determinava, neste interim, a Tayaoba e Mbaendy que esperassem a decisão real e que, emquanto isto, continuassem a frequentar, com todos os seus indios, a doutrinação dos jesuitas. Tal recado lhes deu verbalmente na praça pu-

blica de S. Ignacio, a 29 de janeiro, traduzindo-lhe as palavras Felippe Romero.

Fossem bons vassallos e bons christãos, repeitassem os ministros de Nosso Senhor e de el-rei, procurassem attrahir os indios bravios á catechese e ás reducções pertencentes ao bispado do Paraguay.

No anno immediato voltaria ao Guayrá com duzentas familias hespanholas para desenvolver a colonização; si achasse indios fóra de seus «pueblos», saberia castigal-os severamente, assim como recompensar os obedientes. Acatassem todos e muito a autoridade do padre Montoya. Ao despachar os dois caciques móres e os demais provenientes da região de Ybitirembá, deu-lhes muitos abraços, retribuidos effusivamente pelos indios, que lhe prometteram seguir á risca as instrucções.

De S. Ignacio mandou tirar os mitayos que estavam devendo serviços. De cerca de 350 indios, nestas condições, apartaram-se 57, que, por sua ordem, acompanharam os respectivos encommendadores. Ainda no momento de partir, reiterou especialmente a Tayaoba e Mbaendy: Nada façam emquanto el-rei não decidir sobre o seu caso.

«Criem os seus filhos e fabriquem as suas fazendas».

Na confluencia do Paranapanema e do Paraná, encontrou o capitão general diversos moradores, inclusivé um clerigo portuguez de S. Paulo, certo Simão Mendes, que descera o Tietê e o Paraná numa monção em demanda de Ciudad Real, «bien aviado de yndios e vastimentos para su sustento». Ordenou-lhe immediatamente que voltasse para a sua terra e lá proclamasse que assim faria com quantos portuguezes quizessem passar ao Paraguay. Imagine-se a contrariedade do pobre clerigo! Que pouca sorte! Encontrava-se exactamente com o governador no meio daquelle deserto! Era o que se chamava legitimo caiporismo!

E, clangorosamente, annunciou Cespedes que outro tanto faria a todos os que estivessem nas mesmas condições. De tal despacho exigiu certidão do secretario do governo do Paraguay, Thomaz Martin de Yante, a 5 de fevereiro de 1629, e testemunhas «ad-hoc», o alcaide Juan Roman e os regedores de Ciudad Real, Francisco Vasquez e Gregorio de Candia.

que sacára das reducções entre diversos moradores, inclusivé duas tupys de S. Paulo, arrecadadas em Pirapã.

Dali partiu para o povo de Maracajú, onde, a 16 de fevereiro de 1629, desembarcava.

No porto do Salto de Guayrá impressionou-o a se lia a seguinte inscripção: «Hac via R. P. Nicolaus Durans, Paraquariae Provinciae Societatis Jesus Provincialis Primum Indorum Populos Vincendi causa, faustum iterfecit anno Domini M.D.C.XXVI.» (cf. A. do M. P., II, 2 161).

Pra esta! e nada lembraria aos povos a passagem delle? delle don Luiz de Cespedes? quando aquelle madeiro vivia a proclamar as proezas do jesuita?!

Não, isto não ficava assim! Mandou, pois, levantar segunda cruz, onde se escreveram as seguintes e «modestas» palavras: «Por guia y amparo traxo a la santissima cruz haciendo memoria de la muerte que en ella passo Jesus Christo, el governador don Luiz de Cespedes Xeria, primero que a entrado en estas provincias com trabajos, hambre (fome) y sin fausto (sic) septiembre 18 año 1628». Este «sem fausto» é realmente um complemento delicioso e seria inexplicavel, não fosse o empenho com que a cada passo queria o capitão-general demonstrar aos povos que nada de contrabando introduzira, indo de S. Paulo ao Guayrá por estrada prohibida.

Resolveu ali o terno esposo, separado da dona de seu coração, homenagear a esta, ligando-lhe o nome a uma designação geographica.

Assim decidiu que dóravante se chamaria aquelle local: «Porto de Santa Victoria do Salto de Guayrá.»

O que não convinha era deixar aquella importante localidade desguarnecida como até agora: por se tratar de ponto de primeira ordem, para a fiscalização dos paulistas e a passagem dos indios para Matto Grosso.

Assim ordenou que ali ficasse um guarda-mór com o escrivão e cincoenta indios; para a guarnição, se construissem quatro ou cinco casas e se fizessem roças de milho. Ficaram umas sessenta canôas, do seu comboio amarradas no local, para o serviço do rio.

A 17 de fevereiro reuniu Cespedes os indios de Maracajú a quem desejava falar, tomado daquelle prurido oratorio que o caracterizava. Reuniu-os o seu cura Sebastião de Sousa e, como de costume, elle lhes falou de religião, fidelidade e obediencia aos encomenderos.

Pouco se demorou Cespedes em Ciudad Real, onde, a 5 de fevereiro ainda se achava. Distribuindo os indios determinou deixassem ir os mitayos, apenas acabassem o tempo da mita. A 22 de fevereiro instaurava outro inquerito na ancia ou na experteza de accumular documentos comprobatorios de sua boa conducta. (cf. A. do M. P.; II, 2, 164).

Receava os falatorios e a perversidade dos homens de má consciencia, affirmava, pelo facto de haver passado pela via de S. Paulo. Assim formulou dez itens que deviam ser respondidos pelos notaveis da provincia, attestando as suas normas de proceder.

Queria que se tirasse a limpo o seguinte: trouxera contrabando de S. Paulo? Não fôra a sua bagagem examinada em Ciudad Real pelo thesoureiro regio? Não avisara aos jesuitas, á sua passagem pelo Avanhandava, da partida do exercito paulista sobre as reducções?

Não lhes mandara pedir que de tudo o trouxessem informado para que com forças marchasse sobre o invasor? Não fortificára o porto do Salto para attender ao perigo da invasão paulista e não constituia isto uma providencia optima? Não era exacto que em Maracajú como estivesse exhausto de recursos e os cofres reaes não lhe pudessem dar os seus vencimentos, se desfizera de muitos objectos valiosos, como quatro arcabuzes «dorados y pavonados con sus frascos» e muita roupa de custo, «capa, calção, roupilha, gibão de chamalote, forrado de tafetá dobre prensado, todas estas peças guarnecidas de muitos e ricos passamanes»?

O que mais lhe doera fôra precisar vender rico calção de tercio pello azul, sete camisas de bicos, tres chapéos, tres pares de meias de seda de Toledo e ligas azues, além de grande quantidade de prendas meudas. Tudo isto passara adeante, para comprar herva mate, unica moeda corrente na provincia. Mandára fazer uma barquinha, que devia transportar a herva em Buenos Ayres e, na viagem de volta, trazer sua querida esposa, d. Victoria de Sá, si, comtudo, para tanto lhe desse Sua Majestade licença. Podia exigir serviços gratuitos como representante immediato d'El Rei, mas não! nem pensava em tal! tomára um carpinteiro do porto de Salto e diversos operarios indios, a quem pagava jornaes em herva mate. Quanto escrupulo e quanto desinteresse! Nada de contas de grão capitão!

Um facto capital desejava s. s. elucidar ainda: quantos annos haveria exactamente que os paulistas faziam incursões no territorio do Guayrá? Fosse o caso bem averiguado, que de tudo queria informar sua majestade catholica, soberano de vassallos tão regulos, como essa gente solta de Piratininga. (Sobre este capitulo Vd. A. do M. P. II, 2, 157-164).

---

## CAPITULO XI

*Providencias por Cespedes tomadas contra os paulistas emigrados no Guayrá. — Reclamações do Cabildo de Villa Rica contra os jesuitas. — Inquerito a respeito de incriminados abusos destes. — Providencias sobre a annunciada invasão paulista. — Recommendações heroicas. — Relatorio a Philippe IV auto elogioso.*

Tantos os documentos accumulados nos archivos hespanhóes, abonadores da conducta de d. Luiz de Cespedes — desde os seus primeiros passos em Santos e S. Paulo e dos primeiros dias de governo do Paraguay — que ao leitor occorre logo a rememoração, por coincidencia de situações, do conhecido proverbio conselheiro dos pobres, a quem se acena com grandes esmolas.

De volta a Ciudad Real, distribuiu entre os brancos necessitados vinte e nove indios de Villa Rica, que vinham para o seu serviço. Assim contemplou, entre outros, a um frade de S. Francisco e a uma mulher pobre, fazendo-os comtudo pagar de antemão panno, providencia «con que los dichos yndios quedaron muy contentos!» Pobre indios!

De tudo isto exigiu novas certidões. No porto de Maracajú, lh-as passou, a 22 de fevereiro de 1629, o capitão Bartholomeu Sanchez de Vera, ali tenente do governador, e mais tres officiaes, dando contra fé o secretario do governo paraguayo, Thomaz Martin de Yante, que ainda attestou haver sua mercê mandado

servir como «serviços», em casa de pessoas pobres de Ciudad Real, Isabel e Beatriz, duas tupys, provavelmente de S. Paulo, refugiadas em Pirapó.

De tanta certidão, o que mais ainda se infere é a prova evidentissima da vaidade descommunal do governador castelhano, infantil e desfructavel prosapia, proteifórme e continua nas suas manifestações explosivas.

Com grande ardor, começou sua mercê a verificar as contas dos encommendeiros da comarca. Verificando que certa dona Isabel de Carvajal devia muitos annos de mita, ordenou lhe arrestassem doze indios, que mandou distribuir e repartir entres as familias pobres e as viuvas necessitadas de Ciudad Real, «para su ajuda».

A 26 de fevereiro de 1629, em Maracajú, ordenava Cespedes que á sua presença se apresentassem todos os individuos brancos passados ao Paraguay pela via S. Paulo. Desobedecendo ás ordens regias dizia o bando que por ali haviam entrado hespanhóes e portuguezes, flamengos e francezes. Dispunha uma real cedula que estes rebeldes deviam soffrer confisco de bens e a deportação para Sevilha.

Queria saber quem eram taes intrusos e assim se apresentassem sob pena de quinhentos pesos de multa, finta arrazadora!

Obedecendo a estas ordens appareceram 22 pessoas denunciadas, hervateiros na região, provavelmente. Moravam 8 na Assumpção, 2 em Maracajú, 3 em Villa Rica, 1 em Xerez, 1 em Ciudad Real.

Emigrára Miguel Gonçalves Corrêa de S. Paulo com a mulher, Balthazar de Siqueira, Amador Gomes Sardinha e Gabriel da Silva, tinham em S. Paulo mulher e filhos.

Feita a resenha dos passados decretou Cespedes que nenhum fosse assaz ousado para sahir do territorio paraguayo. Aos casados em Assumpção, marcou prazo de dois mezes para voltar aos lares. A quem desobedecesse se applicaria uma multa de 500 pesos, os que não pdessuem pagal-a tomariam 200 chibatadas. (cf. A. do M, P, II, 2, 184)

A 27 de fevereiro seguinte, chegaram a Maracajú os delegados do cabildo de Villa Rica, Ruy Diaz de Guzman e Francisco Benitez. Vinham pedir a Cespedes a nullidade de confirmação de duas reducções solicitadas pelos jesuitas e relativa ás novas aldeias

de Encarnacion do Ybatinguy e San Pablo do Yniay, repletas de indios fugidos ás encommendas dos colonos de Villa Rica e ás aldeias da mitra paraguaya.

Solicitavam tambem providencias immediatas para que os indios fujões fossem restituidos aos seus legitimos donos. Respondendo á petição, explicou Cespedes que dera tal permissão por lhe affirmarem os jesuitas que os indios ali recolhidos eram todos anteriormente alçados.

Não poderia reconsiderar o acto comtudo sinão após rigoroso inquerito. Este se abriu a 28 de fevereiro.

Affirmou Felippe Romero que os padres mentiam escandalosamente; os moradores do pueblo de S. Paulo não eram sinão os indios por elles mandados alliciar em Cuñamingura por doze ou treze caciques seus amigos. Não havia encomendero de Villa Rica que ali não tivesse mitayos homisiados.

E os jesuitas jactavam-se, por toda a parte, de que indio asylado em suas aldeias não se submettia á mitra por espaço de dez annos. Uma após outra, as personalidades gradas de Villa Rica confirmaram «in totum» taes palavras.

A 3 de março despachou o capitão-general as petições. Dizia-se inteiramente ludibriado pelos jesuitas, que, para o enganarem, não haviam recuado ante a mentira. Annullava o seu acto, pois, ordenando que de tal se notificasse aos loyolistas.

A 9, ainda em Maracajú, escrevia e mandava o capitão-general apregoar volumosas instrucções ao seu logartenente em Villa Rica, o mestre de campo Ruy Diaz Melgarejo.

Construisse e reparasse as egrejas dos «pueblos», auxiliasse os jesuitas neste particular, com todo o empenho, mandando-lhes até trabalhadores brancos, si preciso fosse. Fosse juiz de paz, na extensão da palavra, protegesse as autoridades e aos funccionarios, não permittisse a menor extorsão aos indios. Obrigasse-os á tanto podendo até empregar os meios coercivos, os mais violentos, como a ameaça da forca. E, sobretudo, tratasse de promover a mobilização geral em presença da ameaça paulista. Si apparecessem bandeiras, corresse-lhes ao encontro, intimando-as a deixar aquellas terras da corôa de Hespanha.

Si os paulistas declarassem que só pretendiam captivar os seus escravos fugidos, ou indios pagãos, então

se mantivesse em expectativa; si intentassem aggredir as reducções jesuiticas, viesse em soccorro dos padres, embora arrostando a maior desproporção de forças.

«Mueran como buenos cristianos y criados de Su Majestad, peleando con todos los que tuvieren consigo por defender aquellos naturales que se han reducido á Dios Nuestro Señor y al Rey, confiados del amparo de ambas majestades», recommendava, espartanamente, o capitão-general ao mestre de campo e á sua gente. Reproduzissem nos paramos guayrenhos as façanhas da brava infantaria hespanhola, terror dos campos de batalha de Europa.

A tão bellicosas instrucções ajuntava-se, porém, curiosa restricção que bem mostra a mentalidade especial inspiradora daquelle palanfrorio com pretensos laivos thermopylicos.

Não fizesse o mestre de campo marchar seus indios contra os paulistas, si os jesuitas se mettessem, como já o tinham feito outras vezes a «pelear con los portuguezes». Para manter esta prohibição podia recorrer á força, até se arriscando, aliás, ao mais severo castigo si acaso desobedecesse ás ordens do seu superior.

Ao logar-tenente de Ciudad Real o mestre de campo Garcia Moreno fez recommendações mais ou menos identicas. Com o maior rigor exercesse a vigilancia sobre o porto do Salto de Guayrá. Si ali apparecesse gente de S. Paulo, prendesse-a, tomasse-lhe todos os bens e remettesse-a presa para a Assumpção.

Depois de taes instrucções fez ainda Cespedes interminaveis ordenanças «para este porto de Maracajú. (cf. A. do M. P., II, 208-214).

Exigia de todos os encommenderos o registo de seus indios, que não poderiam em hypothese alguma trabalhar annualmente mais de seis mezes na herva; quatro no beneficio do matte e dois no seu transporte.

A estas medidas uteis, mas que elle bem sabia quanto seriam letra morta, ajuntou muitas outras prolixas e prohibiu as rifas e a entrada de vinho, até ao maximo de uma garrafa por anno e por pessoa. A passagem de indios de uma para outra margem do Paraná tambem ficou defesa. «Só si quizessem seguir os seus encomenderos».

A 2 de março de 1629, gabava-se Cespedes ao rei de seu extraordinario descortino politico e administrativo, com uma modestia realmente notavel. Providencia

preciosissima fôra, a seus mandado fortificar-se o porto do Salto. Era a chave do Paraguay; ali se cruzavam os caminhos de Xerez, Ciudad Real e Villa Rica, o das reducções jesuiticas e o de S. Paulo.

Agora não podiam mais os jesuitas utilizar-se da estrada abusivamente aberta pela qual entravam e sahiam quando bem queriam, para Buenos Ayres e Santa Fé, e as reducções do baixo Paraná, usurpando, de modo inacreditavel, a jurisdicção real.

Haviam ficado furiosos com estas providencias e atrevidamente lhe haviam dito, ás bochechas, que abririam nova estrada.

Severamente lhes contestara que appellaria para El Rei. E a tal proposito, relatava que, pela estrada clandestina dos jesuitas, haviam tentado fugir dois individuos de S. Paulo, levando indios das aldeias do Paranápanema. Mandára agarral-os e o conseguira.

Em Maracajú recebeu Cespedes uma commissão de regedores da capital paraguaya e o mestre de campo d. Joseph Osorio, que vinham saudal-o em nome da municipalidade de Assumpção. A Osorio nomeou mestre de campo general, incumbindo-o da repressão completa da entrada de gente de S. Paulo pelos rios.

Soube que desde 6 de novembro anterior fôra o seu titulo de nomeação para governador do Paraguay registado pelo cabildo de Assumpção, tendo a sua acclamação publica sido feita perante grande concurso de povo ao som de muitas surriadas de mosqueteria e salvas de artiharia, «caxas y trompetas».

## CAPITULO XII

*Chegada de Cespedes á Assumpção. — Recepção festiva. — Carta ao Rei.*

A 10 de abril de 1629 surgia Cespedes na capital do seu Governo, sendo a sua recepção descripta por um auto que se encontra no Archivo General de Indias.

Neste se conta que tal entrada se effectuou num domingo, ás sete horas da manhã, tendo o capitão-general tido «acompaniamiento y mayor concurso de gente de los vezinos y moradores de ella y del Cabildo justicia y Regimiento y de los indios naturales de las quatro reducciones circumvesinas y originarios a pié y a cavallo».

Descera o Paraguay numa esquadrilha, tendo ido ao seu encontro outra de 15 barcaças, cheias de soldadesca. Desembarcou no meio de estrondosas demonstrações de applausos e alegria «mucha solemnidad y ynstrumentos bellicos y de regosijo y de mucha artilleria asi por tierra como por el Rio».

Apenas saltando em terra fôra Cespedes á porta da egreja do padroeiro da cidade, S. Braz, e ali, de joelhos num altar perto da porta e perante um crucifixo, prestou juramento penetrando então no templo ao som de muita artilharia «trompetas y caxas y musica de canto de organo». Foi depois á cathedral pela rua adornada de muitos arcos de verdura. A' porta recebeu a continencia da tropa e encontrou o veneravel Deão e o seu cabildo e numerosa clerezia que lhe testemunharam o seu grande apreço. Entendeu o falastrão governador «deitar o verbo» aos seus povos á porta da cathedral.

En nombre de Su Maejstad propuso una platica muy santa (sic!) y de grande afecto de amor encargando el servicio de ambas magestades en cuyo nombre venia a governar estas provincias y que se amasen unos a otros con mucha paz y concordia, que las promettia en nombre de s. m. de amparal-los y administral-los etera justicia ygualmente y que s. m. se ha a servido de poner en su cabesa muchas mecedes para repartil-as; que a eso venia y a amparar y favorecer las yglezias y a las religiones y a los pobres y viudas, que asi lo avia prometido a Dios Nuestro Señor y a su magestad y de nuevo lo prometia».

«Chicos y grandes quedavan mucho consolados y alegres agradecidos del buon celo de su señoria», conta-nos o escrivão publico. Quem respondeu ao orador foi o chonista autor de «La Argentina» Ruy Diaz de Gusman, provavelmente o unico homem de letras então existente no Paraguay.

Finda a pratica perguntou Cespedes ao pôvo si applaudia a sua escolha, já antiga, datada de Ciudad Real e de 25 de setembro de 1628, relativa ao capitão Francisco Nuñes de Abalos para seu substituto legal e eventual. Teve a resposta acclamatoria e confirmadora da decisão, declarando s. s. que si o povo a tivesse desapprovado não a sustentaria. Que scena edificante! Quanto respeito pela opinão publica! Enternecedor!

No auto de posse assignaram 291 cidadãos de Assumpção o que torna o documento precioso para a historia paraguaya, «personas honradas y de calidade, hijos y nietos y desciendentes de antigos pobladores y conquistadores de estas dichas provincias, todas personas de mucha fee y credito que sempre son y han sido Republicanos de esta ciudad», diz-nos ainda o escrivão municipal.

Esta nomeação de Avalos foi ratificada pela Real Provisão da Audiencia de La Plata por decisão de 16 de março de 1629.

Dias depois da entrada em Assumpção, a 24 de abril lançava Cespedes um bando ordenando que todos os feudatarios da comarca de Assumpção declarassem dentro de 8 dias si possuiam indios procedentes dos districtos de Ciudad Real, Villa Rica, no Guayrá, e Xerez assim como tupys de procedencia brasileira e paulista. Si acaso existissem fossem entregues ás autori-

dades para que voltassem ás suas terras, aos seus lares, causando a sua ausencia gravissimos damnos ao governo temporal e espiritual.

Sabia elle, governador, quantos e quantos indios havia em taes condições e ameaçava com a multa de 200 pesos a quem os occultasse, além de acenar com 20 dias de carcere. Os indios de S. Paulo, geralmente casados, deviam ser repatriados; juntos «en un cuerpo» e postos «en cabeza de su magestad».

Outrosim, ordenou Cespedes, sob as mais graves penas, que «ningun vecino feudatario administrase indios de otros vecinos ausentes «sob pena de privação das suas encommendas.

Era o provavel proseguimento do plano esboçado no Guayrá. Recebimento ou restituição de indios guayrenhos e tupys de São Paulo, como illegalmente detidos, e depois o seu encaminhamento para as lavouras de canna que s. senhoria mantinha no Rio de Janeiro, para os lados de Jacarepaguá. (cf: A. M. P. II, 2, 224, 245).

A 29 de maio seguinte relatava Cespedes a Philippe IV as suas impressões de recem-chegado á capital paraguaya; afim de que s. m. «poudesse avaliar do seu grande zelo», dizia-o com a maior semcerimonia. Assim «dia e noite não socegava para compor as cousas do governo e justiça. Seis mezes gastara percorrendo o Guayrá e as missões jesuiticas, cousa de que jámais se lembrara bispo ou governador algum de o fazer».

Queixava-se novamente agora da insolencia dos jesuitas, que nem siquer se haviam dignado responder-lhe aos pedidos de informação. Mas tambem boa licção lhes dera a estes padres malcriados, tirando-lhes a jurisdicção real. Estavam acostumados a que fizessem os governadores o que era de seu interesse e para tanto os peitavam, deixa-o a entender,

«Nada quero nem pretendo sinão servir a Deus e a vossa majestade», continuava em sua inexgotavel loquela, «as cousas deste mundo as tenho de sobra», jactava-se o recem-desposado da rica d. Victoria de Sá, que tão rapidamente no Rio de Janeiro fizera a America, quando gastara trez annos para vir ao Brasil por não ter como pagar a sua passagem.

Furiosos já o haviam os jesuitas calumniado perante S. M., e haveriam de muito o fazer ainda, e no tom

mais vehemente. Mas certamente aos olhos de Sua Majestade lhe valeria o depoimento unanime dos povos «conhecidos do santo zelo com que vou caminhando, de minha agilidade e brio» (sic!).

No fim da missiva trahe-se o homem de santo zelo.

Refere que, nas reducções, apprehendera mais de cem indios escapos aos paulistas e ali refugiados sob o amparo dos jesuitas por fugirem á oppressão dos amos, que os tinham escravizado em S. Paulo.

Agora supplicava ao rei, em nome dos serviços já prestados á corôa catholica e dos trabalhos que esperava fazer em prol do real serviço, «desinteressado das cousas deste mundo, a não ser de se mostrar bom e leal creado» lhe concedesse o direito de encommendar estes indios em nome de um dos seus dois filhos.

«Recolhera-os com grandissimo trabalho», dizia o homem da agilidade e do brio com um desplante que attinge ás raias do inacreditavel. «Tenho a maior parte delles em minha companhia, para que me sirvam e ajudem a dar muitas voltas a este governo».

Assim se desmascara o intrujão. Todo este zelo pelo real serviço, em percorrer as reducções, apprehendendo escravos escapos aos paulistas, não era sinão o protexto para angariar boa copia de servos.

Todo o açodamento em retirar dos padres aquelle assumpto de escandalo, que era a permanencia nos «pueblos», dos tupys, pés largos e biobebas de S. Paulo, em terras do Guayrá, nada mais visava do que arranjar um patrimonio de indios. Pasmosa desenvoltura! firmada na desattenção que na côrte acompanhava a marcha dos negocios americanos, sobretudo do longinquo Paraguay, terra sem minas, «selvaje rincon» da America hespanhola. Era de força, este dedicado subdito que a majestade catholica mandara reger a sua capitania paraguaya!

E note-se: apenas havia trez mezes que os paulistas tinham arrasado as reducções jesuiticas e no emtanto, a tal respeito, não dizia o governador uma unica palavra ao rei, ácerca de um acontecimento de que dentro em breve devia provir a ruina do dominio hespanhol, á esquerda do Paraná, como de sobra estava consciente.

Tão meticuloso o especulador investido do governo paraguayo, que, em alentado memorial, datado de 23 de junho de 1629, e da Assumpção ainda a Felippe IV, endereçava o indice da relação de seus successos

de viagem e a descripção de todos os assumptos de que obtivera o enorme volume de attestações relativas ás suas passadas governamentaes.

E' por isto que depois de, em seu *Ruiz Montoya en Indias*, (L. 2, cap. 27), verberar Jarque a attitude de Cespedes em face da invasão paulista, affirma categoricamente: «El se hizo autor de la invasion y la fomentó contra toda razon y justicia anteponiendo su privado interés al bien comun y servicio de Dios y de Su Majestad.»

E a referir um incidente de que já tratámos, no capitulo decimo, amargamente commenta o mesmo Deão de Albarracin e cura da imperial Cidade de Potosi, a inscripção mandada traçar por Cespedes, no porto do Salto de Guayrá, ao lado da do Padre Duran (v. p. 56), em que elle dizia haver por alli passado «morto de fome» «muerto de hambre, no por falta de comida, sino hambre de indios para el beneficio de sus ingenios de azúcar.»

---

## CAPITULO XIII

*Antonio Raposo Tavares, formidavel personalidade. — O mysterio que o envolvia. — Descobertas de Washington Luis. — Qual teria sido o itinerario da grande bandeira de 1628.*

Chegámos com a nossa narrativa a um ponto culminante da historia do bandeirismo.

E' ahi que se desenha a formidavel personalidade de um sertanista cujo nome já por vezes tem figurado em nossas paginas: Antonio Raposo Tavares, verdadeiro homeriada pelo vulto das prodigiosas acções.

Facto curioso! é uma entidade de inconfundivel destaque e no emtanto, até 1905, viveu a sua memoria envolta em profunda nebulosidade! Bem demonstra este facto quanto, como já o dissemos no prefacio, foram descurados, senão abandonados, os fastos do bandeirismo. Deve-se a Washington Luis a fixação dos caracteristicos do grande inspirador da jornada capital de 1628, e á sua clarividencia veiu singularmente corroborar o testemunho de numerosissimos documentos do Archivo de Sevilha, e papeis jesuiticos, assignalados por Pastells e agora por nós trazidos a lume.

Uma questão de homonymia gerou esta confusão em que cahiram conspicuos escriptores como Machado de Oliveira e Azevedo Marques, interpretando mal as noticias deficientes de antecessores, aliás valiosos ou mesmo illustres como Berredo, Southey e Saint Hilaire.

Expõe o caso Washington Luis com a mais absoluta clareza: Desembarcado da armada de Diogo Flo-

res Valdez, que demandava o estreito de Magalhães, fica na capitania de S. Vicente, Antonio Raposo a servir como soldado no forte da barra de Santos. Em 1611-12, já na villa de S. Paulo, toma parte nas deliberações da Camara, receiosa do predominio jesuitico nas aldeias indigenas.

De 1628 a 1638, Antonio Raposo, a frente de um troço de mamalucos e indios, acommette o Guayrá e Tapes e leva de arrancada as reducções dos padres da Companhia de Jesus, ahi estabelecidas, mata ou captiva os neóphitos indigenas, e conquista para o Brasil territorio immenso.

Em 1633, no aldeiamento de Baruery, perto de S. Paulo, Antonio Raposo e outros assaltam a egreja e o collegio dos jesuitas, expulsam os padres, lançam fóra moveis e alfaias, prégam as portas e carregam os indios.

Excommungados por esse acto sacrilego, zombam da excommunhão, lançam mãos violentas ao Pe. Antonio Mariz, que lhes foi intimar essa pena, e rasgam o papel em que ella estava exarada.

Em 1639-40 Antonio Raposo leva ao norte um soccorro de tropas paulistas, para a recuperação de Pernambuco, então em poder dos hollandezes; e, em 1641, é, em S. Paulo, um dos promotores da acclamação de D. João IV.

Segundo Azevedo Marques, 32 annos depois da invasão do Guayrá, em 1650, Antonio Raposo, á frente de 120 homens, entre brancos, indios e mamalucos, partindo de S. Paulo, atravessou o Brasil de S. O. a N. E., escalou os Andes, penetrou no Perú, entrou nas aguas do Pacifico, combateu bandos hespanhóes, navegou o Amazonas, desembarcou em Gurupá, e, depois de alguns annos de ausencia, voltou a seu paiz, onde não foi reconhecido por parentes e amigos, taes as vicissitudes soffridas.

Para Machado de Oliveira, no *Quadro Historico*, essa expedição, invadindo cordilheiras e transpondo rios, atravessou o Brasil de S. O. a N. O., escalou os Andes e chegou ao antigo imperio dos Incas, entrou nas aguas do Pacifico «avassalando terra e mar pelo seu rei» e, dirigindo-se ao Amazonas, navegou esse rio até Gurupá onde desembarcou.

Em 1662, um Antonio Raposo é capitão-mór governador de S. Vicente; e, em 1675, ainda um Antonio

Raposo, por commissão d'el rei D. Pedro II, vae de Lisboa ás margens inexploradas do Tocantins, a se encontrar com os ousados sertanistas Paschoal Paes de Araujo e Sebastião Paes de Barros.

Essas façanhas, que enchem um seculo e um continente são demais para um só homem.

As chronicas sabem disso, e indicam diversos individuos com os nomes de Antonio Raposo, nomes vulgares na capitania de S. Vicente, durante o seculo XVII, como autores desses feitos; mas, devido á identidade dos nomes e á escassez e parcimonia dos documentos coevos, ellas baralham alguns feitos e confundem os autores delles.

Pelo menos, cinco Antonio Raposos houve na capitania de S. Vicente, no correr do seculo XVII:

Antonio Raposo da Silveira.
Padre Antonio Raposo.
Antonio Raposo, o velho.
Antonio Raposo Peguas.
Antonio Raposo Tavares».

Identifica depois o illustre escriptor estas diversas individualidades desmonstrando quanto Antonio Raposo da Silveira quasi nenhuma acção teve em São Paulo, O Padre Antonio Raposo, antigo vigario de S. Vicente, apparece no sertanismo do extremo norte, segundo Berredo e o que se diz delle abrange tal lapso chronologico que suppomos ainda esteja por se destrinçar a sua biographia obscura.

Antonio Raposo, o Velho, este é uma figura de certo relevo dos primeiros annos paulistas. Chegou ás terras vicentinas, já homem feito, em 1582, com Diego Flores Valdez, soldado que era. Armado cavalleiro por D. Francisco de Souza, prestou serviços de ordem militar e civilisadora e Washington Luis descobriu que veio a fallecer em S: Paulo no anno de 1633 entrado em annos.

O quarto, Antonio Raposo Pegas, ou Peguas, era filho do precedente, descobriu-o Washington Luis, que tambem indicou quanto este homem tinha personalidade quasi sem relevo. E no emtanto um erudito da ordem de Azevedo Marques lhe attribue as façanhas do seu grande homonymo Antonio Raposo Tavares! E mais: o Barão do Rio Branco incidiu nos mesmos erros quando falando do commando do soccorro paulista ao Norte, durante a guerra hollandeza, attribue a Pegas o que

fez seu quasi homonymo. Prudentemente, ou mal informado, contenta-se Southey em citar as grandes façanhas de Raposo Tavares chamando-lhe apenas Antonio Raposo.

Com o auxilio das vultuosas descobertas que realisou, pôde Washington Luis fixar os elementos primordiaes da biographia de Antonio Raposo Tavares. Ouçamos a synthese que, apoiado nos documentos, conseguiu realisar.

«Antonio Raposo Tavares foi filho de Fernão Vieira Tavares, capitão-mór de S. Vicente em 1622, nasceu pelos annos de 1598, em S. Miguel de Beja, Portugal — segundo Taques.

Casou-se em S. Paulo com Beatriz Bicudo Furtado de Mendonça, filha de Manuel Pires e de Maria Bicudo, da qual teve tres filhos: Fernando, nascido em 1626; Francisco por 1628 e Maria por 1630.

Quando enviuvou, em julho de 1632, estava afazendado para os lados de Quitaúna, tendo muitos indios — «serviços forros» — debaixo de sua administração.

Teve terras no sertão do Juquery e tambem, em 1638, obteve sesmaria da paragem chamada Intindipayba, por haver já 14, annos que servia de capitão.

Passou a segunda nupcias com Lucrecia Leme Borges de Cerqueira, viuva de Gaspar Barreto e filha de Simão Borges de Cerqueira e de Leonor Leme.

Sahiu no pelouro para juiz ordinario da Villa de São Paulo e desse cargo tomou posse a 1 de janeiro de 1633.

Nesse mesmo anno de 1633 foi pelo Conde de Monsanto provido no officio de ouvidor da capitania de S. Vicente abandonando o de juiz ordinario.

Por causa da violencia praticada em Baruery contra os jesuitas, foi em julho de 1634, por provisão de 9 de dezembro de 1633 do governador Diogo Luis de Oliveira, privado do officio de ouvidor da capitania; oppoz embargos a essa provisão e foi mantido no dito officio por mandado do ouvidor geral das capitanias do sul, porque durante o seu triennio não podia ser syndicado.

Foi o chefe das expedições contra os estabelecimentos jesuitas no Guayrá e Tapes; tendo sido, portanto, um dos maiores conquistadores de territorio para o Brasil. Em 13 de novembro de 1658 já era fallecido.»

Leia alguem a memoria de Washington Luis e não

poderá deixar de se render á evidencia absoluta das suas conclusões.

E no emtanto ainda hoje de vez em quando, continuam as erronias e as confusões acerca da maxima personalidade do sertanista. Ainda em 1921, victima certamente de um lapso de memoria, que rectificou á vista de objecções nossas, confundindo Antonio Raposo Tavares com Antonio Raposo o Velho, affirmou Ermelino de Leão que Tavares commandava em 1608, época em que tinha dez annos de idade, e estava em Portugal, uma bandeira que o Provedor Mór Diogo de Quadros mandara ao sertão.

Expostos os traços caracteristicos da personalidade extraordinaria de Antonio Raposo Tavares, passemos a relatar os grandes acontecimentos de 1628-1629 que arruinaram os estabelecimentos jesuiticos do Guayrá e foram a causa da expansão brasileira para o sul, que sem elles seria a nossa fronteira o Paranapanema.

Assim consagremos dilatada narração a estes acontecimentos de capital importancia, servindo-nos de abundante material, absolutamente inédito, do Archivo General de Indias de Sevilha e jamais compulsado por historiador algum, ao que saibamos além do seu inventariamento acurado por Pastells, agora accrescido pelas buscas a que mandamos proceder.

Documentação portugueza esta é por assim dizer totalmente omissa. Só a que provem das mais que laconicas allusões dos papeis da camara de S. Paulo pois agindo em desobediencia ás determinações regias, nada escreviam os paulistas sobre as suas entradas ao sertão.

E' sobretudo analysando os documentos jesuiticos que chegamos a conhecer os pormenores sobre os grandes acontecimentos cuja narrativa vamos encetar, a saber a historia da ruina dos estabelecimentos de Guayrá pela grande expedição sahida de S. Paulo em agosto de 1628 e cujo chefe nominal era o velho Manuel Preto mas cujo verdadeiro cabeça vinha a ser Antonio Raposo Tavares.

Assim vamos sobretudo seguir a documentação do archivo sevilhano.

Qual teria sido o itinerario da grande bandeira de 1628? Parece-nos fóra de duvida que o caminho por terra. Os documentos do Archivo General de In-

dias, relativos á viagem pelo Tietê e Paraná e permanencia no Guayrá, de D. Luis de Cespedes de julho de 1628 a janeiro de 1629, a grande copia de papeis relativos a este capitão-general em tal periodo, nos mostram que a bandeira não desceu as agua do Anhemby.

Examinando o que sobre esta expedição escreveram autores do valor de Piza, Silva Leme, Rio Branco e Washington Luis, diz-nos Basilio de Magalhães:

«Partindo de S. Paulo em 18 de outubro de 1628, descendo pela costa e subindo a Ribeira de Iguape, a formidavel bandeira que se compunha, segundo alguns escriptores, de 900 mamelucos e 2.000 indios auxiliares, dirigidos por 69 paulistas qualificados como locotenentes de Antonio Raposo Tavares arrojou-se em março de 1629 contra a provincia do Guayrá, accommettida pela parte de suleste».

A publicação das «Actas da Camara de S. Paulo» veio recuar a data da partida da bandeira, que deve ter sido em meiados de agosto. Quanto ao itinerario apontado por Basilio de Magalhães é elle hypothetico. Nem nos parece que fosse mais facil este caminho do que o do planalto em direcção ao Itararé, na estrada batida de indios para o Sul que é mais ou menos o traçado da Sorocabana, «pelo caminho primitivo, via indigena de communicação precolonial, chamada pelos indios Peabirú, e caminho de S. Thomé pelos jesuitas que com uma largura de 8 palmos e a extensão de 200 leguas ia da capitania de S. Vicente, da Costa do Brasil até as margens do Rio Paraná, passando os rios Tibaxiba (Tibagy) Huybay (Ivahy) e Pequiry (Washington Luis, citando Lozano na «Conquista del Rio de La Plata» e Jarque em «Ruiz Montoya em Indias»).

«A celebre entrada partiu de S. Paulo e nas cabeceiras do Tibagy, bifurcou-se indo um galho para os Patos e outro em direcção ao Rio Paraná».

A recente publicação dos «Inventarios e Testamentos» veio revelar a existencia de uma outra bandeira contemporanea da grande expedição de Raposo Tavares, levada a cabo por Matheus Luiz Grou, esta indubitavelmente localisavel nas cabeceiras da Ribeira, segundo a brilhante exegese de Alfredo Ellis Junior, para quem a expedição de Grou formou systhema com a de Tavares, o que é perfeitamente possivel embora achemos as razões do joven e erudito autor não de todo convincentes, tanto mais quanto partem da

premissa de que discordamos: o itinerario aventado por Basilio de Magalhães pela costa e o valle da Ribeira.

Ouçamol-o porém:

«Na documentação inserta nos «Inventarios e testamentos», é de onde vamos tirar os poucos esclarecimentos que directamente dizem respeito a esta bandeira, no que concerne á sua composição.

Nessa publicação documental, encontramos referencias a uma bandeira internada no sertão de Ibiaguira, cabeceiras do Rio Ribeira a qual pela extraordinaria coincidencia de data e de região, estamos plenamente convencidos tratar-se de um destacamento da grande bandeira, por qualquer motivo um pouco atrazada do grosso da expedição que então se precipitava pelo Tibagy abaixo.

Queremos referir-nos á bandeira de Matheus Luiz Grou, assignalada pelo inventario de Luiz Eanes («Inventarios e testamentos», vol. VII, 425). De facto, a grande bandeira sahiu de S. Paulo a 18 de outubro de 1628 (Basilio de Magalhães, «Rev. do Inst. Hist. Bras.» tomo esp., vol. II) devendo ella atravessar a extensa zona que separa S. Paulo do rio Assunguy, (sertão de Ibiaguira), passagem forçada para a penetração na região das reducções do alto Tibagy. De S, Paulo, as nascentes do Assunguy medem, em linha recta, cerca de 400 kilometros o que quer dizer que a bandeira teve a vencer pelo menos 600 kilometros,, através de obstaculos naturaes de todo o genero, devendo levar para chegar ao seu alvo pelo menos trez mezes, de onde se conclue que em janeiro de 1629 devia a expedição estar trilhando as proximidades do Ibiaguira, ou num raio de 50 kilometros, justamente onde o fallecimento de Luiz Eanes nessa occasião denuncia a presença da bandeira de Matheus (inicio do inventario de Luiz Eanes, 10 de janeiro de 1629). Ha ainda a coincidencia extrema de que bandeirantes como Antonio Grou, figuram simultaneamente na lista dos companheiros de Manuel Preto, da «Relacion de los agravios», e na da bandeira de Matheus Grou. Existe outro argumento ainda mais notavel e interessante. E' que Balthazar Gonçalves Malio, fazendo parte da expedição de Matheus Grou, sendo assignalado diversas vezes no inventario sertanejo de Luiz Eanes, sahiu de S. Paulo com a bandeira de Manuel Preto, a 18 de outubro de 1628, conforme prova o testamento de sua mulher Je-

ronyma Fernandes feito em 5 de janeiro de 1630 (Inventarios e testamentos, vol. VIII, 237), onde diz:

> «...e porque o dito meu marido está de presente ao sertão na companhia de Manuel Preto...»

Sendo que Balthazar só apparece no inventario em setembro de 1631».

Admittida a hypothese de Ellis passa a lista dos bandeirantes do Guayrá a ter um accrescimo dos seguintes vinte e tres nomes:

Pero Domingues (o velho, talvez); Luiz Eanes Grou (sobrinho de Matheus); Matheus Luiz Grou (Cabo da tropa); André Botelho, Antonio Dias Grou (tambem na lista da bandeira de Manuel Preto); Domingos Luiz Grou; Manuel de Oliveira; Ascenço Luiz Grou; Manuel de Oliveira; Antonio Fernandes; Miguel Garcia Carrasco; Jacome Nunes; Isaque Dias Grou; Jeronymo Luiz; Bernardo Fernandes; Ruy Gomes Martins; Domingos do Prado; Balthazar Gonçalves Malio (marido de Jeronyma Fernandes); Antonio do Prado; Sebastião Rodrigues Velho; João Lopes; João de Oliveira (talvez Sutil de Oliveira); Antonio da Silva.

---

## CAPITULO XIV

*A "Relacion de los agravios". — Tomada geral de armas em S. Paulo. — Paulistas e parnahybanos. — Constituição do exercito paulista. — Travessia do Tibagy. — Conflicto com os jesuitas de Encarnacion. — Armisticio. — Promessas dos paulistas. — Assaltos a S. Antonio e S. Miguel.*

Em principios de 1629, pois, assaltaram os paulistas da grande bandeira de Manuel Preto e Antonio Raposo Tavares, as reducções jesuiticas guayrenhas e as arrazaram alli fazendo enorme quanitdade de captivos que arrastaram a São Paulo.

Analysemos os documentos jesuiticos que a estes factos notaveis se prendem.

Cousa geralmente sabida é que dois jesuitas, os padres Justo Mancilla Van Surck e Simão Mazzeta ou Maceta, vieram de longe acompanhando até São Paulo a columna dos indios apresados no Guayrá. Chegados á villa piratiningana, desceram a Santos, partindo dahi para a Bahia, afim de exporem ao então governador geral do Brasil, Diogo Luiz de Oliveira, o que se passara nas reducções do Ivahy e pedir-lhe garantias contra novos assaltos dos paulistas.

Documento preciosissimo para a historia de São Paulo, e inedito, é o relatorio que ao governador apresentaram sobre estes factos, em 10 de outubro de 1629, o qual passamos a commentar. Já é o titulo o mais saboroso.

«Relacion de los agravios que hizieran algunos ve-

zinos y moradores de la villa de S. Pablo de Piratininga, de la Capitania de S. Vicente, del estado del Brasil, saqueando las Aldeas de los Padres de la Compania de Jesus en la mission de Guayrá y Campos del Iguaçu en la governacion del Paraguay con grande menosprecio del sancto evangelio en el Año de 1629.

Hecha por los Padres Justo Mancilla y Simon Maceta de la compania de Jesus que estavam en las mismas aldeas, quando las saquearan los Portuguezes, y vinieron con ellos a S. Paulo, tras de sus feligreses, y llegaron hasta la Bahia delante del Governador Geral Diego luys de oliveira para procurar su libertad y remedio para lo futuro» (cf. Annaes do Museu Paulista, t. I, p. 2, pag. 247).

Mazzeta de quem já no tomo primeiro desta obra falamos, era napolitano, relata Jarque nos seus «Insignes misioneros». Natural de Castelensi, reino de Napoles, em 1582 «nació a la vida mortal para levar con su predicacion tropas de innumerables almas á la eterna». Em menino um tiro casual lhe quebrara uma perna; ficára para sempre coxo e soffrera immenso deste desastre, e sempre com a maior resignação e piedade. Ainda secular vivia em rigorosa penitencia e continua mortificação e fôra exemplar, fervorosissimo no noviciado. Já em certa época, antes de 1628, enfrentara uma bandeira de Manuel Preto que pretendia atacar S. Ignacio e a obrigara a retirar-se.

Era na data do grande assalto o superior das provincias de Tucuty, Iñecay e Tayaoba. Fundára o pueblo de San Pablo.

Mansilla este era flamengo e muito mais moço que o confrade.

Começam os dous jesuitas por affirmar que os assaltos dos paulistas haviam principiado ainda em annos quinhentistas. Já decorriam quarenta annos das suas primeiras «malocas, em que captivaram pelas forças das armas indios livres e forros para seus escravos e para vendelos».

Jámais em tão larga escala tinham operado; primeiro, porque jámais tambem se puzera em marcha tão grande bandeira; segundo, porque havia ella cahido sobre as reducções do Ivahy, nucleo muito populoso. Aos paulistas incitára «el poco o ningun castigo que llevaron por las continuas y injustas entradas passadas». Que expedição era esta, porém, chefiada pe-

los mais prestigiosos homens da villa? Basta dizer que todo S. Paulo se despejara atraz daquella entrada.

«En San Pablo fuera de los viejos que por sua vejez no podian yr apenas quedaron 25 hombres que pudiesen tomar armas.»

Nella figuravam os dois juizes ordinarios, Sebastião Fernandes Camacho e Francisco de Paiva; os dois vereadores, Mauricio de Castilho e Diogo Barbosa; o procurador do Concelho, Christovam Mendes; um filho, um genro e os irmãos de Amador Bueno, ouvidor!

E ainda iam os parnahybanos com o seu capitão André Fernandes e o genro deste o juiz ordinario Pedro Alvares.

Eram 900 brancos «con escopetas, espadas, escupiles, rodelas, machetes y mucha municion de balas y polvora y de otras armas».

Acompanhavam-nos 2.200 indios «en otros tiempos injustamente cautivados». Dividia-se este exercito em 4 companhias. «Levantaron sus capitanes y otros officiales de guerra con vanderas, como si fueran levantados y amotinados contra su Real Corona,»

Facto pittoresco afiançam os ignacinos: «las vanderas que levavan no tenian las armas del Rey, si no otros señales differentes».

A primeira companhia commandava-a Antonio Raposo Tavares, de quem era alferes Bernardo de Sousa e sargento Manuel Morato. As demais tinham como chefes Pedro Vaz de Barros, Braz Leme e André Fernandes. Dirigiam a vanguarda Antonio Pedroso e a rectaguarda Salvador Pires.

Afiançam os padres que o chefe de toda a expedição não era Antonio Raposo e sim Manuel Preto, «autor de todas estas malocas».

Desde muito, gabavam-se os paulistas de que haviam de destruir as fundações jesuiticas. «Assin, de proposito, tomaron el camino hacia los campos del Yguaçú, em busca de las doce reduciones». A 8 de setembro atravessavam o Tibagy, construindo ali um campo entrincheirado, «palisada o fuerte de palos, cerca de nuestras aldéas».

Não tardou que Antonio Pedroso e a vanguarda paulista apresassem desezete indios christãos da aldeia de Encarnacion do Natingui que estavam trabalhando num herval.

Sabedor do facto, foi ter com o bandeirante o

superior da aldeia, padre Antonio Ruiz, pedindo-lhe a soltura dos seus catechumenos. Recusando-se Pedroso, peremptorio, a libertal-os, mandou avisar do facto ás aldeias visinhas e dentro em breve appareceu em frente á estacada paulista, com 1.200 indios, e acompanhado de mais dois jesuitas, os padres Christovam de Mendoza e José Domenech.

Adeantaram-se dois dos jesuitas e vinte indios graduados, caciques de aldeias, a reclamar a liberdade dos seus neophytos e compatriotas, ficando Ruiz com o grosso dos seus, longe do entrincheiramento.

Aos parlamentares acolheu uma descarga. A tiros de arcabuz mataram os paulistas um indio, ferindo mais seis ou sete caciques. Um dos tupys de S. Paulo acertou duas flechas no padre Mendoza, uma no pescoço e outra no peito.

Dispostos á maior resignação, não responderam os jesuitas a esta aggressão, nem fugiram, e, deante desta attitude de firme serenidade, consentiram os paulistas que entrassem em seu acampamento.

Levados á presença de Manuel Preto, prometteu-lhes este que restituiria os 17 indios presos. Dali em deante, porém, não incommodariam a nenhum catechumeno das reducções.

Durante quatro mezes estiveram os paulistas acampados no mesmo local, tratando de prender os indios bravos da região. «Captivando con mucha crueldad a los gentiles que aun no estavan reducidos por falta de padres».

Embora atemorizadissimos, estiveram algum tempo os ignacinos até certo ponto tranquillos, crendo que os seus terriveis visinhos cumprissem a palavra dada. Por vezes, pelo campo paulista passaram indios munidos de salvo-conductos jesuiticos. Chegaram mesmo os missionarios a acudir-lhes ao acampamento para baptizar variolosos, pois entre os indios causavam as bexigas enorme mortalidade. Em certa occasião, mandaram até os paulistas chamar o padre Pedro de Mola para que viesse confessar um dos seus, moribundo, a quem aliás encontrou o confessor desvairado e privado da palavra.

Respeitava-se este statu quo quando fugiu do acampamento paulista certo indio chamado Tataúrana, outróra «cacique muy grande y de muchos vassallos» e desde alguns annos escravizado por Simão Alvares numa de suas incursões.

Asylou-se no meio dos jesuitas, acompanhado de varios dos seus, e entregou-se ao padre Mola, allegando a sua qualidade de antigo catechumeno. Exigiram os paulistas a restituição dos fugitivos, e, como se negassem os jesuitas a fazel-a, sob pretexto de que era injusto captivar-se um homem livre e christão, romperam as hostilidades.

Assim, reagindo, a 30 de janeiro de 1629, atacaram, por ordem expressa de Antonio Raposo Tavares, a aldeia de S. Antonio, onde governava o padre Mola, «a sacar por fuerça de armas, no solamente al dicho Taúrana, sino tambien a toda la demas gente que el padre estaba doctrinando».

Tão certo estava o jesuita da aggressão, relata Jarque, que apressadamente se poz a baptisar todos os pagãos recentemente aggrupados á sua aldeia e as creanças. «Occupé seis ó siete horas sin gastar más tiempo que el necesario para la forma del bautismo. Quedé molido de este ejercicio. Este fué el fruto que se cogió de aquella mision, de la cual escapó poca gente» disse o Padre em carta ao seu Provincial.

Aconselhou o ignacino aos seus catechumenos que se retirassem para Encarnacion «mas o inimigo os enganou com o bom tratamento que a alguns deu dos que voluntariamente a elle se entregaram pedindo quartel. En esto estuvo su total perdicion».

«No dia seguinte, ao amanhecer, continua Jarque, ao pueblo accommetteram os paulistas como «leões desatados» tendo á frente o proprio Simão Alvares e seus tupys, «todos muy bien armados y prevenidos. Y en el primer asalto lo llevaron todo á sangre y fuego hiriendo, matando y robando sin perdonar á los que se acogian al sagrado de la Iglesia profanandola sacrilegamente, desacatando una imagen de la Santisima Virgen y alzando con las sagradas alhajas.»

Numerosos foram os prisioneiros a quem carregaram de cadeias e algemas. Afflictissimo corria o Padre Mola pelas ruas do pueblo «viendo con los ojos llorosos el castigo de sus ovejas y a los lobos insolentes y encarnizados en su prision ó matanza. Los atravesados de flechas ó heridos de balazos, le pedian á voces confesion y el bautismo algunos que no lo habian recebido. Con que con un calabazo de agua en las manos iba bautizando á los que corrian mayor peligro».

Riam-se os aggressores de sua piedade, avança o cura de Potosi havendo entre elles alguns que o ameaçaram de morte.

Como explicar semelhante attitude de catholicos para com um sacerdote?

Attribue-a Jarque ao contacto que com os hollandezes tivera «esta gente la mas desalmada que hay en el mundo» no tempo em que os batavos haviam dominado algumas praças do Brasil. Assim se haviam contagiado «de sus errores y heregias, y se conoció que en este ejercito iban algunos heridos desta pestilencia».

Contra esta asserção do bom Dr. Francisco Jarque ergue-se incontestavel a successão chronologica e a logica dos factos, observemol-o entre parentheses.

Estava-se em 1629 e os hollandezes até este millesimo apenas haviam ficado um anno na Bahia, de 1624 a 1625, rigorosamente cercados e bloqueiados sempre. A occupação de Pernambuco viria a dar-se em 1630.

Voltemos porém á «Relacion» e á sua narrativa do assalto a S. Antonio.

Não houve resistencia alguma, fazendo os bandeirantes dois mil prisioneiros. «Destruyeron a toda la aldea, quemando muchas casas, robando la yglesia y casa del padre».

Espavoridos, haviam numerosos indios e indias corrido a asylar-se no presbyterio. Foi este abrigo desrespeitado pelos sertanistas, que então mataram uns dez ou doze guaranys.

Teve o cura, o imprudente padre Mola, a casa saqueada, e, diz a relação que analysamos, esteve um mameluco por um triz a matal-o. Como lhe exprobrasse as violencias, dizendo-lhe que semelhantes obras não eram de christãos desejosos de salvação, redarguiu-lhe o arguido: «apesar de Dios, se avia de salvar, por ser christiano, bautisado y creer em Christo, aunque no tuviesse buenas obras». Curiosa e pittoresca exegese!

Quem dirigiu o assalto a S. Antonio foi o proprio Simão Alvares, relatam os padres Mancilla e Maceta. Destruida a reducção, recolheu-se com a presa para a palissada. Haviam alguns dos aldeados conseguido fugir em direcção ao «pueblo» de S. Miguel. Pelo caminho, encontraram um jesuita e quasi o mataram, exasperados como se achavam contra os brancos. Accusando-o de mancommunado com os paulistas, iam tru-

cidal-o quando, a custa de muito sangue frio, conseguiu o ameaçado desarmal-os.

Passados menos de dois mezes, a 23 de março, acommetteram os paulistas a aldeia de S. Miguel de Ybituruna sob o commando de Antonio Bicudo de Mendonça. Encontraram-na deserta, porém. Haviam os jesuitas ordenado a todos os moradores que a abandonassem. Durante muitos dias permaneceram os aggressores na reducção, procurando pelas mattas proximas capturar os retardatarios daquella retirada.

Enormes o desapontamento e o furor de Bicudo, affirma Jarque, «cuando halló la colmena sin panales y se halló burlado, echaba de coraje espumajos por la boca».

## CAPITULO XV

*Manoel Mourato ataca Jesus Maria. — Panico nas demais reducções jesuiticas. — Regresso da grande bandeira a S. Paulo. — Decidem os missionarios acompanhar os seus catechumenos. — Ameaças contra elles. — Scenas crueis. Encontro de bandos bandeirantes. — Um padre sertanista.*

Na mesma occasião em que Bicudo de Mendonça occupava a reducção de S. Miguel, cahia, a 20 de março de 1629, uma outra bandeira, destacada do exercito de Manuel Preto, e commandada por Manuel Mourato, sobre a aldeia de Jesus Maria. Ignoravam ainda os indios desta povoação, dada a distancia, a vinda dos paulistas. Receberam-nos alegremente mas foram logo tratados com a maior violencia. Tomaram-lhes as armas e as roupas e como um delles se queixasse ao parocho de que um dos tupys de S. Paulo se apossára de seu arco, deu-lhe Frederico de Mello um tiro no ventre, «matando-lo para atemorizar a los demas y como el padre le reprehendió desta su diabolica maldad, sacó su machete como amenazando-le».

Offereceu-lhe o cura a vida, declarando-lhe que desejava morrer entre as suas ovelhas e o gesto desarmou o caudilho.

Indignado, verbera o Deão Francisco Jarque, nos seus *Insignes missioneros:* «Mamelucos del Brasil, gente atrevida, belicosa y sin ley, que tienen solo de Christianos el Baptismo y son mas carniceros que los infieles».

Ali tambem se deram as mortes de um cacique

e mais tres indios. Foi enorme o numero de prisioneiros. Só homens validos 1.500.

O cacique morto pelas proprias mãos de Frederico de Mello era chamado Corubá. Viera á aldeia pedir soccorro ao Padre Mazzeta, ameaçado que estava o seu pueblo por um bando de tupys, relata Jarque, que attribue a um milagre haver o espirito santense poupado o missionario. «Frederico de Mello, de mala alma y rematada consciencia levantó uno cuchillo sobre la cabeza del Venerable operario, peró detuvo algun Angel, sin duda la mano atrevida, pues aun descargó el golpe no llegó el azero a su cerviz con admiracion de los que estavan presentes que juzgaron milagro la evasion de aquel peligro.»

Na egreja do «pueblo», relatam ainda os ignacinos, praticaram os paulistas muitos sacrilegios «trataron mal a las cosas sagradas, hechando por el suelo el vaso con el agua bendita, la caxa del ornamiento de la missa, y la caxita de los Santos Olios y derramaran un poco de vino que tenia para decir missa.»

Cousa que sobremodo escandalizou os padres: apezar da quaresma, mataram tres porcos, dois patos, e quatro gallinhas, a que gulosamente devoraram mau grado terem viveres abundantes. Durante a noite toda se banquetearam e em largo brodio «haziendo vela, tocando a tambor y cuernos, dando gritos y risadas, parlando y menoscabando a los padres, diciendo que eramos uns pobretones.»

Conducta impia a de Frederico de Mello. Desacatou o cura que, revestido de estola e sobrepeliz, requeria aos invasores «de parte de Diós, de su santidad y de su magestad» que não estorvassem e prejudicassem a acção da catechese.

Si por acaso aquelles indios eram de Portugal, como pretendiam os bandeirantes, aos jesuitas, pouco se lhes dava «si eran de la corona de Portugal o de Castilla, pues ambas las coronas tenian la misma fee y rey.»

De nada valeu o protesto. No dia seguinte partiam os paulistas levando um numero enorme de presos, com grande grita e alarido e «como si ubiessen hecho grandes valentias.»

E ainda por debique agradeciam aos padres lhes terem preparado o prato. «Em uma hora, numa aldeia

jesuitica, apanhavam mais indios do que em muitos mezes pelas florestas.»

Neste interim haviam Pedro Vaz de Barros e Braz Leme seguido outro rumo, mas com pessimo resultado.

Nas terras por elles percorridas, habitadas por indios bravos, perderam bastante gente. Assim duas vezes recuaram ante os indios de Caayú. No Huybay e Ybianguira não foram mais felizes. «Bolvieram sin gente y con mucha perdida y muerte de los suyos por las guerras continuas, que les hizo el gentio bravo en que dieron.»

Commentando estes successos, desesperados exclamam, amargamente, os dois jesuitas: «El aver-se reducido y juntado estos yndios en pueblos con los Padres para recivir la ley de Diós y para no ser esclavos y captivos de los Portuguezes!» Espavoridas com as noticias de tantos descalabros, ficaram então desertas quatro grandes reducções da provincia de Tayaoba, a saber: Encarnacion no Natinguy, a de S. Paulo, junto a ella, a dos Santos Anjos e S. Thomé, Apostolo.

Ao panico augmentara a noticia da captura de dez indios da aldeia de Encarnacion, realizada pelos Buenos, filhos e irmãos de Amador Bueno, accrescendo ainda que estes Buenos tinham, depois do ataque de S. Miguel, ficado naquella aldeia sob pretexto de guardar o cura, ameaçado de morte pelos seus antigos neophytos, agora exasperados.

E, realmente, certos de que havia conluio entre os paulistas e os jesuitas, estavam os indios alvorotadissimos, ameaçando por toda a parte revoltar-se contra os padres e matal-os!

Era o caso de um cacique do sertão que, justamente agora, vinha de paz, com perto de duas mil almas, aldeiar-se e vendo os horrores de S. Antonio fugira aterrado e inimicissimo dos ignacinos.

Passando a analysar a attitude dos paulistas pasmam-se os dois jesuitas de que exactamente aquelles portuguezes «que sujeitaram o Oriente, mais para plantar a Fé Catholica do que para dilatar as terras portuguezas» estivessem a proceder de tal modo! Nem os hollandezes que havia pouco, em 1624, se tinham apossado da Bahia, procederam tão selvaticamente em relação aos christãos, sobretudo aos sacerdotes.

E' que entre elles, «certamente, abundavam herejes e judeus. Dizia-se que eram muitos tão impios que ás

solas dos sapatos traziam imagens de Nosso Senhor, S. João e S. Ignacio de Loyola».

Quando se deu o regresso a S. Paulo, dos indios apresados, varias violencias fizeram ainda os bandeirantes aos missionarios das aldeias destruidas, irritando-os as demonstrações de dôr com que os padres viam partir os seus catechumenos.

Assim ainda relatavam os dous jesuitas. Havendo o cura de S. Antonio pedido a liberdade de um dos seus freguezes ou, uma gargalheira para si, com que os acompanhasse chamou-lhe Ascenso Ribeiro demoniaco e louco, e o enxotou.

Quanto a Salvador de Lima este foi ás vias de facto com o cura de Jesus Maria que queria despedir-se de suas ovelhas. Voltou-se este parocho para outro chefe, Salvador Pires, pondo-se acorrentado junto a um cacique seu amigo.

Vendo-o alli enfureceu-se Pires, declarando que mataria o indio si o padre não se fosse e logo arrancou da espada com o que fugiu o jesuita.

Debalde offereceu outro sertanista, de coração menos duro, um escravo a Pires para que soltasse o cacique pedido pelo loyolista.

Quando o exercito bandeirante abalou de regresso a S. Paulo, firmemente declararam os padres Mansilla e Maceta, que acompanhariam até alli os seus indios recem-captivos. Nada os demoveria! ou então que os matassem!

Accederam os chefes da entrada, apesar da opposição vehemente de Manuel Pires, André Furtado e um certo Peixoto. Entre os mais obstinados contava-se um indio «tupy desvergonsado llamado Francisco», escravo do padre João Alvares, de S. Paulo, e por este enviado ao sertão na companhia de Antonio Raposo Tavares para lhe arranjar escravos. Havia-o até armado com a propria escopeta.

Tinham os jesuitas conseguido «dous muchachos y seys yndios para traer nuestro matalotaje y cosas necesarias para el camino y un ornamento de Missa para nuestro consuelo entre tantas amarguras particularmente para aquelles dias tan sagrados de la Passion y Resurrecion de Nuestro Señor».

Depois de muito discutirem afinal consentiram os vencedores impondo comtudo a retirada de cinco dos oito servos dos padres.

A' passagem do Tibagy novo e grave incidente. Declarou Frederico de Mello o mais duro de todos os chefes, ao dizer de Jarque nos «Insignes misioneros», que lhes não daria canoa para transpor o caudal, nem que alli ficasse um mez estorvando-lhes o passo. No dia seguinte, porém, permittiu-lhes o transito.

Pouco depois, eram Antonio Raposo, seu sogro Manuel Pires e Peixoto, quem prorompiam em tremendas ameaças, «no querian ni por bien ni por mal que fuesemos con ellos».

Declarou Peixoto que haveria de metter quatro balazios na barriga de cada um dos tres indios. Assim, ante tão formal injuncção, despacharam os jesuitas os seus servos, Felizmente, encontraram outro bandeirante menos cruel e a elle se encostaram. Era homem já idoso e vinha com os filhos e «su gente captiva».

Assim conseguiram os ignacinos conservar os servidores. Sem elles lhes seria impossivel a continuação da viagem. Não teriam quem os alimentasse, «lo hizieron ellos con mucho gusto e amor», por toda aquella enorme extensão percorrida. Chegavam exhaustos ao pouso e ainda iam pela matta procurar pinhões, palmitos, fructas e hervas com que se sustentavam e aos seus missionarios.

Declaram os jesuitas haver assistido ás mais crueis scenas nos quarenta dias decorridos nesta «via crucis» desde que o comboio sahiu do acampamento fortificado, até S. Paulo, atravez de terrenos asperos «rios, pantanos, lagunas y cuestas».

Emfim, as scenas communs da escravidão naquelles seculos de ferro... e segundo ideias que dominavam o mundo todo, numa humanidade cruel como a da era seiscentista, contemporanea da Guerra dos Trinta Annos.

Punham-se, ás vezes, os bandeirantes, por si ou seus tupys, a prometter aos captivos boa vida, logo que chegassem ás suas terras. E era curioso como os tupys de S. Paulo serviam cegamente aos amos, annota o relatorio.

Muito mais crueis do que os brancos eram os seus indios, afiançam os ignacinos. Já neste tempo sahiam frequentemente, a mandado de seus amos, sem que nenhum branco os guiasse, e voltavam do sertão trazendo lhes as «peças» desejadas.

E, a este proposito, narram os padres Mansilla e Maceta o que pouco depois ouviram de dous jesuitas

portuguezes, os padres Pedro da Motta e Antonio de Araujo. Tratava-se de certo Antonio Machado, de Angra dos Reis, numa de suas entradas ao sertão. Deparando-se-lhe uma aldeia de tapuyas, convidara os indios a acompanhal-o. Sinão, voltava logo com força e os exterminaria. «Asi, forxados deste miedo, fueron con él, pero treynta delles se huyeron».

Chamara Machado a seus indios dizendo-lhes simplesmente que matassem aos fugitivos. Como prova do serviço, queria vêr-lhes, porém os trinta narizes e não tardou em tel-os.

Durante a jornada, avistaram-se Mansilla e Maceta com bandos de tupys em entrada de resgate pelo sertão, e causou-lhes pasmo a desenvoltura com que se moviam no comboio varios tupys. Assim, por exemplo, o tal Francisco, o atrevido escravo do padre João Alvares, que a seu amo trazia vinte peças.

Em outro ponto do seu relatorio, fazem os jesuitas diversas accusações particularizadas, depois de dizerem que em S. Paulo eram todos solidarios com os apresadores de indios: camara, juizes, e magistrados.

Todavia, para se acobertarem contra possiveis perseguições das autoridades superiores do Brasil, tinham varios dos maiores caudilhos tomado a precaução de obter provisões resguardadoras da acção judicial. Assim, havia Pedro Vaz de Barros entrado pelo sertão munido de um mandado policial, que lhe determinava fizesse voltar a povoado os bandeirantes que encontrasse! Do mesmo têor o de André Fernandes, «grande matador y desolador de yndios».

## CAPITULO XVI

*Subterfugios. Partida de Manuel Preto para o sul em 1629. — Cumplicidade das autoridades do Brasil com as bandeiras. — Pedido de providencias ao Governador Geral. — Accusação vehementissima.*

Continuando as suas queixas violentas, denunciaram os padres Mansilla e Maceta, alguns processos dos seus adversarios para fugirem á alçada da justiça.

Assim, quanto ao juiz ordinario de 1628, Francisco de Paiva, chegava a ser gaiata a sua hypocrisia em não offender a lei prohibitiva da entrada aos sertões. Partira de vara alçada, armado de uma provisão do Santo Officio para capturar certo herege phantastico refugiado no deserto.

Manuel Preto, «gran fomentador auctor y cabeça de todas estas entradas y malocas», este declarára a todo o mundo que aspirava morrer no exercicio de suas correrias. Apenas chegára de regresso de sua jornada ao Guayrá, partira para o sul, com numerosissimos brancos, mamelucos e tupys, sob o pretexto de povoar a ilha de Santa Catharina, quando ninguem ignorava o que ia fazer. E tão falso, que até levava capellão nesta nova entrada!

Bem sabiam os paulistas quanto procediam illegalmente; mas viviam a invocar suppostas leis d'El-Rei d. Sebastião, inteiramente deturpadas, declarando que por parte dos governadores geraes nunca lhes faltaria o perdão das entradas.

Era evidentissima a cumplicidade das autoridades do sul. Recebiam os officiaes d'El- Rei o quinto das «peças» trazidas. O proprio capitão mór de S. Paulo tivera lucros com a expedição do Guayrá. Haviam-no visto os jesuitas, acceitando bons presentes de escravos.

Proseguindo em seu requisitorio violento, afiançam os dois ignacinos signatarios do protesto que não havia no mundo peor gente do que a de S. Paulo, «peior que piratas». Seus argumentos de que apresavam indios para os christianizar não passavam de horrenda falsidade,

Como é que os tiravam das aldeias jesuiticas, então? e os vendiam ou trocavam ás vezes até por garrafas de vinho? A razão adduzida de que estavam em seu direito, por se tratar de gentio vivendo em possessões da Côroa de Portugal, tambem não procedia. Pois não provinham de logares vizinhos de Villa Rica e Ciudad Real, terras indubitavelmente hespanholas? E que o fossem, acaso o contestavam os jesuitas?

Nunca! Não cogitavam do caso.

Só viam christãos a catechizar, nada mais, nem levavam indios das terras de uma coroa para as de outra.

Havia em tudo isto, emfim, tanta confusão e má fé, que mesmo a sacerdotes perturbavam semelhantes raciocinios enganosos. Viam-se clerigos servir de capellães, a apresadores de indios e até comprar-lhes peças trazidas do sertão! Chegavam estes padres ao despreposito de acompanhar as expedições de caça aos indios. De diversos se sabia que com as bandeiras haviam partido em varias épocas. Agora, com Manuel Preto, servia-lhe á entrada, de capellão, um frade carmelita!

Terminando o seu libello, acharam de boa tactica os jesuitas recorrer ainda a argumentos sobrenaturaes, e assim ao governador geral contaram certa historia ouvida do padre Christobal de Mendoza, avisando comtudo que este sacerdote a soubera de Antonio Pedroso, o commandante da vanguarda da columna de Raposo Tavares.

Voltara Pedroso do Huybay com grande numero de presos graças a um estratagema de que lançara mão,

Tendo achado o cadaver de um indio, feiticeiro e possesso, collocou-o dentro de uma choça «con mucha veneracion», exactamente como si o endemoninhado estivesse vivo. Continuou o demonio a habitar o corpo, aconselhando os seus devotos que se entregassem aos

paulistas e assim póde o sertanista espertalhão fazer uma linda caçada, quasi sem esforço algum. Homens de fé ardente!

Encerrando o longo exhortatorio diziam os jesuitas ao governador geral do Brasil que pediam remedios para o passado, providencias para o futuro: a soltura immediata dos seus catechumenos e a repressão dos paulistas, attendendo a novos e possiveis assaltos. Assim permittisse Deus que a estas horas já não houvesse occorrido nova aggressão.

Estavam ambos ainda em S. Paulo, quando, a 1.º de maio de 1629, da villa sahiram duas novas bandeiras de brancos e tupys, uma terrestre e outra maritima, numerosissima, sob o commando de Manuel Preto.

Em agosto ou principios de setembro deveria ter entrado no sertão o resto dos moradores de S. Paulo. No Rio de Janeiro tinham estado Pedro Gonçalves Varejão e Alvaro Rebello, a comprar munições para as novas bandeiras do fim do anno. Haviam-no os jesuitas sabido pelo commandante de um patacho que de Santos transportara ao Rio estes dois agentes do sertanismo. Para pór um paradeiro a tanta maldade, só o esforço conjugado e repressivo do Rei e do Papa!

Desde que se fundara S. Paulo, gabavam-se os paulistas, jámais se captivara tanta gente em uma vez. Só Antonio Raposo Tavares, era voz corrente, escravizara vinte mil almas!

Mais uns annos e á região paraniana se poderia applicar o vehemente distico latino do «ubi solitudine». Teriam ali feito os paulistas o que em torno de sua villa haviam obrado, destruindo, no seculo XVI, trezentas aldeias e exterminando duzentos mil indios, nellas moradores! Já ás cabeceiras de Marañon (Amazonas) e ás do S. Francisco haviam os terriveis sertanistas attingido.

Por violenta objurgatoria encerra-se a representação dos jesuitas: Lembra as terras «llenas de pueblos y aldeas, todas ya despobladas. y assoladas por estos vandoleros de S. Pablo; no quedando rastro de gente, no contentandose, ni parando por muchos yndios cautivos, que traygan hasta de acabar con todos, andando siempre en estas entradas y gastando su vida en estos latrocinios y perseverando muchos meses, y años en esta vida tan infame y indigna de christianos.»

E realmente. Não passavam alguns delles, cinco, outros sete (como Ascenso Ribeiro) e outros, ainda, até dezoito annos, perdidos na selva na faina do trafico vermelho, «cautivando yndios y amancevando-se con todas las yndias que querian, haziendo vida de brutos sin acordarse de sus casas y de sus mujeres legitimas?»

O mais interessante é que depois de haverem lançado taes capitulos de accusação ainda queriam os bons ignacinos exigir manifestações piedosas por parte destes homens, cujo empedernimento tanto verberam.

«Sanctissima simplicitas»! Assim lhes increpam não «oyr missa, ni confessar se ni comulgar se todo este tiempo, y agora en esta entrada gastaron nueve meses, y en ellos todos el santo tiempo del adviento quaresma y Resurrecion sin cumplir con las obligaciones de Nuestra Santa Madre Yglessia».

Já pelas differentes praças brasileiras se espalhavam os captivos do Guayrá, denunciavam os loyolistas.

Sabiam-no de fonte limpa; em julho de 1629 haviam partido de Santos para o Rio de Janeiro 33 escravos. E o peior que o seu transporte se fizera num navio pertencente aos benedictinos! Até os religiosos! Levara certo Manuel de Mello 43 a vender no Espirito Santo. Outro sertanista, Antonio Lopes, este vendera muitos em Santos, e no Rio de Janeiro. Na Bahia, já no mez de setembro de 1629, negociavam-se indios do Guayrá.

E, ainda agora, sabiam os padres que de Santos partira um navio cheio de «peças» destinadas ás lavouras de Pernambuco.

«Por eso rogamos, por amor de Dios y de su hijo Jesus Xpo N, Señor, que por la salvacion nuestra y destes pobres yndios desamparados de todo el mundo, derramó su sangre preciosa, que se ponga en execucion, lo mais prestes que se pudiere, algum medio eficaz para remediar tan abominables agravios passados, y bastante para impedir los venideros, para que no quede cerrada la puerta para la predicacion del santo evangelio a tan numerosa gentilidad pues toda aquella tierra es intacta adonde, hasta agora, no ha entrado Portugues ni español».

Com estas supplices palavras, encerra-se o requisitorio vehemente dos dedicadissimos curas de almas. E pela confissão de quanto eram, portuguezes e hespa-

nhoes, egualmente implacaveis para com o homem americano...

A commentar estes documentos escreve Jarque tremenda catilinaria contra os odiados «portugueses de San Pablo»:

«Demonios ingertos en humana carne! Ni los moros, júdios y hereges se portan con tanta insolencia, inhumanidad y tyrannia, ni los olandezes quando rindieron la Bahia». Mas o «homo homimi lupus» dominava integralmente o Universo naquelle seculo bellicosissimo que foi o decimo setimo e em que pouquissimo floresceu a compaixão.

Um dos primeiros livros impressos que ao mundo com pormenores revelaram o assalto paulista ás reducções foi a obra de Jarque a que por vezes nos temos referido:

*Insignes misioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay por el Doctor Francisco Jarque, Dean de la Catedral de S. Maria de Albarazin, capellan de honor de S. M. que Dios guarde, Comisario del Santo Officio cura Rector que fue de la Villa Imperial de Potosi y Juez Metropolitano del Arzobispado de Chuquisaca en el Perú.*

Livro impresso em Pamplona e no anno de 1687 teve larga divulgação na America do Sul e nos paizes ibericos em geral. Pedro Taques, que o viu, escreveu violentamente contra o seu autor indignado dos horrores que nelle se lêem acerca dos paulistas. A edição princeps é hoje rarissima. Conhecem-se em todo o mundo quatro ou cinco exemplares. Eduardo Prado possuia um que o Dr. Guilherme Guinle adquiriu para o offertar á nossa Bibliotheca Nacional.

Não admitte o nosso linhagista a menor verosimilhança na narrativa de Jarque sobre as crueldades do assalto ao Guayrá, transcrevendo-lhe no titulo Buenos de Ribeira um trecho «para dar uma pequena noção do odio castelhano aos paulistas».

Promette analysar a obra do Deão (a quem estabanadamente, e num caso ridiculo de *quando que bonus*, chama Xarque de Andela; Vd. a obra de nossa autoria «Non ducor duco») nos seus «Elementos da historia de Piratininga» e quiçá o haja feito neste livro que até nós não chegou. E referindo-se aos capitulos 26-27-28-29 do livro de Jarque delles diz serem dignos de transcripção para se admirar a seguida serie de mentiras.

crassas do autor castelhano e conhecido odio aos paulistas».

Parece-nos, no emtanto, fóra de duvida, agora que compulsámos a obra de Jarque e a documentação de Sevilha quanto se abeberou este autor ás fontes jesuiticas.

Encontram-se comtudo, em outro documento jesuitico tambem, palavras que até certo ponto attenuam um pouco as increpações aos paulistas irrogadas pelo relatorio dos padres Mansilla Van Surck e Maceta.

Constam ellas do depoimento do proprio Mansilla nos autos do processo movido a d. Luiz de Cespedes, pelos ignacinos em 1631. Affirma ahi o missionario belga que a morte, pelo fogo das aldeias, de indios velhos e velhas e todos quantos não podiam caminhar, ao partirem os sertanistas de seus alojamentos, de regresso a S. Paulo, como se escrevera no seu relatorio, elle não a presenciara; correra no emtanto «publica vox y fama entre los indios».

Escrevendo sobre a jornada de 1628, o padre Luiz Ernot, tambem jesuita, denuncia como principaes chefes de taes «malocas»: Antonio Raposo Tavares, Frederico de Mello e seu irmão Manuel de Mello (estes dois espirito-santenses), Manuel Pires, sogro de Antonio Raposo, João Pires, Antonio Pedroso, Antonio Alvares, Alvaro Netto, don Francisco Rendon, castelhano.

Foi a empresa cruel, crudelissima mesmo, ninguem o pôde negar. Teve porém as mais notaveis consequencias para o futuro do Brasil.

Não fôra a acção de Antonio Raposo Tavares e a fronteira do Brasil seria hoje o Paranapanema, com o Paraguay ou a Argentina pouco importa. E Matto Grosso tambem não nos pertenceria, hispanisado pelas reducções dos Itatins.

---

## CAPITULO XVII

*Novos pormenores sobre a retirada do Guayrá. — Ida dos jesuitas á Bahia. — Providencias do Governador Geral, aliás illusorias. — Provisão de 4 de dezembro de 1629. — Nomeação de um syndicante para S. Paulo. — Ordens de libertação dos indios do Guayrá.*

Até agora apenas por alto se conhecia, em synthese de poucas palavras, o importantissimo capitulo da historia do Brasil que estamos analysando.

Podemos, com a documentação inedita ministrar sobre elle abundantes informes.

Numa carta de 13 de dezembro de 1629, datada da Bahia e dirigida ao seu confrade, o padre Crespo, contava Maceta que durara 47 dias a sua jornada, da reducção de Jesus Maria a S. Paulo, em seguimento aos sertanistas, que traziam oito a nove mil prisioneiros.

Chegados os dois jesuitas á villa piratiningana, reconfortaram-nos os seus confrades portuguezes, cuja permanencia naquellas terras era tão precaria, aliás sujeitos de um momento para outro, a serem expulsos do seu collegio, como dentro em breve, em 1640, succederia. (cf. A. do M. P.; II, 2, 247).

A tal ponto chegou mesmo a sua solicitude, que o Provincial do Brasil, padre Antonio Mattos, quiz leval-os em pessoa ao Rio de Janeiro e á Bahia. Sem maior incommodo ou difficuldade, puderam os dois loyo-

listas attingir a capital do Brasil. Em nada lhes estorvaram a viagem os paulistas. Bem sabiam que tudo quanto intentassem os padres fazer seria innocuo, inutil.

Era de S. Salvador que, a 2 de outubro de 1629, escrevia Mansilla ao Geral da Companhia.

Noticiava-lhe que do Governador já obtivera algumas providencias contra os escravistas.

Mas providencias do papelorio! providencias de palanfrorio, o proprio jesuita o reconhecia! «Broma y mas broma.».

«Lo que alcanzamos acá del Governador es que vaya un hombre con alsada a S. Paulo y mande poner en libertad todos los yndios que truxeran desta entrada y que los que hallare culpados embie presos á esta ciudad, como v. p. verá mejor en el auto que vá con esta. Fuera algun principio del remedio, si tuviera su effeto, pues el punto está en executarlo, en que avrá infinita difficuldad porque toda aquella villa de San Pablo es gente desalmada y alevantada, que no haze caso ni de las leyes del Rey, ni de Dios, ni tienen que ver ni aun con justicias maiores deste Estado. Y quando no las puede enganar a su voluntad con dadivas de oro y indios, las atemoriza con amenaças; ó si son pocos los culpados huyense a los montes, bosques o a sus heredades y sementeras y alla se detienen en quanto las justicias estuvieren en la Villa».

Reiterando estes conceitos ainda escreveria Mansilla duramente:

«Toda aquella villa de San Pablo es gente desalmada y alevantada, que no hace caso ni de las leyes del Rey ni de Dios. Y mas digo que quando se vieran apertados por alguna mano poderosa ā que no pudiessen resistir, desamparen sus casas y herdades y se fueran con sus mujeres, hijos, esclavos y toda a su hazienda (á) meterse por aquelles desiertos y montes y buscar nuevas tierras; porque dejar sus casas non se les da nada, porque no son sino de tierras y de tapias, y en qualquier parte que estieren pueden hacer otras semejantes. Dejar la villa, tampoco se les da nada, porque fuera de las principales fiestas, muy pocos, ó hombres o mujeres, estan en ella si no siempre, ó en sus herdades ó por los bosques y campos en busca de indios, en que gastan su vida; toda su vida dellos, desde que salen de la escuela hasta su vejez, no es sino yr y venir, y traer y vender indios. Y en toda la vila

de San Pablo, no abrá mas de uno o dos que no vayan a captivar indios ó enbien sus hijos ó otros de su casa com tanta libertad, como se fueran minas de oro ó plata».

Já então corriam noticias da ruina das demais reducções do Guayrá por Antonio Raposo. Tal o atrevimento dos entradistas que chegara Manuel de Mello, o irmão de Frederico de Mello, a offerecer na propria Bahia um «muchacho» dos que apresara ali, a quem? ao proprio governador geral! E ainda pedia á autoridade suprema do Estado que lhe concedesse as garantias de administração — euphemismo então empregado como synonimo de escravidão — sobre os quarenta e tantos indios que de Santos trouxera para o Espirito Santo, sua terra natal.

Querendo dar uma satisfacção á queixa jesuitica que seria para jesuita ver, bem o sabia, baixou a 4 de dezembro de 1629 o governador geral, Diogo Luiz de Oliveira, uma provisão destinada a concertar tão delicada questão. Aos titulos pomposos do cabeçalho, lembrando que o capitão general do Estado do Brasil era o detentor das commendas de Santo Adrião de Cannas, S. Pedro de Cumydeiras e Nossa Senhora de Annunciação, da Ordem de Christo, se une o rigor das velhas formulas administrativas. (cf. A. do M. P.; t. I, p. 315).

Sabedor de novas entradas attentatorias da liberdade dos indios, ordenara devassa, pelo ouvidor Amador Bueno e já delle obtivera resposta informativa do caso. Vinham agora os padres Mansilla e Maceta confirmar os boatos e assim tambem uma carta do ouvidor geral da Repartição do Sul. Cousas horrendas se haviam praticado, indignas até de christãos! Como se desobedeciam ás provisões de s. majestade, que queria a liberdade dos indios e seu direito natural!

«Convinha que houvesse castigo exemplar assim pelo que merecia a atrocidade do caso como para prevenção de que adeante se não seguissem outros». A cousa annunciava-se solemne, com ares de desfecho tragico.

Assim nomeava a s. s. «um syndicante para syndicar das cousas» e este era Francisco da Costa Barros, escrivão da real fazenda no Rio de Janeiro, homem de sua inteira confiança e a quem fazia os maiores elogios. Fosse Barros á capitania de S. Vicente e tirasse de novo devassa de todas as pessoas comparticipes

da entrada de 1628, prendesse-os mandando-os para a Bahia depois de lhes confiscar os bens. E, si fugissem, «para se não entregar á prisão, os condemnasse á morte, natural e os enforcasse em estatua — como tidos e havidos por rebeldes e alevantados» réos de lesa majestade.

E a estes foragidos ninguem désse «fogo nem lodo nem outra cousa algua em favor, ainda, até se entregarem como inimigos da corôa que eram».

Quanto aos indios de Guayrá, puzesse-os Barros em liberdade immediata e não deixasse pessoa alguma «tirar mais indios, nem por mar nem por terra». E, como salario ao syndicante, arbitrava-lhe a enorme diaria de quatro mil réis além de mais dois para o meirinho, escrivão de sua confiança. Ordem expressa aos capitães mores das capitanias onde havia escravos do Guayrá para que os puzessem soltos e mais ordens terminantes a todas as autoridades de S. Paulo para que não estorvassem a missão do syndicante. Embargos á acção deste, só se admittia numa instancia: a do proprio governo geral.

E assim, depois de lerem todo o conteudo da provisão do nobre Capitão General e Governador Geral do Estado do Brasil, com certeza acudiu aos dois jesuitas, propugnadores da liberdade de seus neophytos, a amarga reflexão de que aquillo tudo ficaria no papel.

Providencias, ameaças, previsões, aceno de castigos.. E, quanto á commissão do escrivão da real fazenda do Rio de Janeiro, era mais ou menos a que o conselho de guerra dos ratos assentara, ao decidir pôr um guizo ao pescoço do gato.

Em todo o caso, acenando-se-lhe com a perspectiva tão tentadora dos quatro mil réis diarios, iria, talvez, o digno funccionario a S. Paulo pelo menos «assumptar» do caso para depois dizer a s. s. que do alto de sua montanha não ligavam os paulistas a menor importancia á sua autoridade tricommendadorial, e nem mesmo á do monarcha seu soberano, sobre cujo imperio ainda continuava o sol a se não deitar nunca.

E era aliás o que tambem in petto pensava s. s. o governador geral.... homem intelligente e pratico da administração brasileira. E, no emtanto, tal a força do papelismo burocratico e da mentira convencional, que lançára ao vento a famosa provisão apavorante

e fulminatoria dos que haviam ido ao sertão capturar os indios das reducções da Companhia de Jesus.

Nove dias após a promulgação do acto governamental, escrevia o padre Maceta ao seu confrade padre Crespo, procurador da Provincia de Portugal, uma carta bastante desanimada ácerca de algum bom exito a esperar-se das tão tardias providencias determinadas pelo governador geral do Brasil.

No Rio de Janeiro visitara o ouvidor geral da Repartição do Sul a dar-lhe «querella contra los que fueran a destruyr nuestras aldeas», mas não encontrara, por parte do magistrado, o menor enthusiasmo em esposar a defesa da causa catechistica. «El oydor no atreviendo-se a remediarlo de miedo por conocer la rebeldia de aquella gente de San Pablo, nos dio para el Rey un pliego de cartas, pidiendo-le remedio segun el nos dijo y envió la querella judicial aqui a este governador del Estado».

Assim se descarregavam responsabilidades — diria de si para si o cauto e intelligente juiz — e se accomodava a consciencia. E, aliás, agir de modo diverso, seria dar os murros na faca de ponta do conhecido proloquio.

Havia, comtudo, quem, no Brasil, seiscentista, odiasse o escravismo. Assim relata o padre Maceta haver encontrado, na cidade da Bahia, certo capitão Diogo da Veiga, homem muito rico, de quem recebeu a mais solicita assistencia. «Luego que llegamos a este colegio, nos vino a ver, hombre muy honrado y zeloso de la honra de Dios, y de la salvacion de los yndios, doliendose mucho de la desverguença tan grande que avian usado los Portugueses».

Ia-se de viagem para Lisboa e propoz aos missionarios pagar-lhes a jornada até Madrid, para que se queixassem a Sua Magestade; e ainda lhes subsidiaria a viagem de volta. Promptificava-se até a premiar com quinhentos patacões ao official da corôa que fosse a S. Paulo «para desterrar deste Brasil tan injustos cautiverios y ventas y compras de yndios».

Grato a este amigo, pedia o padre Maceta que o Procurador o visitasse apenas chegasse a Lisboa. Contava ainda o missionario que haviam, elle e o seu companheiro, longamente deliberado com os seus confrades da Bahia e o Provincial do Brasil, como pode-

riam, do melhor modo, procurar obter algum effeito das medidas do Governador Geral.

Decidira esta junta que os dois missionarios voltassem a S. Paulo, com o auto, si comtudo encontrassem quem se prestasse a tentar-lhe a execução; algum official de El-Rei que por ventura lhe «hallare alguna execucion con el».

---

## CAPITULO XVIII

*Desanimo dos jesuitas. — Descrença do proprio governador na efficiencia de suas medidas. — Regresso dos jesuitas ao sul. — Scenas crueis no Espirito Santo.*

Armados do decreto emanado do olympo bahiense, onde pontificava a autoridade do tricommendador da ordem de Christo, governador e capitão general do Estado do Brasil, pela catholica majestade de el-rei o sr. don Philippe IV de Hespanha e III de Portugal, não se illudiram os jesuitas que lhe haviam solicitado a promulgação.

«Muy pocos son los que que quieren yr a S. Pablo para executar este autto por los muchos casos (que) han sucedido a las justicias que han ydo a hazer algun castigo», relatava o padre Maceta ao provincial Crespo, em sua carta de 13 de dezembro de 1629.

Tão atrevidos quanto arrogantes, gabavam-se os paulistas de certo facto havia pouco em sua villa succedido «un caso acontecido a un capitan que yba a castigar a unos delinquentes. Luego que supieron de su llegada y del intento que traya, hincaron dos flechas en la ventana del capitan con un escripto en el qual decian que no intentasse castigar a nadie, sino queria hallar otras flechas, otra mañana, en su barriga. Con isto se atemorizó saliendo se de S. Pablo sin castigar a nadie».

Não havia no Brasil quem não falasse na insubmissão dos de Piratininga que só poderiam entrar no regimen commum aos bons vassallos si o braço do rei os abatesse.

E mostra de quanto já nestes tempos longinquos as cousas de França tinham grande prestigio em nosso paiz era dizer-se geralmente, que S. Paulo assumira o aspecto de um conventiculo de calvinistas «y le dan ya el renomble de la Rochella» annotava o jesuita. Não havia muito, com effeito, que o cardeal de Richelieu abatera a cidade de João Guiteau, o baluarte protestante onde a autoridade regia tão pouco valia.

O proprio Diogo Luiz de Oliveira não acreditava na efficiencia das medidas compressivas e repressivas dos paulistas, emanadas do seu governo geral.

«Yendo le hablar deste negocio, narra o loyolista, nos dijo que se holgaria de yr en persona a San Pablo para el remedio». Mas — commentava logo depois, dando largas á franqueza do caracter — «embora não soubesse se lá poderia fazer alguma cousa».

Emfim, talvez désse resultado informar do caso ao Santo Officio e sobretudo excommungar os sertanistas apresadores de indios, aventava o padre Maceta.

E convinha sobretudo relatar o occorrido ao Papa.

Quanto á solidariedade dos jesuitas portuguezes, esta era perfeita; a do provincial Antonio de Mattos, dos reitores do Rio, da Bahia, padres Francisco Fernandes e Simão Pinheiro, e dos superiores das residencias. Os de Portugal que se empenhassem em ajudar a causa da Companhia com todas as forças, pedia o missionario, no fim da carta, e aliás crente, de que talvez não chegasse ella ás mãos do destinatario, coalhado como se achava o mar de piratas hollandezes.

«Los remedios de aqui non son bastante para curar llagas tan putridas y hedeondas de tantos años porque todos dicen que lo que manda el governador no ha de tener efecto como de lo passado tienen esperimentado, y nosostros vamos tocando con las manos y assi V. R. nos haga caridade de alcanzar de su Majestad todos los remedios possibles sin mirar a los de cá que todo será nada».

A 27 de dezembro de 1629, depois de quatro mezes de inutil permanencia, deixaram os dois jesuitas a Bahia em direcção ao Rio de Janeiro, Cada vez mais desilludidos, levavam comtudo a provisão do Governador Geral,

Que confiança lhes podia, aliás, inspirar a acção governamental quando ainda na Bahia haviam visto o proprio governador geral receber de presente dois muchachos de Guayrá que lhos dera Manuel de Mello?

Peior ainda certa scena havida em palacio. Encontrando o escravista em visita ao governador geral, corajosamente, a este exhortara o padre Maceta a que fizesse cumprir a sua provisão prendendo Mello e confiscando-lhe os indios.

Muito exaltado respondera-lhe Diogo Luiz de Oliveira, á vista de numerosos circumstantes: Pois então, padre!? não ha de haver misericordia!?

No primeiro porto de escala de sua viagem da Bahia á Santos, na Victoria, quizeram os jesuitas pôr a prova o valor do documento official. Exhibiram-no ao capitão mór da capitania, Manuel de Escobar Cabral, e este lhes disse que lhe apporia o «cumpra-se» Sabia o padre Maceta que estava o Espirito Santo abarrotado de indios guayrenhos. Era a terra de Frederico de Mello, o logar tenente de Antonio Raposo e socio de seus irmãos Manuel e Alberto de Mello.

Ainda pediu licença para vêr os seus antigos catechumenos e Cabral lha concedeu.

Em companhia dos indios apresentaram-se, porém, Manuel e Alberto de Mello, que, prorompendo em berros, mandaram que os guaranys se retirassem, não consentindo se entendessem com os padres.

Queixaram-se os jesuitas ao capitão mór e este emprestou aos Mellos a propria casa onde elles encerraram os indios, severamente guardados, em companhia de um negro africano encarregado de os aterrorizar.

Emquanto isto, os dois irmãos, e seus apaniguados, incessantemente rondavam o predio, noite e dia, a bradar ameaças para dentro, pelas janellas e oculos.

Protestando, os jesuitas novamente, requereram a permissão de falar com suas antigas ovelhas através das janellas, o que Cabral in totum lhes negou.

Solicitou então o padre Maceta ao capitão mór que deixasse um dos indios do seu sequito, ir levar algumas palavras de conforto aos seus patricios, e afinal obteve o desejado placet.

Foi-se o indio, mas, apenas entrou, aggrediu-o o negro a cacetadas, deixando-o muito maltratado, emquanto de fóra gritavam os irmãos Mello: mata-o! quebra-lhe a cabeça! Não acudira o jesuita aos gritos do seu servidor e este teria sido assassinado pelo truculento africano.

Aproveitou então o capitão-mór este bom ensejo para proceder a uma scena de revoltante deslealdade e hy-

pocrisia: mandou reunir os captivos e dizer-lhes em guarany, que o rei os libertava. Fossem para onde quizessem!

Protestaram os jesuitas exigindo que lhos entregassem, mas os Mellos, neste momento, tomando um a deanteira e o outro a rectaguarda, guiaram a submissa theoria dos escravos vermelhos, levando-os para as suas terras!

Depois de tal panno de amostra, que fazer? assim mesmo ainda compareceram os padres á presença do escrivão real e lançaram um protesto ad perpetuam.

«No espero remedio alguno destas justicias tan entereçadas y que atropelan con tanta desverguença la ley de Dios Nuestro Señor y de su magestad», dizia Maceta summamente desconsolado, ao narrar em carta, datada de 25 de janeiro de 1630 e do Rio de Janeiro, e dirigida ao procurador das Indias de Hespanha, padre Francisco Crespo, os diversos acontecimentos que acabamos de reproduzir.

Outra carta muito curiosa e valiosa sobre o mesmo assumpto é a do padre Mansilla ao padre Diego Boroa, do Rio de Janeiro e de 27 de janeiro de 1630 (cf. A. do M. P. II, 2, 254).

Sahira da Bahia totalmente desilludido e relatava: o proprio governador geral, quando lhe haviam pedido que começasse a executar a sua provisão da Bahia, que se ia enchendo de escravos do Guayrá, lhes fizera e dissera mil disparates, contrarios ao proprio decreto que assignara. «Para no estorvar mas el negocio tuvimos por bien de callar nos y venir nos». Qual! só a acção directa e poderosa da Corôa! Era preciso que a Provincia jesuitica do Paraguay enviasse — e quanto antes — um procurador a tratar do caso com o rei.

E este era indicado: Montoya. Esperava Mansilla estar no Guayrá pela Paschoa, data em que já se devia achar prompta a commissão para seguir viagem á Hespanha.

Mezes e mezes ficaram os dois jesuitas no Rio de Janeiro. Escrevendo de novo, a 12 de maio de 1630, ao padre Francisco Crespo, dizia-lhe Maceta que partiria no dia immediato para Santos.

Conseguira, afinal, quem se incumbisse de proclamar em S. Paulo a provisão do governador geral do Brasil, ordenando a soltura dos indios. Partia em companhia deste corajoso funccionario, que pretendia ata-

car o touro pelas aspas. «En pero no hará nada!», confidenciava tristemente o loyolista a narrar quanto estava então todo o Brasil alvorotado com a tomada de Olinda pelos hollandezes.

Ao despedir os jesuitas, não lhes dissera o governador geral que, na sua opinião, mesmo á testa de oitocentos homens, não conseguiria fazer-se obedecido dos paulistas? E entretanto o seu mandatario apenas levava doze soldados! E assim mesmo nem se sabia se estes, com effeito, iriam.

«Não sabemos tampoco si han de yr y aunque vayan no haran nada por serem ellos muchos y aun no se si podrá el executor tirar la devassa, de que nos contentariamos poniendo los indios en libertad».

E realmente, apesar de todo o palanfrorio, das ameaças officiaes de carcere, confisco e morte, apenas doze escravos haviam os missionarios conseguido rehaver de tantos milhares de almas arrancadas ás reducções. E, assim mesmo, que trabalho tirar estes doze «pues, para sacarlos de manos de los compradores, es menester sacarse la sangre».

«Despues de Dios el remedio de este negocio ha de venir del papa y del rei», terminava o missionario ainda a relatar que ouvira boatos de novas incursões paulistas pelas Reducções escapas a Antonio Raposo.

## CAPITULO XIX

*Chegada dos missionarios a S. Paulo. — Alvorota-se o povo. — Prisão dos jesuitas. — Receios e retirada do syndicante. — Noticias da morte de Manuel Preto. — Retiram-se os missionarios para o Guayrá nada obtendo.*

Em julho de 1630, estavam de novo em S. Paulo os dois jesuitas missionarios Maceta e Mansilla, acompanhados do escrivão da Real Fazenda no Rio de Janeiro, Francisco da Costa Barros, que, tentado pela optima propina de quatro mil réis diarios de ajuda de custo, havia resolvido expôr-se ao perigo de affrontar as iras dos paulistas, em sua propria villa.

Apenas chegados a Santos, alvorotou-se o povo de S. Paulo. Em sessão da Camara de 8 de junho, tomou a palavra Antonio Teixeira, procurador da edilidade, no anno de 1629, a denunciar um caso de «caveant consules». «Hera pubriquo que na villa de Santos hera-cheguado Francisco da Costa Barros com provisão mui rigorosa contra toda esta capitania do governador geral deste estado».

Entretanto, que má época para o real serviço! Justamente agora que se estava em «ponto de guerra por as novas que havia da tomada de Pernãobuquo»! quando se esperava no littoral paulista e por aviso do proprio governador uma frota de trinta velas batavas. Santos, ninguem o ignorava, «não tinha defensão de artilharia nem polvora», só lhe valia «a gente desta villa», sempre prompta a acudir ao rebate «com seus paes e ermãos e gentios, tudo á sua custa».

Attendendo á gravidade das circumstancias, proclamára Pedro da Motta Leite, capitão-mór da capitania, um bando, em que perdoava os homisiados para que se apresentassem ao real serviço.

Vinha agora o tal Costa Barros e resultado immediato: «estava a gente todo alvorosada a arisquado o povo. Nada mais facil do que surgir qualquer navio de enemigos e se poder tomar a capitania».

Não! A semelhante desproposito não se podia nem devia atetnder, reclamava o digno procurador. Arriscar-se uma terra de S. M. em occasião destas!

E, como se houvesse abeberado ás manhas pregadas no livro de mestre Niccoló, o florentino, gostosamente requeria um accôrdo satisfactorio: «requeria da parte de Deus e de Sua Maejstade que quando viesse a tal provisão fosse ella obedecida por emanar do dito Senhor Governador Geral, mas que se lhe sustasse a execução!»

Eis ahi como era facil descalçar a bota. Obedecer sempre ao decreto real, mas sustando-se-lhe a execução, ainda mais rigorosamente...

E, realmente, invocava o procurador: tal provisão datava de uma época em que não havia nova de inimigos nem Pernambuco fôra tomado. Neste mesmo tempo, convinha que a Camara avisasse do facto ao governador. Mas esta, desabusada e impavida, certa da inexpugnabilidade da sua villa, e deferente, acceitou o pedido do prestigioso requerente, respondendo-lhe comtudo que vendo a dita provisão se faria o que fosse mais bem commum da capitania e serviço de Deus e Sua Majestade.» Não se assustasse, portanto, o bom Teixeira, que lhe não tomariam as peças trazidas do Guayrá, é o que se deve lêr nas entrelinhas da decisão.

E assim, serenamente, aguardou o Conselho de S. Paulo a entrada, em sua bôa villa, do escrivão da Real Fazenda, a quatro mil réis diarios; do seu escrivão, a dois mil réis; dos doze soldados de sua escolta e dos padres Mansilla e Maceta.

Partiram os dous jesuitas de Santos para S. Paulo Na subida do Cubatão «cuesta azedissima que por ella no pueden subir cabras montesas sin peligro» ainda carregou Maceta um pequeno indio, apezar de coxo como era e velho «como un Atlante sobre sus hombros, hasta la cumbre, con admiracion de los Indios», relata Jarque nos «Insignes misioneros».

Pouco depois, em 1631, quando depuzeram no processo movido a d. Luis de Cespedes narraram os padres o modo pelo qual foram recebidos pelos paulistas.

Apenas apontaram á vista da villa furiosamente dobraram os sinos a rebate, diz o padre Mansilla. «Quando entramos en la dicha villa de S. Pablo, nos trataron muy mal, juntando-se el pueblo a campana tañida, dando-nos empellones y llamando a gritos: enemigos, ladrones, falsarios y otros».

E não consentiu a turba amotinada que os dois loyolistas fossem pelos seus confrades hospedados no Collegio.

Nem siquer permittiram entrassem em sua egreja, «deciendo al Padre Rector que eramos sus enemigos, ladrones y otras injurias», conta Maceta. Viu-se o reitor de S. Paulo nos maiores apuros, desejoso, como estava, por dever de solidariedade, de auxiliar os seus irmãos de roupeta. Da Camara, obteve afinal a licença para que os dois Padres ficassem em casa de um secular, Manuel Fernandes Sardinha.

Quanto ao juiz. jámais se achara em peor contingencia. A' noite, passeavam pelas ruas magotes de populares a berrar: Viva El-Rei e morra Barros! e peior ainda: «Le tiraron un arcabusasso a la ventana y dieron muchos porraços en las puertas incitando-le a que saliesse com sus soldados para matar-los», relata o padre Maceta.

Recebia neste interim o escrivão fluminense da Real Fazenda caridoso aviso da Camara: «le embio a decir el cabildo que dentro de dos dias se saliesse de la villa, porque si no el pueblo se enojaria y que temesse la yra del pueblo».

Duas vezes não quiz Costa Barros ouvir o mesmo recado: «Se salió sin hacer cosa». Cubatão abaixo com o seu meirinho e ordenanças. Nada fez, mas, provavelmente, cobrou o total das diarias da diligencia real... como era, aliás, de justiça.

Relatando pormenores sobre este caso, conta Jarque que houvera sido desfeiteado de todos os modos. Era no emtanto fidalgo solarengo «muy christiano y zeloso del servicio de la Majestad divina y humana».

Assim fizeram dos seus editaes alvo de settas, crivando-os de flechas.

Quanto aos dois jesuitas, tenazes e convictos ficaram em S. Paulo. Pediram para se avistar com os

confrades, mas o seu depositario a isto se oppoz: «Rogando-le despues que nos dejase yr a nuestro collegio, no lo quizo hacer, porque dijo que tenia orden de la justicia y sin ella no nos podia dejar yr y nos tubieran presos en la dicha casa», narra o padre Maceta.

Ainda como por escarneo mandaram apprehender-lhes um indio de seu sequito, a mulher e o filho, sendo o autor deste ultrage o proprio Antonio Raposo Tavares!

Accrescentando pontos aos contos narra Jarque que os espancaram. Os jesuitas portuguezes outróra presos em Hollanda disseram que então nem alli se havia visto cousa igual. Não cremos comtudo que tal espancamento se haja realisado senão o proprio Simão Mazzeta não deixaria de o narrar no seu relatorio.

A 9 de julho de 1630, escrevia, de S. Paulo ainda, Justo Mansilla ao procurador geral das Indias de Hespanha, padre Francisco Crespo, contando-lhe novidades frescas sobre o movimento bandeirista. Novas expedições haviam deixado Piratininga e sabia-se que pelo menos uma das grandes reducções da companhia fôra, havia pouco, destruida, sendo nesta occasião muito maltratado o seu cura por um tupy, que o espancara a pau.

Era um servo de Antonio Peres, juiz ordinario de Parnahyba. Taes os boatos que em S. Paulo corriam, propalados pelos que da entrada regressavam.

«Mi padre procurador, clamava o missionario, desta gente tan desabusada todo se (puede) esperar!

Emquanto se detinham os jesuitas em S. Paulo, haviam visto sahir para o sertão um grande bando de indios, apresadores de escravos, 200 ou 300 homens, pertencentes a diversos moradores. E idm sós, militarizados, com «sus capitanes y officios de guerra como costumbran hacer los portuguezes sus amos». Como capitan maior de la esquadra» levavam um escravo do vigario de Parnahyba, padre João Alvares.

Seu rumo era as reducções do Iguassú, constando que dentro em breve os acompanhariam os moradores seus amos, em duas ou tres companhias.

«Mi padre procurador, em que tierra estamos? que vassallos de la magestad catholica hagan guerra a vassallos de la misma magestad y catholicos, no por otro titulo o causa sino para que los hagan sus esclavos y captivos. En que tierras estamos? que ni entre herejes ni moros si hiziera esto?» bradava horrorizado o jesuita.

Neste interim, levantara-se uma voz em defesa dos missionarios do Guayrá. A' Camara requereu o padre Francisco Ferreira, sacerdote residente, em S. Paulo, que os soltassem, e o Conselho achou melhor permittir aos jesuitas frequentarem os seus irmãos de habito. Dava afinal tudo na mesma.

Mas tal, no emtanto, o respeito á palavra escripta que, para salvaguardar futuras questões e escapar a responsabilidades, procedeu a Camara com toda a solemnidade.

A' presença dos padres compareceu Ambrosio Pereira, tabellião e escrivão ad hoc, acompanhado dos juizes ordinarios, vereadores e concurso de povo «a fazer pratiqua se se queixavão de algun deles ditos officiaes».

Responderam os padres que não «tudo isto em voz alta e que, se tinham ficado detidos em casa de Sardinha, haviam-no sido não pelos juizes e officiaes da Camara e sim outras pessoas».

Lavrou-se termo do occorrido, exigindo os camaristas ainda que nelle se relatasse todo o incidente, o que se realizou, no mesmo instante, com aquelle limpido estylo dos nossos escrivães seiscentistas Querendo os padres Mansilla e Maceta penetrar no collegio, «chegara o povo desta vila junto a eles junto ás portas do mosteiro da Companhia de Jesus, detendo-os que não entrasem em casa do dito mosteiro por estarem escandalisados deles sobre a materia da provisão que vinha contra esta tera e se retirarão com o alvoroso do povo em casa de Manuel Fernandes Sardinha por não aver algua desorden».

E era só isto... os maldizentes que maldissessem de ss. mces. os officiaes que elles lhes não ligavam a menor importancia, como de razão.

A 22 de julho, ainda de 1630, agora, no meio dos seus confrades de Santo Ignaccio e em S. Paulo de Piratininga, escrevia o padre Maceta ao procurador da provincia de Portugal, padre Francisco Crespo, confirmando as novas já dadas pelo padre Mansilla. Accrescentava o missionario alguns pormenores. O tal indio espancador de um jesuita trouxera da Reducção, recem-destruida, e cujo nome não se conhecia ainda, uma caixinha de ferros como trophéo. O chefe da bandeira era mesmo um tupy pertencente ao padre João Alvares,

vigario de Parnahyba, de quem diz o informante «talis sacerdos talis populus...».

Preparava-se nova e grande bandeira contra as reducções, acabando de chegar do mar, dois barris de polvora para esta expedição.

Escrevera-se ao governador geral mas este nunca se daria por achado.

A tomada de Pernambuco não passava de justo castigo para este Brasil «tão emmaranhado no peccado tão indecoroso e deslavado, peior do que terra de turcos ou mouros». E cada vez mais crescia a audacia dos paulistas que comiam, bebiam, vestiam e dotavam suas filhas a custa do suór dos indios christãos, a quem tratavam peior do que a burricos». Havia, felizmente, uma boa noticia: Manuel Preto, que de S. Paulo sahira «com capa de colonisar o territorio de Santa Catharina», dizia o padre Maceta, no auge da irritação, homem mau, «autor de todas estas entradas», e a quem accusa de ser um dos maiores, sinão o maior propulsor do bandeirismo de seu tempo, Manuel Preto, este morrera no sertão «con muy buenos flechasos que le dieron los indios contra quienes yva. Ya sus parentes y la demás gente de su compañia se han buelto con los yndios que pudieran captivar».

Cousa curiosa: tinha o bandeirante o presentimento do proximo fim: «El Prieto dixo, quando fué, que avia de yr y morir en el serton en manos de los yndios».

«Plega al Señor no haya poblado el infierno por la muerte tan desgraciada y cruel. Otros tambien quedaron con el desgraciado».

Voltando porém, a sentimentos mais christãos, supplicava o padre Maceta: «El Señor se digne abrir los ojos a los que aqui quedan, aun que mas me parece se les abran para tener la misma muerte, pués, con estos exemplos mas se animen de yr al serton».

E, terminando, avisava o missionario que dentro em poucos dias se poria de novo a caminho para as suas Reducções. Não contava, porém, poder attingil-as dentro de um mez.

«Assim pela longa e penosissima jornada o guiasse o Senhor».

O peor era que após tão extenuantes labores e esforços só haviam conseguido rehaver doze indios dos milhares de catechumenos arrancados ás Reducções...

Pretende Jarque, nos «Insignes misioneros» que alguns moradores de S. Paulo respeitosos e acatadores da autoridade fingiram obedecer ás ordens constantes do edital do escrivão Costa Barros mas secretamente ameaçaram os indios de tal modo que «rendidos del miedo elegian quedar se en su misera servidumbre».

Diz ainda este autor que os dous missionarios, puderam rehaver cincoenta indios guayrenhos o que não concorda com o depoimento acima citado.

Affirma o Deão igualmente que Mansilla e Maceta foram a Loreto encontrar-se com Montoya a quem acharam preparando o exodo geral dos catechumenos para o Sul pois estava o Paranapanema ameaçado pelos paulistas. Esta viagem de regresso dos dous missionarios se fez pelo Pequiry e Paraná.

## CAPITULO XX

*Rol dos bandeirantes que acompanharam a grande entrada. — A nominata de Pastells. — Accrescimo que lhe fizemos.*

Para o estudo das luctas dos paulistas com os castelhanos, escassa, muito escassa é a documentação. A portugueza, sobretudo, quasi não existe. Fornece a hespanhola como temos visto um contingente de dados incomparavelmente mais ricos, provindo sobretudo dos archivos jesuiticos. Delles nos temos valido, mas, assim mesmo, a constatar grandes falhas, extensas lacunas no seguimento de taes papeis. Torna-se a pormenorização deficiente mesmo quando se refere aos factos maximos, aos episodios culminantes da longa lucta travada entre a Companhia e os seus adversarios de Piratininga, como no caso da conquista do Guayrá.

Até bem pouco, apenas quasi se sabia que a esta empresa se ligavam estes dois nomes, o de Simão Alvares e o de Frederico de Mello Coutinho ou Fradique de Mello, como lhe chamam os antigos documentos.

Publicou o sabio padre Pablo Pastells uma denuncia do provincial do Paraguay, o padre Francisco Crespo, em que se mencionam sessenta e nove bandeirantes. «De los demas no sabemos aun los nombres», haviam-lhe dito os informantes os padres Mansilla e Maceta, testemunhas presenciaes do assalto ás Reducções do Guayrá.

Antonio Raposo Tavares, seu irmão Paschoal e o seu sogro Manuel Pires e dois filhos; Salvador Pires e dois ou tres filhos; Antonio Pedroso, Manuel Morato, Simão Alvares e quatro filhos; Frederico de Mel-

lo, seu genro: Manuel de Mello Coutinho (irmão de Frederico), Pedro de Moraes (provavelmente Madureira, homem letrado, que se educara em Lisboa, dil-o Pedro Taques), Balthazar de Moraes e dois genros; Diogo Rodrigues Salamanca e seus filhos; Francisco de Lemos, Pedro Coutinho, Simão Jorge e dois filhos; Onofre Jorge e um filho; Antonio Bicudo, o velho; outro Antonio Bicudo; Antonio Bicudo de Mendonça; Domingos e Sebastião Bicudo; Francisco de Proença e dois filhos; Matheus Neto e dois filhos; Gaspar da Costa, Ascenso Ribeiro, Manuel de Macedo, André Furtado, Fulano de tal Peixoto (fluminense), Salvador de Lima, Gonçalo Pires, Antonio Lopes, Antonio ou Luiz Grou, Francisco Roldão, Jeronymo e Francisco Bueno, Geraldo Corrêa, dois filhos e um genro; Ascenso de Quadros, Bernardo de Sousa e seu cunhado, Manuel Alvares Pimentel, Balthazar Lopes Fragoso e seu cunhado, Estevam Sanches, Pedro Madeira, Antonio Raposo, o velho, e seus filhos; Antonio de tal, Antonio Luiz Grou o filho e o genro, Fuão Silva «sirgero»; Amaro Bueno, filho de Amador Bueno, e um genro, João de tal, Estevam de tal, João Rodrigues Beserano, Simão de Matta, Sebastião de Freitas, Castillo de Motta, Antonio da Silva Racão (?)

Assim, destes sessenta e nove apontados, apenas se individuam cincoenta e um bandeirantes (cf. Pastells: «Historia de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay» I, 458 e «Annaes do Museu Paulista» II, 2, 245).

Depondo no processo contra d. Luiz de Cespedes a esta lista augmenta o padre Mansilla, mencionando ainda Paulo do Amaral, Antonio Alvares, João Pires, Sebastião Netto, Francisco Corrêa, Castor (?) da Silva (chama-lhe Gastor), João Raposo, Diogo Alvares, Domingos Jorge, Estevam Raposo, Simão Machado, Manuel e Antonio Pires, João de Proença, Fulano de tal Jorge, Alvaro Netto, Mathias Lopes, Pedro da Silva, Bartholomeu Esteves, João Corrêa e Estevam Santos seu genro; Manuel Raposo, A João Rodrigues chama Veterano e não Beserano. Deve ter sido Bejarano.

Calixto da Motta é mais acceitavel do que Castillo de Motta, tanto mais quanto se refere a personagem conhecido. Este addendo era até agora inedito.

Lembra ainda o filho de Domingos Luiz Grou de que não dá os appellidos. São mais vinte e um nomes

escapos á voragem do esquecimento. Ao fluminense Peixoto attribue o prenome Francisco e de Gaspar Vaz diz que o filho e o genro o acompanhavam.

E, assim, não chegam a uma centena os nomes, até hoje descobertos, dos que comparticiparam de uma jornada, graças a qual ficou fundamentalmente transformada a forma evolutiva da expansão brasileira, de um acontecimento absolutamente capital para a formação de nosso territorio e nacionalidade, como esse da repulsa dos castelhanos além Paraná.

Ao se publicarem os «Inventarios e testamentos», em 1920 e 1921, por ordem de Washington Luis, então presidente do Estado de S. Paulo, divulgaram-se numerosos «inventarios do sertão» em que vêm extensas nominatas de bandeirantes.

Obedecendo a um criterio que não comprehendemos, realisou Ermelino Leão, uma relação, aliás ainda bastante lacunosa, dos nomes dos sertanistas que figuram nestes inventarios vizinhos de 1629 e em alguns até afastados. Attribuindo a estes documentos uma lateralidade que elles não podem ter e a transportar os nomes nelles citados para a nominata dos assaltantes do Guayrá transformou o escriptor paranaense dados conjecturaes em provas documentadas!

Escrevendo em principios e meiados de 1923 annotou Ellis:

«A documentação paulista vem trazer confusão para o estudo da expedição destruidora de Guayrá, bem como o que está estabelecido como certo a respeito.

Apesar de muito estudada, esta bandeira do Guayrá, de 1628, apresenta-se ainda muitissimo obscura. Não se sabe, por exemplo, qual tenha sido o seu itinerario exacto, na sua marcha destruidora. Nem se sabe tão pouco como se deu esta destruição e conquista».

Quer nos parecer que a documentação hespanhola que adduzimos esclarece immenso a questão. Assim não subsiste mais a duvida constante dos seguintes reparos do mesmo autor».

«Teria a bandeira, sahida de São Paulo em outubro de 1630, quando morreu o seu chefe supremo Manuel Preto, como affirmava o padre Maceta, para poder em 1631 completar a conquista com a destruição de Villa Rica, reducções do Ivahy, Pequiry e Ciudad Real?

E' um ponto profundamente obscuro, que, deante do que existe a respeito na documentação do archivo municipal de São Paulo, nos dá a impressão nitida de que a destruição e conquista do Guayrá não foi obra de uma só bandeira.

De facto, si fosse, não poderiam ter participado da segunda phase da campanha, isto é, da tomada de Villa Rica e reducções do Ivahy, Pequiry e Ciudad Real, que transcorreu no anno de 1631, muitos paulistas constantes da lista da «Relacion de los agrabios» os quaes, segundo as actas de vereações do anno de 1630, não arredaram pé ininterruptamente de S. Paulo, taes como:

Antonio Bicudo, Fradique de Mello, Pero Madeira e Antonio Raposo o velho, os quaes encontramos em S. Paulo desde 25 de janeiro de 1630 («Actas» vol. IV, 46).

Sebastião de Freitas e Manuel Pires encontramos em São Paulo desde 29 de maio de 1630 («Actas, vol. IV, 55) e outros como:

Dom Francisco de Lemos, Alvaro Neto, Matheus Neto, Domingos e Sebastião Bicudo, Onofre Jorge, Gaspar Maciel Aranha, Manuel Alvares Pimentel, Mathias Lopes, Manuel Mourato, Pero Moraes Madureira, Bernardo de Sousa, Pero da Silva, Simão Alvares e o proprio Antonio Raposo Tavares, que achamos assignando vereações desde 17 de junho de 1630 («Actas», vol. IV, 58).

Tudo isto faz-nos crer que a bandeira partida sob o mando de Manuel Preto, em outubro de 1628, logo depois da morte deste caudilho, e depois de haver esmagado as reducções do Tibagy, taes como Santo Antonio, San Miguel, Jesus Maria, Encarnacion, San Xavier, e San Joseph, bem como as situadas no Paranapanema (fóz do Pirapó), Santo Ignacio e Loreto, voltou a S. Paulo, onde se encontraram assignando as vereações, logo no começo de 1630, quer dizer que esta bandeira esteve em campanha apenas de outubro de 1628 a fins de 1629».

Não póde haver duvida alguma que a grande bandeira de 1628 se manteve em campanha até meiados de 1629 apenas. Nada mais concordante do que a grande documentação hespanhola que publicámos. Pergunta Ellis a que bandeira pertence a nominata da «Relacion de los agravios». Para nós, já o expuzemos aliás, não póde haver duvida possivel: á grande expedição de 1628, exclusivamente.

## CAPITULO XXI

*Profunda impressão causada entre os hispano-americanos pela tomada do Guayrá. — Providencias suggeridas ao Rei. — Denuncias contra Cespedes. — Memorial do Padre Crespo pedindo a repressão dos paulistas.*

Já repetidas vezes noticiamos quanto eram os colonos hespanhoes infensos aos jesuitas e quanto rejubilaram vendo os paulistas destruir-lhes as reducções, arrebanhando-lhes os indios. Era a mesma mentalidade dos luso-brasileiros tão apegada á instituição servil que a ella antepunha quaesquer dictames de ordem nacional ou religiosa.

Nem todos assim pensavam, porém, destes hispano-americanos; si até entre ecclesiasticos frequente era encontrar acerrimos adversarios dos ignacinos, typo do bispo d. frei Bernardino de Cárdenas, alguns havia que testemunhavam a sua solidariedade com a Companhia de modo vehemente.

Dahi a grita de diversas personalidades notaveis do Paraguay contra os bandeirantes e os memoriaes por ellas enviados ao rei, pedindo soccorros para que se detivesse a invasão paulista.

Assim as noticias da destruição das reducções guayrenhas, sobremodo acirraram em geral os hespanhóes da America do Sul contra os seus vizinhos portuguezes num movimento de nacionalismo evidente.

Escrevendo ao rei, a 17 de maio de 1630, aconselhava o conde de Chinchon, vice-rei do Perú, que se

prohibisse formalmente toda e qualquer communicação entre Buenos Ayres e o Brasil. E a este proposito dizia a Sua Majestade que para governar o Prata escolhesse homem que do cargo «não precisasse para augmentar os seus cabedaes», curiosa recommendação, bem pouco abonadora das normas administrativas vigentes na America hespanhola.

A 4 de abril de 1631, escrevia a Philippe IV o governador ecclesiastico da diocese paraguaya, Licenciado Matheus de Espiñosa, conego da Santa Egreja da Assumpção, governador e provisor do bispado, *séde vacante*, havia mais de doze annos. E fazia-o somente obedecendo a um dever que tinha por elementar: «compadecido con los clamores de los vassallos de S. M. y confiado que como tan christianisimo Rey pondrá breve y efficaz remedios y calamidades que padesen de dos años, poco mas, a esta parte.» (cf. Arch. Gen. de Ind. 74-3-31).

E, logo ao abrir a epistola, formulava tremenda denuncia contra d. Luiz de Cespedes.

Viera pela via prohibida de S. Paulo, trouxera muita gente forasteira, secular e ecclesiastica; desta enviara muitos individuos ao Perú — irregularidade grave. Chamara os bandeirantes ao assalto das reducções, mediante a paga de cem escravos e cem escravas, que haveriam de entregar em seu engenho do Rio de Janeiro. Contava-se que tivera uma entrevista secreta com os chefes paulistas, em vesperas do assalto ás reducções!

Na Assumpção tratara do modo mais brutal o reitor da Companhia de Jesus, que depois da primeira aggressão paulista fora pedir-lhe — da parte de Dios y de Vuestra Magestad — amparo e remedio para os seus neophytos.

A' provisão da Real Audiencia da cidade de La Plata, concitando-o a que defendesse os indios, contestara com «un libello ynfamatorio contra los Religiosos de la Compañia de Jesus.»

E tudo isto porque os ignacinos «no le deixan robar a su salvo».

Em agosto de 1630, chegara ao Paraguay, sempre por via fluvial, sua mulher, dona Victoria de Sá, acompanhada por seu primo, o mais tarde famoso Salvador Corrêa de Sá, o heroico restaurador de Angola.

Traziam trinta homens armados, portuguezes, e dois frades.

E o peior é que esta frota abrira caminho a outra «armada de portuguezes», esta vinda por terra a roubar e destruir tres reducções.

Visitando o districto de Maracajú, annullara o capitão general os regimentos e ordenanças liberaes de d. Francisco de Alfaro e instituira outras absolutamente desfavoraveis aos indios dando licença para a exploração da herva mate «para total destruicion de los naturales».

Com isto apenas visava angariar partidarios que em seu favor escrevessem para Buenos Ayres, como de facto conseguira. Assim, não admiravam o tom de taes epistolas, dictadas pela communidade de interesses: o pedido dos povos para a renovação do prazo governamental e os excellentes attestados obtidos dos dois cabildos de Assumpção, o ecclesiastico e o secular. Estavam as duas corporações bem arrependidas da sua attitude de applauso «porque despues de hecho su texuelo los a desolado a los desventurados».

De posse de taes documentos encomiasticos, outro se mostrara Cespedes para com os seus louvadores: vendera-lhes encommendas de indios que o rei mandava distribuir graciosamente, em troco de serviços, ou então puzera-as em hasta publica. «Y asy se se quellevan los yndios los que mas dan y no los que lo merecen».

Formidavel negocista, estava a encher-se a mais não poder. Com traças diabolicas, «a robado toda la plata que esta pobre ciudad a ajuntado por espasio de ochenta años que an dado los dotes y preseas que tenian sus mugeres por tener un yndio que les sirva».

E por cima de tudo era de se ver a insolencia, a audacia, a violencia com que acudia a qualquer observação timida que fosse.

E, como remate de tantos predicados, ainda ninguem esquecesse a sua vida licenciosa com pouco temor de Deus e respeito dos homens.

Ai de quem pretendesse morigeral-o! «No ay quien le vaya a la mano por temor de sus demassias, que no parece sino que que es hombre furioso y sin juizo». Pelas ruas da Assumpção estrugia-lhe o vozeirão em palavradas.

«Por esto y otras muchas cosas dignas de emmienda y castigo no tiene otro nombre en estas tres gobernaciones que de Pirata», concluia o governador diocesano ainda a pedir ao rei que não se impressionasse com a falta de noticias corroborantes das que lhe dava.

«Destas cosas y otras semejantes no puede tener noticia Vuestra Real Audiencia porque tiene traça de cojer las cartas que se le despachan porque padesen los Vassallos de Vuestra Majestad y llaman al cielo y a Vuestra Majestad para que les libre de semejantes vejaciones».

Assim, ainda, por cima de tudo, era o capitão-general violador do segredo epistolar!

Ia encerrar a carta o Licenciado Espiñosa quando lhe chegaram graves rumores: nova invasão de paulistas que voltavam do Guayrá a S. Paulo com quinze mil prisioneiros!

Obedecendo ás ordens da Real Audiencia de Charcas acceitara Hernan D'Arias de Saavedra, o velho e tão prestigiado antigo governador do Prata e do Paraguay, em principios do seculo XVII, a incumbencia de pessoalmente averiguar os damnos e delictos pelos paulistas commettidos nas reducções. Caso porem a edade ou a molestia o inhibisse da commissão, designasse pessoa idonea. Foi o que fez.

Em carta datada de Santa Fé, de 23 de junho de 1631, ao rei, expunha as impressões do seu preposto, condensadas nos autos de um processo. (cf. Arch. General de Indias, 74-3-31).

«Y son tan graves las cosas que en el dicho processo se contienen y tan difficil e impossible por acá el remedio de las mas dellas (si por allá no lo manda poner Vuestra Majestad) — dizia o honesto e experimentado guerreiro — que me veo obligado, antes de yo dar quenta a Dios, porque estoy ya muy viejo y enfermo, a dar-se la a Vuestra Majestad en suma y relacion de lo que ha sucedido que en hazer lo descargará mi conciencia y haré el ultimo servicio en esta vida y entiendo no será el menor, de los muchos que he desceado hazer a V. Majestad».

E fazendo uma synthese do inquerito aberto e apurado sobre o procedimento do governador paraguayo, repetia o velho cabo de guerra castelhano todas as accusações jesuiticas, pormenorizadas, de que fizemos transcripção.

«Todas estas maldades se han hecho en solos tres años del Govierno de D. Luiz de Cespedes y Xeria vuestro Governador del Paraguay, que entró por la via de San Pablo acompañado de algunas jornadas de muchos portuguezes que venian al serton».

Ia-se remetter então o processo á Real Audiencia de Charcas, que já nomeára juiz contra Cespedes e seus cumplices, a pedido do Fiscal da Corôa.

«Empero por acá non se puede refrenar el atrevimento de los de San Pablo, affirmava Hernan d'Arias desolado, y assi Vuestra Majestad verá el remedio que convendrá poner antes que asuelen todas estas provincias de Guayrá y au'n las del Uruguay, donde van haziendo a gran priessa muchas reduciones los Padres de la Compañia de Jesus, con el cuydado que acostumbran».

Sobre estes novos aldeiamentos escrevia ao rei o governador de Buenos Ayres, d. Francisco de Cespedes, a 30 de agosto do mesmo anno de 1631 (Arch. Gen. de Indias 74-4-13).

Estavam fundadas nove reducções novas e achavam-se os indios tranquillos, depois da explosão que a tres missionarios custára a vida. Havia falta de padres e temia-se muito a vinda dos paulistas. Si apparecessem bandeirantes bem poderiam os selvicolas sublevar-se novamente. Só havia um remedio efficaz: mandasse sua majestade anniquilar o ninho das bandeiras, forçando os seus moradores a se dispersar.

Remettesse o rei mais missionarios urgentemente, implorava o alvitrador da destruição nada executavel da villa piratiningana.

Tão affeiçoado erá á obra da catechese que nella gastava, do proprio bolso, avultadas quantias, gabava-se.

«Quando no tenga como no lo tengo, haciendo para rregalar y atraher estos yndios pediré lismosna de puerta en puerta y estaré muy goçoso de hacerlo».

E isto fazia-o com o maior desinteresse, pois ia naquelles dias passar o governo do Prata ao successor nomeado, d. Pedro Esteban d'Avila.

Mas os portuguezes do Brasil é que insistiam em ter porta aberta no Prata mesmo depois dos succcessos de 1629. A 10 de setembro de 1631, endereçava o dr. Lourenço de Mendonça, administrador ecclesiastico da prelazia fluminense, copioso memorial a s. m. para que

lhe permittisse mandar clerigos ordenantes ao Prata, Tucuman e Paraguay.

Immenso o territorio de sua jurisdicção: 400 leguas de costa até ao Rio da Prata, trezentas pela terra a dentro pelo caminho de S. Paulo até ao governo do Paraguay, sete capitanias de portuguezes, comprehendendo uma cidade, e mais de 20 villas com 200, 400, 600 e 800 moradores, mais de cem engenhos de assucar que cada qual era uma grande povoação, gentilidade innumeravel, etc. Em todo o Brasil só havia um bispo e frequentemente estava elle em viagem, ou vivia na Bahia, em séde vacante, ao passo que no Sul existiam tres prelados em Buenos Ayres, Tucuman e Assumpção. Assim supplicava uma excepção ás reaes cedulas, permittindo a ida de seus clerigos ao Sul para de lá voltarem ordenados para melhor serviço de Deus e de sua majestade (cf. Arch. General de Indias, 74-3-26).

Mandou Felippe IV que o Conselho de Indias fosse ouvido sobre o caso e este redigiu a resposta de 30 de setembro de 1632.

Opinou pela recusa formal, embora suavizando a negação, com a escapatoria de uma consulta a se fazer ao bispo do Brasil, prelado então por se nomear, entre parenthesis. Muito justificada esta pouca vontade de servir aos portuguezes exactamente agora em que se consummava a expulsão definitiva dos hespanhóes das terras ao oeste do Paraná, pela investida paulista.

Emquanto isto, enviava ao rei o padre Francisco Crespo, procurador geral das Provincias Jesuiticas das Indias Occidentaes, novo e vigoroso memorial contra a gente de S. Paulo (cf. Arch. Gen. de Indias 74-3-31).

De nada valera a formal prohibição régia relativa á passagem do Rio de Janeiro e S. Paulo ao Paraguay, por via terrestre. Anno a anno, se avolumava a immigração de portuguezes para o Paraguay e por tal caminho. Continuavam as bandeiras a transportar indios, em massa, escravizados para o Brasil e tornava-se necessario achar remedio a tão desastrada situação.

Um dos processos usados pelos paulistas para embaçar os indios e fazer com que estes os acompanhassem era usarem vestes talares e abrir a tonsura.

Ora, por falta do unico bispo brasileiro, o da Bahia, frequentemente iam clerigos brasileiros ordenar-se no

Paraguay, sobretudo os de São Paulo. Não sabiam os ingenuos guaranys distinguir os verdadeiros ecclesiasticos daquelles que lhes vestiam abusivamente o habito.

Acontecia ainda que muitos dos ordenandos, ao regressarem a São Paulo já padres, comsigo traziam numerosos indios. «Y de aqui toman occasion los seglares para que bestidos en los habitos de los dichos religiosos y clerigos y con coronas abiertas vayan a engañar a los dichos yndios, desacreditando con este excesso y escandalo quanto decirsse puede y desmintiendo quanto es en su mano nuestra santa fee catholica y sancto evangelio».

Notava-se ainda que os indios escapos aos traficantes, falsos sacerdotes, tomavam verdadeiro odio aos ecclesiasticos em geral, certos de que não passavam todos de torpes embusteiros.

Remedio para sanar tal estado de cousas havia um só: a elevação da prelazia do Rio de Janeiro a diocese, com jurisdicção sobre todo o sul do Brasil, e, como medida complementar, a prohibição aos clerigos de se internarem no sertão, sob a ameaça de castigos draconianos.

Assim, cessaria o pretexto para as taes viagens dos ordenandos.

Mandasse, portanto, s. m., ao seu conselho de Portugal, que se erigisse a diocese fluminense.

Num segundo memorial, tambem endereçado a Philippe IV, repetiu o padre Crespo as razões e argumentos do seu primeiro papel, a tocar-lhe numa corda muito sensivel. Sabia s. m. que as despesas da capitania do Paraguay foram subsidiadas pelos cofres do Prata e do Perú até ao momento em que o aldeiamento dos indios, feito pelos jesuitas, provocara tal melhoria financeira que já a capitania se mantinha por si.

Destruidas as reducções immenso ia soffrer e já soffria a fazenda real.

Tornava-se indispensavel destruir S. Paulo, affirmava o padre Crespo, num verdadeiro «delenda Carthago»: «El dicho logar de San Pablo es poblado de los malhechores de todo el Brasil; muchos dellos son christianos nuevos y se han hecho por domitos sin conocer a la divina y umana vuestra majestad».

De um momento para outro, alliar-se-iam aos hollandezes, já estabelecidos no norte do Brasil, offerecendo-lhes entrada para as terras cobiçadas do Perú. E,

com effeito: não se viam paulistas e portuguezes a visitar Tucuman, o Paraguay, Lima, para onde transferiam muitos as suas residencias? Abriam-se vias esplendidas para o contrabando, descaminho dos metaes preciosos e enorme prejuizo do commercio de Sevilha e Buenos Ayres.

Assim, portanto, pedia o padre Crespo se arrazasse a capital dos maloqueros.

Como, com que forças? perguntar-lhe-ia melancolico o monarcha, tantas vezes retratado pelo grande Velasquez.

Exactamente por esta época estavam os paulistas em via de anniquilar o poderio hespanhol no Guayrá, agindo com redobrada energia quando os seus adversarios, jesuitas e colonos castelhanos como se defendiam por meio de attestações e pedidos de providencias á sacra catholica majestade philippina que nem podia attender aos reclamos dos interesses hespanhoes na Europa.

Esta nova phase do bandeirantismo vamos expol-a nos capitulos immediatos.

---

## CAPITULO XXII

*Correrias de bandeiras paulistas no Guayrá. — O presidio da foz do Ytupé. Conselho de guerra do capitão Francisco Benitez. — Encontro com a bandeira de Christovam Diniz. Cavalheirismo bandeirante. — Documento curioso. — Pormenores sobre embates entre paulistas e hespanhoes.*

Depois dos seus faceis triumphos de 1629 deixaram os paulistas, ao que parece por algum tempo de fazer novas algaras no territorio guayrenho. Assim em 1630 não os vemos empenhados em acções de guerra de certo vulto. Mas em 1631 recrudescem as entradas, obedecendo á inspiração de Antonio Raposo Tavares no dizer dos jesuitas.

Incidente curioso, e que se prende á epoca que estamos analysando, é o do conselho de guerra a que respondeu o capitão Francisco Benitez, por haver desamparado o presidio de soldados que se havia posto na reducção do Ytupé á foz do Yniay, para impedir a passagem dos paulistas, conselho cujas sessões se encetaram em Villa Rica del Espiritu Santo, a 21 de julho de 1631 (cf. Annaes do Museu Paulista t. 1, p. 318).

Era este Francisco Benitez um dos apaniguados do peito de don Luis de Cespedes. Tão seu dedicado amigo quanto de Felippe Romero, o algoz dos guaranys, segundo a affirmação dos jesuitas. Já por diversas vezes o mandara ao Brasil o capitão-general paraguayo, Paraná e Tietê acima, levando comboios de escravos

para o seu engenho fluminense, affirmam-no os Ignacinos ainda.

A enfrentar os paulistas, por ordem de Cespedes, viera a Villa Rica, commandando uma força, o mestre de campo don Alonso Riquelme de Gusman, nomeado «teniente de governador y justicia mayor, capitan a guerra» da localidade. Já se batera com uma das bandeiras em Eupabay.

Corria o anno de 1631, e Antonio Raposo Tavares encetara as operações da segunda phase da aggressão aos estabelecimentos jesuiticos.

Talavam varias bandeiras o territorio ao sul do Paranapanema, que os hespanhoes tinham como seu. Informados da presença de diversos destes bandos, sahiu de Villa Rica, em junho de 1631, o mestre de campo em acção de guerra, «a poner remedio en los grandes atrevimentos, rovos y maldades que los portuguezes del Brasil (andavan) haziendo en estas dichas provincias y reduciones deste rio del Ubay».

Chegando ao presidio de «Pueblo Nuevo, achou os indios «menoscabados» e dahi deliberou, em conselho de guerra e accordo de todos os seus capitães, homens de experiencia e caciques principaes, que no local ficassem «quarenta hombres bien aderesados de todas armas con un caudillo para los rexir y gobernar, en la bocca del Yniay o Ytupé o en la parte mas acomodada para que los dichos portuguezes no pasasen adelante con tantos daños y agrabios, robos y ynsolencias».

Para tal commissão escolheu o capitão Francisco Benitez, que a acceitou e seguiu com os quarenta soldados perfeitamente apetrechados. Pouco depois, mandára ao seu chefe um recado, dizendo que acampara no local escolhido. Bruscamente, porém, surgira em Villa Rica, desamparando os commandados! «Sin ordem ni lisensia alguna mas de solo por su gusto». E o peior é que se affirmava haver trazido indios, recentemente escravisados, para a sua propriedade agricola como, segundo a voz geral, era useiro e vezeiro em fazel-o, «contraviniendo a los autos y bandos que estan publicados».

Logo em seguida, appareciam tambem os soldados de tão indecoroso chefe. abandonando-se o posto que era a unica protecção de Pueblo Nuevo.

Dahi o desastre da tomada da aldeia por uma bandeira e a captura de todos os indios das immediações.

Assim, para castigo do militar covarde, sinão trahidor, ordenou o mestre de campo que em fôro de guerra fosse julgado, tomando-se entre os depoimentos os de quatro officiaes e quatro personagens gradas de Villa Rica.

Graves as accusações de Juan Merino, soldado, ao seu ex-commandante. No Ytupé havia encontrado um frade que conseguira obter a restituição de alguns indios, captivos dos paulistas e a quem mandara embora. Logo depois ordenara que os seus soldados tratassem de aprisionar os selvicolas dispersos pelas mattas, graças ao terror dos bandeirantes. Nestte interim chegara um bilhete escripto a elle Benitez e ao padre por um chefe paulista, avisando-os de que ao «Pueblo Nuevo querian benir los dichos portuguezes a dar».

Reunida, a soldadesca alvorotou-se ao saber de tal ameaça, achando prudente avisar-se do occorrido ao mestre de campo. Com pasmo geral, decidira Benitez fazel-o em pessoa, deixando como substitutos o alferes real Francisco de Villalva e o aguazil-mór Manuel de Peralta, a quem fornecera instrucções para o caso em que por ali surgisse o inimigo. Assim partira em companhia do depoente.

Chegando a Villa Rica e apresentando-se o desidioso chefe ao seu superior dera-lhe este, como de esperar, voz de prisão.

Ordenou o Mestre de Campo Gusman que o algemassem e o puzessem em duro carcere.

Ao se executar este mandato fugiu o official para logar desconhecido. Assim, por publico pregão, determinou o Mesre de Campo o confisco de seus bens e indios de serviço, correndo-lhe o processo á revelia.

Nelle figura, no rosto dos autos, interessantissimo papel, uma carta, recebida pelo official faltoso, de um chefe paulista, sertanista de mediocre destaque, genro de Domingos Fernandes e com este co-fundador de Ytú, Christovam Diniz. Na integra o reproduzimos, pois cremos que seja o primeiro documento desta nattureza que se divulga, uma missiva de bandeirante em acção de guerra a um official hespanhol seu adversario.

«Meu senhor capitão Francisco Benitez» — Pela de Vossa mercê soube tinha v. m. saude a qual aumente o Senhor por largos annos. O dizer v. m. que não lhe respondera a hua carta foi por falta de papel como manifestey ao Reverendo padre frey João, porque não

sou eu tan descortez quanto mais a pessoa a quem tenho tanta obrigação. Pediu-me v. m. que evite a que não vão para essa parte meus negros, o não fizemos desde que viemos de Tayaoba, que o derradeiro salto foy emtão que os que para lá andão; são dest'outros arrayaes de que não tenho a meu cargo. Que tudo o que esteve na minha mão sempre fiz até agora; que se não fizesse escandalo a v. m. nem ao Reverendo Padre frei João e como sempre tornei a desabrir mão da gente que pertencia a v. ms. ao que vou confiado a que com razão v. ms. se não queixarão de mim; pois athé agora ei procurado de desviar estes senhores a que se não travassem com v. ms. pelo que entendo agora, ao depois de eu recolher, meus companheiros irão lá a dar nessa aldeia nova cousa que não pude acabar com eles; pelo (ha uma lacuna no documento) prebenidos que nestes quinze ou vinte dias primeiros ão de hir, os quaes sempre irão athé (segunda lacuna) com corenta brancos de que me pesa muito de minha parte. Mais de que me consolo que nenhuma pessoa de Parnahyba estão quá, que todos somos recolhidos. O que me a mim parecia bem era tomarem v. ms. essa tapera de Utupeba para que se ponhão alá com elles e requerer-lhes o que he bem; que elles não quererão de v. ms. cousa nenhua, se não indios, se os poderem tomar a seu salvo. E com istõ se fique v. m. com Deus e os mais senhores a quem o senhor Deus guarde. — Att. de v. m. servidor e amiguo — Xpval denis (sic) ao cappitan francisco benites Deus guarde ett.»

E' summamente curiosa, com effeito, esta missiva, pelas muitas particularidades que nella se lêem. Tem o seu tom de cortezia verdadeiro sabor. Ninguem o esperaria em tal occasião, no recesso das immensas solidões sul-americanas. Desculpa-se o sertanista de faltas que não são suas e sim de outros bandeirantes e allega a sua boa vontade, em relação aos antagonistas, em se manter dentro das normas da boa guerra, da lucta que não excluia o cavalheirismo. Assim não conservava indios que sabia pertencerem a hespanhoes leigos e procurava impedir embates entre os seus patricios e os castelhanos. Aos paulistas declara haver quanto possivel dissuadido da idéa de aggredirem o posto de Pueblo Nuevo, conseguindo apenas, porém, convencer aos de Parnahyba, provavelmente, seus

conterraneos. E as suas ultimas phrases são de quem pretendia harmonizar os belligerantes; não seriam os hespanhoes atacados si deixassem campo livre aos bandeirantes na faina de prearem bugres das reducções.

Foi esta carta imputada ao official castelhano como a prova evidente de sua connivencia com os paulistas e realmente nella muito ha que dê a meditar.

Carga terrivel fez-lhe em seu depoimento o capitão Felippe Romero procurador e lingua geral dos indios de Villa Rica, por nomeação de Cespedes, personagem que os jesuitas reputavam infame pelas suas perversidades com os guaranys e relações de amizade com os de São Paulo.

Vendo o capitão desertar, era natural que os soldados se dispersassem, enunciou Romero. Fôra o que succedera e assim haviam os paulistas sem disparar um só tiro occupado o posto de Ytupé.

A 21 de julho sahira de Villa Rica uma força sob o commando do capitão Lourenço de Villalva, para reconhecer os aproches das posições inimigas, devendo o mestre de campo seguir-lhe immediatamente os passos.

No dia 22, tomou Riquielme de Gusman novos depoimentos contra o seu covarde subordinado. Contou o soldado Jeronymo Martinez que Benitez não levantara fortificação alguma no logar que lhe fôra designado, á fóz do Ytupé; pelo contrario, passara-se para a outra margem do rio, onde havia um caminho frequentado pelos escravistas. Assim vira elle, testemunha, desfilar em frente ao arraial hespanhol grandes chusmas de escravos, comboiados por bandeirantes e no emtanto não se atrevera o commandante a lhes embargar a marcha.

Sabedor de que Benitez se homisiara em sua propriedade do passo de Taquigate, mandou o mestre de campo que o capitão Diego de Vargas o fosse buscar vivo ou morto.

Sahiu o official em diligencia e não pôde prender o criminoso por não ter conseguido atravessar um rio largo. Da margem opposta, junto a uma canôa, estava Benitez, que, ao ouivr a intimação, respondeu insolentemente aos seus intimadores: «que se fuesen y bolviesen que no tenian que hazer».

A 1.º de agosto, comtudo, veiu entregar-se, sendo agrilhoado e recolhido ao carcere. No dia immediato era convidado a fazer declarações sobre as causas do

seu procedimento inqualificavel, como militar e fiel vassallo.

Explicou que, apenas chegado ás reducções de Ytupé fizera que o seu doutrinante, frei Juan Merino, dali sahisse logo, com todos os seus freguezes, em direcção ao acampamento do mestre de campo. Até lhes dera como guarda-costas o alferes Francisco de Villalva e seus soldados. Ao mesmo tempo, mandara que 25 homens percorressem as margens do rio Ypiagui, a recolher os indios dispersos pelo panico, conseguindo reunir uns sessenta bugres, pertencentes a diversos colonos.

Quanto á deliberação de desamparar os commandados e voltar á Villa Rica, excusou-se, dizendo que nada o obrigava a permanecer no posto de Ytupé por não se haver tramado deliberação alguma em conselho, neste sentido, pois se tal se tivesse firmado não desmentiria agora uma vida gasta ao serviço de Deus e d'el-rei, e «defensa desta tierra, patria». Havendo recebido de Christovam Diniz formal aviso de que os paulistas se preparavam para assaltar Pueblo Nuevo, julgara indispensavel avisar o mestre de campo convencido de que a guarnição devia ser collocada, exactamente, no ponto ameaçado.

Faltavam-lhe tambem munições e morrão; quanto a ter deixado passar á vista do seu acampamento bandeirantes conduzindo chusmas de indios hespanhóes aprisionados, tudo isto era absolutamente falso, O unico facto verdadeiro vinha a ser o seguinte: haviam-lhe chegado ao acampamento, certa manhã, dois muchachos, fugindo da fóz do Yniay, a dizer-lhe que em terras de Antonio Guambayú estavam tupys de S. Paulo; no dia immediato, para aquelle ponto mandara seguir o alguazil-mór Manuel de Peralta, com vinte e cinco soldados. Muito lhe custara fazel-os marchar, queriam até sublevar-se, mas, afinal, partiram. Attingida a chacara de Guambayú, alli encontraram uma velha e por ella souberam que os tupys avisados por certo indio do proprio campo hespanhol, se tinham em tempo retirado.

Negou, ainda, que mandasse de Pueblo Nuevo ordem por escripto a seus soldados para que abandonassem o Ytupé. Não ignorava de todo a responsabilidade em que incorrera, segundo os codigos da guerra.

Agira, comtudo, graças a verdadeira inspiração da estrategia.

Quanto á sua cabal defesa, elle em tempo a apresentaria; para ella apenas pedia prazo. Foi este concedido e prorogado até.

Na sua justificação, começou Benitez acoimando as testemunhas contrarias, de inimizade velha e rancorosa. Assim mesmo, apesar de tudo, nada contra elle haviam podido allegar, frioleiras apenas, que não conseguiriam prejudicar um homem com uma fé de officio como a sua.

Um unico depoimento o magoava, o de Jeronymo Martinez, que, atrevida e temerariamente, mentira affirmando a passagem pelo acampamento de bandeirantes e escravos recem-capturados. Este infame calumniador elle o haveria de confundir. Assim, antes de tudo, requeria conselho de investigação especial sobre o caso, em que depuzessem pessoas dignas de credito. Formulou um questionario de seis quesitos, a que responderam o seu logar-tenente Francisco de Villalva, alferes real Juan Alvares Martin, Agustin de Campos, Francisco Garseto e Juan de Aguirre, todos villariquenhos de prol.

Foi o depoimento do alferes real uma ladainha de louvores ao accusado, «vassallo dedicadissimo, estava e estivera sempre prompto para os serviços de sangue, requeridos por sua majestade».

Alcaide ordinario, regedor, alferes real, tenente de governador, justiça-mór, em sua republica servira sempre do modo mais digno de elogios. A tres expedições contra os paulistas acudira, as das provincias de Tepotiata e Tayaoba e agora em Eupabay. «Leal bassallo de su magestad puso servila en grandes peligros y riesgos por ser persona que siempre iba a los dichos viaxes como hombre principal y buenas armas y municiones».

Protegera, no Ytupé, a retirada dos indios da reducção e procurara reunir os que andavam pelas mattas «desparramados». Não fugira dali e sim se retirara deixando o commando ao immediato.

Era com effeito Martinez um bom soldado, mas jámáis vira os paulistas nem os tupys: Emfim, procedera Benitez, sempre, como um chefe valoroso e experimentado.

Ante tão caloroso testemunho, pediu o preso a villa por menagem «por quanto esta villa está en detrimento notable de que los portugueses de las provin-

cias del Brasil, que andan robando los naturales dessas provincias, la rroben y pongan serco».

Era patriotico o motivo e, como apresentasse fiadores idoneos, concedeu-lhe o mestre de campo o favor, tanto mais quanto não podia prescindir dos serviços de um bom soldado como elle.

A 12 de agosto deferia-lhe a petição, dizendo-se «muy ocupado en cosas del servicio de su magestad y buena fortificacion desta villa contra los portugueses de San Pablo que andan por este rrio haciendo daños a los naturales encomendados y llevandoles a fuerça de armas al Brasil causa de que esta villa, sus vezinos y moradores tengan destruydas sus encomiendas y menoscavadas».

Era a situação tão grave que não só se não podia proseguir no andamento do processo, como, para attender ao serviço real, ficava a menagem pedida pelo prisioneiro extendida a todo o districto de Villa Rica!

A 25 de novembro do mesmo anno de 1631. diz uma nota dos autos que o mestre de campo Alonso Riquielme de Gusman acampava perto do Salto das Sete Quedas, onde o notario da Bulla da Santa Cruzada copiou o interrompido processo de Benitez.

Achava-se Villa Rica del Spiritu Santo, no alto Ivahy, na imminencia de ser destruida pelos bandeirantes, a todo o transe empenhados em enxotar os castelhanos além do Rio Paraná.

---

## CAPITULO XXIII

*Decidem-se os jesuitas a deixar o Guayrá com os catechumenos escapos aos paulistas. — Abandono de Loreto e S. Ignacio. — Horrores da retirada. — Temor dos escravistas hespanhoes de Ciudad Real. — A transposição do Salto de Guayrá. — A jornada terrestre. — Chegada de soccorros. — Installação de duas novas reducções com fugitivos do Paranapanema. — Epidemia terrivel dizimadora dos fugitivos. — Resurgimento das reducções. — Colonisação do Rio Grande do Sul.*

Verdadeira impressão de desespero se apossou dos jesuitas quando perceberam a facilidade com que o exercito de S. Paulo destruira quasi todos os seus centros de catechese. E o peor é que viam os proprios hespanhoes, tacitamente pelo menos, apoiar os paulistas! Foi o Padre Dias Tanho á Assumpção pedir a intervenção de Cespedes e este com todo o descaso lhe disse que os jesuitas por cousas pequenas costumavam levantar grande alarido. Voltando á margem esquerda do Paraná resolveu com os seus companheiros evacuar inteiramente o Guayrá, tanto mais quanto descriam totalmente das providencias do Governador Geral do Brasil.

Era um homem de singular energia este Francisco Diaz Tanho a quem Jarque chama «soldado valiente de la Compañia de Jesus».

Nascera em 1593 na ilha de Palma (Canarias) de buena sangre y conocida prosapia». Educado com muito esmero, excellente humanista, consumado «filosofo y methaphysico», professara em Sevilha e passara a Lisboa a Buenos Ayres de Cordova de Tucuman ao Paraguay e dahi afinal ao Guayrá.

Em caminho de Maracajú para o Guayrá, a navegar no rio Paraná, um dia, como estivessem elle e os companheiros varados de fome e na imminencia de perecer, acharam, inesperadamente, quando a canôa abicara a um camalote, um ninho de avestruz com innumeros ovos o que fizera com que os seus indios se puzessem a clamar: milagre! milagre!

Trabalhara em Loreto e S. Ignacio onde fizera prodigios: Montoya o destacara para a conquista do «reino del Caayá», depois em Los Angeles no Tayaoba onde obrara maravilhas. Começara uma nova reducção chamada S. Thomé Apostolo. Nesta occasião os mamelucos destruiram S. Miguel e S. Antonio. Houvera em seguida tremenda peste de bexigas em que o joven missionario prestara os mais assignalados serviços. Mandara o provincial do Paraguay apresentar-se em Chuquisaca pedindo soccorros contra os paulistas. Missionara entre os chiriguanas e fundara Jesus Maria que conseguira salvar dos assaltos dos Caribes.

Na viagem do Guayrá atravessara os hervaes de Maracajú onde vira quanto se maltratavam os pobres indios hervateiros. A este proposito, falando do uso do matte pittorescamente dizia, segundo refere Jarque:

«No ay casas de españoles ni rancho de Indios en que no sea bebido y pan cotidiano: ha cundido tanto el excesso de este asquerosa zumaque que ya llegado á la Costa y a otros muchos lugares de la America y de Europa el uso y abuso de ella, y en mi sentir, por el instrumento de algun hechizero la inventó el Demonio. Hallando-me en casa de Españoles en el Imperial Valle del Potosi no siendo de medico mi profission, escrevi un parecer en que resolvia con razones eficaces que el uso de esta yerva ocasiona los tabardillos y otras fiebres punticulares.»

Instigados por Montoya e Diaz Tanho a quem Simão Mazzeta auxiliava com a maxima energia, resolveram os jesuitas proceder á remoção do que restava dos seus catechumenos para longinquas terras do Sul.

Eram S. Ignacio e Loreto os dous unicos asylos

dos conversos das demais reducções, fugindo ás bandeiras. Receiavam a principio alguns ignacinos que os seus catechumenos, exasperados, se revoltassem dando ouvidos ás vozes antigas de que os padres não eram senão os agentes secretos dos seus escravizadores. Mas tal não se deu. A immensa maioria dos guaranys mostrou absoluta fidelidade aos seus directores. Reuniram-se pois os jesuitas em conselho e unanimemente resolveram fugir do Guayrá para o mais longe possivel, com a gente escapa aos mamalucos, mais de doze mil pessoas reunidas então á margem do Paranápanema. Era, aliás, o que ordenava o provincial Padre Francisco Vasquez Trujillo. Com verdadeira evocatividade relata Montoya na *Conquista Espiritual*, o que foi o terrivel exodo a que acompanhou (cf. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, t. VI, pag. 232, traducção de Baptista Caetano).

«Segundo o que foi dicto, nós nos preparamos para fazer mudarem-se os nossos filhos, moradores em S. Ignacio e Loreto. Mandamos fazer para isso jangadas e canôas para descermos pelo Paraná, rio abaixo. Vedetas tambem puzemos para as bandas donde podiam vir os portuguezes, dizendo: para que não nos apanhem mais. Os christãos oriundos de Hespanha e moradores na aldéa chamada Guairá mandaram avisar-nos: fazei com que mudem de terra os nossos filhos, para outra terra os conduzindo tambem. Por conseguinte, conforme as noticias que deram as nossas vedetas, que os portuguezes estavam de volta outra vez, tirámos os santos paramentos do altar, acabamos o Santissimo Sacramento, e tambem os santos oleos e os nossos pobres teres fizemolos conduzir para a beira do rio para os embarcarmos nas jangadas. Pela mesma maneira as gentes tambem metteram dentro das jangadas, ou das canôas, as suas pobres cousas, conforme já se tinha preparado antes. Os homens que se tinham preparado, os moços, os rapazes e as mulheres, as velhas, as moças. as meninas, todos juntos, com as crianças, encaminharam-se para o rio. A aldêa inteira levantou sem ficar uma só pessoa. Mandamos tirar da sepultura os corpos de trez padres, nossos companheiros, para os levarmos; trancámos bem a porta da santa Egreja para livrar de que nella entrassem animaes. Parecia um dia de juizo aquelle em que fizemos a mudança.»

A' partida occorreram factos sobrenaturaes, relata o illustre missionario.

«Quando já assim estavamos preparados, chegou-nos a noticia de que uma imagem de Nossa Senhora, que possuiam os moradores do Paraná, tinha suado muito, e que dous padres dalli lhe tinham enxugado o suor com algodão. Os dous padres ficaram com muito receio; não comprehendendo o que era aquillo, diziam. Triste sorte dos nossos irmãos mais velhos. Eu, porém, deveras, me consolei bastante, ouvindo contar aquelle successo, e ainda mais me esforcei por levar as cousas com muita paciencia, comigo mesmo dizendo: até a propria Mãe de Deus se compadece de nós e por nós a sua santa imagem se molha de suor.

De duas imagens de anjos tambem se veio a saber que tinham tido compaixão de nós; de ambos os seus olhos realmente correram lagrimas á vista de todo o mundo.»

Começou a enorme viagem, Paranapanema e Paraná abaixo, para as terras da Mesopotamia parano-uruguaya.

«Em 700 jangadas e em muitas canôas entraram os nossos filhos e as nossas filhas em numero de para cima de 12.000. Dous dias depois de termos partido rio abaixo, alcançaram-nos muitos homens que se tinham demorado nas vizinhanças da povoação. Esses taes nos contaram que os portuguezes tinham chegado, e que se tinham zangado por encontrarem a povoação sem ninguem, abandonada. Ficaram enfurecidos os assaltantes vendo a presa lhes escapar e praticaram sacrilegios. «Investiram, disseram-nos, contra a porta da Egreja e como ella estava trancada a arrombaram derrubando-a por terra, entraram em tropel, destroçaram todas as cousas que estavam dentro, deitaram por terra as columnas do retabulo, levando-as para queimar ao seu fogo. Na egreja e nos nossos aposentos, que foram pousada de vida sancta, estabeleceram-se manchando-os com muitas mulheres que tinham apanhado, fazendo ver afinal a essas paredes entre as quaes se passavam vidas sem macula, procedimentos immundos e hediondos. Nem se póde dizer o que seja a vida delles, incomparavelmente desregrada. O seguinte só quero contar em breves palavras. Nos escriptos aonde estavam as listas dos que tinhamos baptisado, e que tinhamos salvado do fogo (os outros em verdade queimaram aquelles christãos de burla) achavamse para cima de 22.000 pessoas por nós baptisadas; (muito mais ainda si ajunctassemos aquelles que estavam nas listas que foram quei-

madas, muito mais gente se acharia da que se tinha rendido a Deus). E realmente muitos morreram bem aventuradamente nas suas aldeas, á nossa vista, mas não obstante isso, mais numerosos foram os que aquelles christãos malvados, christãos na apparencia, mas realmente prepostos do diabo mesmo, mataram e levaram comsigo». Avaliando o numero dos destroçados do Guayrá affirma Montoya:

«Os moradores das 11 aldeas que elles destroçaram tendo cada uma tres mil (pessoas) e algumas até 5.000; orçando-se-as por alto achar-se-ia que eram para cima de 33.000. Foram todos destroçados. Depois de levarem a gente para a sua terra comtudo tractavam-na unicamente como se fossem animaes; negociavam com ella, sem se importarem si era ou não casada. Ao marido comprava um senhor, á sua mulher outro senhor, e da mesma maneira os filhos e as filhas: Não paravam nem deante da mãe, nem deante do pae; o senhor estava sempre a comprar uns e outros seguidamente, O serviço em que empregavam os indios era como si estes fossem burros. Sobre os hombros punham-lhes cargas enormes, continuadamente fazendo-os levar a outras povoações as cousas em que negociavam, cançando-os com o carregamento de suas cousas e fazendas».

Grande receio preoccupava os padres o encontro com os hespanhoes de Ciudad Real que muito possivelmente poderiam aproveitar-se da circumstancia para tambem se abastecerem de escravos. Continúa Montoya depois de tão rude objurgatoria contra os paulistas a referir que nas vizinhanças do Salto das Sete Quedas constara haver hespanhóes entrincheirados á espera dos catechumenos retirantes.

«Não tracto mais do mau procedimento desta gente malvada e endemoninhada passando a cuidar do facto de se terem safado os meus filhos por agua. Julgavamos que não havia mais de que termos medo dos nossos inimigos, mas entretanto ouvimos diser de repente que pelas alturas da cachoeira do Paraná para onde tinhamos de ir, achavam-se uns christãos, moradores de Guairá, e que alli se tinham entrincheirado com alta estacada para nos esperarem e cairem sobre nossos filhos. Nós os sete padres nos reunimos e conversamos a respeito . A' nossa retaguarda deixámos os de S. Paulo, inimigos dos nossos filhos; á nossa frente, do lado para onde havemos de ir, temos os de Guairá,

outros inimigos. De que maneira portanto nos aviremos? Si nos demorarmos muito talvez nos alcancem os portuguezes que vem ao nosso encalço, si formos para deante estaremos ás mãos dos brancos que nos esperam. Certamente si aqui ficarmos em todo o caso, as jangadas se avariarão e não será mais possivel irmos por agua e passarmos aquella cachoeira terrivel. Diziamos assim, conversando entre nôs. Depois disso fui adeante em canôa e procurei os brancos onde se achavam; entrei no seu arraial, declarei-lhes a condição pacifica de nossa gente e mostrei-lhes tambem que elles éram maus. Não quizeram ouvir-me em verdade, sacaram cinco espadas e dirigiram-nas para meu peito, querendo agarrar-me, debalde porém, não me deixei vencer por elles, safei-mé sómente por entre meio de duas espadas, para juncto dos meus companheiros voltando então.

Contei-lhes onde estavam os brancos, onde queriam cahir sobre os nossos filhos. Mandamos outra vez dous outros padres para pedirem que nos dessem caminho, porém os taes, do mesmo modo, nem um pouco quizeram ouvir as nossas fallas. Fomos conversar com elles ainda mais vezes, repetindo os nossos pedidos para que nos dessem caminho, como porém de nada dessem fé, então me abalancei a fallar-lhes forte, dizendo-lhes: Já por tres vezes nós nos humilhamos bastante para vos pedir que nos desseis caminho, debalde, não quizestes ouvir-nos de todo, por este caminho que aqui está comtudo havemos de passar, acautelai-vos pois. Si fizerdes mal aos nossos filhos, si vos os assoberbardes, e os matardes, sereis maldictos; já declaramos bastante; e vendo eu uma mulher no meio delles, «arredai esta mulher para que se não ache neste dia um cadaver de mulher no meio de cadaveres de homens», disse eu. Depois de dizer-lhes isto retirei-me simplesmente, voltando para o lado dos meus companheiros. Os christãos ouvindo como eu lhes tinha fallado com força, consideraram afinal que os nossos filhos formavam grande multidão, e elles não eram muitos. «A gente que veio juncta com os padres é muitissima deveras, e nós aqui somos apenas alguns, disseram comsigo ficando com os corações murchos. Mandaram promptamente noticias atraz de nós, nós lhes respondemos, e depois que se foram descemos ao logar em que haviam estado. Alli pousou a gente toda que saiu das jangadas e das canôas».

Os hespanhóes de Ciudad Real só desistiram dos

maus intentos quando receiaram o conflicto armado com que o missionario lhes acenou.

Terriveis calamidades trouxe aos retirantes a transposição do Salto de Guayrá em que o immenso Paraná reduz a sua largura de quasi uma legua a poucas dezenas de metros e attinge uma profundidade immensa nos sete saltos da formidavel catadupa.

«Por causa da grande altura donde a agua se precipitava não se quisera que por alli passasse canôa alguma. Não obstante porém por experiencia atirámos 300 canôas que estavam vazias, dizendo comnosco: ao menos uma veremos sair salva, pois em verdade depois de vencermos 25 leguas por terra, precisaremos embarcar outra vez nas canôas. As 300 canôas cairam da cachoeira, e por se terem precipitado com muita força pelas pedras por fim de contas se espatifaram ficando reduzidas unicamente a pedaços de pau, que iam rolando».

Assim decidiram os padres que o resto da retirada se fizesse a pé. Eram trinta leguas ainda a percorrer por caminhos asperrimos. Por elles se metteu aquella multidão de homens e mulheres, creanças, enfermos e velhos. E era preciso andar depressa que, segundo se sabia, vinham os paulistas rapidamente á retaguarda. Mulheres e raparigas, homens e rapazes levavam as suas cargas, as suas cousas miudas, cada um segundo as suas forças. Cousas destinadas á adoração de Deus, as violas, rebecas, flautas, trombetas e outras cousas pertencentes á musica deixaram átóa, pois era muito difficil que se as levasse por não haver burros, cavallos ou bois para nos ajudarem».

Esperaram os jesuitas que os seus confrades do baixo Paraná viessem rapidamente em seu soccorro com recursos abundantes. Mas as distancias eram immensas e nem sequer estavam os padres de posse dos avisos, conta Montoya.

«Dentro de oito dias chegámos ao rio no logar donde cuidavamos que embarcariamos de novo suppondo que os padres residentes para baixo do Paraná, tivessem para alli mandado canôas para serventia dos nossos filhos, e tambem mantimento. Alli porém não encontramos cousa alguma, os padres estavam muito mais longe, e as noticias que nós lhes tinhamos mandado, depois de muita demora somente chegaram até elles; somente por causa disto não encontramos aquelles

que tinhamos esperado debalde que nos viessem ajudar».

Ahi descançaram os retirantes uns dias; organisaram os Padres quatro columnas, tres de pessoas mais fortes deviam continuar o caminho terrestre pela margem do Paraná, a outra dos doentes, velhos e estropeados seguiria embarcada em canôas feitas ás pressas e balsas de taquarussú. Todas estas embarcações tinham, aliás, pessimas condições de navegabilidade e muitas sossobraram. Muita gente tambem pereceu por se extraviar na floresta á cata de fructos sylvestres. Centenas de indios morreram assim. Num momento de desalento bradava Montoya, com a maior fé em Deus voltando-lhe o coração assim fallei rogando-lhe de todo o meu coração: Pois seria sómente para isto que tiraste esta gente daquella terra, para em caminho vir depois perdel-a, ó meu Senhor? Em verdade então puzeste-me á frente desta gente para, depois de me entristecer com a sua miseria, vel-a morrer assim por fim de contas? Quem sabe se não fôra preferivel a esta gente, em vez de vir ser aqui cousa para encher a barriga dos peixes, o ter-se-lhe deixado ficar lá nas mãos do inimigo, pois ás mãos delles podia ainda viver, aqui porém perece tornando-se pasto dos peixes!»

Nesta terrivel emergencia, extraordinarios foram os serviços de Simão Mazzeta, relata Jarque.

Afinal chegou o soccorro dos jesuitas do baixo Paraná.

«Os padres tambem, logo que souberam das nossas apuradas circumstancias, mandaram-nos trazer muitas canôas vazias, e por essa maneira mais que depressa a gente que tinhamos trazido chegou aonde devia descançar, onde emfim devia ter nova povoação».

Localisaram-se os catechumenos ás margens do Yabebiri, pequeno affluente do Paraná e tiveram os auxilios de duas aldeias vizinhas. Quem muito auxiliou aos retirantes foi o Mestre de Campo Manuel Cabral residente em Corrientes que lhes mandou muito gado. Mas apezar de tudo eram muitos milhares de pessoas a sustentar e dahi veio grande fome a que se seguiu tremenda peste de camaras de sangue.

«Nada chegava bastante. Por esse motivo couro de vacca já secco e até cobras, sapos e mais quanta cousa se via, agarravam para comer. Em consequencia disso grave enfermidade pegou outra vez á gente. Nós não esmorecemos, entretanto, de tratar dos corpos e ainda

mais das almas. Dous mil morreram depois de terem tomado o Sacramento. Lembravam-se das muitas cousas que tinham tido na sua patria e comparando-as com a miseria que agora padeciam, mais comprehendiam quanta era essa miseria, mas embora fosse tudo assim, consolavam-se bem dizendo: Em verdade, de miseria aqui morremos, comtudo é mais conveniente aqui morrermos conservando-nos as cousas que são de Deus até expirarmos, do que vivermos no meio daquelles increus de Deus, prejudicando á nossa alma.

A's crianças, só nós davamos de comer; pois realmente muitos eram orphãos, e embora alguns tivessem paes, estes não cuidavam delles porque não tinham cousa alguma para lhes dar a comer; mandavamos cozer-lhes a comida e em prato a repartiamos por cada um.»

Desordens fortissimas occorriam ao se distribuirem os viveres entre os esfaimados.

«Em consequencia disto ficou um padre encarregado de lhes dar de comer, só á vista do padre se lhes dando a comida. Todos juntos alli comiam á vista delle. Assim pois não houve mais mal, todos acharam o seu quinhão para comer e apaziguar a fome, emfim para tudo se aquietar.

Tinhamos debalde tratado de mandar fazer roças, e debalde repartido sementes pela gente; devorados péla fome terrivel ou simplesmente comiam as sementes que deviam plantar, ou depois de as terem plantado, as tiravam outra vez da terra para as comer. Reputamos isto como cousa muito mais damnosa e peor do que a doença cruel, e por isso, áquelles que assim procediam mandamos mettel-os na cadeia, só soltando-os depois que as plantações tinham brotado bem; si assim não fizessemos a fome não se acabaria, e aquella gente toda teria perecido.

Aos judeus deu antigamente Deus o maná, no deserto; como este maná que comer encontraram tambem os nossos filhos. Nasceram por si nos ribeiros que ha por aquellas vizinhanças uns aipos (ou salsas) que são bons, crescem até ao tamanho de meia vara, e têm um gosto parecido com sal; por tal (herva) aforçurava-se a gente para cozel-a com carne; cada dia a arrancavam, e Deus Nosso Senhor a fazia brotar outra vez para ter o povo o que comer, e assim apresentou-se á gente um outro estado de aldea. Sarou promptamente, as ca-

maras de sangue que tinham desgraçado a povoação cessaram, e começou a haver saude. Treze mil vaccas se arranjaram para dar de comer á gente, e para vestil-a nos arranjamos o que vale 2.000 pesos de prata conforme o nosso dizer. O Padre provincial Diogo de Boroa tambem trouxe muitas cousas para os nossos filhos e deu-lhes as suas esmolas, repartindo-as por elles com as proprias mãos.

Chegou outra vez a estação das plantações. Tendo cessado completamente as enfermidades, a gente toda empenhou-se em fazer roças, derrubar matta, abrir regos na terra, plantar feijão, milho, mandioca, batata, e todas estas cousas nasceram bellamente. Depois disto a gente se achou farta das cousas. Porcos, patos, gallinhas e pombos que se apegam á casa, mandamos tambem trazel-os das povoações dos brancos, repartimol-os pela gente, e tudo tambem se multiplicou bastante.

O algodão deu um pouco, porém o frio matou algum, e por isso compramos 1800 ovelhas, para se lhe misturar a lã com o algodão.

Estavamos muito contentes ao vermos o estado saudavel dos nossos filhos, a quem não faltava cousa alguma para se exquecerem das miserias que tinham passado. Acima porém deste estado saudavel achava-se um estado ainda mais saudavel, o qual vinha a ser o de ouvir missa todos os dias. A santa Egreja que se tinha levantado, como não fosse sufficiente de todo, uma Egreja muito maior, mais bonita trataram de fazer com toda a sua arte empregando madeiras muito convenientes, e tornaram tambem a fabricar todas as cousas que pertenciam á musica. O bemdicto corpo de nosso Senhor Jesus Christo nós O collcoamos na Egreja nova (para ficar alli si Deus o permittir, até o fim do mundo perpetuamente e sem cessar fazendo com que os netos desta gente o adorem e venerem)».

Num capitulo subsequente, depois de relatar, como vimos, com tanta singeleza e tanto carinho de veracidade, os horrores do exodo, narra Montoya que, apezar de taes soffrimentos e privações, não se affrouxou o zelo christão de seus catechumenos e assim expõe a «virtude que se desenvolveu no meio daquelles que residiam em S. Ignacio e Loreto».

Commentando estes successos expende Southey com a sua bella imparcialidade e habitual rectidão.

«Tantas calamidades teriam desanimado homens estimulados por motivos mais baixos que o zelo religioso. Continuaram os jesuitas os seus esforços com o mesmo ardor».

«Redobravam de esforços, nota Teschauer, para reconquistar no Rio Grande do Sul o que haviam perdido no Guayrá.

---

## CAPITULO XXIV

*O bispo do Paraguay transporta-se ao Guayrá ameaçado pelos paulistas. — Soccorro vindo do Paraguay a Villa Rica cercada. — Attitude heroica do bispo. — Inutilidade da defesa. — Retiram-se os hespanhoes e seus indios para o Paraguay.*

As más noticias da destruição de reducções e dispersão de indios pelas bandeiras de S. Paulo levaram o bispo do Paraguay, dom frei Christovam de Aresti a vêr de perto o que se passava no territorio talado pelos temidos «portugueses de S. Pablo».

Assim, transportou-se pelos rios Paraguay, Tebicuary, Paraná e Iguassú, correndo graves riscos em toda esta grande jornada, até attingir terras hoje do nosso Estado do Paraná. «Por tierra por ser de muchos pantanos, viboras y tigres, y los Rios de grandisimas corrientes y remolinos, saltos y arrecifes», declara um attestado passado a S. Illma. por Juan Baptista de Yrraraçaval, «notario del juzgado eclesiastico» da cidade de Assumpção. Percorreu cento e setenta e oito leguas pelos rios e «algunas leguas dellas por tierra».

Por toda a perte cruzou o sertão bruto, padecendo o maior desconforto e provações verdadeiras. Afinal, attingido o nucleo jesuitico da Natividade do Acarahy,

visitou detidamente cinco reducções em que administrou o chrisma a 7.112 pessoas, sendo acolhido com a maior alegria por esta pobre gente, que jámais vira nenhuma autoridade secular ou ecclesiastica. Ali se achava em 17 de outubro de 1631, estando os indios tranquillos e como ausentes aos perigos de alguma aggressão por parte dos bandeirantes.

Vimos que os hespanhóes de Ciudad Real e Villa Rica haviam querido aproveitar-se do exodo geral dos reduzidos de S. Ignacio e Loreto afim de prear entre as columnas de fugitivos captivos para as suas encomiendas. Pouco tempo lhes duraria a illusão em que se achavam de que os paulistas só guerreavam os jesuitas e os deixariam pacificamente donos do territorio guayrenho, senhores absolutos dos selvicolas como antes do apparecimento das missões da Companhia.

Em fins de 1632 forçaria a pressão paulistas aos castelhanos do Guayrá á evacuação do já antigo territorio castelhano, conquistado por Melgarejo na éra quinhentista.

Conhecem-se as linhas geraes deste episodio notavel da historia do bandeirismo e assim mesmo de modo bem imperfeito. Narrando a destruição das reducções, diz Basilio de Magalhães, na sua monumental *Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII:* «os filhos de Loyola, reunindo em S. Ignacio e Loreto os indios escapos dessa tremenda razzia, resolveram abandonar a provincia do Guayrá, para se irem estabelecer entre o Paraná e o Uruguay, onde possuiam outras aldeias missionarias.

Mal se retiraram os padres com os restos de seu rebanho, os bandeirantes, em 1631, apoderaram-se dos burgos de Villa Rica e Ciudad Real, destruindo-os completamente, mas permittindo, pela interferencia do bispo de Assuncion, então de visita pastoral em Villa Rica, que os habitantes desta sahissem incolumes e fossem fundar uma povoação com egual nome, ás margens do Jejuy no Paraguay.»

Nesta affirmação do eminente autor ha um engano chronologico. Foi em 1632 e não em 1631 que se deu a destruição de Villa Rica. Documentos que temos á mão autorisam-nos este reparo, Infelizmente, são omissos quanto a muitos pormenores da maior relevancia. Assim, por exemplo, nada adeantam sobre os nomes dos chefes bandeirantes que ultimaram a conquista do Guayrá,

continuando desconhecidos os autores desta façanha que deu ao Brasil meridional enorme extensão de terras. Tambem não se passaram os factos exactamente como sobre elles escreveu o nosso erudito patricio.

Não sabemos se em 1630 houve bandeiras paulistas no Guayrá. Em 1631 reappareceram ameaçadoras e perigosas. A 22 de fevereiro deste anno destruiam a reducção de S. Francisco Xavier. Nessa entrada figurava Paulo do Amaral, com quem se encontrara o padre Mansilla, como se lê no seu depoimento do processo de residencia de Cespedes. (Cf. Arch. Gen. de Ind. 74-3-31).

O que agora descobrimos é que já em meados de 1631 devia ser muito critica a situação das povoações hespanholas sitas no actual Estado do Paraná. A 20 de outubro de 1631 fazia-se, em Assuncion uma sessão extraordinaria do cabildo, para se enviar um soccorro a Villa Rica. «No cessen los apercivimientos de la soldadesca que a de ir al soccorro de la Villa Rica y se apercivan los soldados alistados para que salgan desta ciudad al dicho soccorro.»

Para commandal-o foi nomeado o mestre de campo general Francisco Spinola. Fora Cespedes deposto do governo paraguayo e já lhe haviam começado o processo de residencia.

O bispo do Paraguay, d. Fray Cristobal de Aresti, pelo menos este acudiu ás suas ovelhas ameaçadas pelo avanço paulista.

Dirigia a resitencia hespanhola o mestre de campo Francisco Benitez, logar tenente do governador e justiça maior de Villa Rica, o mestre de campo Ruy Ortiz Melgarejo, capitães Estevam Martin, Diego de Vargas, alcaides ordinarios, Lourenço del Villar, alferes real, o capitão de guerra Francisco Fernandes, o sargento mór, Agostinho Sanchez e alguns moradores de maior importancia como Lucas de Villalva, João Alvares Martinez, Francisco Vasques e Gonçalo Portillo y Frias, membros do cabildo villa riquenho.

A 26 de agosto de 1632 appareceu o diocesano em Villa Rica depois de viagem penosissima. «Muchos y ynnumerables travaxos y necesidades», viajando dia e noite, na ancia de chegar e arriscando perder a vida pelo naufragio nos rios e as insidias do sertão cruzado, attestou o cabildo.

Encontrou a gente de Villa Rica em pessimas con-

dições. «La dicha villa muy apretada y atrincheirada por tener la sercada los portuguezes de San Pablo de los estados del Brasil». Quando começára este cerco é que o documento não conta, assim como nada diz sobre o chefe paulista que o dirigia, e provavelmente seria Antonio Raposo Tavares.

Havia-se com toda a insistencia pedido soccorro a Assumpção, Ciudad Real, e Maracajú. Com isto mais se apressara o bispo «posponiendo dificultades y peligros con animo yntensible y fervorosos deseos del servicio de dios y de su magestad y salvacion de las almas y de redemir a sus obexas (ovelhas), y a la dicha villa de la opresion serco y apretura tan grande en que la tenian padesendo muchas miserias y necesidades».

Grande alento trouxera a sua vinda aos já desanimadissimos hespanhóes, Havia fome em Villa Rica, pois os paulistas occupavam as «chacras y bastimentos» dos moradores. Os indios alliados, estes estavam a pico de se entregarem ao inimigo, «forçados e constrangidos pelos trabalhos, fome e necessidades passadas durante o cerco. «Aos caciques e indios principaes afervorava a presença do bispo. Por duas vezes pareceu que os paulistas queriam precipitar os acontecimentos, terminando o bloqueio por um assalto.

Viu-se então o prelado apresentar-se nas primeiras filas dos combatentes empunhando um crucifixo «acaudillando a toda la gente y animando la, com que tomaran vela y esfuerso los españoles como los yndios». Ao seu lado formaram o seu secretario, armado de escopeta, e quatro sacerdotes «con sus alfanjes».

Havia em Villa Rica bloqueadas 4.500 pessoas, entre brancos e indios, o que faz suppôr que os paulistas seriam tambem alguns milhares de homens occupados no cerco.

Verificou o bispo a inutilidade da resistencia. Não tinha a villa «forças sufficientes para se defender»; e assim usando de uma permissão real decidiu o cabildo a um exodo geral para além Paraná. Nesta retirada portou-se o prelado heroicamente.

«Redimiu mais de 4.500 almas chefiando-as e ajudando-as como bom prelado e pastor para que não cahissem em mão daquelles perfidos salteadores e deshumanos que andavam á cata de almas para vendel-as e escravizal-as como já haviam feito a mais de cem mil subditos da corôa de Castella, profanando templos, des-

truindo «pueblos por cuya causa se an consumido, muerto y acavado todos o lo mas delles».

A 20 de outubro estavam os retirantes já do outro lado do rio Paraná, em Tapuytá, provincia de Maracajú, diz a carta, que o cabildo villariquense, em exodo, dalli escrevera ao rei, dando-lhe conta dos tão graves successos occorridos.

A 12 de dezembro achava-se o bispo na reducção de São Boaventura del Yguaron. Dali testemunhava ao rei, João Baptista de Yrarássaval, notario da cidade de Assumpção, que, ainda em dias de cerco de Villa Rica escrevera o bispo ás autoridades de Assumpção para que enviassem soccorros á columna retirante que commandava e, entre outras providencias, fornecessem mil rezes. Assim se salvaram os sobreviventes da retirada, da fome e necessidades, pois muita gente morrera, o que era de esperar, nesta misera columna tocada pelo deserto afóra pelo temor dos terriveis «portugueses de San Pablo».

A 4 de dezembro de 1632 estava o bispo em Assumpção e escrevia ao rei, a quem enviava o certificado passado pelo cabildo de Villa Rica, em testemunho de seus serviços. Affirmava só pensar em servir a Nosso Senhor e a sua majestade catholica.

A ausencia absoluta, até hoje, de documentos portuguezes referentes a tão importante acontecimento, como esse do cerco de Villa Rica pelos paulistas, não nos permitte sinão conjecturas sobre os chefes bandeirantes que levaram a cabo as operações de guerra, graças ás quaes foram os hespanhóes enxotados além Paraná, incorporando-se ao Brasil esta larga zona do sul, que legitimamente, á fé dos tratados, devia ser castelhana.

Seria Antonio Raposo Tavares o promotor desta pressão continua exercida sobre os hespanhoes? Provavelmente. Na decada de 1628 a 1638, caber-lhe-ia tomar a chefia dos grandes movimentos bandeirantes de S. Paulo e á sua acção decisiva se deveram certamente nos abalançamos a dizel-o, as operações que motivaram a expulsão dos castelhanos da zona do Guayrá.

Sabedores dos desastres de Villa Rica e antes que soffressem o assalto paulista deram-se pressa os hatitantes de Ciudad Real em abandonar a sua povoação «aldehuela indigna por certo de aquel especioso nombre». como diz Lozano, Dentro em pouco não haveria um

unico branco mais naquella enorme area limitada pelo Tibagy, Paranapanema, Paraná e Iguassú, e esta ausencia de civilisados occorreria até os dias de hoje em que apenas começa o «farwest» paranaense a ser colonisado.

Tal o despovoamento alli que, exterminados os fugitivos, os guaranys guayrenhos outróra tão numerosos, este desapparecimento permittiu que tribus gês de além Paraná com os Kaingangs viessem estabelecer-se naquelle solo guaranitico.

A 12 de março de 1771, quasi seculo e meio mais tarde descobria o Capitão Francisco Lopes da Silva, que explorava os sertões de Curityba, por ordem do Capitão-General de S. Paulo, Dom Luis Antonio de Souza, as ruinas de Villa Rica perfeitamente reconheciveis pelos vestigios de casas, templos, olarias, ferraria, moinhos, o arruamento das ruas, praças, a existencia de numerosas arvores fructiferas européas muitos obejctos e utensilios da vida civilisada espalhados pelo sólo, etc. Pareceu ao official que Villa Rica devia ter sido maior que Paranaguá o era naquella data.

Nem todos os hespanhoes guayrenhos se retiraram além Paraná; vieram diversos estabelecer-se entre os paulistas, como o vigario de Villa Rica, Juan d'Ocampo y Medina que pouco tempo depois vemos em Parnahyba. Assim se deu com outros tambem de quem nos fala Pedro Taques e a quem mais de espaço nos referiremos.

Havia aliás entre os paulistas tal affusão de sangue castelhano que certamente estes hespanhóes recém emigrados não se sentiriam deslocados entre elles.

# SEGUNDA PARTE

## (1632-1638)

## INVASÃO DO ITATIM E DO TAPE

---

*O processo de Cespedes. — Providencias e acção das autoridades hespanholas contra os paulistas. — Acontecimentos anti-jesuiticos em S. Paulo. — Campanha do Itatim. — Queda de Santiago de Xerez. — Invasão do Tape pelas bandeiras. — Campanha de Antonio Raposo Tavares no Tape. — Outras bandeiras no Rio Grande do Sul.*

## CAPITULO I

*Ataque dos historiadores jesuitas a Cespedes. — Denuncia dos jesuitas. — O processo movido a Cespedes. — Sua destituição do governo de Paraguay. — Depoimento dos missionarios Padres Benavides, Mazzeta e Ernot.*

A' porfia sustentam os historiadores jesuiticos do Paraguay, que a destruição das reducções dentre Ivahy-Paranapanema, ao Sul de Matto Grosso e no Rio Grande do Sul, a quéda dos estabelecimentos do Guayrá, dos Itatins e do Tape, como no seculo XVII se dizia, se deveu, sobretudo, á acção açuladora de d. Luiz de Cespedes.

Entretanto já vimos, porém, citando depoimentos jesuiticos quanto varios eminentes ignacinos julgavam questão de mais annos menos annos o assalto paulista ás suas reducções, muito antes de apparecer o accusado Capitão General na America do Sul.

A perda do Guayrá causou em toda a America hespanhola tal celeuma porém que ainda em 1631 foi Cespedes processado, suspenso das funcções como já o deixamos dito, Vejamos agora alguns pormenores acerca deste processo importante que motivou a divulgação de muitos informes nossos sobre a acção das bandeiras no Guayrá, segundo os documentos ineditos do Archivo General de Indias que passamos a analysar detidamente.

Assim, Charlevoix rijamente ataca ao fidalgo castelhano (L. VII, p. 264). Conta como, apesar da expressa prohibição da corôa, passou por S. Paulo, de caminho para o Paraguay, soube dos preparativos da bandeira de Antonio Raposo Tavares e agiu deslealmente em relação aos padres seus compatriotas, a ponto de recusar, duramente, o soccorro implorado pelo padre Montoya, para os seus catechumenos. Verbera-lhe a indifferença ante a catastrophe da invasão paulista e a conducta inqualificavel, resistindo á transmigração dos neophytos fugitivos dos bandeirantes, além Paraná.

Depois de formidavel diatribe contra os paulistas refere o padre Techo, ácerca de d. Luis de Cespedes, mais ou menos o que o seu confrade avança, accrescentando que, devido á sua attitude, castigou-o a côrte de Hespanha. E o illustre Antonio Roiz de Montoya, categorico, declara: «Si o governador não lhes (aos mamelucos) tivesse dado a mão, conluiando-se com elles, não se teriam atrevido a fazer o que fizeram, porque fez entrada com elles em muitas jornadas».

A 12 de julho de 1631 estava Cespedes de viagem marcada para se apresentar ante a Audiencia de la Plata, obedecendo, aliás, a uma intimação desta e para defender-se «de sus causas y capitulos que le an imputado».

Pedia-lhe naquella data o Cabildo Justicia y Regimento de Assuncion que em sua ausencia tomasse don Francisco de Avalos as redeas do governo. Identica petição lhe endereçavam os militares, com o mestre de campo general don Francisco de Espindola, á testa em longa lista de signatarios e conceitos altisonantes. Accedendo aos dois requerimentos nomeava Cespedes ao prestigioso don Francisco nesse mesmo dia.

Arrependeu-se porém e revogou o acto designando para governador subsituto o Cabildo da capital paraguaya. Tal o clamor publico, porém, que a 18 de julho soffria a humilhação de ter de reconsiderar o que fizera, a Avalos marcando o prazo de cinco mezes para o exercicio das funcções.

Como consequencia do processo movido pelas denuncias dos jesuitas, viu-se d. Luiz de Cespedes, deposto, preso, condemnado a quatro mil pesos de multa e ás custas, inhabilitado para qualquer cargo, por seis annos, pela Real Audiencia de Charcas. «Castigo digno, commenta o padre Lozano, na sua «Historia de la Con-

quista», porém menor que suas atrozes maldades, perpetradas em prejuizo de innumeras almas».

Neste processo, as mais graves increpações se fizeram ao ex-governador.

E' no «Testimonio de una informacion hecha por el Provincial de la Compañia de Jesus en el Paraguay, Francisco Vasquez Trujillo, sobre los excesos cometidos por los portugueses de San Pablo del Brasil en las reducciones de indios y pueblos de aquella provincia»; é neste documento que sete jesuitas, alguns dos quaes celebres, á porfia assacam a dom Luiz de Cespedes as mais violentas accusações, tanto mais sérias quanto constantemente frisam o capitulo da traição ao rei, á patria hespanhola.

Aberto o inquerito a 25 de fevereiro de 1631, em Villa Rica del Spiritu Santo, na provincia do Guayrá depoz em primeiro logar o padre Pablo de Benavides. (Archivo General de Indias, 74-3-31).

A Cespedes accusa de se fazer acompanhado, desde o Brasil, de paulistas; entre elles, certo ecclesiastico, pretenso capellão, cujo irmão era «el maior cosario y mas cruel y desalmado que nunca a entrado al serton». Durante os assaltos dos bandeirantes, fôra-lhe a attitude das mais extranhas. Ao padre provincial, que lhe pedira soccorro, varias vezes, berrara «con indicible colera y griteria, que se retirasen los padres y que dejasen con los diablos llevar a los indios». Pouco faltara espancal-o, clamando que trazia ordens reaes para a expulsão da Companhia de terras paraguayas.

E qual a origem de todo este furor? A exprobração que lhe faziam os jesuitas de explorar indios nos hervaes de Maracajú. Tal o odio que aos ignacinos cobrara, que numa procissão de Corpus, em Assumpção, prohibira a visita do pallio do Santissimo Sacramento á egreja do Collegio.

Perverso e larapio, escravizára mais de sessenta indios livres do Paraguay e os despachára ao Brasil havendo muitos delles morrido pela viagem.

Não cessavam as mostras mais evidentes de sua cumplicidade. A sua mulher, d. Victoria de Sá, trouxera, Tietê e Paraná abaixo, André Fernandes, numa monção tripulada por indios arrebatados do Guayrá. E, ao voltar, «el famoso corsario» ainda lhe déra muito gado e cavallos.

Ao padre Benavides, seguiu-se o illustre missionario

napolitano padre Simão Mazzeta ou Maceta, como lhe chamavam.

Havia vinte e um annos trabalhava elle no Guayrá desde 1610. Até 1628 soubera de numerosas expedições paulistas para a captura de escravos.

Não atacavam sinão a indios selvagens, porém, e jámais as reducções, embora por vezes as ameaçassem.

E a relatar as crueldades dos sertanistas ao assaltarem as aldeias, affirma que, dentre os mais ferozes, se contavam Frederico de Mello, Antonio Raposo, o sogro deste, Manuel Pires, e o fluminense Francisco Picoso (sic). Era sabido que d. Luiz de Cespedes se encontrára secretamente com os chefes da bandeira, isto depois das suas terriveis façanhas.

Gabava-se o governador de que para o seu engenho no Rio de Janeiro enviaria dois mil indios paraguayos.

E, com effeito, elle, padre Mazzeta, ali encontrára dezoito guaranys de Villa Rica, dizendo d. Victoria que nunca os deixaria voltar, porque eram escravos do marido.

No ataque de S. Francisco Xavier, a 22 de fevereiro de 1631, haviam os paulistas perdido um homem branco e tido o seu cabo ferido gravemente. Morreram um hespanhol e varios indios, contando-se ainda numerosos feridos.

Tal o abatimento dos castelhanos que não reagiam contra os invasores. Assim, notava o jesuita o facto de não procurarem libertar um grande magote de prisioneiros que em certa chacara se achava sob a guarda de quatro mamelucos somente. Apenas um frade, e um noviço tinham opposto resistencia conseguindo dar escapula a alguns guaranys apresados. Havia evidente mancommunação entre os paulistas e a gente hespanhola leiga de Villa Rica.

E a referir atrocidades, lembra ainda o jesuita terminando o seu depoimento, que no Brasil não trepidavam os traficantes em promover o casamento dos indios casados no Guayrá, legitimamente, á face da egreja, como de sobra sabiam. Assim procedendo, pretendiam melhor radical-os ás novas glebas de soffrimentos.

Para taes desalmados nada mais insignificante do que «apartar los hijos de los padres, los padres de los hijos, las mugeres de sus maridos, y los maridos de sus mugeres».

Querendo comtudo dar uma prova da imparcialidade das palavras declara o missionario «lo de casar otra vez en el Brasil a los yndios y yndias lo he oido y no lo he visto».

A Mazzeta seguiu-se o padre Luiz Ernot a quem o escrivão castelhano chama Arnote.

Para elle era evidentissima a culpabilidade de d. Luiz de Cespedes. Sabia-se que inventara haver trazido ordens para restituir aos paulistas os seus escravos fugidos e internados no Paraguay. Poudera ter accudido ao Guayrá, delle achando-se perto, á testa de oitenta homens brancos, bem armados, e numerosissimos indios. E' verdade que avisara aos padres da vinda dos paulistas mas com o fito de os atemorizar pois immenso exaggerara o numero dos inimigos. Sobremodo o haviam agastado as tentativas de resistencia aqui ou acolá occorridas.

Continuavam sempre amistosas as relações entre Cespedes e os paulistas. Ainda não havia muito despachára don Luis ao Brasil certo Francisco Benites e, pouco depois, surgira uma pequena bandeira a destruir a reducção de San Pablo. «Vinieron con tanta seguridad y sin recelo que parecia entraban en casa propia y á cosa hecha, pues no parecieron más de ocho ô diez hombres y los mas de ellos mozalbetes acompañados de algunos indios de su servicio, y estos pocos hombres se atrevieron á destruir un Pueblo entero, llevandóse muchisima gente de él, lo qual no hicieran si no tuvieran alguna ayuda y quien los favoreciese y lo que prueba mucho que los dichos Portugueses tenian concierto con el gobernador y los de la Villa Rica».

E dando pormenores sobre a tomada de S. Francisco Xavier, de que fôra cura, conta o padre Luiz Ernot que os paulistas, a principio, estabeleceram o seu arraial e tranqueira em frente á reducção, fazendo varias correrias pelos arredores, até que com os tupys, invadiram a aldeia, arrancando os neophytos da egreja e dos braços dos padres.

«Nos vimos obligados, tres padres que alli estabamos, a andar á los porrazos com ellos, para estorvarles en parte tan gran maldad, aunque nos ponian los arcabuces á los pechos muchas veces. Y uno intentó algunas veces el matarme á mi y disparó el pedernal mas no emprendió el fuego, que, si hubiera empren-

dido, sin duda me matava. Quedaron muchos indios heridos, los quales los portugueses y tupis herian porque no se dejaban llevar, y esta gente, tan amedrentada, que no trata de defenderse, y e oyendo un arcabuz no sabe donde meterse.»

«Entre otras maldades que hicieron fué que, no pudiendo llevar una india, le quitaron el niño del pecho, que mamaba, y se lo llevaron á sus palisadas.»

Sabedor de quanto era pequeno o numero dos paulistas, apenas vinte e quatro, conseguira o padre provincial, Vasquez Trujillo, mais dois confrades e um irmão leigo, armar setenta homens brancos, todos com arcabuzes, afim de repellir o inimigo.

Travou-se uma refrega em que os castelhanos tentaram expugnar a tranqueira paulista; mas como houvessem perdido um homem no primeiro assalto, não se atreveram a mais cousa alguma.

Entretanto, estavam os adversarios «acorralados en su palisada y con harto miedo.»

Bellicoso, afifrmava o jesuita que entretanto se poderia facilmente cercar a bandeira e arrancar-lhe a presa.

«Y digo con toda verdad, sin encarecimiento alguno, por tener alguna experiencia en esta materia y haberme criado desde niño en las guerras de Flandes, que con una docena de hombres resueltos y bien gobernados, podian rendir á los Portugueses y obligarles a cualquier condición.»

---

## CAPITULO II

*Depoimento dos padres Christovam de Mendonça, Mansilla e Montoya. — Um rei paulista. — Feição israelita dos bandeirantes no dizêr de Montoya.*

Continuando a depôr, affirmou o padre Ernot que os hespanhóes do Paraguay, sobremodo, apreciavam as entradas dos bandeirantes em terras de Castella.

Escravistas ferrenhos, irreductiveis, procuravam então apanhar os fugitivos escapos aos paulistas. Viviam entre elles muitos portuguezes que confraternizavam com a gente de S. Paulo. «Es gente que no trata sino de robar como los Portuguezes, como lo an hecho en dos o tres malocas, cogiendo muchos de los yndios y yndias y como entre ellos ay muchos Portuguezes venidos de S. Pablo; tubieron con ellos sus hablas y tratos y se volvieron a la Villa Rica, dexando los Portuguezes señores de la tierra y robando a su gusto y voluntad.»

Nada mais triste do que o abandono de S. Francisco Xavier, o incendio ateado a uma grande aldeia onde houvera mil e duzentas familias, todas christãs. Afim de que della se não aproveitassem os invasores, resolvera o Provincial destruil-a, e á Egreja, receioso da profanação do Santissimo Sacramento.

Já no primeiro assalto escapara a Particula consagrada de se consumir. Haviam os bandeirantes ateado fogo ao templo, que não ardera porque os jesuitas o tinham promptamente destelhado.

«Y despues de aver pegado fuego, por escarneo nuestro, decian unos a los otros (os bandeirantes): *Sean testigos que o Pay (Padre) ha pegado fuego á egreja y está descomulgado*», phrase lusitaniforme, provavelmente mal reproduzida pelo depoente

Além dos muitos delictos de D. Luiz de Cespedes, já mencionados por outros denunciantes do processo, faz grande carga o padre Ernot ao facto da sua inclemencia para com os pobres selvicolas, forçados, na mais pavorosa escravidão, a explorar os hervaes que possuia na região do Maracajú. Produzia matte detestavel — que os consumidores desprezavam — a custa de «innumerables vidas de yndios que mueren sin sacramentos. Los que escapan buelven tales a sus tierras que parecen retablos de la muerte.» Pertencendo Maracajú ao Paraguay, ninguem ali ia tirar erva com indios paraguayos, porque, sendo o clima muito insalubre, receiavam todos perdel-os. Assim D. Luiz a tão penoso serviço obrigava os pobres guayrenhos neophytos da Companhia.

Ao padre Ernot, seguiu-se a depôr o seu confrade Christovam de Mendonça, dali a alguns annos martyr da fé no Chaco. *In totum,* repetiu as accusações dos seus irmãos de roupeta, ao Capitão General, pronunciado, confirmando a narrativa das scenas havidas na tomada das reducções. Affirmou que antes da chegada de Cespedes não incommodavam os paulistas ás aldeias jesuiticas, embora, por vezes, as ameaçassem. Denunciou-o como culpado de se estabelecer um caminho transitado entre o Perú e o Atlantico, por onde entrava «mucha gente de contrabando», e relatou graves cousas de sua amizade com Felippe Romero, «uno de los hombres mas crueles con los yndios.»

Tal a perversidade deste sujeito, que o haviam privado varias autoridades reaes «de feudo de yndios y de officio.»

Imagine-se que féra seria para assim procederem os capitães generaes, naquelles tempos de universal barbaria. Fizera-o Cespedes «Capitan y Protector General (!) de los yndios». Isto afim de que o comparsa lhe não deixasse abertos os claros da escravatura occupada a colher o matte no Maracajú. «Para que tenga mas mano en embiarlos a la saca de la yerva y no tengan los pobres yndios quien hable por ellos.»

E, por cima de tudo, fazia D. Luiz vista grossa aos desmandos de seus amigos e officiaes que haviam

reduzido á escravidão numerosos indios escapos aos bandeirantes «y traidos a servir, como esclavos y embiados en tropas a Maracajú y a la Assumpcion del Paraguay.»

Extenso e cheio de pormenores, valioso, foi o depoimento do padre Justo Mancilla Vansurk, que longamente falou das scenas occorridas no assalto de Antonio Raposo, das peripecias da sua jornada com os indios aprisionados a S. Paulo, viagem á Bahia e regresso, inutilidade das queixas ao governador geral, desacatos soffridos, em S. Paulo, ao voltar com um corregedor enviado pelo governador, etc.

Em 1631 de perto assistira ao assalto e tomada de S. Francisco Xavier. Ali chegára, nestes entrementes, com umas canôas destinadas á viagem do padre provincial. Haviam-n'as tirado os paulistas. Dissera-lhes então um delles, Paulo do Amaral, a philosophar: «bien echava de ver que era pecado mortal lo que hacian y contra la voluntad de Dios y del Rey, peró que todos los de S. Pablo estavan ya puestos en eso y que no lo avian de dejar».

E confirmou ainda todas as increpações dos seus confrades ao Capitão General, apresentando uma lista de cerca de oitenta nomes de bandeirantes, companheiros de Antonio Raposo Tavares, o principal «maloquero».

Extenso, apinhado de pormenores de toda a especie, foi o depoimento do illustre guaranylogo, padre Antonio Roiz de Montoya, o celebre peruano cuja gloria se assenta sobre multiplas e notaveis bases. Era então provincial e superior de todas as reducções que a Companhia de Jesus contava pela provincia de Guayrá. Mais de vinte annos se contavam desde que encetara a vida de evangelizador naquella região; assistira á fundação das doze reducções e pudera acompanhar-lhes o progresso.

Até então não se atreveram os paulistas a incommodar aos padres; quando muito, appareciam a reclamar um ou outro dos seus tupys escapos ao captiveiro e refugiados nas aldeias jesuiticas.

Fôra Cespedes quem lhes acenara com as vantagens da aggressão ás reducções.

Nada mais extranho do que as attitudes então assumidas pelos cabos paulistas. Ao padre Christovam de Mendonça, arrogantemente explicava Antonio Raposo Tavares, que, si captivava os indios christãos, fazia-o se-

gundo o direito que Deus lhe dava, «nos livros de Moysés». Quanto a Antonio Pedroso e D. Francisco Rendon de Quevedo (o genro de Amador Bueno), estes ao proprio depoente affirmaram estar em campanha, «por mandado del Rey que tenian en el Brasil».

Surpreso lhes retrucára Montoya, arguindo-os de trahidores.

«Solo nuestro Rey Don Phelipe era el rey de todas estas Yndias y que ellos eran traydores».

E, como naquelle momento não tivesse hespanhóes comsigo, capazes de referir o caso, e apenas sessenta indios, que não comprehendiam o castelhano, em altos brados invocou o testemunho dos proprios inimigos.

«Sean me testigos de lo que dicen estes hombres que tienen Rey en el Brasil». Era, com effeito, o caso dos mais graves, essa questão de lesa magestade, de lesa patria.

Para elle, Montoya, fizera-se evidentissimo que os paulistas projectavam tornar-se independentes, acclamando rei algum dos bastardos do já bastardo prior do Crato o rocambolesco e pouco avisado pretendente desapontado de 1580. «Hê sabido de otro Portuguez que el yntento de los del Brasil es de traer de Olanda al hijo de Don Antonio al estado del Brasil y levantarle por Rey.»

Talvez não fosse isto verdade exactamente, observava Montoya comtudo, e apenas «hablas de judios, confesos y ereges», Ao principe intruso haveria de repudiar a maioria das colonias do paiz. O que, porém, tinha grandes visos de verdade vinha a ser a feição israelita e anti-catholica dos bandeirantes, «gente capaz de todos os sacrilegios».

Nada mais grosseiro do que o tom de suas referencias aos sacerdotes, de quem constantemente escarneciam a pobreza e a avareza gritando aos indios «son unos pobretones que no tienen de daros y os enganan. Nostros si, tenemos mucha ropa que daros».

Rematando a sua cerrada carga contra d. Luiz de Cespedes adduziu Montoya as numerosas razões que o levavam a ter o capitão-general como a principal causa da destruição das reducções e a morte de innumeraveis indios em caminho de se reduzirem á Santa Fé Catholica e á corôa de Sua Magestade.

Não fôra a recusa dos paulistas, elle proprio teria sido o chefe da bandeira.

Era verdade que avisára aos padres, mas mentindo. Affirmara serem os paulistas de oitocentos a novecentos homens, quando não chegavam a 250; aconselhara aos jesuitas não resistissem, a tal ponto que os sertanistas se haviam admirado de sua attitude de passiva opposição. Promettera encher de indios as terras dos villariquenhos, quando estes só poderiam provir das aldeias dispersas.

Aos jesuitas de S. Paulo disséra que do Paraguay forneceria dois mil escravos aos seus engenhos do Rio de Janeiro.

A Francisco Benites enviara a S. Paulo para incitar os paulistas á segunda invasão, a de 1631.

E a sua attitude de protector da féra humana que vinha a ser Felippe Romero, o carrasco dos infelizes selvicolas? Homem que por «sus desaforos y maldades le diera por infame el governador Hernandarias de Saavedra»?

Como a justificar, sinão como a explicar? Sortira effeito a embaixada de Benites, comboieiro de escravos, que recebera de Romero as sessenta peças destinadas ao Rio de Janeiro.

Não chegara o Capitão-General a escrever ao padre provincial convidando-o a não fundar mais reducções, sob a razão frivola de que, sendo tantas, não poderia visital-as?

Em presença de numerosas pessoas não trepidara affirmar que o rei da Hespanha tinha a posse usurpada da região guayrenha? Seria possivel mais patente prova da sua affeição e alliança com os paulistas do que o haver confiado a propria mulher, d. Victoria, á guarda de André Fernandes, o destruidor da Reducção de S. Paulo? Recebia cedulas reaes com ordens para o castigo dos paulistas e as escondia, propalando, mentirosamente, ter em mãos cartas regias, as mais lisongeiras, approvadoras da sua conducta.

Tal a sua perfidia, que, promettendo apparecer com forças para repellir os paulistas, marcara encontro ao Provincial, em Loreto e S. Ignacio, afim de o afastar da zona brevemente invadida: a do Tibagy.

---

## CAPITULO III

*Depoimento de Montoya e do Padre Domenech. — Attestação passada por Cespedes aos jesuitas.*

Continuando a explicar os motivos pelos quaes considerava d. Luiz de Cespedes Xeria traidor á patria ao rei e á fé, alliado que se fizera dos paulistas, referiu o padre Antonio Ruiz de Montoya os abusos por elle praticados durante a permanencia nas aldeias de Loreto e S. Ignacio.

Aprisionára numerosos indios, espancando todos os que lhe faziam alguma resistencia mandara-os levar além Paraná, sob o pretexto de que os distribuiria por diversos encommendeiros, quando ia fazel-os trabalhar nos proprios hervaes de Maracajú, como seus escravos. Em publico e raso, aos jesuitas diffamára perante os seus catechumenos, declarando-se autorizado pelo rei a proceder á mais severa arguição «de moribus et vita» dos missionarios. E tentara começar o tal inquerito commetendo-o ao devasso Felippe Romero. Só recuára ante a ameaça da excommunhão maior com que o provincial lhe acenára. Não trepidára em designar duzentos neophytos como escravos fugidos, afim de os arrebanhar para o matadouro dos seus hervaes, onde numerosissimos pobres diabos já haviam perdido a vida. «Fué necesario hablar le yo con brio y determinacion para que no hiziesse entonces mas daño a los pobres yndios de los que les hizo».

Enfeixando o extenso depoimento numa como syn-

these das suas recriminações, expunha o padre Montoya a sua admiração ante a attitude deste capitão-general governador, delegado régio que tanto prejudicava os interesses da majestade que representava, perseguindo os mais fortes sustentaculos da dominação hespanhola na America do Sul, essa Companhia de Jesus, arrebanhadora de subditos para a monarchia philippina.

Fôra o seu ultimo destempero prohibir o livre transito dos missionarios de uma para outra margem do Paraná, pelo salto de Guayrá, e isto depois da expressa prohibição da Real Audiencia de Charcas que lhe desapprovára o acto.

Queria agora impedir o passo ao provincial jesuitico, que ia visitar as Reducções, acompanhado do commissario do Santo Officio.

Violára a correspondencia da Companhia, chegando agentes seus, no Brasil, a apprehender cartas enviadas á Europa.

A mais de oitenta portuguezes brancos de S. Paulo já deixára entrar e estabelecer-se no Paraguay, apesar da refalsada astucia com que fingira ordenar aos seus officiaes que lhes embargassem o passo, quando á socapa lhes dera instrucções em contrario.

E a sua mania de grandezas? Não se fizera recebido em Villa Rica sob o pallio e em Ciudad Real exigira identicas manifestações de respeito para a mulher?

Não apregoava aos brados que era «el Rey y el Papa, trazendo poderes illimitados? Avia de desterrar la Compañia destas partes!»

Das ordenanças e regimentos não fazia o menor caso e ainda ultimamente recebera de Fuão Duran vinte e sete mil libras de mate a troco da permissão de capturar indios do districto de Villa Rica.

A Fuão Picaño permittira fizesse mil tropelias, tendo este individuo morto diversos guaranys impunemente, dous delles a pau.

Mas, como tanto Duran como Picaño eram dos amigos de S. Paulo e nada lhes succedera.

O ultimo depoente adversario de d. Luiz de Cespedes foi o padre José Domenech. Divergem um pouco as suas palavras das dos confrades. Em compensação se lhe acirra a carga ao accusado.

Assim, não affirma que antes das relações de Cespedes com os de S. Paulo jámais houvessem as Reduc-

ções soffrido aggressões por parte dos sertanistas; oito ou dez annos fazia, porém, que não appareciam bandeirantes por perto das Reducções nem procuravam capturar indios a ellas pertencentes.

Nos tres annos de seu governo, tinham os escravistas praticado mais damnos do que no longo prazo decorrido desde o começo de suas entradas. Não eram dois e sim tres mil o numero de indios escravos que desejava o insaciavel capitão general tirar do Paraguay.

Do proprio Antonio Raposo Tavares ouvira elle, padre Domenech, a mais caracteristica resposta comprobatoria da combinação existente entre o governador e os portuguezes de S. Paulo.

Ameaçando ao chefe bandeirante retorquira-lhe este, a rir: estavam os paulistas descançados ácerca do governador: «era su pariente, casado en sua tierra y ellos le avian aviado con sus yndios y acompañandole y servindole».

Seu logar-tenente visitador, Felippe Romero, algoz dos guaranys, este fizera a farça de percorrer o districto, á testa de um bando armado, mas sempre a grande distancia dos acampamentos paulistas.

Chegado á aldeia de Encarnacion, reunira os indios para lhes ler um bando do seu amo, extremamente insolente e insultuoso em relação aos jesuitas, e em que os concitava a não obedecer aos missionarios.

Por ordem expressa do capitão general, fornecera o commandante do Guayrá indios e canôas a André Fernandes, regressando da viagem em que ao Paraguay viera trazendo d. Victoria de Sá.

Recebera o sertanista enorme comboio de escravos dando-se então scenas absolutamente repugnantes.

Chegara um hespanhol a vender um indio por uma camisa, outro por um par de ceroulas e assim por deante.

E a seguir, relatava o padre Domenech uma série de «casos tan feos e abominables que aun que sean muy ordinarios en tan malos hombres Portuguezes, parecen increibles como son: matar, los yndios, abriendolos con los machetes y untandose con su sangre, para poner miedo a los pobres, para que se entrieguen; pegar fuego a los viexos y viexas y chusma que no puede andar a su paso».

Quantos a estupros, sacrilegios e cousas deste jaez, nem se falasse, já não valia a pena.

Terminando o seu terrivel requisitorio demonstrava o padre Domenech quanto eram os portuguezes solidarios com os hespanhóes, vizinhos das aldeias jesuiticas. O caso da Reducção de S. Francisco Xavier testemunhava-o inilludivelmente.

Sabendo que estavam os bandeirantes a chegar, tinham os castelhanos sahido ao seu encontro, annunciando que a elles se incorporariam. Haviam-nos visitado em seu acampamento amistosamente, fazendo-lhes «fiesta y convite con ellos y entregandoles algunos yndios, que los padres avian cogido».

Encerrada a série dos depoimentos feitos na Reducção de Itapúa (Annunciacion), enviou-a o padre provincial, Francisco Vasquez Trujillo, a dois de junho de 1631, ao Conselho das Indias, em Madrid, e á Real Audiencia de Charcas, «para avisar a su Majestad de los graves daños que se an hecho estos tres años». Entregou-a solemnemente ao escrivão provincial Alonso Navarro.

A' documentação vehemente já obtida, reuniram os jesuitas do Paraguay diversos papeis altamente valiosos para a sua causa por partirem do proprio adversario.

Assim a *Certificacion sobre los trabajos de los Padres de la Compañia* que, em Pirapó, a 22 de janeiro de 1629, lhes passara. (cf. Arch. Gen. de Ind. 74-4-15).

Nella dizia o capitão-general que, por via de S, Paulo, chegara ao Paraguay, desfructando especial licença de Sua Majestade, declaração destinada a tranquilizar os povos, capazes de o acoimarem de uma illegalidade.

Ouvira, logo ao chegar, os maiores elogios á conducta dos missionarios: «An passado y passan infinitos trabajos de hombres y necessidades y caminos muy largos y fragosos de sierras y espesuras, los quales andan a pié y tienen cada dia, maiormente el padre Antonio Ruiz (Montoya), superior de los demás padres, grandes viegas de la vida por estender la palabra de Dios Nuestro Señor y aumentar la Real corona de Su Majestad».

Dos moradores de Villa Rica e Ciudad Real, assim como dos seus proprios officiaes, fôra certificado «de su gran santidad y pontualidad».

Egrejas edificavam-nas exçellentes «con gran limpieza e santidad». Já então visitara as de Loreto e S.

Ignacio, «hermosissimas que no las he visto mejores en las Yndias, que he corrido todas las del Perú y Chile».

Quanto ao aspecto dos catechumenos, este lhe causava a maior admiração: Mantinham «sus yndios y yndias, muchachos y muchachas con grande doctrina y quenta y raçon en las cosas tocantes a su officio y del servicio de Dios Nuestro Señor».

E ao tal certificado encerrava o novo capitão-general com uma série das mais encomiasticas palavras: Ninguem lhe pedira o attestado, dava-o expontaneamente: «lo hago por esta al Rey nuestro señor y a los de su Real consejo para que su Majestad les (aos jesuitas) dê el premio que merecen por tanta obra y que tanto atrae a los infieles desta tierra al servicio de Dios Nuestro Señor y espero en su divina majestad y en el trabajo del Padre Antonio Ruiz, y demas padres sus subditos, sea de estender mas esto y Dios y el Rey an de sacar mas fructo de su trabajo».

---

## CAPITULO IV

*Culpabilidade de Cespedes. — A invasão paulista prescindiria comtudo da sua cooperação. — Gritos de alarma anteriores á estada de Cespedes no Guayrá. — Cedula real ao Governador do Prata. — Manifestação de Cespedes posterior á sua destituição.*

Assim fazia d. Luiz de Cespedes os maiores elogios á obra dos jesuitas do Guayrá, obra que, no emtanto, se preparava para por completo destruir, por intermedio da bandeira de Antonio Raposo Tavares, no dizer de seus accusadores ignacinos!

Que pensar de semelhante documento? Representa o logico seguimento das cartas que já S. Paulo endereçára ao rei, a' dizer horrores dos paulistas.

Assim nos achamos em frente a um dilemma: ou o capitão-general accumulava papeis laudatorios, em favor de quem guerreava nas trévas, para mais tarde os poder invocar como testemunho de imparcialidade, de sua sympathia e admiração pelos jesuitas e sua obra, quando lhe viesse a infallivel accusação de trahidor, ou ainda não se bandeara para o lado daquelles que lhe acenavam com grandes lucros em troco da cumplicidade das vistas gordas· Porque não podemos crêr não haja havido entre d. Luiz de Cespedes e os apresadores de indios formal accôrdo.

Já estivemos inclinados a pensar de outro modo, mas hoje, conhecedores de documentação nova e abundante, não nos parece possivel deixar de ter a Cespedes co-

mo cupido e destituido de escrupulos. Não fôra por demais patente o seu accôrdo com os bandeirantes e a Real Audiencia de Charcas, não o condemnára ás penas severas da destituição, da multa e da inhibição aos cargos publicos, numa época em que os colonos hespanhoes, ferrenhos escravistas, apresadores de indios detestavam os processos jesuiticos de protecção ao selvagem americano.

Contando com a immensa distancia que o separava de Madrid e a condescendencia jamais desmentida da administração hespanhola, tinha bem certa a sua impunidade, mas quiz, apezar de tudo, precaver-se. Dahi esse bifrontismo que o levou a exaltar os jesuitas nos documentos officiaes e relatorios enviados á Côrte e os avisos á socapa endereçados aos sertanistas de S. Paulo para que o ajudassem a desfazer aquelle grande nucleo de indios aldeiados, optimo viveiro dos escravos de que tanto necessitavam as suas grandes lavouras fluminenses. Cheio de ronha e previsão, antevia fatal o ataque-reacção aos seus processos crueis e, sobretudo, sôrnos. E assim, desde Santos, como já vimos tratara de accumular elementos para a sua difficil defesa.

Cremos comtudo que, com Cespedes ou sem Cespedes, acabariam dentro em breve os paulistas por arrazar as colonias dos ignacinos.

Já aliás citamos documentos irrefragaveis de que tinham começado desde algum tempo os prodromos destas ameaças. Vejamos agora novas provas.

Na «Consulta del Consejo de Yndias a Su Majestad sobre puntos tocantes a los portuguezes de San Pablo e yndios del Paraguay», de 31 de agosto de 1628 (cf. Arch. Gen. de Ind. 74-5-26) fala-se na denuncia offerecida ao rei contra os paulistas pelo padre Francisco Crespo, procurador geral das Indias. Isto em data de 24 de setembro de 1627, um anno antes da partida da grande bandeira de Manuel Preto e Antonio Raposo Tavares, quando d. Luis de Cespedes se achava preso, na Bahia, á espera de conducção para o sul.

A este documento já nos referimos. Recordemos-lhe os termos.

Transmittia o padre Crespo a Philippe IV os gritos de alarma do padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus no Paraguay. Fazendo a sua visita pelas Reducções antigas e modernas, reconhecera o provincial que «muchos de los portuguezes de la villa de

San Pablo, contra toda piedad christiana, bienen cada año a cautivar los yndios de ellas (as Reducções), y los levan a vender en el Brasil como si fueran esclavos».

Denuncia absolutamente comprobatoria do que avançamos são os topicos seguintes: «Ultimamente estavan previniendo en la dicha Villa de San Pablo quatro compañias de soldados para hir despoblar, segundo davan a entender, las Reducciones que la Compañia tiene en la dicha Provincia, *como lo han intentado hacer otras vezes* (o grypho é nosso).

Examinando o caso, em sessão do Conselho de Estado, por parecer de 31 de agosto de 1628, pedia este ao rei que do seu governo de Portugal exigisse a cohibição de taes factos, applicando-se «luego el remedio conveniente a tan grandes excessos y crueldades, pues no es justo que vassallos de Vuestra Maejstad tengan tales atrevimientos y cometan semejantes, mayormente en tierras en que tanto se desea la propagacion del Santo Evangelio. Devia-se ao mesmo tempo, escrever ao governador do Rio da Prata para que procurasse «por todos camiños haver a las manos a los delinquentes», afim de se lhes fazer «un exemplar castigo».

Mas, como semelhante acção repressoria não passava de mera fanfarrice, que a S. M. não engodaria, accrescentavam os graves conselheiros das Indias que nella não depositavam grande confiança, «si bien se juzga que por esta via no a de tener efecto lo que se desea, por estar muy distante».

Um pequeno pulo, com effeito, de Buenos Ayres ao sertão do Guayrá e a São Paulo! Sobretudo naquelle tempo...

Deste parecer nasceu a Real Cedula «al gobernador del Rio de la Plata, d. Francisco de Cespedes, para que castigase con rigor a los portuguezes que de San Pablo y del Brasil iban a cautivar yndios a las Reducciones que los religiosos de la Compañia de Jesus, tenian en la provincia del Paraguay» — datada de Madrid e de 12 de setembro de 1628 (cf. Arch. Gener. de Indias 122-3-2).

Depois de uma série de considerações sobre a gravidade dos delictos dos paulistas, ordenava a Catholica Majestade: «Me a parecido ordenaros y mandaros, como lo hago, procureis por todas las vias possibles aber a las manos y castigar con grandes demonstraciones los delinquentes y personas que se ocupan y entienden

en las dichas crueldades y otras qualesquiera con que se perturbe la paz y quietud de la republica.

Mas como haverei eu de o fazer, Real Senhor? pensaria de si para si, o sr. d. Francisco de Cespedes governador e capitão-general das Provincias do Rio da Prata, ao contemplar a majestatica assignatura «Yo el Rey»?

Como poderei eu apanhar estes malditos paulistas? Como? Com que? Como matal-os? Eis ahi o caso de se antecipar a famosa e conhecida resposta ultra soldadesca do nosso d. Pedro I, a um marquez que lhe aconselhava fazer a guerra aos inglezes. Mas fazel-a com que, senhor marquez?...

Emfim, para o que desejavamos demonstrar, cremos que mais não é necessario.

Já muito antes da chegada de d. Luiz de Cespedes ao Brasil, tinham os jesuitas como inevitavel uma grande collisão com os paulistas, de que já houvera sérios prenuncios.

Não conseguimos obter os autos originaes do processo a que respondeu d. Luiz de Cespedes e, assim, não sabemos como se defendeu das accusações que os seus juizes acharam fundadas e exactas. Encontramos uma justificação sua nos «Autos hechos en la ciudad de la Trinidad, puerto de Buenos Ayres desde el 17 de abril de 16 de julio de 1635 con motivo de la peticion presentada por el padre Tomás de Urueña de la Compañia de Jesus sobre lo que se diesen algunas armas y municiones para defensa de los naturales de las Provincias de Guayrá». (cf. Arch. General de Indias 74-4-13).

Foi esta petição endereçada ao senhor d. Pedro Estevam d'Avila, cavalheiro da Ordem de Santiago mestre de campo, governador, capitão-general e justiça-mór das Provincias do Rio da Prata.

Desterrado do Paraguay, estava então Cespedes na cidade buenayrense já deposto governador daquella capitania central. Pessoa summamente suspeita e inquinada de parcialidade, foi justamente a quem entendeu ouvir o governador portenho! Quereria acaso darlhe uma demonstração de solidariedade? Acharia injusto o que lhe haviam feito privando-o do cargo? Em todo o caso bem fraca mostra de isenção de animo revelava o capitão-general platino chamando exactamente a pronunciar-se sobre um facto vital para a subsis-

tencia das reducções jesuiticas aquelle que exactamente era pela Companhia acoimado de seu mais ferrenho perseguidor.

Eis uma nova demonstração de espirito escravista dos colonos da America, visceralmente infenso aos ignacinos e a sua acção, no tocante ao problema indio.

Dirigindo-se ao seu ex-collega «lhe pedia e supplicava» Avila o parecer «para proveer lo que mas convenga al servicio de Su Majestad vien y conservacion destas provincias».

A 18 de abril apresentava o ex-governador dos paraguayos extenso laudo sobre o caso, explicando como os paulistas «tienen e an tenido por costumbre salir a la campaña docientas, trecientas, quinientas leguas (y talvez llegado al rio Marañon), y traer dellá y de sus montes todos quantos yndios hallan de que se sirven y tienen sus grangerias acarreando con ellos sus harinas y comidas al puerto de Santos y asi con este ordinario trabajo que se sirven dellos como de caballos, se mueren ynfinitos y unos y otros los venden como a esclavos».

Eis um exordio curioso que se não supporia partido de quem tanto ajudara a transmigração violenta dos guaranys ao oriente do Brasil.

---

## CAPITULO V

*Defesa de Cespedes. — Allegação de providencias tomadas para defender o Guayrá contra os paulistas. — Acerbas accusações aos jesuitas.*

Respondendo á consulta do governador de Buenos Ayres, sobre a vantagem de se darem armas de fogo aos indios reduzidos, para se defenderem dos paulistas, começou dom Luis de Cespedes dizendo que nos autos do processo a que respondera, perante a Real Audiencia de La Plata, fizera o historico das entradas de mamalucos antes da sua tomada de posse do governo paraguayo.

Não nos foi possivel descobrir estes autos, que devem ser sobremodo valiosos para o estudo das nossas luctas com os castelhanos, assim nos vemos obrigados a trazer apenas ao conhecimento dos leitores os termos do parecer do capitão-general. Debalde procurou em Sevilha estes papeis o erudito pesquizador Snr. Santiago Montero Diaz, por incumbencia nossa. Segundo nos informa julga que não se achem no Archivo General das Indias.

Affirma Cespedes ainda uma vez que, si de Santos fôra por terra ao Paraguay, para tanto tivera a permissão do seu soberano, derogatoria de uma lei, geral, prohibitiva do uso de tal caminho. Chegando a São Paulo assistira á organização de verdadeiro corpo de exercito, novecentos portuguezes e tres mil indios archeiros. Ora, que fazer, que poderia fazer em tal con-

tingencia? Só o que realizara: requerimentos ao capitão-mór de S. Paulo e ao ouvidor geral para que prohibissem a ida da expedição ás terras paraguayas. Obtivera despachos favoraveis, que aos autos annexara.

Assim sahira de São Paulo pela via do Tietê; viagem penosissima, cheia dos maiores riscos de vida. Para a realizar, alugara sessenta indios, servos dos jesuitas de S. Paulo, Ao chegar ao Avanhandava, mandara, por uma canôa ligeira, de seis indios, aviso aos padres das Reducções do que contra elles preparavam os sertanistas. «Yo yba con toda presia a soccorrerles y ayudalles con mi persona y la mas jente de guerra que pudiese recoger». Ora, esta carta os jesuitas a haviam recebido.

Apenas chegado a Ciudad Real apercebera-se para uma campanha que antevia inevitavel. Armara e municiara 135 hespanhóes e 500 indios auxiliares afim de de defender os jesuitas e suas aldeias.

Soubera então, pelos moradores, que os padres estavam perfeitamente preparados. Dispunham de mais de cem indios arcabuzeiros, muito bem apetrechados; fabricavam polvora em abundancia, tendo adquirido dos hespanhóes armas de fogo. Foi então que se lhe antolhou a gravidade do caso: «y biendo que estas armas, comprandolas ellos se desarmaban los españoles y armavan los yndios, cosa que nunca se a oydo ni visto, pronuncié un auto que se pregonó en que mandava que ningun vecino feudatario, ni morador de aquellas provincias, ni otro alguno español, fuese osado a vender a los padres de la compañia ni a otro algun dotrinante, armas de fuego ni municiones (sob) pena de la vida y traidores al rrey nuestro señor, con perdimiento de bienes por los daños de que tenerlas los dichos yndios podian rresultar alçandose y con ellas llebarse aquellas ciudades, matando a los padres y a sus mismos amos».

A' espera de aviso e chamada dos padres continuara em Villa Rica. Escrevera-lhe o padre Pedro de Espinosa contando-lhe que se recebera a sua carta do Avanhandava: pedia-lhe agora, e pelo amor de Deus e do Rei, não fosse ás reducções. Traria a sua presença a revolta geral dos indios. Emquanto isto armara elle jesuita, mil e quinhentos soldados com que ia entrar em campanha contra os paulistas.

«Pusimos en campo mil y quinientos yndios, contra ellos (los portuguezes), aunque a la pelea no llegaram mais de mil e ducientos — *Lo que subcedió en la batalla daremos quenta a su tiempo* (o grypho é nosso).

Infere-se destas palavras — nem é possivel duvida alguma — que se travou alguma refrega seria entre hespanhóes e paulistas.

Nenhuma referencia, comtudo, jámais encontramos deste prélio, quer nas historias do Paraguay, quer nos documentos numerosos que pelas mãos nos têm passado.

Tratar-se-á de alguma invencionice do ex-capitão general? Quererá elle referir-se á demonstração armada dos jesuitas, ante a tranqueira paulista, quando exigiram a libertação de Tataurana, o escravo fugido e recapturado de Simão Alvares?

Pouco depois, continúa Cespedes a relatar, chegara-lhe ás mãos uma outra carta do padre Joseph Domenech, tranquillizando-o. Haviam sido batidos os bandeirantes que se retiravam, desmoralizados, para o Brasil. «No le de pena a Vuestra Señoria de los portuguezes, que nosotros supimos querian benir a estas rreduciones; peró mas prestos fuimos nosotros que no ellos, porque nos metimos en sus paliçadas, podismoles atar y quitar las escopetillas, pero no quisimos hazerllo, sino salir de nuestro yntento. De nuestra parte ubo sangre, de lá dellos van huyendo como ladrones bellacos, dejandonos el hato y los enfermos. Nuestro padre Antonio Ruiz va en su seguimiento al alcance».

Seriam meros boatos que o padre registrava e transmittia? O que é certo, avança Cespedes, é que os aggressores haviam sido os jesuitas. Dera-se o encontro a trinta leguas das reducções; a ninguem tinham os paulistas molestado. Vencedores, mostraram-se os ignacinos crueis. Haviam os paulistas perdido um homem branco e quarenta indios; prisioneiros, alguns delles se viram muito maltratados de «obras y de palabras». Iam á testa dos guaranys, «en todas estas facciones, los ditos padres con chusos y armas de fuego, capitaneando los yndios y su superior, que era el padre Antonio Ruiz, ordenando los acies de la guerra».

Dos autos tudo isto constava, cartas e declarações comprobatorias da lavra dos proprios ignacinos.

E, depois, não fôra o mesmo Montoya quem lhe escrevera ainda duas cartas tranquillizadoras; a lhe di-

zer numa «Ya no ay portuguezes» — e noutra «estivesse bem socegado, pois elle iria a Ciudad Real, ao seu encontro». Assim, attendendo a taes indicações, para ali marchara.

Despedira toda a gente de guerra, partindo logo depois para a Assumpção.

Só depois de sua chegada á capital paraguaya se dera o assalto dos paulistas «irritados de los dichos padres por los males recebidos». Cinco ou seis mil seriam os indios tomados ás Reducções; não ouvira que os paulistas queimassem egrejas nem maltratassem sacerdotes. Se assim fôra, nunca teriam consentido em que os padres Mansilla e Maceta houvessem acompanhado o comboio de escravos do Guayrá a S. Paulo, argumento aliás de importancia, força é convir.

Si se deram o segundo e terceiro assaltos paulistas, fôra como represalia; primeiro, á aggressão soffrida nas suas tranqueiras, depois á ida dos missionarios á Bahia e ao decreto promulgado pelo governador geral do Brasil contra os escravistas.

«Es publico y notorio que dicen los portuguezes de San Pablo que como sean doutrinantes los padres de la Compañia los an de seguir al cabo del mundo».

Quando succedera o exodo geral dos indios estabelecidos ao norte do Iguassú, a retirada de trinta e cinco mil guaranys para o sul, sob a direcção dos jesuitas, haviam os padres aproveitado o ensejo para levar de encambulhada os selvicolas que lhes não pertenciam e sim aos moradores brancos de Ciudad Real, apesar dos vehementes protestos dos prejudicados. Fôra violenta a resposta que a estes dera Montoya. «El dicho padre Antonio Ruiz mandó tomar las armas a los dichos yndios, arcabuzeros, lanças y flecheros, contra las justicias y sus amos que fueran a pedirselos y de toda esta cantidad de yndios y chusmas con los trabajos del camino ambres y cansancio quando llegaron a las reduciones del Paraná que estan ducientas leguas y mas, de adonde los sacara de su natural sin orden del rey nuestro señor ni del Excelentissimo Señor Virrey del Perú se murieran mas de las trinta y tres mil personas con los que comieran los tigueres que fueron muchisimas».

Se não fosse contado por hespanhol...

E, como consequencia immediata de tão nefasto proceder, abandonaram os brancos e os seus restantes in-

dios, a Ciudad Real e Villa Rica, recolhendo-se, além Paraná, á Assumpção, numa viagem penosissima, causadora da morte de innumeras pessoas.

Tudo isto, affirmava Cespedes solennemente, proviera do facto de lhe haverem os jesuitas trancado o caminho da visita de suas reducções. Prejudicadissimo pelas suas calumnias, graças a ellas processado, perseguido, castigado injustamente, nenhuma guerra lhe modificaria o modo de pensar relativamente ao perigo de se proverem os indios com armas de fogo. Seguisse o governo no Rio da Prata os sabios exemplos dos governadores do Chile, onde, elle informante, vivera e militara mais de vinte annos: «No és permittido ni se consiente en aquel rreyno ni cuchillos y yerros de lança y el soldado que tal haze se castiga con severidad».

Pediam agora os padres vinte e quatro mosquetes; era isto, até, verdadeira inconsciencia. Que valeriam estas escopetas contra os troços numerosos dos paulistas? Pois não mandara elle o seu logar-tenente contra os bandeirantes, á testa de setenta soldados brancos e mais de mil indios enfrentar os inimigos, apenas uns trinta ou quarenta brancos? E não haviam os paulistas derrotado os hespanhoes, matando-lhes dõis soldados brancos e mais de cem indios? Assim opinava pela negativa redonda, á pretenção dos jesuitas, pedindo do seu parecer publica-fórma para, em qualquer tempo, della se poder utilizar.

Lido o laudo do seu collega, por elle se guiou o governador buenairense ao despachar a petição jesuitica: não podia deixar de ouvir e acatar «tan gran soldado, persona de tanta ynspirencia (sic) y noticias, como quien a tenido la cosa presente y a tantos años milita en las Yndias y el gran conocimiento que tiene del proceder de los yndios».

Aproveitando o ensejo, lembrava o capitão-general o levante geral dos indios do Uruguay, em tempo de Hernandarias de Saavedra, e assassinato do padre Roque Gonzalez e seus companheiros, a necessidade da cruel repressão da revolta levada a cabo pelo mestre de campo, Manuel Cabral, que a tantos indios degollara.

Terminado o seu despacho, ainda recordava a irregularidade do procedimento do proprio padre Tomas de Urueña, que clandestinamente armara os seus catechumenos com quinhentos e trinta ferros de lança, compradas a certo mercador de Buenos Aires, Manuel Ri-

beiro. Assim, em vez de conceder a licença para a introducção de armas de fogo, intimava-o a que arrecadasse as lanças e as entregasse aos depositos reaes, «por no combenir que gente que con tanta facilidad se altera tenga conocimiento del uso de las armas de fuego y otras más».

No dia 15 de julho de 1635, era o padre Urueña intimado do despacho pelo escrivão de Sua Majestade Catholica, «y mayor de governacion» das Provincias do Prata, Alonso Agreda de Vergara, que o encontrara em frente á egreja de S. Francisco. Desta intimação foram testemunhas o capitão d. Juan Osorio e o alferes Antonio de Yraçaval. Assim, mais uma vez tinham os jesuitas pela frente o seu velho e continuo adversario, d. Luiz de Cespedes Xeria.

---

## CAPITULO VI

*Medidas suggeridas contra os paulistas pelo Conde de Chinchon. — Cessação das communicações do Brasil com o Prata e a America hespanhola. — Desappropriação e assolamento de S. Paulo. — Guarnecimento das Sete Quedas.*

Como de esperar, depois da perda do Guayrá choveram em Madrid os communicados das autoridades hespanholas sul-americanas alvitrando medidas para a recuperação da provincia e o cerceamento da acção dos paulistas.

Eram immensas as distancias americanas. Assim, não admira que a 24 de maio de 1632, quando fôra todo o dominio hespanhol do Guayrá destroçado, ainda se lembrasse o governo do Perú em indicar ao Conselho de Indias o melhor meio de defender a provincia contra os paulistas, fazendo então o resumo dos damnos ali realizados pelos «portuguezes de San Pablo».

Relatava a primeira autoridade peruana, o Conde de Chinchon, Vice-Rei, que os paulistas allegavam ser o Guayrá terra da jurisdicção da sua corôa, que as bandeiras eram pelo menos bi-annuas, com poucos homens, ás vezes, ora com mais de quatrocentos. Graças a ellas, estavam duzentas leguas do governo do Paraguay completamente despovoadas.

Em 1631, dera-se a destruição de cinco «pueblos» de indios, não jesuiticos e pertencentes ao districto de Villa Rica, doutrinados por clerigos regulares. O exodo

geral dos jesuitas para o baixo Paraná se fizera com dez mil catechumenos.

Enorme o desfalque das rendas reaes, pois, dentro em breve, aquelles indios, decorridos os dez annos de sua «encomienda» aos colonos, começariam a pagar tributo ao rei, havendo pelo menos uns dez mil em condições de o fazer em ferro, panno, algodão, herva mate e cera, cousa de muita consideração para uma terra pauperrima como o Paraguay e o Prata, cujo governo vivia á custa dos subsidios sahidos do Perú.

Na carta que, de Lima, a 24 de maio de 1632, escrevia a Philippe IV transmittia o Conde de Chinchon ao seu augusto amo o que sobre o caso soubera e os conselhos oriundos de certas «personas de importancia y de bastante noticia de los casos del Paraguay.»

Haviam as devastações dos paulistas sido avultadas «grandes y indignas de cometer-se por gente catholica y vassallos de Su Magestad». Para elle, vice-rei, notoria se tornara a cumplicidade ou pelo menos a frouxidão de d. Luis de Cespedes.

Por Lima passando d. Juan de Carvajal y Sande, presidente da Real Audiencia de Charcas, chamara-lhe a attenção para o caso, muito insistentemente.

Soubera depois que dahi resultára um processo movido ao capitão-general paraguayo; opinara a Audiencia pela sua suspensão. Era este facto que sobretudo o levava a occupar a attenção do rei, receioso de que, no decorrer do processo, se commettessem injustiças.

Entendia, pois, que devia a causa ser julgada por pessoas «sin codicia y deseosas de cumplir com sus obligaciones».

Em Hespanha poderiam ser encontrados estes juizes, mas difficilmente quereriam passar á America; além do que haveria o perigo de se verem estes individuos perder as boas intenções, como frequentemente se dava com os que vinham ao Novo Mundo.

Emfim, depois de uma série de considerações accacianas e de pancadas «nos cravos e na ferradura» atrevia-se o conde a aconselhar ao monarcha que julgasse o caso em ultima instancia, depois de ouvir uma junta de ministros das corôas de Hespanha e Portugal, convocada para o estudo acurado da questão.

Lê-se-lhe, entre linhas, o desejo secreto de servir

ao seu collega paraguayo, talvez por instigação de um sentimento de solidariedade politica.

Encerrando a missiva, declarava Chinchon que lhe parecia bôa idéa resgatar-se dos donatarios a capitania de S. Paulo, para pôr em Piratininga governadores regios. Não seria a cousa facil, porém, accrescentava numa nota reveladora do conhecimento das cousas.

A' carta do vice-rei acompanha curioso annexo:

«Relacion de los daños que los portuguezes de la villa de San Pablo del Brasil hacen a los indios de la del Paraguay y medios que se podrian adoptar para remedio de los mismos.

Reuniu o vice-rei todos os informes recebidos sobre a questão e os pormenorizou ao soberano.

Assim, affirma que, já sob o reinado de Philippe II, antes de 1598, portanto, se extendiam as correrias paulistas ao salto das Sete Quédas. Motivaram o facto diversas reaes cedulas desobedecidas pelos de Piratininga, «gente aragana», que podia, no emtanto, viver rica, com a exploração das opulentas minas de ouro, descobertas por d. Francisco de Sousa (?!).

Eis como s. m. era bem informado; onde seriam estas famosas jazidas desprezadas dos seus reinos e senhorios de Portugal?

Continuando as suas entradas, faziam-nas os paulistas uma, e, ás vezes, duas por anno, em bandos de 400 a 600 homens. Despovoara-se o sertão, por elles talado. Falava-se que haviam arrebanhado duzentos mil captivos. Só de uma vez, mais de dez mil, affirmara d. Manuel de Frias, antigo governador do Paraguay. Respeitavam, a principio, as reducções, mas, depois, como a estas affluissem os indios selvagens, nellas enxergando seguro asylo, começaram a atacal-as: Os assaltos de 1629, estes lhes valeram 40 a 50 mil escravos. Haviam-nos acompanhado as maiores perversidades.

Prevalecia entre paulistas a idéa de que eram licitas as entradas; pertencia, ao seu dizer, o Guayrá á corôa de Portugal, e depois outro motivo capital os estimulava; povoarem de servos os seus engenhos e fazendas.

Viera a invasão de 1631 completar a obra da de 1629. Provocara o exodo geral dos indios do Guayrá dirigido pelos jesuitas. Horriveis scenas as deste despovoamento em massa, enorme a mortandade occasio-

nada pela fome, as epidemias, os sacrificios da jornada, pelo rio Paraná abaixo, aliás cortado pelas Sete Quédas.

Agora o que se receiava era a invasão de Côrrientes onde os ignacinos tinham cinco aldeiamentos notaveis «muy poblados con lindas iglesias, con lindos hornamentos y mucha musica». Não menos ameaçadas as dez reducções, tambem excellentes, do rio Uruguay.

Como consequencia de tão lastimavel estado de cousas, notava-se a exhaustão financeira do Paraguay, o seu despovoamento em enorme zona, além dos prejuizos espirituaes incalculaveis produzidos pela dispersão de uma christandade de quarenta mil neophytos.

Tornou o vice-rei do Perú, em 1632, a suggerir ao seu soberano diversas medidas tendentes a reprimir as correrias paulistas pelas terras de Hespanha. (cf. Arch. General de Indias 70-2-4).

Cedulas reaes, condemnando estes vassallos irrequietos, não bastavam, embora promulgadas pela corôa de Portugal.

«Semejantes cedulas no las ovedecen ni ai quien quiera ponerlas en execucion, porque todo el Brasil está lleno de captivos y grandes y chicos son interesados en ello. Y aun tengo por cartas que aora e recebido, que la justicia está tan desvalida que para notificar un auto o una sentencia es menester acompañar al escrivano una compañia de soldados. Y aun es notorio, en el Paraguay, que en el pueblo de San Pablo ni los oydores, ni los inquisidores an podido castigar nadie y aviendo anochecido no an amañecido de puro miedo».

Exactamente como succedera ao escrivão Costa Barros, encarregado de promulgar, em 1631, o bando do governador geral do Brasil repressor das entradas.

Talvez fosse pratico encampar a corôa á capitania de S. Vicente, collocando-se em S. Paulo governadores energicos, á testa de bôa guarnição, para conter aquella população: «Junta de todos los malhechores de el Brasil que no ovedecen a Dios ni al rey». Era, porém, meio falho a seu ver; de execução custosa, mostrando-se o vice-rei sceptico ainda sobre a possibilidade da escolha de autoridades capazes de bem servir tão delicada commissão.

O unico meio realmente viavel era transportar-se a capital do Paraguay para Villa Rica, no alto Ivahy,

ali residindo o capitão-general como em fronteira de inimigos e dispondo de fortes recursos militares de repulsa aos bandeirantes.

Assim forçasse S. M. seus logares tenentes a tal trasladação, sob pena de perda do cargo e dos bens.

Em 1631, haviam os paulistas cercado a localidade sob o pretexto de que estava dentro da jurisdicção de sua corôa, sendo dali repellidos.

Este nucleo de resistencia podia ser constituido por brancos de Villa Rica, auxiliados por indios de Assumpção, de Xerez e Ciudad Real. Disciplinados e armados, seriam tão bons soldados quanto os tupys, sequazes dos portuguezes. Poderia até algum bom cabo de guerra, nomeado por S. M. emprehender campanhas resgatadoras dos indios roubados á provincia.

Bastaria que em S. Paulo se soubesse da existencia deste baluarte hespanhol para que, sobremodo, diminuisse o ardor escravista dos de Piratininga. «Sabiendose en San Pablo que en la Villa Rica avia governador disposto a estorvarles el passo, que no vinieran otra vez porque ellos no vienen a pelear sino a saltear aquellos pobres yndios.»

Real obstaculo era a escolha deste delegado régio. Dos dois primeiros capitães generaes nomeados para o Paraguay, o primeiro, d. Manuel de Frias, gastara todas as suas forças batendo-se com os payaguás; o segundo era d. Luis de Cespedes que deixara de cumprir o que seu rei lhe ordenara e fizera o que se sabia, inclusivé dar a portuguezes «encomiendas» de indios no Paraguay!

Urgia, quanto antes, impedir a infiltração de elementos lusos em Tucuman, no Paraguay e no Perú, Bastavam os que já se viam afazendados em Assumpção, Buenos Ayres e governo de Tucuman. Eram os agentes do enorme contrabando do Prata, com as suas arribadas fingidas de navios com negros e mercadorias, para immenso detrimento do commercio da praça de Sevilha. Ia muito dinheiro do Perú ao Prata, dahi ao Brasil e do Brasil á Hollanda, graças á amizade dos christãos novos com os herejes neerlandezes de Pernambuco.

E havia ainda o justo receio de alguma occupação batava da foz do Prata, taes as ligações entre os judaisantes e os invasores do norte do Brasil e sua solidariedade com os correligionarios passados ás terras de Castella.

Um obice apresentava-se a vencer-se: estaria o Guayrá tão despovoado que nem se achassem indios de serviço, sem os quaes impossivel seria conservarem-se os hespanhóes e seu governador? Neste caso, conviria recrutal-os nas novas reducções e collocar-se forte guarda nas Sete Quedas. Mas acima de qualquer providencia tornava-se preciso escolher-se governador sem ligações com portuguezes e forçar todos os elementos lusos do Paraguay a um exodo.

Quanto ás reducções do Uruguay, sobre ellas havia um conflicto de jurisdicção entre os governadores do Prata e do Paraguay. Entendia o vice-rei mais curial que a região dependesse de Buenos Ayres. Tão distante estava porém de um governo como de outro não sendo possivel soccorrel-a si os paulistas a invadissem. «El medio pues que se me ofrece para estos yndios del Uruguay és remitirlos a la providencia de Dios, o aconsejarles que se fortalescan y se defiendan porque son valientes flecheros y no fuera mucho si tuvieran cabeça».

O peior em tudo isto vinha a ser a infrene cobiça dos delegados regios que «para sacar plata hazen exorvitancias inauditas» e a crueldade dos hespanhóes, «encomenderos dos pobres selvagens.

Emfim, para maior de espadas offerecia o vice-rei ao monarcha um «cuarto medio, facil de dezir-se y dificultoso dexecutarse»: o arrasamento de S. Paulo, castigando-se aos paulistas «por su reveldia y desobediencia».

Não seria o caso novidade na America, pois na Ilha de S. Domingos, como na parte norte houvesser populações castelhanas sempre em contacto e alliança com filibusteiros francezes e inglezes, apezar de prohibição real que as ameaçava com grandes penas, mandara sua magestade assolal-as o que se fizera para terrivel escarmento de tão maus subditos. Era o que a gente de S. Paulo merecia. E aliás não era a suggestão nova que em 1618 já a apontara Hernandarias.

Em todo o caso, varrendo responsabilidades, prudentemente invocava s. s. a philosophia de um celebre proloquio de sua bella lingua castelhana: «dal dicho al hecho hay gran trecho».

Arrasar S. Paulo?... e sua gente numerosa e aguerrida? e a serra?

Enfeixando o seu parecer exhortou o vice-rei ao

soberano que não deixasse rodar o Paraguay agua abaixo.

E dithyrambicamente lembrava que «era tierra tan buena», fertilissima em trigo, vinhedos, mel e assucar, plana e lavravel como poucas, cheia de florestas com as mesmas essencias do Brasil, minas de cobre, ferro e aço (sic), enorme quantidade de bois e cavallos, «milharadas» de animaes mansos e alçados, dispondo de rios piscosissimos, bosques apinhados de caça. «E's tierra que si los estrageros tomasen asiento en ella facilmente darian a entender que no mereze ser despreciada», concluia a invocar esta *suprema ratio* ante o impassivel monarcha, cognominado o grande, a quem, por escarneo, attribuiam os hollandezes um poço por brazão e a divisa: *quanto mais me tiram maior fico!*

---

## CAPITULO VII

*Novos alvitres para deter os paulistas. — Nomeação de governador novo para o Paraguay. — Acção dos Conselhos de Portugal sobre os seus vassallos de São Paulo. — Transladação da capital paraguaya para Villa Rica. — Guarnição hespanhola em São Paulo. — A ganancia dos colonos, inspiradora de maus recursos. — Representação do provincial jesuitico do Paraguay. — Noticias do cerco de Villa Rica. — Sinistros prognosticos. — Carta do provincial paraguayo aos seus superiores e ao Rei. — O novo governador do Paraguay.*

A 24 de maio de 1632, alarmadissimo se mostrava o vice rei do Perú com o avanço dos paulistas para oeste e para o sul. Via com grande receio a possibilidade do despovoamento do Baixo Paraná, do Uruguay e do resto do Paraguay, pois nada parecia poder deter os «portuguezes de San Pablo». (cf. Arch. de Ind. 70-2-4).

Lembrava a s. majestade outros recursos contra tão afflictiva situação, insistente a repetir.

Antes do mais, nomear-se para o Paraguay, governador que não fosse amigo de portuguezes e «no vaya a la parte con ellos». Obrigar depois o conselho real de Portugal a agir sobre os colonos do Brasil, forçando-os a libertar os indios escravisados do Guayrá.

Prohibição expressa de passar gente portugueza ás colonias de Hesppanha. Sabia o vice rei, de pessoas

de toda a honorabilidade, que em S. Paulo residiam muitos hollandezes. Medida perigosissima era extender o padroado real sobre todas as aldeias jesuiticas do Paraná e o Uruguay, como tanto aconselhavam os colonos ambiciosos, avidos de escravos. A' promulgação de tal decreto corresponderia o levante geral dos selvagens, ao passo que sob os jesuitas se civilizavam nas normas do amor e fidelidade á corôa catholica.

O que convinha era não ter contemplação alguma com gente tão abominavel como os paulistas, nem arriscar a perda, para a corôa hespanhola, de uma provincia do valor do Paraguay, fertilissima.

Todos esses avisos e reclamações, recriminações e conselhos, partidos de quem quer que fosse, bispo, vice rei do Perú, cabidos, capitulo jesuitico, governador do Prata, autoridades de menor relevo, ecclesiasticos e seculares, missionarios e seus provinciaes, todo esse capitulo de queixas foi esbarrondar-se de encontro á invencivel inercia e desorganização administrativa hespanhola.

Já o lembrámos.

Reiterando instantes e numerosos pedidos de providencias contra os paulistas, a 12 de junho de 1632, e de Buenos Aires, escrevia o padre provincial do Paraguay, Francisco Vasquez Trujillo, a Philippe IV, dando-lhe conta do capitulo realizado entre os padres graves e professos da Provincia, para a eleição de procurador geral e sobretudo «remedio que podia aver para que los portugueses de la villa de San Pablo no acaben de destruir y assolar las Reducciones de Indios». (Cf. Arch. Gen .de Ind. 74-3-26).

Encarregado fôra pelos seus confrades de relatar a S. M. o quanto era afflictiva e premente a situação, afim de que o rei, com o seu braço poderoso, aos paulistas estorvasse e os detivesse com «efficaz remedio».

Das doze grandes reducções do Guayrá «hechas a costa de grandisimos trabajos y peligros de la vida, de los padres» estavam dez destruidas.

E, ahi, se repetia a descripção de crueldades, desacatos e sacrilegios, muito pormenorizada, como já a demos.

Calculavam-se em duzentos mil os indios dispersos; houvera bandeira que para o Brasil levasse vinte mil captivos de uma só arrancada, numeros certamente exaggeradissimos.

Onze mil haviam sido os fugitivos sahidos a toda a pressa do territorio do Guayrá e destes tinham mor-

rido innumeros de afflicção e privações. Quem poderia ter atalhado a taes horrores, d. Luiz de Cespedes Xeria, era, justamente, quem em grande parte os promovera!

No momento em que se celebrava o capitulo, sabia-se que as bandeiras mantinham Villa Rica em cerco. «Tienen cercados y acorralados los vecinos de ella y les van robando los yndios y dicen que no an de parar hasta echarlos de ali y poblar ellos porque dicen que son tierras que les pertenecen».

Eis ahi um depoimento de grande alcance, revelador de uma continuidade de esforços nacionalistas luso-brasileiros, tendentes á recuperação da margem esquerda do Paraná, invadida por estabelecimentos castelhanos.

Si os paulistas se estabelecessem sobre o grande rio, continuava o jesuita, haveria o maior perigo de invasão do Paraguay e do Perú por judeus encapotados «y hombres muy dañosos al bien espiritual, y temporal, y seguridad destos Reynos».

Pelo Tietê continuamente navegava gente de contrabando, visando entrar no Perú; estava a estrada aberta a hollandezes e a quanto inimigo havia do nome castelhano.

Pelo Paraná se attingia Maracajú, o grande centro hervateiro. Dali ao Paraguay, a Assumpção, e, pelo rio, a Santa Fé e Tucumán, a Buenos Ayres, não havia obstaculos, sendo tal «entrada por agua y rios tan acomodados que por ellos entran y bajan mugeres; les está mas a cuento de los olandezes, y a qualesquiera enemigos, porque demaes de ser mas facil, les es mas segura, por no aver en todo el camino, hasta la ciudad de la Assumpcion, quien les pueda resistir».

Bem precisava S. M. desta pequena licção de geographia, acerca de uma parte de seu enormissimo imperio.

Continuando as suas previsões provaveis, dizia o ignacino que, em todo o Paraguay, Santa Fé e Tucuman, haveria muito pouca resistencia aos paulistas; era a gente hespanhola muito escassa, com dadivas subornariam os indios, não faltando além de tudo mestiços e «gente novellera» que lhes tomassem o partido.

Quanto á presa a se fazer em taes provincias, era ella enorme, immenso gado a recolher-se.

Tomado o Paraguay, facil seria aos paulistas apoderarem-se de Potosi e Chuquisaca e, ao mesmo tempo, com uma expedição maritima, conquistarem Buenos Ayres. Ahi, então: «Finis Americae!»

E soubesse S. M. que os paulistas não faziam o menor caso da sua autoridade, porque não o reconheciam como seu rei. Elles tinham no Brasil um soberano proprio e eram os brazões e insignias deste monarcha que o padre Montoya vira em seus estandartes.

Agora urgia salvar as dezoito reducções do Paraná e do Uruguay, algumas dellas com setecentas familias; mais povoadas seriam ainda não fossem as bexigas.

Convinha muito que as percorresse algum visitador real; por exemplo, d. Andrés de Leon Garavito, visitador de Buenos Ayres, varão exemplar, «amado e temido de todos».

«Se Vuestra Majestad fuera servido de querer informar-se mejor de esto com um mapa que de estas tierras lleva nuestro Procurador, será facil el hacerlo». terminava o provincial sempre pouco confiante nos conhecimentos geographicos de seu real amo.

Voz clamante no deserto seria a do padre Trujillo, mais esta vez.

Fugindo á avançada das bandeiras, retiravam-se os hespanhóes além Paraná e os paulistas não tardariam em atravessar o grande rio, na sua faina de arrasar os estabelecimentos castelhanos.

Contemporaneamente escrevendo aos seus superiores de Hespanha, a 2 de julho de 1632, e de Buenos Ayres, relatava o padre Trujillo diversos pormenores sobre a vida das reducções, onde se haviam abrigado muitos dos indios fugidos á invasão paulista do Guayrá (cf. Arch. Gen. de Indias 75-6-7).

Nove eram os aldeamentos da companhia na mesopotamia parano-uruguaya e suas adjacencias: Concepcion, S. Nicolau de Piratiny, Candelaria, Santos Martyres do Caró, S, Pedro e S. Paulo, São Carlos, São Xavier de Cespédes, Assumpção e Santos Reis, contando 1.800 familias, e 23.000 individuos, sendo Candelaria e Martyres as maiores, com 550 e 600 familias, respectivamente.

Muita gente, ultimamente, se perdera, devido a epidemia.

Para o incremento da obra catechista, pedia o padre Trujillo, instantemente, quatorze padres missionarios e quatro irmãos leigos.

Nos seus dois collegios de Buenos Ayres e Santa Fé, contava a Companhia oito missionarios, dos quaes

cinco em Buenos Ayres. Nas reducções, dezoito, pessoal insufficientissimo, havendo como havia numeroso serviço a fazer. Escasseavam os doutrinantes para as novas aldeias fundadas entre os indios selvagens.

Quatro dias mais tarde, do rei solicitava o padre Trujillo muito mais do que isto: nada menos de trinta sacerdotes e dezoito irmãos coadjutores, ahi se comprehendendo, porém, o reforço para os collegios de Tucuman e do Paraguay. Na Assumpção viviam apenas sete sacerdotes, no collegio ignacino, um dos quaes cego e outro inutilizado, pela extrema velhice. Nas cinco reducções da margem occidental do Paraná os missionarios se revesavam (cf. Arch. Gen. de Indias 75-6-7).

Serviço enorme por toda parte. Assim mesmo não se consolava o padre provincial da ruina das doze reducções do Guayrá, pelos paulistas. Pueblos alguns com 1.200 familias! E iam em tão grande prosperidade!

Enviasse El-Rei padres! solicitava o provincial, supplice. Era Sua Majestade a unica esperança da Companhia na America do Sul. Em cada reducção diziam os curas uma missa mensal em intenção do soberano.

Como compensação aos prejuizos causados pelos malvados paulistas no Guayrá, progrediam muito as reducções dos Itatins (sul de Matto Grosso). Para ellas tambem pedia missionarios: seis padres e quatro leigos. Ali estavam quatro doutrinantes, sacerdotes.

Empossado do governo paraguayo como successor de Don Luis de Cespedes appareceu no Paraguay D. Martim de Ledesma Valderrama que já em 1628 fôra governador do Tucuman, commissão em que tivera a incumbencia de conquistar o Chaco argentino.

A 20 de maio de 1632 escrevia a Philippe IV, em carta datada de Santiago del Estero (cf. Arch. Gen. de Indias 74-5-1) que estivera nos tres ultimos annos occupado na conquista do Chaco, empresa muito difficil por ser aquella região povoada de indios tão numerosos quanto bellicosos.

Gastara cem mil ducados de seus bens e perdera muita gente na sua entrada. A terra era riquissima e merecia ser tomada. Pretendia ir á Europa apresentar-se a sua majestade quando a Real audiencia de La Plata o enviara a tomar conta do Governo do Paraguay, tendo Cespedes delle sido suspenso. Estava esta provincia em summa inquietação por causa da invasão paulista cada vez mais perigosa; enorme a pesca de

indios realizada pelos «maloqueros» de S. Paulo já encaminhada para os engenhos de assucar do Brasil. Assim assumira o governo paraguayo o que não o impedia de continuar a pensar no Chaco, conquista da maxima importancia e traço de união entre as terras já apossadas pela Corôa de Hespanha e que permittiria levar a bandeira castelhana á fronteira portugueza do Amazonas, através de uma região immensa habitada por uma quantidade enorme de indios, muito maior que a do Perú.

---

## CAPITULO VIII

*Campanha do Itatim e tomada de Xerez. — Escassez de documentação; mesmo da hespanhola. — A carta de Irrarazaval e o memorial do Padre Ferrusino. — Duvidas e obscuridades.*

Completada a obra da expulsão dos hespanhóes e jesuitas do Guayrá, com a queda de Villa Rica e a evacuação de Ciudad Real proseguem os paulistas no seu plano de aggressão systematisada e tão logico que parece obedecer ao desenvolvimento de uma acção estrategica maduramente pensada e determinada em todos os seus pormenores.

Não se contentam em apoderar-se dos territorios á margem esquerda do Paraná, querem ainda impedir a expansão hespanhola no Alto Paraguay trancando-lhe o curso do grande rio central.

Para isto era preciso destruir Santiago de Jerez, guarda avançada dos dominios castelhanos no Sul de Matto Grosso, situada á margem do Mboteteú, o nosso Miranda de hoje, capital de um districto fartamente povoado de indios e onde já havia prosperas reducções jesuiticas.

Reapparecem além Paraná, perseguindo os adversarios, que já no Guayrá bateram, e a sua acção virá a ter, para a formação do territorio brasileiro, capital importancia. Houvessem os hespanhóes conseguido manter o seu presidio de Jerez e no seculo XVIII aos paulistas estariam trancadas as entradas do Cuyabá.

Assim como a tomada do Guayrá veio estabelecer os primordios da nossa linha fronteiriça sul, pelo Paraná e o Uruguay em vez de vir a ser pelo Paranapanema e o Itararé, a conquista do Itatim em 1632, transportou, póde-se dizer, a nossa fronteira de Oeste do Paraná para o Paraguay e cerceou ao norte o desenvolvimento paraguayo.

Prova de tal parece-nos evidente a energia com que o Paraguay de Francia e dos Lopez reclamou como pertencendo ao seu patrimonio nacional toda a região mattogrossense comprehendida entre o Apa e o Miranda. Quando se deu a invasão lopezca de 1864 á região conquistada attribuiu o sanguinario dctador do heroico povo, tão digno de melhor chefe, ao territorio talado pelas columnas de Barrios impoz o nome antigo da provincia ou districto de Mboteteú. Fundado Santiago de Xerez á latitude de 19 graus, e em 1580, por Diaz Melgarejo, e á margem do Mboteteú ou Mbotetey começou a sua colonisação com algumas familias convertidas por Fr. Luiz Bolaños.

Dizia o Governador de Buenos Ayres, D. Diego Marin Negron ao Rei, a 1 de agosto de 1612 que o seu padrão (numero de indios do districto) era «numerosissimo» (cf. Arch. Gen. de Indias, 74-6-21).

Em 1597 havia percorrido o districto santiaguenho uma missão jesuitica de que faziam parte os Padres Ortega e Filds. Alli haviam presenciado tremenda epidemia «campeando de um modo singular la heroica caridad del P. Ortega durante la peste de aquel año en que bautisó por millares los infieles» (cf. Pastells, ob. citada, 1, 222).

Durante nove annos assistiram os dous missionarios aos indios e brancos de Xeres. Quando por ordem do seu Visitador foram para o Perú, o Cabildo de Santiago escreveu a mais sentida carta ao Provincial Diego de Torres. A unica assistencia espiritual com que podiam contar era a dos dous evangelisadores «los clerigos no quieren benir ni los prelados cuidan de esso y asi está esta viña de Dios perdida por falta de obreros ni los españoles reciben los sacramentos que no puede haber maior lastima ni los naturales alcançan el bautismo que desean».

Y si Dios por medio de V. P. nos enviase los dichos Padres, se remediarian esas y otras necesidades.

Nosotros, de nuestra parte, ofrecemos acudirlos con

lo necesario sino como merecen y quisieramos á lo menos como pudieramos» (cf. Pastells ob. cit. 1, 157).

Em agosto de 1617 havia nas vizinhanças de Xerez os pueblos de Cunumayis e Cataguás, com numerosissimos indios, curas seculares e mais dous de clerigos jesuitas; os primeiros eram de indios encommendados a hespanhoes, e os ultimos, parte ao Rei e parte a Colonos castelhanos.

A 8 de julho de 1625 escrevia Frey Tomás de Torres bispo do Paraguay ao Rei (cf. Arch. Gen. de Indias. 75-6-17) que recebera em Assumpção representantes de mais de 4.000 indios do Itatim, pedindo parochos.

A 29 de janeiro de 1626 referia o bispo de Tucuman ao Rei (Arch. Gen. de Indias 74-6-46) que cinco mil indios, falando Guarany, encommendados, havia em torno de Jerez, a 80 leguas da Assumpção muitos por baptisar e pedindo missionarios. Contavam-se em Jerez 600 christãos yanaconas e 3.000 infieis que falavam a lingua ninguará. A população de Jerez e Villa Rica seria de 150 colonos hespanhóes com mil indios de serviço.

Em julho de 1632 ainda se não dera o assalto de Jerez pelos paulistas; pelo que conta a longa carta do Provincial paraguayo Padre Trujillo a Philippe IV, datada de 6 dauqelle mez, e de Buenos Ayres (Arch. Gen. de Indias 75-6-17). Se se dera pelo menos ignorava-o ainda o Provincial.

Sobre a destruição dos estabelecimentos do Itatim pelas bandeiras de S. Paulo pouca documentação existe e a mais laconica. Mesmo a hespanhola é muito omissa.

A portugueza de que temos conhecimento ainda mais escasseia. E' a que indica Basilio de Magalhães na sua «Expansão geographica do Brasil» e as referencias accidentaes genealogicas provenientes de Pedro Taques; são os proprios documentos hespanhóes sobremodo lacunosos.

Referem-se a incidentes que não pormenorisam.

Um papel valioso sobre esta phase da historia bandeirante vem a ser a carta de João Baptista de Irrázabal (cf. Arch. Gen. de Indias, 74-6-29), datada de 20 de maio de 1633, do porto de Maracajú, e endereçada ao reitor do Collegio de Assumpção, padre Diogo de Alfaro.

Andavam os paulistas a percorrer o Itatim (sul de Matto Grosso); sabia-se de sua passagem por «Pirapó y Villa Vieja y otras partes». No porto de Maracajú, não tinham sido ainda avistados, embora corressem muitos boatos e rebates falsos se dessem, «os seus pombeiros andavam, porém, pela vizinhança.»

Acreditava o missivista comtudo que certos individuos velhacos estivessem a exaggerar a gravidade da situação «no se porque caussa e razon esta jente a dado a essa ciudad tantas inquietudes y sobresaltos fundados en sus quimeras y nuebas llenas de embustes y mentiras».

Corria que os paulistas, acampados em Itapinta, a umas quatorze leguas, com grande copia de indios captivos, já haviam perdido de peste mais de seiscentos escravos, enterrando-os naquelles desertos sem lhes dar sepultura em sagrado, havendo-os ainda deixado morrer sem confissão nem sacramentos, «casso lastimoso de llorar y ponderar». Só se falava em «malocas y correderias de yndios», mas taes correrias tambem as faziam os hespanhóes.

Dias atrás, regressara de uma excursão ordenada pelo governador da zona, certo Lourenço de Villalva que, com 22 soldados brancos e diversos indios, voltava trazendo trezentos e tantos pobres indios apanhados no Acarahy, num ribeirão tributario do Capivary, affluente do Paraná, a jusante do salto do Guayrá. E tratava-se de indios semi-civilisados poís possuíam «sus alberges y chacarillas».

Ora, eram antigos reduzidos de Pirapó e Ipambucú, e outras reducções da Companhia de Jesus, que ali estavam á espera das embarcações para fugir rio abaixo.

Repartidos entre os soldados, ficara-se o governador com trinta peças. «No es mala la grangeria, bien rinde el metal, el viento lleva en popa», commentava ironicamente o correspondente do jesuita.

E assim cessassem entre hespanhóes essas vozes de hypocrisia com que insultavam os paulistas.

«No se para que forman quexa de los portuguezes; que yo por peor lo tengo este otro porque se ellos como malos y abituados en sus insultos hazen los daños y robos destos indios con otros diversos males a estos otros no que se nombre les dê, ni que previlegio

tengan para que con nombre de Redentores hagan estas maldades».

Luiz de Ortigosa, á testa de soldados brancos e muitos indios, varria as cabeceiras do Iguatemy á caça de duas ou tres grandes e velhas tabas de que tivera noticia naquellas paragens.

Lourenço de Villalva, este se preparava a sahir em nova excursão «como esperto y cevado en este ministerio», pretendia revistar as margens do Paraná pelo salto abaixo até ao Acarahy. E, para justificar as suas façanhas estes maloqueros hespanhóes propalavam boatos falsos, os mais aterradores.

«Hultimamente nos dieron en este puerto sobresalto, diziendo, que los portuguezes estavan en balça y todo es para que con esto rumor falso y capa puedan salir con mas libertad a sus pillajes y maldades».

Embora não fossem exactos todos os boatos relativos aos movimentos dos bandeirantes, alguns havia bem fundamentados, avisava ainda Irrarásaval.

Assim lhe contára frei Juan Merino que «avia rumor de que no se que portuguezes pretendian passar por las espaldas de Guayrá la Vieja a el Iguassú».

Não seria máu se se mandasse aviso ás reducções daquella região. «Estén alerta y vivan con cuidado!»

«Yo siempre he tenido a quel camino como otra vez e dicho, si bien me acuerdo a Vuestra Paternidad», lembrava o cauteloso correspondente.

E, voltando a tratar dos maleficios de Cespedes, recordava ainda quanto prohibiam os capitulos da Ordenança Real da Provincia do Paraguay aos governadores que fizessem correrias contra os indios, sob pena de deposição e multa de muitos mil pesos; Só se exceptuava o caso de amotinação dos selvicolas. Assim mesmo, era-lhes expressamente prohibido repartil-os entre os seus soldados, «como se fueran sardinas sacadas de um cesto». Era estricta obrigação restituil-os aos aldeiamentos.

Seguindo as ordenações de sua majestade, todos os subditos de Villa Rica e Ciudad Real se haviam inhibido de «tener y posseer feudo real» e achar-se como encomenderos de indios. Todos os selvagens daquella zona deviam considerar-se como subditos directos de sua majestade e livres do jugo feroz de seus senhores feudalizados. Que encomenderos eram estes, que, longe de defender os seus encommendados, a quem tanto ve-

xavam, ainda por cima de tudo fugiam, «de quatro gatos portuguezes foragidos por no hazer les rostro ni acudir a los soccorros que devian de aver dado como feudatarios y leales vassallos de s. majestad?!»

Assim. graças a estes maus subditos, se despovoava a terra toda, «entregandola libremente a los dichos portugueses em logar de ampliarlas y estenderlas a la Corona de Castilla».

«Esto alude mas a traycion que a otra cosa», concluia indignado o patriota castelhano.

Pretendia de tudo dar conta ao diocesano, mas receava impressionar a este zeloso prelado e, assim, forçal-o a visitar aquellas paragens, o que certamente lhe causaria forte e fatal desgosto.

Em todo o caso, pedia ao reitor que o trouxesse ao par do que se passava, em segredo. Toda a discreção era pouca: «no se muestre esta a nadie porque ay personas de obligacion de por medio», confidenciava o noticioso informante, receoso de alguma questão em que lhe fosse ameaçada a integridade das costellas, graças ao desabafo de seus patricios os «maloqueros» de indios e, portanto, gente nada acostumada a dirimir questões pela brandura.

Ignaros ou desidiosos conselheiros, quasi sempre mal informados em relação ás cousas americanas, eram os que cercavam os reis ibericos. Dahi a série de providencias esdruxulas tomadas em relação a assumptos ultramarinos, por vezes estultissimas até.

As difficuldades da distancia e da carencia de informes, aggravavam a deslealdade dos relatos, frequentemente capciosos, desleaes, oriundos de motivos subalternos sinão muitas vezes de inconfessaveis pretextos.

O documento contemporaneo da tomada de Xerez pelos paulistas e que a nosso alcance chegou é o «memorial» do Padre Juan Bautista Ferrusino, do anno de 1633 (mas não datado (cf. Arch. Gen. de Indias 74-3-26) em que aliás não se precisam datas, de modo que vagamente precisamos admittir que a expugnação de Xerez haja sido em 1632 ou mesmo em principios de 1633.

Ferrusino, italiano, já contava dezenas de annos de apostolado nas missões, desempenhara importante papel em muitas commissões de vulto, como na reitoria do Collegio de Buenos Ayres e fôra naquella época eleito Procurador Geral da Companhia. Era Ferrusino quem no seu alludido memorial endereçava ao Rei clamores:

de soccorro dizendo que os paulistas haviam destruido «con impiedad y crueldad» nunca oida una de las mas numerosas y floridas provincias que havia».

De tudo se déra a s. m. «puntual relacion», sem que jamais houvesse tomado a côroa providencia alguma.

Vinham agora as mais tetricas noticias para o dominio hespanhol na America do Sul. Por cartas do provincial do Paraguay, de 31 de março a 31 de julho de 1633, se avisava que os paulistas haviam enxotado os castelhanos de todas as terras por elles colonizadas á margem esquerda do Paraná; em massa se retiravam os colonos hespanhoes de Villa Rica e de Ciudad Real, além do grande caudal, pois os de Piratininga lhes captivaram «los yndios de su servicio obligandoles (aos colonos) a desamparar el puesto». E, peior ainda, atravessando o rio, haviam assaltado a Xerez (no sul de Matto Grosso), destruindo-a igualmente e a duas reducções novamente fundadas com mais de dez mil almas. Ahi estava a paga do applauso dos hespanhóes aos bandeirantes e do seu odio anti-jesuitico «y diesta manera en este dicho tiempo an (os paulistas) conquistado mas de docientas leguas de la corona de Castilha, como si fuera de algun rey estraño o enemigo» commentava o provincial amargamente.

Cada vez mais dilatando a aréa de suas incursões dizia-se que os «maloqueros» não tardariam a atacar as demais reducções do sul, quer as de Corrientes e Uruguay, pelo lado do rio Paraná, quer (as do Rio Rio Grande do Sul) as do Tape, pelo littoral.

Não sabendo mais a que recommendação se apegar, supplice, terminava o padre procurador o seu requerimento: «Y postrado a sus Reales pies suplico humilmente a Vuestra Majestad se apiade de aquellos miserables vassallos suyos que por haver se reducido voluntariamente al servicio de ambas majestades padecen tan incomportables trabajos de sus almas y cuerpos y buelo a Vuestra Majestad por su libertad y por el credito del Santo Evangelio y de sus ministros assegure sus vidas y acredite su real poder y el respeto devido a su corona proveiendo de breve y efficaz remedio, con que ataje tan graves daños».

De nada valeria tão vehemente appello espicaçador do amor proprio regio e nacional offensos; tinha mais em que pensar o abulico Felippe IV do que em

cousas de indios do centro da tão longinqua America Meridional, de uma região tão insignificante, onde não havia a minima jazida, uma unica jazidasinha, por pobre que fosse, para remedio das eternamente avariadas finanças da Hespanha.

Chamavam-se as tres reducções jesuiticas do Itatim, recem fundadas, e a que se refere o «Memorial» do Padre Ferrusino, San José, Angeles e San Pedro y S. Paulo. Ficavam a Oeste do Rio Pardo no dizer de Basilio de Magalhães (ob. cit. pag. 56).

Assim como succedera em Villa Rica diversos castelhanos colonos de Xerez reuniram-se aos vencedores passando a estabelecer-se em S. Paulo, segundo nos inculca Pedro Taques, ao tratar aliás incidentemente deste caso, na biographia de Luiz Castanho de Almeida (cf. Rev. do Inst. Hist. Bras. 33-2-60-61) em cuja ascendencia figuravam diversos castelhanos dos incorporados ao nucleo paulista, após os successos do Guayrá e do Itatim.

Assim dentre estes hespanhoes além do Padre Juan de Ocampo y Medina, de quem já falamos, cita o linhagista Gabriel Ponce de Leon «illustre cavalheiro da provincia do Paraguay que se passou para a capitania de S. Paulo com outros fidalgos seus parentes entre os quaes foi Bartholomeu de Torales, (villariquenho) Barnabé de Contreras y Leon e sua mulher Beatriz de Espiñosa, naturaes de Santiago de Xerez cuja filha D. Violante de Guzman desposou em S. Paulo Domingos do Prado, a 12 de agosto de 1637.

Está sobremodo confusa a redacção dos periodos que Pedro Taques consagra a estes hespanhoes. Por elles se lê que o fundador de Sorocaba Balthazar Fernandes se casara, no Guayrá, com uma hespanhola, Maria de Zuñiga, filha de Bartholomeu de Torales e de Violante de Zuñiga.

Falando desta immigração castelhana ás terras paulistas dá curso o genealogista a um commentario singular: «Todos estes cavalheiros castelhanos se passaram da provincia do Paraguay com suas familias para a capitania de S. Paulo, pelos annos de 1630 até 1634, tendo elles estado alguns annos na campanha chamada Vaccaria, cujos gados, em copiosa abundancia, deixaram totalmente e se passaram como fica dito, para S. Paulo, onde então se desconfiou que estas familias

estariam incursas em crimes de lesa magestade que as obrigou a semelhante transmigração.

Seria esta causa a cumplicidade com os bandeirantes por occasião do assalto paulista aos estabelecimentos do Guayrá e do Itatim? E' bem possivel.

As multiplas allusões de documentos hespanhóes posteriores a 1633 e os termos positivos da consulta dõ Conselho de Indias a Philippe IV em fins de 1638 sobre «las molestias que reciven los indios del Paraguay, de los Portugueses del Brasil «e que, mais tarde, pormenorisadamente estudaremos, não podem deixar de nos trazer a certeza de que o grande instigador e leader da campanha paulista de 1628-1632 foi Antonio Raposo Tavares. Para elle pediu o Conselho de Indias especial castigo e se mencionou o nome de Frederico de Mello Coutinho foi por chamal-o seu lugar tenente, Dizia naquella época que percorria o Itatim e estava a 80 leguas de Santa Cruz de la Sierra.

Parece-nos comtudo que, em 1632 e 1633, não pode o formidavel sertanista ter chefiado as expedições além Paraná e assistido á tomada de Xerez. E realmente em julho de 1632 estava elle em S. Paulo onde figura no inventario de sua mulher. Beatriz Bicudo (Inv. e Test., v. XI, 89-95).

Em outubro de 1632 ainda resistia Villa Rica ao cerco paulista. Em 1.º de janeiro de 1633 tomava Raposo posse do cargo de juiz na Camara Municipal de S. Paulo e logo depois se empossava do de Ouvidor da Capitania de S. Vicente, em meiados de 1633.

Em agosto seguinte rompia a sua lucta com os jesuitas como mais adiante exporemos. Assim, pois, como acharmos um lapso de tempo sufficiente para que o grande sertanista haja podido, de meiados de 1632 a meiados de 1633, ter estado em Mattto Grosso e presenciado á queda de Xerez?

Suppõe Ellis (ob. cit. 60) que o cabo bandeirante haja conquistado o Itatim e o burgo castelhano de Santiago voltando a S. Paulo antes de julho de 1632 mas a isto se oppõe os documentos hespanhoes que citamos.

Ha pequeno equivoco da parte do distincto escriptor quando fala «na tomada de Villa Rica, reducções do Ivahy, Pequiry e Ciudad Real que transcorreu em 1631».

A queda de Villa Rica, demonstramol-o sobejamente, só se deu em fins de 1632 e Ciudad Real foi desamparada. Os paulistas a acharam deserta.

## CAPITULO IX

*Pendencia da Camara de S. Paulo com os jesuitas. — A questão india em S. Paulo. — Tomada da aldeia de Baruery, aos ignacinos, pela Camara.*

Solidaria como toda a população de S. Paulo fôra com o grande movimento entradista de 1628 nada mais logico do que a reacção anti-jesuitica local, que se desenhou desde fins de 1629, até tomar a mais violenta das attitudes com a expulsão dos ignacinos em julho de 1640 depois de diversos episodios graves como os da crise de 1633.

Historiemos porém estes incidentes varios e os mais que em S. Paulo se prenderam á questão da presa dos indios durante o lapso de tempo que nos occupa.

A 5 de agosto de 1629 aos seus collegas denunciava o procurador, Antonio Teixeira, os jesuitas. Não havia indios nas aldeias que quizessem obedecer aos capitães nomeados pelo Governador Geral, devido ás intrigas dos padres. Puzessem os officiaes cobro a tal, visto «ser bem commum do povo, estando os indios obrigados a servir a este povo, pagando-lhes seu trabalho» como de costume havia muitos annos. Declaravam os officiaes que estavam prestes para acudir e remediar, visto ser serviço de sua magestade». Foi notificado o capitão dos indios, Manuel João Branco, da visita que a Camara queria, em sua companhia, fazer á aldeia de Maruery «para o effeito de o gentio lhe obedecer, porquanto dizia que lhe não obedecia».

A 13 de abril de 1630 pedia a Camara que se cumprissem as correições dos ouvidores cobrando multas dos individuos idos ao sertão, cujas fazendas deviam ser sequestradas! «Risum teneatis?...» A 29 de maio resolvia mudar o logar da villa de Maruery, por estarem os indios muito apertados e já longe de suas roças.

A 8 de junho, importantissima sessão. Enfermo o procurador, serviu em seu logar o do anno anterior, Antonio Teixeira, a relatar graves occurrencias. «Hera pubriquo que na villa de Santos era chegado Francisco da Costa Barros com uma provisão mui rigorosa contra toda esta capitania, do governador geral deste estado».

Ora, estava-se «em ponto de guerra»; por as novas que havia da tomada de Pernambuco e avisos do governador que para a Capitania de S. Vicente eram botadas trinta vellas».

Tão séria a situação que o capitão mór loco tenente lançara bando permittindo a todos os homisiados apresentarem-se livres, em armas, á espera do inimigo «com seus paes, irmãos e gentios». Não tinha Santos «defensas de artilharia nem polvora». Só lhe valiam os paulistas; vinha agora esta inepta provisão trazer o maximo alvoroto aos bons subditos de S. Magestade, tornando o povo «arisquado».

Era o meio mais facil de obter a queda do littoral paulista em poder do belga. Requeria elle, procurador, da parte de Deus e de Sua Magestade se sustasse a execução de tal decreto embora fosse elle acatado como partindo de quem partia.

Neste interim se avisaria ao Senhor Governador do perigo e da verdade porque na época em que se lavrara a provisão não havia nova de inimigos nem fôra Pernambuco tomado.

Tão séria a crise, julgou-a a Camara, que no dia immediato se reunira para a enfrentar.

Denunciou o procurador uma situação gravissima. Havia noticias exactas do levante geral dos indios do districto. Estava-se em «auto de guerra» assim ordenasse o poder municipal que todos os moradores se achassem armados e promptos para acudir á primeira voz, quer para enfrentar os indios, quer para acudir a Santos, devendo os capitães de ordenanças residir na villa e junto de suas companhias.

No dia dezesete de junho grande assembléa popular em que tomaram parte numerosos dos bandeirantes

de 1628-1629 destruidores das reducções a começar pelo cabo Antonio Raposo Tavares.

Assim entre elles Manuel Mourato, Simão Alvares, Pedro de Moraes Madureira.

Recordaram estes homens bons que as provisões e leis de Sua Magestade ordenavam a assistencia, nas aldeias, de um capitão e um clerigo bom lingua.

Pediam portanto que para ellas se destacassem capellães, que os havia na villa e «bons linguas». Estavam alevantadas e urgia providencias. Tomando a palavra declarou o procurador do Conselho que se achava de inteiro accordo com o povo e lhe reforçava o pedido, com toda a instancia; requerimento este que a Camara declarou «in totum» acceitar. Na sessão de 6 de julho voltou o conselho a tratar do caso por ser publico o levante dos indios de Maruery «com muito gentio e armas» sabendo-se que os bugres pretendiam desacatar os officiaes quando ali fossem ter, motivo pelo qual lembrou o procurador Francisco da Gama, a conveniencia dos officiaes se fazerem acompanhados de guardas.

Neste mesmo dia tratou-se de um facto mais serio; da passagem, por S. Paulo, dos padres Mancilla, e Maceta, vindos da Bahia, com a provisão do Governador Geral, mandando libertar os indios aprisionados no Guayrá caso que já por miúdo destrinçámos segundo o depoimento dos dous jesuitas.

Decretou a Camara que o escrivão municipal Ambrosio Pereira lançasse nos livros a fé do que ouvira dizer aos dous jesuitas para que tal constasse «ad perpetuam». Assim relatou o escrivão que o povo, furioso com a provisão do Governador Geral, impedira se alojassem no Collegio, indo elles pousar em casa de Manuel Fernandes Sardinha. E como o padre Francisco Ferreira requeresse á Camara a cessação de tal constrangimento haviam os officiaes ido vel-os em companhia do tabellião. Declararam então os padres, alto e bom som, que a prisão deviam-na a particulares e não ás autoridades municipaes. Claro como agua....

Do motim causado pela chegada de Costa Barros, nada consta... nas «Actas». E era de esperal-o.

A 27 de julho de 1630 pedia o procurador providencias contra o exodo dos moradores de Ibirapuera que se iam ao sertão. Fossem notificados de que não sahis-

sem da villa. E assim os notificou o escrivão tabellião da villa Ambrosio Perereira. Mas não passou dali.

A 8 de fevereiro de 1631 mandavam os officiaes de S. Paulo que o escrivão annexasse á acta uma declaração de que haviam revisto os capitulos das correições geraes dos ouvidores. E como estes ordenassem aos membros do conselho não consentissem nas idas ao sertão, de que deveriam ser culpados os juizes ordinarios, fizeram saber ao capitão mór da capitania, então na villa, dos termos das correições, allegando a sua irresponsabilidade tanto mais quanto em S. Paulo agora havia quasi sempre ouvidor. Respondeu-lhes o capitão mór «que a elle sobredito pertencia semelhantes cousas e em especial defender as entradas do sertão mormente assistindo e estando elle actualmente nesta villa de São Paulo».

Assim se repartiam responsabilidades; tanto melhor! Entretanto na sessão de 29 de março mandava-se fazer novo quartel; No anno seguinte, a 8 de maio, pedia o procurador Sebastião de Paiva que a Camara acudisse aos moradores da villa que se partiam para o sertão e S. Mcês. «mandarão e disserão que acudiriam a isto». O interessante é que um destes providenciadores vinha a ser Frederico de Mello Coutinho e o requerente Sebastião de Paiva! Intermina comedia!

A 22 immediato comparecia ao plenario municipal um grupo de lavradores do bairro de Quaraguapuba acompanhado de Manuel João Branco, o capitão dos indios de Baruery. Estavam desde muito de posse de suas terras, «o lavrando-as e aproveitando-as por cartas de datas e compras e por licenças de quem lhes podia dar, pagando o dizimo a Deus e pagando todas as mais obrigações», filhos e netos de povoadores. Entretanto constava-lhes que os jesuitas iam excommungal-os e aos indios, sob o pretexto de que as taes terras eram suas.

Assim o apregoava o procurador da Companhia Gaspar de Brito pae do vigario de Parnahyba. Ordenou a Camara, magestatica, que se lhes escrevesse o requerimento, que ella acudiria ao que mais conviesse ao serviço de Deus e de sua Magestade, e ao bem commum do povo.

Na vereação de 7 de novembro de 1632 intimou-se a Francisco Jorge que não uzasse de um escripto que tinha sobre indios por ser contra o povo. Foi ao mesmo

tempo intimado a vir á presença do Conselho. Do assumpto ainda se tratou em sessão de 13 do mesmo mez mas sem se dizer o que seria o tal escripto.

Em 1633 sahia nos pelouros, juiz ordinario, o chefe do movimento sertanista Antonio Raposo Tavares, que prometteu, como de praxe, em tudo guardar o serviço de Sua Magestade, o direito ás partes e o segredo de justiça, segundo o que Deus lhe desse a entender.

Afazendado em Quitaúna, a pequena distancia de Baruery era Antonio Raposo Tavares o incommodo vizinho dos jesuitas. Vindo de Portugal aos 20 annos em 1618, com seu pae, como já vimos, casara-se logo depois. A 24 de outubro de 1622 dera-lhe a camara de S. Paulo terreno para que nelle edificasse a sua casa na villa, nuns chãos, então sobejos, que haviam sido de Domingos Luiz Grou e entestavam com os de Gaspar Collaço (cf. Reg. Geral da Camara de São Paulo, t. I, p. 360).

Pouco depois do seu empossamento como juiz ordinario assumia Raposo Tavares, o cargo de Ouvidor da Capitania de S. Vicente, por provimento nelle feito pelo donatario o Conde de Monsanto. A data de sua posse não a menciona o «Registo Geral», Continuavam pertinazes os jesuitas a fazer frente ao movimento escravista.

Triumphante das grandes campanhas que trouxera o aniquilamento do poderio dos seus detestados oppoentes no Guayrá e no Itatim, recem vencedor dos castelhanos que haviam perdido tres cidades no dizer dos chronistas hespanhóes entendeu Raposo Tavares a occasião propicia para no proprio S. Paulo reduzir a Companhia á impotencia.

Na sessão de doze de março de 1633 apresentou-se João da Cunha a queixar-se dos padres á Camara Municipal. Casara-se com uma filha de Balthazar Soares e o sogro lhe dera umas poucas de peças do gentio da terra. Qual porém não lhe fôra o desapontamento, e furor, ao notar que os indios lhe haviam fugido para a aldeia de Baruery, induzidos por um agente da Companhia, certo Matheus Homem da Costa. Não sabendo a quem recorrer vinha pedir a S. Mcês. a apprehensão de suas peças e a intimação aos ignacinos de que «não tivessem de ver com indios mais que com sua higreja». Muito vagamente respondendo ao appello declararam os officiaes que «acodirião ao bem comu».

A 11 de junho requeria o Procurador providencias contra os forasteiros que estavam a levar peças fóra da terra. Vinham os marchantes de escravos a São Paulo como a um grande centro de abastecimento.

Ninguem pelo tom das actas diria comtudo que se preparava a violentissima explosão contra a Companhia e exactamente encabeçada pelos officiaes da Camara. Eleito juiz ordinario como dissemos, do cargo afastara-se Antonio Raposo Tavares, agora ouvidor, ficando em seu lugar, Pedro Leme, o moço. A Sebastião de Paiva, procurador, succedera por ausencia, Geraldo da Silva, que foi obrigado a renunciar, do conselho expulso como prevaricador, e desfalcatario, disse-lho, em plena Camara, o juiz Pero Leme. Subsituiram-no por Sebastião Ramos de Medeiros. Na sessão de dezoito de junho entrava, como vereador, Paulo do Amaral, dedicado amigo de Antonio Raposo Tavares. Os demais membros do Conselho, Manuel Pires e Lucas Fernandes Pinto não o eram menos. O primeiro sobretudo. Senhor do poder municipal, resolveu Raposo, promptamente, mostrar aos jesuitas quem em terras de São Paulo mandava.

Na vereação de 18 de julho requereu Ramos «si puzesse cobro nas terras de Cuty e Coraquapuiba porquanto os reverendos padres da Companhia queriam usurpar as terras e não consentiam que lavrassem, os moradores do que se perdia muito e aos dizimos de sua Magestade».

Na de 25, cada vez mais audaz, pediu o Procurador que a Camara fosse tomar posse das aldeias, na forma dos capitulos de correição; quizeram comtudo os officiaes que o requerente escrevesse a sua petição.

Na sessão de 20 de agosto, declarou o Procurador, que tinha em mãos uma petição assignada pelo povo «requerendo se botasse fôra das aldeias os religiosos da Companhia de Jesus por estarem contra a lei de sua Magestade, passada na éra de 16». Ordenava esta, que ás aldeias doutrinassem clerigos e não regulares. Para evitar defecções possiveis dos signatarios pedia o Procurador que de tal papel se tirasse traslado, pois andava por S. Paulo um outro documento arranjado pelos jesuitas que angariavam assignaturas até de individuos subscriptores daquella primeira moção.

Perante tal attitude preciso se tornava que a Camara agisse prompta e formalmente em defesa da ju-

risdicção real, tanto mais quanto no papel dos padres se declarava que eram elles «bem acceitos nas aldeias».

Fossem pois affixados quarteis para que no dia 22 concorressem todos os moradores da villa «e os mais estantes e abitantes» com seus negros afim de irém á aldeia de Maruery que os jesuitas queriam usurpar nomeando conservador fóra do direito, lá albergando clerigos castelhanos forasteiros «fazendo juizes e meirinhos».

Quatro mil réis a quem não seguisse com os officiaes nesta expedição de desafronta da jurisdicção real.

Accentuou-se a 21 de agosto o movimento da repulsa e represalia paulistana.

Convocados pelo Conselho a uma reunião compareceram o ouvidor Antonio Raposo Tavares e grande numero de homens bons — sessenta e quatro — dos mais conspicuos moradores da villa; basta citemos Amador Bueno, Sebastião Fernandes Corrêa, Pero de Moraes Madureira, Pedro Vaz de Barros, Fernão Dias, Dom Francisco de Lemos, Dom João Matheus Rendon, Cornelio de Arzão, Clemente Alvares, Raphael de Oliveira e seu filho; o moço. Aberta a sessão communicou o escrivão municipal que de accordo com o ouvidor iam os officiaes tomar posse da aldeia de Baruery «por serviço de sua Magestade e para dar cumprimento a sua lei». Não era acto dictado pela precipitação e destituido de apparencias legaes; havia a Camara solemnemente interpellado os padres exigindo que lhe respondesse «por que modo e ordem estavam na dita aldeia». E como houvessem retrucado que «por ordem do seu provincial», elles, officiaes da villa, iam agir «em defensão da jurisdicção real de sua Magestade». Queriam em todo o caso saber quaes os moradores que os acompanhavam «guardadores da lei de sua Magestade». Os que fossem deste parecer assignassem a acta. Em massa o fizeram os presentes chegando alguns a ajuntar a seus nomes commentarios pittorescos na exaltação de seus termos como Sebastião Fernandes Correia e Pedro Vaz de Barros, «Dou cumprimento á lei de sua Magestade e me assigno» escreveu Gabriel Pinheiro Costa.

Não dizem as «Actas» si a 22 de agosto se deu a tomada de posse de Baruery pela Camara.

Quer nos parecer que ha equivoco de Azevedo Marques na fixação das datas do tal feito quando na sua

«Chronologia» nos diz que nos primeiros dias de julho de 1633 foram os jesuitas expulsos de Barueri «pregadas as portas da egreja e do collegio, depois de lançados fôra do recinto os moveis e alfaias levando os assaltantes os indios do Collegio». Ora ainda no termo de 27 de agosto contam as Actas que o Procurador requereu a seus collegas acabassem de dar cumprimento á lei de sua Magestade e botassem os padres fóra da aldeia «visto como» estava informado de que os padres da Companhia levavam fóra da aldeia e da capitania os indios».

---

## CAPITULO X

*Ainda a questão de Baruery. — Demonstração da Corôa em pról dos ignacinos. — Processo contra Antonio Raposo Tavares. — Incidentes diversos da questão india.*

Nas sessões de 3 a 10 de dezembro de 1633 não dava a Camara de S. Paulo a questão de Baruery por acabada. Da acta de 17 se infere que o caso ainda se não liquidara pedindo o procurador que a Camara estendesse a sua acção ás aldeias de cima «a tomar posse dellas na forma que mandavam os ouvidores geraes. Responderam os officiaes que em setembro o fariam; ainda cuidavam dos negocios de Baruery. Na mesma occasião applicaram a certo Antão Roiz Pacheco por motivo não consignado no documento, a pena de expulsão da villa.

Talvez fosse algum partidario extrenuo dos jesuitas. A 24 de setembro proveu o Ouvidor Geral em correição Doutor Miguel Cysne de Faria não tocando porém no caso escaldante do dia. Pelo contrario como que sancionou a attitude da Camara mandando se cumprissem «as leis de sua magestade na materia de se tomar posse das aldeias; e o fizesse com muita deligencia». A primeiro de outubro novidades sérias e sensacionaes, relatou o Procurador Sebastião Ramos.

Estava a igreja de Baruery, fechada por ordem do Camara, novamente aberta, Quem a abrira não o sabia. Assim se aproveitasse a estada do Dr. Cysne, de viagem para Parnahyba, afim de que passasse pela aldeia e

devassasse do caso. Insistia outrosim o official para que fosse o conselho tomar posse das «aldeias de cima», na forma do capitulo de correição; quando não protestava não se lhe dar em culpa». A 8 invocava a presença do Ouvidor Geral na aldeia tomada. «Fosse a Baruery a dispensar a S. Magestade da força que se lhe havia feito». Tinham os jesuitas sublevado os indios e estes reaberto a egreja.

Mas neste dia rebentou serio conflicto entre a Camara, os magistrados e os homens bons por causa da cobrança de impostos.

Declararam os officiaes que não podiam satisfazer os pedidos de contribuição do juiz por ser a terra muito pobre, E elle os responsabilizou, bens e pessoas. Convocado o povo levantou-se, declarando não obedecer á finta.

A 15 de outubro proseguia Sebastião Ramos com o seu «delenda carthago». Fossem os officiaes apossar-se das aldeias de cima. Responderam S. Mces, que não o fariam, occupados como estavam com o Ouvidor Geral.

Haviam os jesuitas como se sabe, recorrido ao Governador Geral do Brasil e ao Rei e viera Diogo Luiz de Oliveira em seu soccorro, lançando uma provisão altamente protectora dos desinquietados padres e em que reprovava, do modo mais severo, a attitude e o procedimento do ouvidor e da Camara de 1633.

Com uma rapidez extraordinaria para o tempo, movera-se o monarcha no julgamento de justificação que os occupadores de Baruery lhe haviam enviado, explicando o seu procedimento, documento assignado por Antonio Raposo Tavares, Pedro Leme, Lucas Fernandes Pinto, Paulo do Amaral e Sebastião Ramos de Medeiros, e quasi toda a Camara de 1633, juiz ordinario, vereadores e procurador.

Entregue o caso ao estudo do desembargador Jorge da Silva Mascarenhas, Ouvidor Geral e Provedor Mór da Fazenda Real no Brasil achara este que nos autos nada havia «por que judicialmente se lhes devesse deferir, antes prova do excesso temerario e extensão com que os signatarios haviam procedido contra os ignacinos». E a tal proposito muito severamente lhes verberava o longo cerco ao collegio, o arrombamento das portas do seu recolhimento, a profanação da egreja, das cousas sagradas, a que accrescia vehemente sus-

peita de que o intuito principal dos ditos officíaes e do povo daquella capitania, era captivar indios».

De que valia a exhibição de um traslado de provisão real relativo á existencia de clerigos em aldeias? Em nada se applicava ao caso. Assim mandava o rei que se restituisse a aldeia aos jesuitas e fosse declarado nullo tudo quanto haviam feito o ouvidor e os officiaes e estes se castigassem, privando-os dos officios.

«Hei por boa a posse que os ditos padres da Companhia tem da administração das aldeias de que se trata, proclamava a palavra regia, e se é necessario lhes confirmo e dou de novo a dita administração».

Penas graves a quem lhes perturbasse a vida e o governo dos indios, comminou a provisão que na Bahia foi registada a 24 de dezembro de 1633. Em Santos registou-a o capitão-mór da Capitania, Pedro da Motta Leite, a 23 de maio seguinte; declarando comtudo que apenas em parte «no tocante á administração e consignação das aldeias e não no que tocasse ao capitão e ouvidor Antonio Raposo Tavares por ter vindo com embargos de nullidade».

A primeiro de julho, della tomava conhecimento official a Camara de S. Paulo, que notificou o caso ás personagens mais gradas da villa, ao tabellião e ao alcaide. Declaravam todos que não mais reconheciam a Tavares por ouvidor, obedecendo em tudo á ordem regia».

Começou o processo contra elle e os officiaes da camara transacta. Excommungados, foram julgados pelo vigario de Parnahyba, padre Juan del Campo y Medina, hespanhol, juiz conservador «ad hoc», por se achar ausente em Cananéa o reitor da Companhia de Jesus, padre João de Mendonça.

Não ligaram os increpados porém a menor importancia ao caso: «zombaram os autores do attentado da pena» conta Azevedo Marques, que viu documentos a nos desconhecidos «ao ponto de lançarem mãos violentas ao padre Antonio de Martins, que serviu de escrivão no processo, quando lhes foi intimar a sentença, arrancando-lh'a das mãos e rompendo-a». El-rei que si poudesse, tratasse de os castigar! O momento era desagradavel em S. Paulo. Desenhava-se entre os indios, sempre tão inertes, em geral, um movimento de solidariedade com os seus defensores habituaes.

Na acta de 5 de junho se conta que estava a

bugrada em franca rebellião. Tal a seriedade do levante que a Camara convocou os homens bons, ficando accordado se mandasse uma duzia de mancebos solteiros e dispostos, com trinta indios fieis «e os mais que necessarios fossem» para se trazerem á villa os que eram «levados e levantados para com isto cessarem os abusos e se castigarem os cabeças».

Não ousou a Camara de 1634 desobedecer flagrantemente a tão categorica ordem regia. A dois de julho pois ordenou que por publicos quarteis se apregoasse a destituição de Antonio Raposo Tavares «por se escusarem duvidas». Pediu outrosim ao capitão mór da capitania que ao juiz, deposto não se desse substituto sem previa consulta ao Donatario e sciencia de sua Magestade.

De todo não se conformara Antonio Raposo Tavares com a sua destituição. Na Camara contava com adversarios acerrimos, segundo o que mais tarde allegou ao Ouvidor Geral, Costa Barros como veremos. Faziam-lhe tenaz opposição os dois juizes ordinarios Francisco Bueno e Domingos Cordeiro. Assim resolveu apresentar embargos á provisão que o depuzera da ouvidoria, recorrendo ao proprio Governador Geral.

Fôra nomeado o sargento mór Luiz de Almeida para servir «em sua ausencia». Como tudo porém no Brasil de antanho andava com a rapidez dos chelonios só a 20 de fevereiro de 1635 se empossou o novo ouvidor.

A 15 de julho de 1634 dizia o Procurador Pedro Domingos aos seus collegas que estava sobremodo activa em S. Paulo a venda de escravos «posesem cobro na venda das pesas por quanto se vendião muitos e era em prejuizo deste povo». Segundo parece dava-se o exodo dos escravos affeitos ao serviço das lavouras paulistanas. E tudo isto se fazia sem o menor receio das «excommunhões postas pelo prelado o doutor lourenso de mendosa».

Como explicar tal attitude do digno official a assumida, a 4 de março seguinte, pela Camara de 1635, que reuniu os homens bons da villa afim de protestarem contra a intrusão do Prelado fluminense na «jurdisão real de Sua Magestade?»

Era o grande cavallo de batalha dos escravistas affirmar que nada tinha o Dr. Mendonça «com a venda e compra do gentio porquanto na capitania de S. Vi-

cente pertencia tal assumpto a Sua Magestade exclusivamente, como declaravam os capitulos de correição».

Assim, aproveitando a sua presença em S. Paulo quiz o poder municipal dar-lhe uma licção e intimidal-o. Ordenou que os dois tabelliães fossem á sua casa e lhe lessem os capitulos da correição ouvidorial. E assim o fizeram os notarios.

Respondeu-lhes o prelado, receioso de algum desacato, promettendo que não se intrometteria nas questões da jurisdicção real. Avisaram-no ainda que não pregasse mais ao povo na matriz como o fizera. Cautelosa mas dignamente ainda se comprometteu «a se não metter na dita jurdisão de Sua Magestade». Não agisse de tal modo! affirmara-lhe a Camara que saberia defender as prerogativas reaes.

---

## CAPITULO XI

*Prohibição de uma entrada ao sertão dos Patos. — Reacção de Antonio Raposo Tavares. — Triumpho de suas pretenções. — Seu regresso a S. Paulo.*

A 12 de maio occorreu interessante incidente, inedito. Reuniu-se a Camara e ouviu um pedido do procurador requerendo inventario da polvora e chumbo que na terra houvesse, para que se puzessem no serviço de Deus e de Sua Majestade.

Era a resposta a uma precatoria vinda do capitão mór da Capitania Pedro da Motta Leite. Resolveu a Camara denunciar o caso ás municipalidades de Santos, S. Vicente e Itanhaem. Andava Motta Leite «por seus particulares interesses» a dar licença a individuos que iam ao Sertão dos Patos (Rio Grande do Sul) levando como unica bagagem polvora, chumbo e correntes. Mais de duzentos haviam partido para taes expedições escravistas desobedecendo ás leis de Sua Majestade. E isto quando os indios Patos não davam occasião de ser molestados! quando eram «nossos amigos e de nossos antepassados, havia mais de cem annos».

Requereu pois a Camara de S. Paulo ás de Santos e S. Vicente «encampassem a capitania ao capitão mór Motta Leite». Quanto ao capitão mór de Itanhaem este ainda era mais criminoso do que o seu collega.

Tanto elle como o ouvidor Manuel Alves Baioco haviam sido os primeiros a promover taes expedições.

A 2 de julho ameaça municipal de confisco de bens aos membros de uma bandeira cujos chefes eram Ascenso de Queiroz, Pedro de Oliveira, e João Missel Gigante, sendo enviado um quartel á Camara de Parnahyba, para os effeitos da intimação a João Missel. A 14 solicitou o procurador que se estorvasse tal entrada.

Mas o homem de ferro que era Antonio Raposo não se deixava abater. Sahindo das terras de S. Vicente partira para o Rio de Janeiro, onde, em defesa de seus direitos, apresentou bem elaborada petição ao Ouvidor Geral, a reclamar a sua reintegração, com a maxima energia.

Allegando os motivos que tinha para se não conformar com a destituição começou a lembrar que provinha a sua autoridade de uma nomeação do conde

«Como estivesse servindo seu cargo succedera certa desavença com os padres da Companhia». A tal respeito, tendo o governador geral tido «sinistra informação» dahi nascera a sua suspensão.

A ella oppuzera embargos recebidos pelo capitão mór da capitania de S. Vicente, que os remetttera ao governador. Deste passaram ao ouvidor geral do Estado em cujo juizo estavam. Resolvera pois ir ao Rio de Janeiro tratar com o magistrado e «tratar de sua absolvição». Os adversarios em S. Paulo moviam-lhe tremenda guerra. «Fazendo a dita ausencia os juizes ordinarios da villa de S. Paulo trataram com seus inimigos capitaes a lhe fulminarem culpas». Ora era isto contrario á letra da lei, emquanto durasse o seu triennio «não podia ser syndicado nem processado e sómente tendo culpas se lhas dariam».

Como quizesse regressar á esphera de sua jurisdicção «para escusar duvidas e differenças pedia ao juiz, como superior, que lhe passasse um mandado afim de que os officiaes da justiça o conhecessem por seu ouvidor, sem embargo de quaesquer culpas que lhe fossem arguidas pois si as houvesse seriam remettidas ao Ouvidor». Haveria maior exorbitancia do que a dos juizes ordinarios de S. Paulo, em 1634, apregoando quarteis afim de lhe cassarem o cargo? quando ao capitão mór de S. Vicente é que competia fazer cumprir a provisão do governo geral neste sentido?

Conquistado pelas razões expostas, quiçá mais pela attitude energica e a força desse grande conductor de homens que era Raposo, ordenou o ouvidor geral Fran-

cisco da Costa Barros, o mesmo e timido magistrado, receioso acompanhador dos padres Mansilla e Maceta em 1630 a S. Paulo, que se expedisse o mandado requerido a 30 de junho de 1635. Munido de semelhante papel, voltou triumphante o caudilho ás terras de São Paulo.

Neste mesmo dia tratavam os officiaes de uma questão da maior monta. Constava que, no auge do desplante, pretendia o deposto ouvidor vir a São Paulo distribuir justiça, arrogando-se sempre o direito á posse do cargo! Em Santos, acceitavam-lhe a autoridade e o rebelde queria restabelecel-a em São Paulo! Já havia quarteis publicados prohibindo aos moradores tel-o como juiz. Convinha agora renovar o pregão. Chamados, portanto, o tabellião e o escrivão das execuções ordenou a Camara que fossem novamente affixados. «Não fosse conhecido nem obedecido por ouvidor o dito Antonio Raposo», emquanto não mostrasse á Camara cancellamento das suas penas impostas pelo governador geral ao ouvidor geral do Estado do Brasil. Teria Raposo Tavares feito caso destas novas reclamações?

Parece-nos tal hypothese pouco provavel, como os factos o demonstrarão em tempo. Inclinamo-nos, comtudo, a crer que a Camara de 1635 tinha seus laivos de reaccionaria, tanto quanto nos parece deprehender da leitura de documentos tão laconicos e confusos, como as «Actas». Insistindo o procurador na sessão de tres de novembro a que tomasse a Camara posse das aldeias de «S. Miguel e Garomenys», evasivamente lhe responderam «iriam como fosse tempo».

A Camara de 1636 esta não fez duvida alguma em acatar a autoridade de Raposo, como a mais legitima e isto desde o dia de Anno Bom.

Achava-se elle nesta data em S. Paulo a aplainar difficuldades nascidas para a formação de nova edilidade. Estava a politicagem exaltadissima e elle verberou os individuos que desobedeciam ás ordenações reaes, impedindo a organização do conselho. «Estando de caminho para fóra a acudir ao serviço de sua majestade», intimava a quem de direito para que cessasse tão damnoso estado de cousas como o da acephalia da villa, sob pena da responsabilização dos culpados. Esse «caminho para fóra» era a expedição ás terras hoje do Rio Grande do Sul, em busca das reducções

jesuiticas do Tape. Já ahi ninguem lhe contestava mais os titulos de ouvidor da capitania. Como teria obtido esta reintegração é o *que* não sabemos dizer, por falta de esclarecimentos sobre o caso, até ao presente. Verdade é que, alguns dias mais tarde, se empossava o novo ouvidor Pedro Pantoja da Rocha, nomeado pelo governador geral Pedro da Silva. Fez registrar a sua provisão na Camara de São Paulo, a 24 de março 1636.

Offereciam-se os officiaes, cujo mandato expirava servir até a constituição da nova Camara, a que a 7 de janeiro se organizou, declarando a acta desse dia que se não fizera a eleição mais cedo porque Raposo Tavares levara comsigo o escrivão tabellião Ambrosio Pereira.

Em sua correição não tocou o Ouvidor Geral Licenciado Francisco Taveira de Moura na questão do trafico vermelho.

Fel-a a 5 de outubro de 1637 e nas «Actas» deste anno não se lê menção alguma dos assumptos servis, salvo na de 31 de dezembro em que se renova a prohibição da ida ao sertão ordenando a Camara, ao mesmo tempo, que nenhuma autoridade accumulasse as duas funcções de capitão mór e ouvidor, resuscitando-se assim uma lei antiga datada do governo de Diogo Botelho. Seria uma medida preventiva tomada contra o excessivo prestigio e poder de Antonio Raposo Tavares?

---

## CAPITULO XII

*A catechese jesuitica no Rio Grande do Sul. — Roque Gonzalez, sua obra e martyrio. — Approximação dos paulistas.*

O territorio do Rio Grande do Sul, percorrido, desde o seculo XVI, pelas bandeiras maritimas, anonymas, dos vicentinos teve o seu primeiro civilisador na pessoa do veneravel jesuita Padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, paraguayo, que deu a vida pela Fé catholica e é cognominado o proto martyr rio-grandense. Da sua biographia magistralmente escripta por Teschauer tomemos rapidos apontamentos. Já aliás dos seus trabalhos fálamos no primeiro tomo desta obra, resumidamente embora.

Nascido nas visinhanças de 1570 ordenou-se padre secular, trabalhou nas missões dos indios Mayacayús e era, em 1609, vigario geral da diocese paraguaya quando resolveu fazer-se jesuita. Noviço da Companhia prestou os melhores serviços para a pacificação dos guaycurús. Mandado ás missões da mesopotamia paranaense, explorou o grande rio de Itapúa ás Sete Quedas. Em 1622 resolveu começar a evangelisação das terras a leste do rio Uruguay. Desde 1619 fundara N. S. da Conceição á margem direita do grande caudal. Havia no territorio rio-grandense muita gente a catechisar, bellicosa e arisca, á vista do procedimento dos conquistadores para com os seus vizinhos do norte e do oeste, paulistas e hespanhóes.

Assim localisa Teschauer as diversas nações rio-grandenses: guaranys entre o Uruguay, o Ibicuhy e o Jacuhy, minuanos entre o Quarahim e o Ibicuhy; guenoas na actual região de Bagé; charruas no extremo sul do territorio rio-grandense; tapes nos valles do baixo Jacuhy e dos seus affluentes da esquerda, inclusive na região serrana; araxans á margem occidental da Lagoa dos Patos; guananas á margem esquerda do Pelotas e do Alto Uruguay; Carijós no littoral Atlantico e no Albardão e caaguas no valle superior do Taquary e do Cahy.

Diminutas as forças de que dispunha Roque Gonzalez para a sua grande empreza; teve de esperar com a maior paciencia occasião propicia para a encetar. Demorou-se alguns annos em Conceição, occupando-se com os misteres apostolicos, a escrever um catechismo para os seus neophytos, a coordenar os sermões que lhes fazia, etc.

Afinal, em 1626, nomeado pelo Padre Nicolau Duran Mastrilli, superior das missões do Paraná e Uruguay, resolveu encetar a colonisação do territorio que ia ser o Rio Grande do Sul.

Atravessou o Uruguay, alcançou a fóz do Piratiny e foi estabelecer-se a umas duas leguas desta confluencia, num local onde fundou S. Nicolau do Piratiny.

Dalli começou as suas dilatadas peregrinações atravez de uma região totalmente desconhecida e habituada por indios sobremodo alarmados pela presença dos brancos. Teve a vida ameaçada diariamente pode-se quasi dizel-o, mas jamais sentiu o menor esmorecimento Pelo contrario, como que os perigos e as difficuldades de todo o genero o exaltavam cada vez mais a cumprir a missão que se havia imposto. Em 1627 fundava uma segunda missão, N. S. da Candelaria, no medio Ibicuhy, quasi á fronteira dos Tapes, nação bellicosa e sobremodo hostil á catechese. Foi esta fundação por elles destruida pouco depois. Este revez não desanimou o evangelisador que se internou pela região dos proprios Tapes. Fundou depois sobre o rio Piratiny uma segunda Candelaria onde em breve tempo aldeiava tres mil guaranys. Em 1628 estabelecia no valle do Ijuhy-guassú Caaro e Assumpção onde reduziu centenas de familias guaranys.

Entre os morubixabas do Ijuhy o mais prestigioso era Nheçum «respeitado como chefe supremo pela elo-

quencia nativa de que dispunha, tão apreciada entre indios e pela arte magica que se gabava de possuir», Acolhera os jesuitas com certa benevolencia mas não se convertera, como pretende Charlevoix, a quem Teschauer corrige. Um tal Poticara, indio fugido ás reducções, que odiava de morte aos jesuitas, foi quem induziu o cacique a promover a sublevação dos guaranys do Ijuhy, contra os ignacinos, e o assassinato dos missionarios.

A 15 de novembro de 1628 era morto Roque Gonzalez pouco depois de haver celebrado missa na sua miserrima capellinha do Caaro. Na mesma occasião trucidaram-lhe os indios o companheiro o padre Affonso Rodriguez que na sua cabana estava a ler o breviario. Na aldeia da Assumpção havia um terceiro jesuita, o Padre Castillo; dias depois era elle assassinado tambem por ordem de Nheçum que logo após, procedia a curiosa cerimonia symbolica da desbaptisação dos neophytos dos martyres recentemente sacriifcados pelo amor á Fé catholica.

Marchou em seguida Nheçum com sua gente sobre S. Nicolau do Piratiny que desejava arrazar. Resistiram os catechumenos, a cuja testta estavam os Padres Aragão e Clavijo e depois de renhida peleja derrotaram os inimigos.

Como pedissem soccorro ao Padre Alfaro superior em Conceição, do outro lado do rio Uruguay, veiolhes o cacique fiel, Nienguirú, que com grandes forças bateu a Nheçum completamente, obrigando-o a fugir e a homisiar-se por muito tempo. Em 1644 prendiam-no os paulistas no Salto Grande do Uruguay. Acudiram tambem aos jesuitas diversas tuxauas fieis recentemente conversos e sobretudo um corpo de hespanhoes que organisara em Corrientes o portuguez Manuel Cabral, seu commandante e fidelissimo amigo dos ignacinos.

Nova e tremenda derrota soffreram os rebeldes em Caaro, batidos que foram pelas forças reunidas de Cabral e Nienguirú. Aprisionados os assassinos dos tres missionarios foram todos executados, conhecendo-se então numerosos pormenores do modo pelo qual estes martyres haviam traspassado, com uma coragem e um espirito de abnegação e fé digno dos maiores santos da Igreja Catholica.

Novos missionarios vieram substituir os que haviam

tombado pela Fé. O provincial Padre Vasquez trouxe outros catechisadores e progrediu immenso, e rapidamente, a obra da christianisação dos indios rio-grandenses.

Assim no valle do Ijuhy se fundaram as reducções dos Santos Martyres do Japão em 1629: S. Carlos (1631) e Apostolos (1633).

O que veio dar enorme impulso a esta obra foi o despovoamento do Guayrá consecutivo aos acontecimentos de 1628-1629. que já narrámos com a maior minucia. Dada a emigração geral dos neophytos de Loreto e Santo Ignacio, promovido por Montoya em 1632, vemos reapparecer na mesopotamia parano-uruguaya, e no Rio Grande do Sul, os nomes daquelles illustres evangelisadores do Guayrá: o grande Montoya, Francisco Dias Tanho, Cataldino, Cristobal de Mendoza, Luiz Ernot, Simão Mazzeta, José Cataldino, Diogo Rançonnier, José Domenech, Pablo de Benavides, Ignacio Martinez.

Fundam no alto Ibicuhy, Ernot e Benavides as aldeias de S. Miguel (1632) e S. Thomé (1632). Nesta ultima collocou o superior P. Romero os dous PP. Ernot e Manuel Bertot. No anno seguinte, 1633, fundavam-se nada menos de oito novas reducções, S. José pelo Padre Cataldino; tambem no alto Ibicuhy: S. Anna pelos P.P. Christovam de Mendoza e Romero; Natividade, pelo P. Alvarez, Jesus Maria, pelo P. Romero; Santa Thereza, pelo padre Francisco Jimenez, S. Christovam, pelo Padre Contreras; S. Joaquim pelos P.P. Jimenes e Juan Suarez, e Visitação.

Santa Thereza e Visitação ficavam nas cabeceiras do Jacuhy e do Jacuhysinho; S. Joaquim nas do Rio Pardo; S. Christovam no baixo Rio Pardo; Jesus Maria, ás fraldas da serra de Botucarahy; Sant'Anna nas suas vizinhanças; Natividade na serra de S. Martinho.

Em 1634, cumprindo ordens do Padre Vasquez, Provincial, fundara o Padre Adriano Formoso a reducção de S. Cosme e S. Damião, no alto da Serra Geral; em local proximo ao da sede actual de Santa Maria da Bocca do Monte. Prosperavam notavelmente estas reducções do Tape, chegando muitas dellas a congregar milhares de almas.

Nas historias e chronicas da Companhia lem-se pormenores abundantes sobre a fundação e a existencia destas aldeias. São sempre os mesmos incidentes: reluc-

tancia dos pagãos desesperados sobretudo por terem de abandonar a polygamia e a bebedice; scenas de piedade e dedicação por parte dos catechumenos, narrativas de fomes e pestes, conspirações dos rebeldes e recalcitrantes ao dominio christão, etc.

Em S. Christovam occorreu mais um martyrio, o do Padre Christovam de Mendoza, peruano, natural, de Santa Cruz de la Sierra, que no Guayrá prestara os maiores serviços á obra da catechese.

Substituira elle o fundador de S. Christovam, Padre Contreras, como cura do pueblo, quando soube que haviam apparecido paulistas na Lagoa dos Patos e no Guahyba vindos do mar. Tinham tido contacto com os aldeiados de Jesus Maria e eram apresadores, trazendo em sua companhia, indios do littoral, seus serviçaes. Armando sua gente e a de Jesus Maria foi-lhes Mendoza ao encontro, auxiliado pelo seu collega de Jesus Maria, P. Molina, e arrebatou-lhes os captivos já feitos em certo numero.

Pouco depois resolvia Mendoza evangelisar os Caaguás, dentre o Taquary e o Cahy. Ao regressar da sua viagem foi barbaramente assassinado pelos indios a 26 de abril de 1635, em Ibia, por instigação de um Tayuibay e do pagé Yaguacaporú. Os seus catechumenos vingaram-lhe a morte trucidando os assassinos e seus asseclas.

Serviu o assassinio do Padre Mendoza de ensejo a uma reacção violenta dos partidarios do christianismo; foram perseguidos e expulsos do Tap numerosissimos pagés, feiticeiros e bruxos, que viviam a açular a rebellião contra os ignacinos e tinham commettido muitos crimes de anthropophagia de catechumenos. Um destes pagés, certo Chemorubé, avançou com grandes forças sobre Jesus Maria onde reinou immenso panico. Em defesa da reducção acudio o padre Francisco Dias Tanho com mais de dous mil homens, bateu completamente os selvagens em duas refregas violentas e dispersou-os, depois de lhes tomar centenas de prisioneiros. Espavoridos, fugiram os anthropophagos que haviam morto centenas de neophytos e devorado a muitos; contam-nos os autores jesuiticos Montoya, Techo, Charlevoix, etc.

Parecia a Companhia de Jesus inteiramente senhora do Rio Grande do Sul quando pouco depos reappareceram os paulistas nos seus dominios, tendo ago-

ra á testa o seu formidavel e maximo chefe, Antonio Raposo Tavares.

Pouco antes de sua apparição dera-se uma terrivel epidemia de bexigas que, como de costume, dizimara os catechumenos.

Em Caaro morreram 800 e em Jesus Maria para mais de mil e quinhentos. Montoya que acabara de ser nomeado superior regional das missões riograndenses, vivia muito apprehensivo com a apparição dos paulistas.

Haviam-se tomado algumas providencias para fortificar Jesus Maria, reducção que parecia ser a mais exposta. No Valle do Rio Pardo surgiram esstes inimigos no dia 3 de dezembro de 1637 — apresentaram-se bem armados com 1500 tupys e grande quantidadade de guaranys aprisionados em correrias anteriores.

---

## CAPITULO XIII

*Correrias paulistas no sertão dos Patos — Bandeiras maritimas — A expedição de Luiz Dias Leme — Bandeira de Aracambi — Antonio Raposo Tavares no Rio Grande do Sul — Assalto a Jesus Maria — Effeitos da* razzia *de Raposo.*

Em numerosos documentos citados no primeiro tomo desta obra queixam-se aos Reis as autoridades do Prata e do Paraguay das continuas e grandes correrias despovoadoras feitas pelos paulistas e vicentinos desde meiados do seculo XVI no sertão dos Patos, no Viaza dos hespanhoes, nomes que cobriam uma grande região hoje comprehendida nos territorios de S. Catharina e Rio Grande do Sul.

Assim reporte-se o leitor ás denuncias de Hernandarias, Añasco e tantos mais sobre as quaes nos estendemos largamente (Tomo I, vd. sobretudo 2.ª parte, capitulos V e VI.

Diz Ellis sob a epigraphe « Conquista de Tape e Uruguay» «vd. ob. cit. pag. 69).

«Havia muito tempo, eram os esclavagistas da raça vermelha tentados pelo grande celeiro de indios do territorio rio-grandense. Desde 1619, iniciaram-se os primordios da invasão do «Tape», não por gente de São Paulo, porém.

Em junho desse anno, o capitão-mór Gonçalo Correa de Sá expediu uma provisão, que nessa mesma occasião foi registada em São Paulo, ordenando a Sebastião Fernandes Corrêa, que fossse no navio «São

Boaventura» aos Patos, tomar um navio, que sahira do Rio de Janeiro «sem estar para ir resgatar aos Patos, mandou prender toda a gente e que não deixasse branco algum nos Patos» (Rev. do Inst. Hist. de São Paulo (vol. V, p. 184).

Não attribuimos valor á declaração acima reproduzida das «Actas». Percebe o leitor de sobra que tem a importancia dos quarteis postos contra quem ia ao sertão ou então das famosas multas de seis mil réis impostas aos contraventores ás ordens dos magistrados e justiças de Sua Magestade.

E com effeito no primeiro tomo desta obra já nos referimos (pag. 191) á prohibição de D. Luiz de Souza de 28 de outubro de 1611 de ida ao sertão dos Patos. Numerosissimas citações fizemos relativas a questões com carijós apresados, indios que como se sabe vinham da região littoranea sul brasileira, rio grandense e catharinense.

As primeiras grandes bandeiras daquella zona cuja organisação está bem documentada, ou mais ou menos, estas são do primeiro terço do seculo XVII. De grande importancia foi a de 1635 que Ellis estuda brilhantemente. Assim, data venia, tornamos nossas as palavras do joven e tão consciencioso escriptor.

«Neste anno de 1635, muito sérias eram as condições do Brasil luso-hespanhol, com a guerra hollandeza no nordeste que, atravessando mais um periodo agudo, reflectia, temerosamente, na colonia e, principalmente, em S. Vicente, pelas constantes ameaças dos flamengos em desembarcar gente armada de seus navios, que cruzavam constantemente ao largo da costa paulista.

Como em 1624, com a tomada da Bahia, passava nessa época, São Paulo, juntamente com o resto da colonia, por uma grave crise politico-militar, de que resultou da parte das autoridades vicentinas, a reedição da energica prohibição de sahirem os paulistas para o sertão em bandeirismo, já havida no citado anno de 1624.

Recebia o capitão-mór da capitania, Pedro da Motta Leite, constantes avisos da metropole, bem como do governador geral da colonia, de que:

«os inimigos rebeldes hespanhoes e outros de sua facção estão sobre esta barra com duas náus gros-

sas de guerra que bem poderão vir...» (Registo Geral da Camara Municipal de S. Paulo», vol. I).

Sendo que as esculcas navaes batavas já haviam capturado em aguas vicentinas, quando em caminho para o Rio de Janeiro, a Paulo Marques, com sua embarcação carregada de fazendas.

Era necessario, pois, que se tornasse a proceder na capitania a uma nova mobilização bellica de todos os seus recursos, em homens, armas e munições, para enfrentar os hollandezes, que se approximavam.

Dahi, pois, os numerosissimos «quarteis» e «bandos», expedidos pelo capitão-mór, durante todo o anno de 1635 e mesmo principio de 1636.

A' mobilisação, executada com a maior rapidez possivel, succedeu-se a concentração de forças que foram partindo para Santos, á medida que se preparavam, onde se postaram sob o commando em chefe do capitão mór já mencionado. Assim é que, durante o mez de maio de 1635, partiu de S. Paulo, pelo caminho do mar, toda a tropa de indios das aldeias que rodeavam a villa de São Paulo, commandada pelos capitães dom Francisco de Rendon e Jão Raposo Bocarro (Registro Geral», vol. I).

Não foi, entretanto, tão rigorosa essa prohibição, por parte do capitão mór Pedro da Motta Leite, como se vê de varios officios enviados a elle, pelos camaristas da Paulicéa, defendendo-se de uma injusta accusação, que lhes havia assacado o capitão-mór, qual a de desidia, no serviço de Sua Magestade (Registro Geral», vol. I, 499), pela demora dos paulistas, em proceder á concentração em Santos, das companhias de homens de armas dos capitães dom Francisco de Rendon e João Raposo Bocarro.

Assim é que, em começo de 1635, tendo-se aprestado em S. Paulo poderosa léva de bandeirantes, requereu o seu cabo, ao Capitão Mór Pedro da Motta Leite, autorisação para ir ao sertão dos «Patos», onde dominavam os jesuitas das reducções de «Tape» e não sabemos porque, com tal frouxidão se houve o Capitão Mór, apezar dos perigos, que corria a Capitania, permittiu a partida da tropa pelas suas barbas.

Talvez, um occulto interesse, como facilmente se deprehende da insinuação dos edis paulistas, nos officios supra mencionados, tivesse levado o Capitão-Mór a assim proceder.

Teriam já, nessa longiqua época, a «advocacia administrativa e a «negociata», implantado o seu terrivel dominio nas nossas plagas? E', pelo menos, o que se vê do seguinte texto da vereação de 12 de maio de 1635:

«... enformados que o capitão-mór, pero da mota leite, *por seus particulares interesses* dava lisensa pera irem aos patos e estas pesoas não levavão mais que polvora e chumbo e corentes sendo contra a lei de sua magde. estando em auto de guerra indo mais de *duzentos omes aos ditos patos* sem os ditos indios de sua parte darem occasião para serem molestados e serem nosos amiguos e de nossos antepasados avia mais de sem annos...» («Actas», vol. IV, 252 e 253).

Muito grande era a bandeira, como se deprehende do texto supra citado, pois que só de paulistas compunha-se de 200 homens, além do acompanhamento de indios de arco. E' o que confirma a seguinte passagem dos documentos:

«... com tanto escandalo desta capitania e serem elles mais de duzentos homens que eram bons para esta occasião de guerra e assim vossa mercê fez contra o serviço de sua magestade...» («Registo Geral», vol. I, 409).

Depois de aviada a tropa, partiu ella de S. Paulo, nas proximidades do dia 17 de março de 1635, pois que, nessa occasião, o bandeirante Fernão de Camargo, o tigre, um dos chefes da expedição, que era então vereador, desappareceu, bruscamente, das vereações, sendo eleito outro em seu lugar:

«... os ofisiaes da camara se juntarão em camara para fazer a votos hun vereador em ausencia do vereador Fernando de Camargo durante sua ausencia...» («Actas», vol. IV, 246 e 251).

Sahindo a expedição de São Paulo, tomou o caminho do mar, em direcção ao porto de S. Vicente ou de Santos, ou talvez mesmo de Itanhaem, onde teria embarcado, nas embarcações que ahi se achavam aprestadas á sua espera, como se demonstra, com o documento seguinte:

«... como se não fossemos christãos nem vassalos de el rei nós o não foramos quando em tal occasião deixaramos ir barcos e barcos com polvora e pelouros e correntes a dar guerra ao gentio dos Patos que está ha tantos annos de paz e alguns christãos, o que protestamos...» («Registo Geral», vol. I, 499).

Confirmado por uma outra passagem do mesmo documento, que é uma carta escripta, pelos edis paulistanos ao Capitão-Mór Pedro da Motta Leite.

«... pois tendo vossa mercê tantos avisos como na sua nos diz assim de sua magestade como do senhor governador geral, de inimigos, deixar ir para fóra da capitania tantos barcos aos patos com tantos escandalos desta capitania...» («Registo Geral», vol. I, 499).

Ficando, exuberanteemente provado ter esta bandeira de 1635 tomado o caminho maritimo, para o sertão rio-grandense, onde eram os Patos, passemos a acompanhal-a no seu roteiro.

Vinte dias, mais ou menos, deveriam os barcos ter levado, na róta de Santos ao Rio Grande do Sul, pois que eram meios de transporte infinitamente mais rapidos do que as longas caminhadas, pelos sertões agrestes, da via terrestre.

Deveria a bandeira, em questão, ter desembarcado ou na Laguna, em Santa Catharina, justamente onde passava o meridiano de Tordezilhas e que dessa época em deante, foi muito frequentada pelos bandeirantes paulistas, como faz certo o inventario do paulista Custodio Gomes, 1638, («Invent. e test.» vol. XII, 253) ou na Lagoa dos Patos, no proprio Rio Grande do Sul, logar muito em uso, tambem, por bandeirantes maritimos, paulistas, como as que são referidas, em uma carta de Felippe IV, dirigida de Madrid, ao vice-rei do Perú, marquez de Mancera, em 16 de setembro de 1639, na qual dizia que os vizinhos e moradores de S. Paulo, haviam realizado, desde 1614, varias entradas pelas terras do Brasil a dentro «como por el puerto de Patos y Rio Grande» (Taunay, «Na éra das bandeiras», 51).

Si assim tiver sido, os paulistas teriam entrado pelo rio Grande, na Lagôa dos Patos e dahi, rumando o norte, teriam, talvez, encontrado mesmo, pelas boccas a dentro do Jacuhy, para, no curso baixo deste caudal, quaes normandos da America, assaltar as malócas dos «Patos» ou «Araxanes» e quiçá ameaçar as primeiras reducções do «Tape» que margeiam este rio.

Parece-nos mais provavel terem os paulistas deste «raid» procedido de accordo com esta ultima versão, do que a de terem effectuado o desembarque no porto de Laguna, para dahi passar por terra, atrávés de não pequena distancia, em terras dos carijós, para che-

gar ás margens do Jacuhy, onde eram os «Patos». De nada lhes serviria esta caminhada si os mesmos barcos poderiam deixa-los nas proximidades das malócas a assaltar.

Seja, porém, como fôr, sahida a bandeira em 17 de março de S. Paulo, em principios de julho do mesmo anno, estava acampada, em arraial, junto á aldeia do principal de Aracambi, no sertão dos «Patos», em pleno Rio Grande do Sul.

Ahi, é ella encontrada e denunciada pelo falecimento do bandeirante Juzarte Lopes, que, fazendo o seu testamento, nos seus ultimos momentos, deixou-o, assignado pelas seguintes testemunhas paulistas, que fizeram parte da expedição, dentre os duzentos que a compunham ao todo:

Luiz Dias Leme (notavel paulista, que parece ter sido o chefe da expedição, tio do futuro governador das esmeraldas), Fernão de Camargo, o tigre; Juzarte Lopes, o inventariado, Domingos Vieira, Domingos Dias o moço, Francisco de Camargo, Christovam de la Cruz, Francisco de Oliveira (com certeza, Sutil de Oliveira); João de Santa Maria, Simão Leitão, Pero Lopes de Moura, Estevam de la Cruz, João Rodrigues de Moura, Francisco da Costa («Invent. e test.» vol. IX, 468 e vol. X, 294).

Ignoramos infelizmente por falta de referencias nos documentos por nós analysados, quaes os feitos desta bandeira no sul e si chegou ella a atacar as reducções do «Tape», curta pórem foi a permanencia della, fóra do povoado paulistano, pois oito mezes depois de tel-o abandonado, a elle tornava, novamente, de regresso do seu longo percurso, pois que encontramos a Fernão de Camargo, o tigre, da lista supra, novamente em Camara a 10 de Novembro de 1635. («Actas», vol. IV, 268) prova evidente, que a bandeira, tambem, já se encontrava em S, Paulo.

O inventario de Juzarte Lopes, fallecido no sertão, só foi iniciado judicialmente, em S. Paulo, a 10 de dezembro ainda de 1635. («Inv. e test.» vol. IX, 463).

Estes dois mezes, entretanto, de ausencia de São Paulo, não podem ser tidos em conta de pequena permanencia no sertão, pois que se deve ter em mente a insignificante parcella de tempo, tomado por ella, com o seu transporte ao local da «razzia», pois emquanto poderia ter ella levado, cerca de quarenta dias

no percurso maritimo, de ida e volta ao sertão dos Patos, a futura bandeira, de Raposo Tavares, que a ella succedeu no Rio Grande do Sul, levou dez mezes para lá chegar e seis para voltar, como haveremos de estudar.

Com isto, vê-se, teve a expedição grande sobra de tempo, para permanecer occupada, com seus assaltos e conquistas aos desventurados indios gaúchos.

Foi esta a bandeira a iniciadora da invasão do Rio Grande do Sul, pelos paulistas, e o conhecimento della é mais um passo, sem duvida, no desvendamento do mysterio, que encobre o nosso passado remoto.

Ainda o devemos á publicação da documentação archival, publicada pelos governos da Cidade e do Estado, se bem que Pedro Taques já a mencionasse e Silva Leme reproduzisse essa menção».

No anno seguinte apparecia em territorio rio-grandense o cabo maximo do bandeirismo, Antonio Raposo Tavares que havendo terminado a sua aspera competição com os jesuitas e seus partidarios na sua capitania natal, de que já falámos, retomara o caminho do sertão para realisar mais uma de suas correrias espantosas.

Estuda Ellis igualmente, e de modo muito acurado, esta expedição.

«Logo após a partida da bandeira de Aracambi, em 1635, levaram os da governança todo o resto do anno a luctar desesperadamente contra a faina irrequieta dos bandeirantes paulistas, que, apesar do brado, constantemente repetido, de «inimigo na costa», persistiam em organisar levas e expedições, para o devassamento dos sertões, sem duvida seguindo as pégadas da bandeira que a incuria ou o interesse do capitão-mór Pedro Motta Leite deixara passar pela via maritima.

Algumas expedições, quiçá, teriam conseguido sahir de S. Paulo, ainda nesse anno de 1635, na sua segunda metade, talvez, pois só assim se consegue justificar os iracundos «quarteis» e interminaveis «bandos», com que os edis paulistanos, atormentavam os audaciosos aliciadores de bandeirantes e conductores de homens aos longinquos sertões das nossas selvas.

Não conseguimos, entretanto, identificar uma só, depois da de Aracambi, até que em 1636 o famigerado Antonio Raposo Tavares, o leão dos sertões sul-ame-

ricanos, organisou uma poderosa bandeira, composta, segundo parece, de 120 paulistas e mais de 1000 indios «tupis», conforme, indirectamente, nos assevera o chronista jesuita padre Carlos Teschauer, na sua «Historia do Rio Grande do Sul».

Dentre os paulistas, companheiros de Raposo, são conhecidos apenas, trinta e sete bandeirantes, graças aos inventarios de Braz Gonçalves e Paschoal Neto, fallecidos no sertão.

São elles:

Antonio Raposo Tavares (cabo da tropa), Diogo de Mello Coutinho, (immediato), Pero Leme (o moço), Antonio Rodrigues (?), Sylvestre Ferreira, Gaspar Maciel Aranha, Estevam Fernandes, Estevam Fernandes, o moço, Alberto de Oliveira, Rafael de Oliveira, o moço, Domingos Borges de Cerqueira, Gaspar Vaz Madeira, Luiz Feyo, João Maciel (Valente), Matheus Neto, João Machado, João Rodrigues Besarano, Paulo Pereira, Antonio Pedroso de Freitas, Paschoal Neto, Paschoal Leite, o moço, Balthazar Gonçalves, Braz Gonçalves, o moço (?), João de Godoy, Balthazar de Godoy, o moço, Fernão de Godoy, José de Camargo, Antonio de Faria Albernaz, Simão da Costa, Miguel Nunes, Jeronymo Rodrigues, Duarte Borges, Francisco Chaves e Pero de Oliveira.

Dentre os numerosos indios que fizeram parte do corpo de armas dessa bandeira conseguimos encontrar oito, pertencentes a Braz Esteves Leme, tio de Pero Leme, o moço da lista supra. («Invent. e test.», v. X, 340),

Aprestada e bem aviada a bandeira, partiu ella em janeiro de 1636, por terra, rumando o sul, como se deprehende dos seguintes textos:

«... o ouvidor desta capitania de são vte. antonio rapozo e bem assim o juis frco, nunes de siqra, e o vereador jeronimo de brito e o procurador do conselho do ano pasado amaro domingues por ser ausente o que sahio no pelouro frco dias e sendo todos juntos em camara pelo dito ouvidor (Raposo Tavares), foi dito aos ditos offisiaes da camara que visto averse dado juramento a antonio pedroso e não mostrar melhoramento de sua apelasão e faltar hu vereador e procurador do conselho por serem ausentes «e ele dito ouvidor estar de caminho pera fora e acudir ao serviso de sua magde.»...» (Acta da vereação de 1.º de janeiro de 1636, «Actas», vol. IV, 281).

«... e por respeito do ouvidor capitão mór antonio raposo tavares levar fora da villa o escrivão da camara e tavalião a cuja falta se deixou de faser a dita eleisão...» (Vereação de 7 de janeiro de 1636; «Actas», vol. IV, 285).

E' de notar que, depois dessa ultima data, o nome de Raposo Tavares desapparece das actas».

Convem comtudo notar que o grande sertanista contemporaneamente se achava envolvido na grave questão politica em virtude da qual fôra suspenso do cargo ouvidoral, o que levara a energica reacção e ao triumpho de suas prerogativas.

Prosegue Alfredo Ellis Junior:

Com o testemunho destes dous documentos municipaes citados, faz-se certo que a bandeira de Raposo Tavares, em serviço de sua magestade, partiu entre 1 e 7 de janeiro de 1636. Curioso serviço de sua magestade, que era o proprio rei da Hespanha, senhor das terras que elle, Raposo, ia assaltar e conquistar»!

Não nos diz o autor citado como chegou a estabelecer o itinerario da expedição de Raposo, nem em que se funda para tal, assim com todas as reservas, admittimos que a jornada tenha sido feita pelo Assunguy e sertão dos Carijós.

«Tomou a bandeira o caminho do Guayrá, passando pelo Assunguy e sertão dos Carijós, onde talvez, já em territorio do Rio Grande do Sul, tivesse fallecido Braz Gonçalves, em 10 de outubro de 1636. (Invent. e tests., vol. XI, 129).

E' de notar a extraordinaria demora levada, pela expedição, para chegar ao Rio Grande do Sul, pois, tendo sahido em principio de janeiro, só dez mezes depois, attingia elle os sertões do «Tape».

Espaço de tempo, este, que maior se torna si o tivermos em relação com o empregado pela expedição de Aracambi, do anno anterior, que em oito mezes foi aos Patos e tornou a S. Paulo. A bandeira de Aracambi, entretanto, tomando o caminho maritimo, usou de um meio muito mais rapido e commodo, ao passo que Raposo Tavares, na sua longa caminhada pará o sul, teve de affrontar toda a sorte de obstaculos naturaes, além de que ia o famoso caudilho levando a raso as malócas por onde passava.

Em fins de novembro de 1637(?) a bandeira se approximou sobremaneira das reducções da provincia

de «Tape». Atravessou ella necessariamente o rio Taquary, proximo á sua foz e, no dia de S. Francisco, Xavier, segundo encontramos referencias na «Historia do Rio Grande do Sul», do padre Carlos Teschauer, (3 de dezembro), attingiu ella a reducção de Jesus Maria, á margem esquerda do Jacuhy, que assaltou com mil e quinhentos tupis e grande multidão de guaranis, que, no caminho, haviam sido obrigados a incorporar-se-lhes». (Teschauer loc. cit.)

Entende Ellis portanto que o assalto de dezembro de 1637, á reducção de Jesus Maria no Taquary haja sido feito pelas forças de Raposo Tavares. Colloca esta acção de guerra um anno antes, porém, julgando que tenha occorrido em 1636.

Assim descreve Teschauer, reproduzindo sobretudo palavras de Montoya, o assalto da reducção («Historia do Rio Grande do Sul», p. 164-165):

«Chegaram os mamelucos com mil e quinhentos tupis e grande multidão de guaranis, os quaes tinhão no caminho obrigado a incorporar-se-lhes. Os mamelucos estavam bem armados de espingardas, vestidos de uma especie de couraça que cobria o corpo á maneira de tunica estofada de algodão e era impenetravel ás settas.

Em som de guerra, com bandeira desfraldada e em ordem de batalha, entraram na povoação e sem aguardarem explicações, acommetteram a egreja, disparando seus mosquetes. Foi aqui que se tinham refugiado as mulheres, creanças e os velhos. Infelizmente não se achavam mais de quatrocentos homens na povoação; os mais andavam fóra, occupados na lavoura e na caça.

O ataque durou seis horas, das oito da manhã até as duas da tarde. Os christão bateram-se com denodo, esperando reforço; as mulheres e meninos, de joelhos, pediam soccorro a Deus com muitas lagrimas. Vendo os inimigos o valor dos sitiados e que tinham entre mortos e feridos, muitos fora de combate, pretenderam abrir uma brecha na trincheira que os homens de Jesus Maria já antes tinham levantado. Uma mulher varonil viu-o e, vestindo-se de homem, com uma lança, atacou o tupi que já estava na brecha aberta e aos mais abria o pásso e deixou-o morto, impedindo aos mais a entrada.

Finalmente resolveram queimar a igreja onde estava a gente indefesa e confesso, escreve o P. Montoya, que lhes ouvi dizer que eram christãos, e tambem nesta occasião traziam grandes rosarios.

Tres vezes atiraram fogo em settas sobre o telhado e cada vez foi apagado; mas a quarta vez pegou fogo e logo começaram a perturbação e a gritaria, o alarido das creanças, o pranto das mulheres, o terror de todos.

Estavam os inimigos muito alegres, dando graças a Deus por verem arder a igreja. Para os sitiados não houve meio de escapar e julgaram mais prudente entregarem-se aos inimigos com certas condições, do que deixarem-se queimar. Porém estes não respeitaram as estipulações da rendição.»

Descreve Montoya, com muitos pormenores, uma serie de scenas crueis occorridas então e que o historiador riograndense reproduz longamente.

Resumindo Teschauer, escreve Ellis:

«Tomada Jesus Maria, espalharam-se os bandeirantes pelas aldeias visinhas, reduzindo á escravidão, quantos indios encontravam. Impotentes para a resistencia, evacuaram os jesuitas a reducção de San Christobal, mais ao norte, sobre o Jacuhy, cujos indios transportaram para a reducção de Santa Anna, formando, com os desta, um corpo de 1.600 indios, á frente dos quaes se puzeram, para contra atacar os paulistas. Suppondo já terem estes entrado e se estabelecido em San Christobal, para ahi marcharam. Alli chegando, o exercito jesuito-guarany não encontrou a bandeira de Raposo, que ainda se encontrava acampada a distancia, talvez se preparando para novas lutas. Nessa occasião, falleceu Paschoal Neto, um dos bandeirantes companheiros de Raposo, naturalmente em consequencia dos ferimentos recebidos no combate de Jesus Maria, seguramente, a 19 de dezembro de 1636, segundo se vê do inventario summario, processado, «nesse sertão de Jesus Maria de Ibiticaraiba, dos indios araxans (ou patos)» (Inv. e tests., vol. XI, 143).

Occupando novamente o exercito jesuita San Christobal, a 25 de dezembro, e sendo dia de Natal, segundo affirma Teschauer, loc. cit., estavam todos rezando na igreja da reducção, quando foram, subitamente surprehendidos pelo ataque dos paulistas, que Teschauer, baseado em chronistas do tempo, como Techo, e outros, diz serem em numero de 120 mamalucos, acompanhados de 1.400 tupis.

Novo combate teve a travar a gente de Raposo, Durou a lucta cerca de cinco horas, até á noite, quando

os paulistas esmagaram os indios e jesuitas, obrigando-os a se refugiarem ao norte, no alto Jacuhy, onde se entrincheiraram, aguardando novos ataques em posição defensiva. Achava-se nessa occasião, na provincia de Tape, em visita, o provincial padre Borôa que, á vista das devastações dos paulistas, clamou por soccorro, o governador do Paraguay, Dom Pedro de Lugo y Navarro, que se recusou a prestal-o, dando como pretexto os ataques paulistas no Itati, com os quaes estava a braços.

Auxilio, tambem, foi pedido ao governador do Prata, que se recusou a dal-o. Nesta situação de desespero, para a causa ignacina, reuniu o provincial o conselho jesuitico a 7 de abril de 1637, no qual ficou resolvido o abandono da reducção de São Joaquim, em posição muito exposta, confiar a defesa da provincia ao padre Alfaro, e enviar á Europa representações, sobre o que praticavam os paulistas, em sua invasão.»

Identificando esta expedição bandeirante com a de Raposo Tavares, commenta o autor paulista:

«Relata-nos os factos acima narrados o padre Teschauer, obr. cit., não identificando porém a expedição paulista, por elle mencionada, como sendo a de Raposo Tavares; é illação nossa, tirada da mais perfeita paridade de datas, entre os dizeres do chronista jesuita, reproducção das chronicas do tempo e os documentos paulistas, taes como o inventario e o testamento do bandeirante Paschoal Neto.

Além da exactidão das datas, existe o nome da reducção de Jesus Maria, atacada pelos paulistas no dia de S. Xavier de 1636, segundo Teschauer, a mesma região, onde se encontrava a bandeira de Raposo Tavares nessa mesma occasião, segundo os documentos paulistas citados.»

Não nos parece a illação absolutamente decisiva. Pensa Basilio de Magalhães, aliás, como Ellis.

Ha em primeiro logar a divergencia consideravel dos millesimos, o assalto de Jesus Maria; para Teschauer, foi em 1637, para Ellis um anno antes, exactamente, Em todo o caso a referencia do inventario de Paschoal Neto (Inv. e tests. XI, 143) a Jesus Maria de Ibiticaraiba, sertão dos indios arachans, tem o maximo relevo indicial. E ha ainda as indicações das datas dos documentos bandeirantes do sertão. E' preciso lembrar por espirito de equidade o que o proprio Teschauer annota

sobre a difficuldade de se ter um fio chronologico seguro para os acontecimentos riograndenses daquelle tempo.

«Convem aqui advertir o leitor da confusão e disturbios de que são cheios esses annos; parece ter-se communicado ás relações historicas dos mesmos; tanto a chronologia como a coordenação dos factos laboram em confusão. Sentiu isto tambem Guevara que se queixa: «as relações destes annos, diz elle, participam de não pequena parte da confusão dos tempos e não poucos successos se referem sem indicação de annos, defeito transcendental de muitas historias.»

Conclue Ellis a apresentação de sua hypothese do seguinte modo:

«Os effeitos da *razzia* de Raposo foram tremendos em toda a provincia de «Tape», sendo apresados muitissimos indios, que foram carregados para S. Paulo, além da tomada de duas reducções do baixo Jacuhy, sendo as restantes situadas sobre este rio evacuadas pelos padres atemorisados. Foi, emfim, outro abalo sério na conquista de terras castelhanas, de além Tordezilhas.

A bandeira de Raposo, porém, logo após a conquista de San Christobal, tornou ao povoado paulistano, onde deveria ter chegado pouco antes de 20 de junho de 1637, data esta, em que foi apresentado em juizo, por Pero Leme, o moço, um dos bandeirantes do ról supra, o inventario summario, procedido no sertão, pelo fallecimento de Paschoal Neto, bem como o seu testamento. (Inv. e tests., vol. XI, 153). Seis mezes foi o tempo empregado no percurso da volta da bandeira, tendo ella se demorado um anno e meio no sertão.

Rio Branco e Basilio de Magalhães («Le Brésil, Levasseur e Rev. do Inst. Hist. Bras.», tomo esp. v. II, 102) attribuem a Raposo Tavares a chefia dos paulistas que conquistaram a provincia de Uruguay. Enganaram-se os egregios cultivadores do passado paulista, pois em 1638, data em que iniciaram os bandeirantes a invasão do Uruguay, já estava em S. Paulo, como acima ficou dito, o grande Raposo, com a sua gente.»

Pelo menos, a 3 de abril de 1638, passava o capitão mór, governador da capitania de S. Vicente, Antonio de Aguiar Barriga a Antonio Raposo Tavares uma carta de sesmaria de terras na paragem de Intindipayba, con-

forme requerera algum tempo antes (Cf. Washington Luis, estudo citado, na «Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo, IX, 529). E a treze de setembro do mesmo anno depunha como testemunha numa acção civel entre partes Gines de Proença e menores AA. e João Ribeiro e menores RR. (Ibid., p. 528), o senhor de Quitaúna.

As referencias numerosas, mas imprecisas, de documentos hespanhoes, da mais alta importancia, como as das cartas regias de 1639, que brevemente analysaremos levam-nos a suppor que o incansavel afuroador da selva haja ainda feito um enorme raid ao centro do Continente, nas vizinhanças de 1638. Chegou, dizem estes papeis castelhanos, a ameaçar Santa Cruz de la Sierra, de que se approximou a menos de oitenta leguas. Attingiu portanto o amago do Perú, na provincia dos Chiquitos e valle do Mamoré. Dista Santa Cruz da nossa fronteira matto grossense mais de quinhentos kilometros em linha recta e isto no ponto mais proximo do territorio brasileiro.

---

## CAPITULO XIV

*A bandeira de Francisco Bueno — Controversia — Argumentação de Ellis — Destruição de reducções.*

Commenta Ellis:

«Ainda estava no sertão do Rio Grande do Sul, Raposo Tavares, com a sua grande bandeira, quando, em principios de 1637, sahiu de S. Paulo uma expedição de bandeirantes, composta de mais de uma centena de paulistas, além de copioso sequito de indios. Foram seus organisadores os membros das familias mais importantes em S. Paulo, quaes dos Buenos, dos Cunhas Gagos e dos Pretos, irmãos, sobrinhos e filhos do velho sertanista Manuel Preto, fallecido em 1630, na luta contra os jesuitas hespanhóes do Guayrá.

Como chefe desta importante bandeira ia o capitão Francisco Bueno, irmão de Amador Bueno, o acclamado, filho do sevilhano Bartholomeu Bueno da Ribeira e pae do Anhanguera, o velho, tendo como immediato o capitão Jeronymo Bueno, seu irmão.

Dentre os seus componentes, são conhecidos nomes, extrahidos dos inventarios dos bandeirantes mortos no sertão:

João Preto, Manuel Preto, o moço, Gaspar Fernandes, Estevam Gonçalves, Capitão Francisco Bueno (cabo da tropa), seu irmão capitão Jeronymo Bueno (immediato), e seus sobrinhos Amador Bueno, o moço, e Antonio Bueno (filhos de Amador Bueno, o acclamado) e Lazaro Bueno (não mencionado pelos linhagistas), Henrique da Cunha Gago, o moço, e seus irmãos Manuel

da Cunha Gago e Francisco da Cunha, Manuel Preto, o moço, seu tio João Preto e seu primo Gaspar Fernandes Preto, Domingos Garcia, Miguel Garcia Rodrigues, Balthazar Gonçalves Malio, e seu filho Estevam Gonçalves, João Paes Malio, Antonio Ferreira Malio, Gregorio Ferreira, Francisco de Siqueira, Antonio de Siqueira, Sebastião Mendes, Diogo Aros, Antonio Ribeiro, Bernardo da Motta, Antonio Cordeiro Porto, Pero Vidal, Antonio Botelho, João Fernandes e Antonio Dias Carneiro. («Inv. e tests. vols. XI, 178, 200, 217, 166).

Muitos dos historiadores que se têm referido a esta bandeira, entre os quaes Pedro Taques, citado por Basilio de Magalhães («Rev. Inst. Hist. Bras.», tomo especial, vol. II, 104), Taunay («Uma Explicação», «Correio Paulistano»), dizem ter sido a região sul de Matto Grosso a percorrida por esta bandeira, sendo ahi o rio Taquary assignalado nos inventarios dos fallecidos bandeirantes; outros querem, á força e sem a menor base, incorporar os bandeirantes da lista supra aos destruidores do Guayrá, que, desde 1631, havia deixado de existir, por completo (Ermelindo Leão, «Os conquistadores do Guayrá», «Correio Paulistano»). Acreditamos, porém, que se enganam os que isso affirmam, a respeito da bandeira dos Buenos, visto como o rio hoje conhecido por Taquary, em Matto Grosso, ainda não devia ter essa designação, na occasião da expedição de que tratamos. Não consta, pelo menos, essa denominação dos mappas da época dessa região, embora venha o curso desse caudal nelles graphado, como em um magnifico mappa anonymo, da região parano-paraguaya, existente na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, datado do seculo XVIII. Da explendida collectanea de mappas antigos publicados pelo Museu Paulista, sob a direcção do Dr. Taunay, consta uma copia deste citado mappa. Nada nos affirma, por outro lado, que o rio Taquary mattogrossense, já em 1637, tivesse esse nome.

De facto, seria muito de admirar que o capitão Francisco Bueno dirigisse a sua gente para uma região completamente diversa da que os paulistas, na occasião faziam alvo de suas temerosas incursões, internando-se no sertão ingrato do grande pantanal, que margeia o rio Taquary matto-grossense.

O alvo das *razzias* bandeirantes, na data em que Francisco Bueno, á frente da sua expedição, sahiu de S. Paulo, era indiscutivelmente o sertão dos Patos, na

provincia de Tape, em pleno Rio Grande do Sul, magnifico e inexgotavel celeiro dos indios, já mansos e baptisados das reducções e de onde, ainda, não havia chegado Raposo Tavares, com seus imperterritos companheiros, trazendo enormes despojos e immensa copia de indios capturados. Para estas paragens, sem duvida, deveria ter a bandeira sob exame, seguido.

Justamente neste sertão dos Patos, provincia de Tape, havia um rio Taquary, perfeitamente mencionado com este nome e muitissimas vezes assignalado nas chronicas jesuiticas do tempo, e já conhecido, tambem dos paulistas de Raposo Tavares que, em 1636, deveriam tel-o atravessado, para poder attingir Jesus Maria, bem como, em 1635, pelos bandeirantes de Aracambi. Não nos parece que a denuncia do provincial jesuita do Paraguay, mencionando os chefes Francisco e Jeronymo Bueno, Domingos Garcia e Aguiar Bueno, venha desmanchar o nosso raciocinio, antes, pelo contrario, pois Tape estava sob o provincial do Paraguay, ao passo que este nada tinha que ver contra os paulistas, que, porventura, fossem a Matto Grosso, em cujo Taquary não havia estabelecimentos jesuiticos.

O Rio Grande do Sul, pois, deveria ter sido o territorio percorrido pelos companheiros de Francisco Bueno e o Taquary dos documentos paulistas, com certeza, foi o rio affluente do Jacuhy; e, quando não tivessem esta conclusão os argumentos acima referidos, havia um só que bastava para convencer.

E' a extraordinaria paridade nas datas, entre as chronicas dos jesuitas, synthetisadas magnificamente pelo illustrado padre Carlos Teschauer («Historia do Rio Grande do Sul», que assignala, em meiados de 1637, uma grande bandeira paulista no rio Taquary, marchando contra as reducções do alto Jacuhy, depois de ter atacado os indios Caamós e Caaguás, entre o rio Cahy e o littoral, com os documentos paulistas, quaes os inventarios citados dos bandeirantes mortos, no sertão do rio Taquary:

O de João Preto, em 8 de junho de 1637;

o de Manuel Preto, o moço, em 2 de julho de 1637;

o de Gaspar Fernandes em 26 de maio de 1637 (loc. cit. «Invent. e test.»).

A bandeira assignalada por Teschauer não póde deixar de ser a de Francisco Bueno, em vista de tão admiravel coincidencia de datas, confirmando a desig-

nação geographica, bem como a orientação natural da directriz bandeirante na épopca».

Ha alguma cousa a reparar, porém, nos termos em que o erudito autor discorda dos que querem localisar a bandeira de Francisco Bueno em Matto Grosso.

Houve em relação a Basilio de Magalhães e a Pedro Taques um «lapsus calami».

Citando o linhagista não disse Basilio de Magalhães que a leva de Francisco Bueno haja estado em Matto Grosso, nem o que escreveu altera o que a tal respeito affirmou o autor da «Nobiliarchia».

São estas as suas palavras textuaes:

«Entre os grandes caçadores de indigenas, contase a celebre familia dos Buenos, cuja maior actividade se manifestou na primeira metade do seculo XVII. Amador Bueno e seu filho de egual nome fizeram varias entradas á conquista de indios, dos quaes, conforme Taques, possuiam «muitos centos». Antonio Bueno, o filho do acclamado de 1641, tambem dirigiu bandeiras para o sertão em 1637. E, pela mesma data, capitaneou Francisco Bueno uma leva, com grande numero de outros paulistas, tendo o cabo fallecido em 1638. De Jeronymo Bueno, genro, de Manuel Preto, refere o autor da «Nobiliarchia» que «penetrou o sertão do Rio Paraguay, acompanhado de numerosa bandeira, com intenção de conquistar diversas tribus de indios barbaros, sahindo de S. Paulo por commandante da expedição e com toda ella pereceu em 1644, ás mãos dos ditos barbaros».

Quem a tal respeito se enganou fomos nós, devido a um lapso de memoria ou distracção, quando em artigo da imprensa contestámos a Ermelino de Leão que, como perfeitamente diz Ellis, queria «á força e sem a menor base, incorporar os bandeirantes da lista supra aos destruidores do Guayrá» (Vd. artigo no «Correio Paulistano» de 18 de abril de 1921). Contestando ao autor paranaense occorreu-nos este lapso que nos levou a affirmar o que repudiamos agora.

Confundimos a expedição de Jeronymo Bueno em 1637 no Paraguay com a sua ultima e sinistra jornada de 1644 em Matto Grosso, segundo a licção de Pedro Taques.

Assim, pois, convencidos pelos argumentos de Ellis «in totum» approvamos as suas conclusões.

Com a jornada de Antonio Raposo Tavares havia

a obra jesuitica no Rio Grande do Sul soffrido immenso. Numerosas reducções se despovoaram, revoltas parciaes se deram, exodos consideraveis occorreram e o periodo a atravessar pelos missionarios foi crudelissimo.

Surgiu então a bandeira dos Buenos, cujo itinerario traça Ellis conjecturalmente.

Sahidos Francisco Bueno e sua tropa de S. Paulo, em principios de 1637, para o sul, passando, talvez, pelas cabeceiras do Ribeira, classico caminho do Guayrá, e nascente do Tibagy, atravessando os Estados do Paraná e Sta. Catharina, penetrou no Rio Grande e surgiu em maio, desse 1637, no rio Taquary».

Resumindo a Teschauer e a outros autores de nota escreve Ellis ainda:

«Enormes devastações deveriam os paulistas ter praticado, já no caminho, entre os indios carijós e outras tribus sulinas, pois grande foi o pavor que os precedeu entre os «Tapes», tendo os indios da reducção de S. Joaquim, anteriormente evacuada pelos padres, se dispersado, logo á chegada dos paulistas invasores. Divididos estes em duas columnas, para mais facilmente atacar as reducções ao sul e ao norte, cahiram como um raio sobre Santa Thereza, que tinha cerca de 4.000 almas.

Eram os paulistas, diz Teschauer, 260, auxiliados por numerosos indios, cifras provavelmente exageradas.

Tudo destruiu a bandeira, entregando-se os habitantes de Santa Thereza, sem resistencia. Este ataque se deu em fins de 1637, no dia de Natal, tendo naturalmente a gente dos Buenos se demorado muito tempo, invernando no rio Taquary, antes de iniciar a marcha destruidora para o noroeste, onde ficava Santa Thereza.

Continuando a sua marcha nesta direcção, os paulistas de Bueno acercam-se de San Carlos de Caapi, Apostoles de Caazapaguazú, destruindo-as, após Candelaria e Caaró, todas na provincia do «Uruguay», em principios de 1638.

Ao se defrontarem os paulistas com a reducção de Caaró, conta-nos Teschauer, 1500 indios chefiados pelo padre Alfaro, deram-lhes desesperado combate, sendo, porém, depois de intensa refrega, por elles postos em fuga.

Na sua caminhada conquistadora, tiveram os bandeirantes de Francisco Bueno de travar mais um sanguinolento combate, contra os indios das reducções, com-

mandados, desta vez, pelo famoso guerreiro rubro Nicoláu Nhenguirú, o vencedor de Nheçum, combate este que, ainda, foram os filhos de Piratininga vencedores e graças ao qual em seu poder cahiu a reducção de San Nicolas no Piratiny, a ultima restante de todo o noroeste do Rio Grande do Sul.

Com estes ultimos successos foram os jesuitas expulsos para além Rio Uruguay, apenas lhes ficando das duas florescentes provincias do «Tape» e «Uruguay», as reducções situadas sobre o Ibicuhy que, mais a sudoeste, ainda não tinham attingidas pelas incursões formidaveis dos moradores de São Paulo.

Em fins de 1638, deveriam os companheiros dos Buenos ter tomado o caminho de volta ao povoado, sendo então atacados pela rectaguarda, pelos bronzeos sagitarios de Nhenguirú, reforçados por 1500 indios trazidos, ás pressas, pelo padre Romero, travando-se então, o combate de Caazapamirim, sendo os paulistas ainda vencedores, diz o erudito Basilio de Magalhães. («Rev. Inst. Hist. Bras.» tomo esp. v. II, 102) vencidos, affirma Teschauer».

E realmente garante o historiador rio grandense, de modo categorico:

«Os tres ou quatro mil habitantes de S. Nicolao que tinham atravessado o Uruguay, estabeleceram-se na margem direita um pouco ao sul da Reducção de São Francisco Xavier, donde haviam de voltar para o Rio Grande do Sul ao primitivo local só depois de meio seculo.

Longe de desanimarem pela perda da ultima das Reducções que existiam na banda oriental, os indios principaes de ambos os rios Paraná e Uruguay alliaram-se reunindo sob o mando de Nienguiri quantas tropas jamais se tinham visto juntas, para com ellas recobrarem os captivos e impedirem os mamelucos de passar o rio Uruguay.

As forças avançadas do novo exercito, entrando ás ruinas de S. Nicolau acharam na igreja cartas dos mamelucos em que calumniavam e injuriavam gravemente os missionarios; porém não lhes ligando importancia alguma e sabendo que esses aventureiros marchavam a passo accelerado para S. Paulo, foram átráz delles até que os alcançaram, obrigando-os a combater. Os primeiros dias vacillava a sorte, ainda que os inimigos tivessem mais perdas. Para incutir medo aos indios, tão impressionaveis por incidentes imprevistos,

cortaram os mamelucos ao cadaver de um dos neophytos os braços e os collocaram em logar alto e bem visivel; estes não hesitaram em fazer o mesmo com um mameluco.

O que melhorou a posição do exercito dos neophytos e peiorou a dos mamelucos, foi a chegada de 1500 soldados conduzidos pelo P. Romeiro de sorte que o exercito de Nienguiri subiu ao respeitavel numero de quatro mil soldados, devendo o numero supprir as armas de fogo que faltavam aos indios. Acoroçoados com tão consideravel reforço atacaram os neophytos aos mamelucos, obrigando-os a retroceder, havendo em ambas as partes numero regular de baixas.

Deu-se esta primeira derrota dos mamalucos, em fevereiro de 1638 nos campos de Caasapamini, perto da Reducção de Candelaria, onde mais tarde se fundou o povo de S. Luiz das Sete Missões».

Ha em Techo uma versão divergente que Teschauer recolhe e contesta:

«Techo diverge desta narração fazendo vir onze hespanhoes de Buenos Ayres a 200 leguas de distancia, enviados pelo Governador Cueva y Benevides para dirigirem aos guaranis na abtalha. Vencidos, os mamalucos pediram pazes enviando parlamentares para conferenciar. Concedeu-lhes o P. Alfaro uma conferencia em que os reprehendeu por sua crueldade para com os indios intimando-lhes a excommunhão fulminada contra elles pelo bispo de Buenos Ayres; em seguida deferiu-lhes o juramento de não invadirem jamais os povos dos neophytos; porém interveiu o chefe hespanhol e com indignação dos guaranis escaparam os mamelucos de receber o justo castigo.

Na narração que segue, percebe-se a já indicada falta de clareza e coherencia. Conta que foi licenciado o exercito, mas pouco depois diz que foi recrutado outro. Só Charlevoix é quem reproduziu este trecho: mas não assim Guevara que conheceu ambos os autores, nem Southey que aliás atem-se muito a Charlevoix. A nós tambem parece inaceitavel a narração de Techo pela seguinte razão. Lozano, que na sua historia da Conquista, publicada só em 1874, escreveu a historia dos governadores daquella época, tanto do Paraguay, como de Buenos Ayres, não menciona este facto de ter o governador desta cidade enviado aquelles soldados hespanhoes em auxilio do exercito missioneiro,

facto que devia mencionar, tanto mais que aquelle governador, estando só dois annos no cargo, pouco forneceu ao escriptor para uma biographia».

Concluindo ainda diz o historiador rio grandense:

«Retirados os mamalucos louvou o P. Alfaro o zelo dos missionarios; pois de dia e de noite velavam por suas ovelhas expostas a grave perigo; curou-lhes as feridas consolou e animou os neophytos e deu alimento e vestidos aos que delles precisavam. «Não relato, diz Techo, o que nesta occasião fez cada um dos religiosos; tudo está escripto no livro da vida.»

Sabendo o P. Alfaro que os mamalucos infestavam a margem esquerda ou oriental do Jacuhy caçando indios e ameaçando as Reducções, ao licenciar-se o exército conservou um pequeno contingente, com que unido com outros levantados no Uruguay, reprimiu as demasias desses caçadores de escravos e restituiu a tranquillidade ao Tape ou sertão do Rio Grande.

Nesta expedição um tuxaua christão, prisioneiro dos mamalucos, usando de um ardil militar, pediu permissão para ir ao acampamento dos neophytos e seduzir os indios influentes, quando na realidade informou os amigos sobre o que os interessava; e de facto avisados por suas revelações, os neophytos surprehendendo uma companhia de tupis capitaneada por um mameluco, aprisionaram-na inteira. Mas todos esses pequenos resultados felizes e as outras providencias dadas eram insufficientes; para acabar com tanta calamidáde só uma medida radical e efficaz restava, a emigração».

Continuando a analysar os documentos paulistas adduz Ellis:

«Com isto, voltaram os bandeirantes a S. Paulo, onde chegaram pouco antes de 19 de março de 1639, data em que encontramos João Paes Malio, da lista supra mencionada, figurando no inventario judicialmente procedido, por morte de Francisco Bueno, o chefe da expedição, morto no sertão. («Invent. e test.» vol. XIV, 35), sendo certo que, até fins de janeiro de 1639, em S. Paulo, não se tinha noticias da bandeira, como se pode ver do inventario do referido Francisco Bueno (loc. cit. 20):

> «... sem se fazerem nelles partilhas por razão de se esperar pelo testamento do defunto pelo trazer seu irmão Jeronymo Bueno e até agora não é chegado nem novas delle...»

Muitos dos bandeirantes, componentes da léva de que tratamos, segundo parece, deveriam ter-se separado do grosso da expedição, chegando antes a São Paulo, no anno de 1638, data em que Amador Bueno, o moço, e seu irmão Antonio Bueno se casaram respectivamente, com Margarida de Mendonça e Maria do Amaral, segundo nos affirma Silva Leme («Genealogia Paulistana», tit. Buenos, vol. I, 419 e 421).

A mesma conclusão deve-se tirar, por ter sido o inventario de Francisco Bueno procedido, judicialmente, em São Paulo, muito antes da chegada da bandeira que elle commandava («Inv. e test.», loc. cit.).

Dous longos annos levou a gente paulista de Francisco Bueno, internada no sertão, sustentando as mais ardorosas pelejas, como attestam os numerosos fallecimentos de bandeirantes, assignalados pelos muitos inventarios feitos no sertão. Foi esta, sem duvida, uma das mais notaveis façanhas em toda a historia do bandeirismo paulista, e um dos mais memoraveis capitulos na historia da conquista do Rio Grande do Sul, pelos nossos vetustos antepassados, na tremenda lucta, por elles sustentada contra o jesuita e o castelhano, para o maior alargamento da área territorial da nossa patria e para maior gloria da nossa historia immortal».

---

## CAPITULO XV

*Bandeira de Fernão Dias Paes Leme em 1638 no Rio Grande do Sul — Hypothese de Ellis — Exame de documentos — Bandeirantes desapparecidos no sertão.*

A publicação da serie jamais assaz louvada dos «Inv. e testamentos», determinada por Washington Luis trouxe a revelação de diversas bandeiras, algumas de real importancia, como as que aponta Alfredo Ellis Junior no seu «Bandeirismo paulista».

Entende este escriptor que os documentos do tomo XI dos «Inventarios e testamentos», o inventario do sertão de Antonio Silveira (pags. 239 e seguintes) permittem localisar mais uma grande entrada no Tape, na época que estamos estudando, entrada esta dirigida por Fernão Dias Paes Leme, mais tarde vulto capital do bandeirismo de fins do seculo seiscentista sobre cuja actuação com grandes pormenores teremos de escrever.

A unica indicação positiva documental é a da abertura do testamento do bandeirante, a 10 de abril de 1638: «Estando eu Antonio da Silveira neste sertão do Rio Grande, doente etc.»

Inclinamo-nos a pensar que Fernão Dias Paes haja percorrido o Guayrá. Pensa Ellis que provavelmente «orientava o sertanista a sua bandeira segundo a directriz invariavel da época, isto é, para as regiões da provincia do Tape, então atacada pelas bandeiras de Raposo Tavares e Francisco Bueno».

E allega ainda que a designação muito vaga de Rio Grande podia-se referir-se ao Rio Paraná na parte baixa, correntina, ou á região de Lagoa dos Patos, a que os hespanhoes do tempo já chamavam tambem Rio Grande (Vd. «Na éra das bandeiras», de nossa autoria 2.ª edição, p. 91).

Julga o joven autor que a referencia por nôs adduzida de um trecho de Simão Pereira de Sá, na sua «Historia da Nova Colonia do Sacramento», sobre uma estada de Fernão Dias Paes em terras do sul, é muito favoravel á sua hypothese:

«Confirmando este resultado, achamos em Simão Pereira de Sá na sua «Historia da nova colonia do Sacramento», interessantissima referencia a Fernão Dias, aliás já reproduzida pelo Dr. Taunay, mas que achamos explendidamente condizente para o que affirmamos sobre a expedição sob exame:

«... mas destas intruzões e atentados se desforçarão as nossas armas descendo da cidade de San Paulo Fernam Dias Paes com muitos naturaes intrepidos e esforçados os quaes apresentando batalhas aos Castelhanos e seus «confederados» por varias vezes lhes fizeram viva guerra. Constrangidos do erro e timidos da mortandade desalojarão de muitas «aldeias» e se retirarão para seus dominios perseguidos fugindo maltratados. Lisongeados os paulistas das victorias se hião valerosamente a encontrar as tropas...» (loc. cit. liv. 16, 46 vs).

E' muito claro o texto de Simão Pereira de Sá, elaborado no anno de 1750, um seculo, apenas, depois das arruaças paulistas no Rio Grande do Sul. Por elle vê-se que os paulistas de Fernão Dias deram combate aos hespanhoes e seus confederados, que não eram outros senão os jesuitas e indios dás reducções, sendo estes desalojados de muitas aldeias, que não passavam das agglomerações jesuiticas do Tape e do Uruguay, sendo elles perseguidos pelos paulistas, fugindo para os seus dominios do além rio Uruguay. Muito evidencia, pois, este documento do remoto historiador, ter a bandeira, em questão, de Fernão Dias, penetrado no territorio rio-grandense a guerrear os padres da Companhia, quando os paulistas emprehenderam a conquista desses sertões sulinos.

E' esta, pelo menos, a nossa convicção, muito embora acoimado de pouca autoridade seja Simão Pereira de Sá e apezar do doutissimo mestre Dr. Taunay

collocar esta expedição de Fernão Dias, referida por Simão no territorio Uruguayo, o que a nosso vêr não é provavel. («Mappa das bandeiras do Museu Paulista»).

Assim segundo o escriptor paulista ainda se lhe reforça a convicção com a leitura do que Teschauer escreve sobre a doutrina e as reducções do Ibicuhy.

«Além desses preciosos indicios, que nos levaram ao raciocinio exposto sobre a bandeira, que o capitão Fernão Dias Paes commandou em 1637-1638, existem varias referencias, nas chronicas jesuiticas do tempo, que serviram de base, para o padre Teschauer escrever, na sua magnifica «Historia do Rio Grande do Sul», a respeito de uma bandeira paulista, cujas datas coincidem perfeitamente com as em que esteve Fernão no sertão. E' a que Teschauer assignala, conquistando em 1638, as reducções do Ibicuhy, as restantes da provincia de «Tape»; São Cosme e São Damião, São Joseph, São Thomé, São Miguel e Natividade.

Segundo Teschauer, ficaram estas reducções, em 1638, completamente arrazadas pelos paulistas, que voltaram a São Paulo em seguida, levando um numero elevadissimo de indios, além de grandes despojos, da florida christandade, que ahi vivia.

Assim pois, Fernão Dias, o bandeirante emerito, assignalado, nos documentos paulistas, no sertão do Rio Grande, seria o salteador das reducções do Ibicuhy».

E para reforço da sua argumentação adduz o autor do «O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano»:

«De facto, bem analysada a vida de Fernão Dias á luz dos documentos impressos chega-se á certeza de que, a não ser em 1645, só em 1638-1639 poderia ter o insigne «condottiere» feito jus ás referencias da chronica setecentista de Simão Pereira de Sá.

Encontramos o sertanista das pedras verdes em S. Paulo de volta da sua peregrinação pelo sul já em 1640 («Actas» vol. V; 25, «Inv. e tests.» vol. XIV, 39).

Em 1641 Fernão foi o chefe da expedição a Santos, contra um desembarque de flamengos, tendo em S. Paulo tomado parte não activa, na expulsão dos jesuitas.

Sabemol-o em S. Paulo até fins de 1644, quando parece que, á frente de uma grande bandeira, penetrou no sertão ignoto.

Era esta bandeira desconhecida na lista das «razzias» bandeiras, até que encontrámos um documento denun-

ciando-a, constante do inventario de Lucrecia Leme, sua avó («Inv. e tests.», vol. XIV, 325).

> «... porque o capitão Fernão Dias Paes se não sabe o logar nem parte certo donde esteja para haver de ser citado».

Tem este documento a data de Julho de 1645.

Até fins de 1646, Fernão esteve ausente de São Paulo, visto como não compareceu no inventario citado, para receber o seu quinhão de herança, em seu lugar figurando seu irmão mais velho Paschoal Leite Paes.

Talvez esta bandeira de Fernão, fosse a mesma, que descobrimos em 1646, graças ao seguinte documento: («Actas», V, 262).

«... porquanto a mór parte dos m.res desta villa e ainda os de mayores poses estavam de caminho para o sertão sem nenhum temor de deos nem das justiças desamparando esta capitania e deixando-a exposta á notaveis perigos...»

O certo, porém, é que só encontramos Fernão em S. Paulo em 1649 em Dezembro («Actas», V, 398) sendo provavel que, bem antes, tenha chegado do sertão.

Em 1651 foi chefe do executivo Juiz Ordinario («Actas», V, 451 e seguinte). Até 1659, não sahiu Fernão, de S, Paulo, evidenciando-se na lucta entre os Pires e Camargos, bem como na readmissão dos jesuitas e na do vigario Albernaz, banido pelo povo, depois dos tumultos varios («Actas», VI, 27 e «Invent. e tests.» vols. XV, 310; XVI, 30, etc.)

Em dezembro de 1660, o seu nome constante do «Registo», vol. II, 601, prova sua presença em S. Paulo. Em 1661, sabe-se, esteve elle no antigo Guayrá, entre os Guayanazes, de Tombú, Sondá e Gravitahy.

Já Pedro Taques, isso nos affirma, dizendo mais ter Fernão por alguns annos, passado no convivio dos tres monarchas de rubra raça Guayaná. E' bem certa esta asserção do insigne Plutarcho dos varões illustres paulistas, pois que ainda em fevereiro de 1662, não era Fernão voltado ao povoado paulistano, visto como pelo inventario de seu irmão Pedro Dias Leite, ahi figurava representado por seu irmão e procurador João Leite da Silva («Invent. e tests.» vol. XVI, 48).

Em 1664, já de volta da sua demorada incursão por entre a referida nação gentilica, Fernão Dias, re-

cebia de Affonso VI de Portugal, um autographo concitando-o a auxiliar a expedição das esmeraldas de Agostino Barbalho, o que se deu pressa em fazer o magnata paulista.

Dessa occasião em deante, encontramol-o em São Paulo, até 1666 («Actas» annexo ao volume VI, 483) e em Junho de 1667, em documento inserto no vol. XVII dos «Invent. e tests.», 168, prova de ter elle persistido em não abandonar a villa.

Sem ter voltado ao sertão em bandeirismo Fernão permaneceu até 1672, quando, em agosto, foi convidado a organisar bandeira para ir ás esmeraldas («Inv. e tests.» vol. XVII, 266, 281, 302; «Actas», VI, 219, 263, 273 e 284).

No anno seguinte, em 1673, partiu Fernão, como é sabido, não mais voltando com vida, da sua phantastica empreitada, em Minas Geraes.

Com tudo isto, vê-se que, a não ser em 1638-39, só em 1644-46 poderia Fernão ter luctado contra os Castelhanos e seus confederados, sendo que antes de 1638 era elle muito joven para chefiar bandeiras.

No dilema, pois, de ter Fernão em 1638-39, ou em 1644-1646, luctado contra os Castelhanos, no sul, a primeira data reune, sem duvida, indicios muito poderosos como já fizemos notar, ao passo que a segunda, por emquanto, nada tem a seu favor, não havendo o menor ponto de partida, para se saber, onde tenham ido com seus companheiros bandeirantes.

A vista disso, não é audacia se concluir que Fernão em 1638-1639 foi conquistador do Tape».

São estes indicios dignos de nota, não ha duvida, mas ainda os achamos deficientes por provirem de indicação vaga como a do testamento de Antonio da Silveira.

Se no nosso ensaio biographico sobre o grande sertanista nos inclinamos a localisar a sua entrada de 1638 em terras paranaenses foi porque «Sertão do Rio Grande» era muito mais a zona Guayrenha e a margem matto grossense do Paraná do que o territorio hoje chamado rio grandense. Ha, porém, um argumento dos «Inventarios do sertão» que nos parece corroborar o modo de ver de Ellis; é a referencia ao «Sertão do Rio Grande», no inventario de Sebastião Gonçalves a 9 de setembro de 1641, soldado da bandeira de Jero-

nymo Pedroso um dos cabos batidos na grande refrega de Mbororé.

Ora, sabendo como sabemos que a bandeira vencida de Jeronymo Pedroso os moveu em territorio riograndense e missioneiro as indicações toponymicas: sertão do Rio Grande são preciosas como elementos fixadores. Em todo o caso é com reservas que admittimos a deducção pela qual tanto se empenha o nosso distincto e talentoso confrade.

A nominata dos companheiros de Fernão Dias Paes na sua expedição de 1638 organisou-a Ellis e é a seguinte:

Capitão Fernão Dias, seus irmãos Paschoal Leite Paes e Pedro Dias Leite, e seu tio Luiz Dias Leme, o mesmo bandeirante da entrada de Aracambi, ao Rio Grande do Sul, Valentim Pedroso de Barros (o futuro heróe do nordeste na guerra hollandeza), Domingos Leme da Silva, Matheus Leme, Paschoal Leite Fernandes, Salvador Simões, Romão Freire, João Nunes da Silva, Sebastião Gil, o moço, Pedro Agulha de Figueiró, Antonio da Silveira (o fallecido), João de Santa Maria, Christovam de Aguiar Girão, Mauricio de Castilho, o moço, Manuel de Castilho, Gaspar da Costa, Ba... Paulo da Costa, João Favacho, André Bernardes, Fructuoso da Costa, Antonio Gonçalves Perdomo, Francisco Alves Marinho, João de Oliveira (com certeza Sutil de Oliveira), Domingos Barbosa (Calheiros com certeza)»

Terminando o seu estudo sobre esta entrada ainda annota o mesmo autor:

«Voltando da sua peregrinação pelo Rio Grande, esta expedição ainda não havia chegado ao povoado paulista, até aos ultimos dias de 1638, como se deprehende do não comparecimento em Camara, dos officiaes que haviam no principio do anno sido eleitos para os cargos de officiaes, taes como Gaspar da Costa («Actas», vol. IV, 371 a 412). A sua chegada a S. Paulo deveria ter coincidido com a volta da bandeira dos Buenos em principio de 1639.

Eis o que conseguimos saber a respeito de uma grande empreitada, sepultada no olvido de um longinquo passado, si não fôra a publicação dos documentos paulistas que citamos, em torno dos quaes foi possivel tecer uma serie de raciocinios, originadora da hypothese que constitue o nosso presente trabalho. Outras

pesquizas a fazer, em documentos que a poeira dos archivos ainda conserva em seus dominios serão os juizes infalliveis a julgar da veracidade desta hypothese, que ora, deixamos registrada».

Tratando da conquista do Tape pelas bandeiras tivemos o ensejo de falar da repulsa opposta pelos jesuitas commandados pelo Padre Romero e auxiliados pelo cacique Nheenguirú a um corpo de paulistas nos campos de Caasapamini, perto da reducção da Candelaria, onde, mais tarde, em fevereiro de 1638, se fundou o povo de S. Luiz das Sete Missões.

A leitura dos *Inventarios* proporcionou a Ellis o descobrimento de uns bandeirantes desapparecidos (vos. VIII e XIV) Domingos Cordeiro, seu genro Pedro de Oliveira, seu cunhado Fernão Dias Borges (Inventarios e Tests. VIII, 143) seus filhos do primeiro matrimonio, Domingos Cordeiro e Custodio de Paiva (Ibid. 145) e Mathias de Oliveira.

Entende Ellis que talvez haja sido esta expedição a esmagada por Nicolau Nheenguirú.

«Dirigindo-se ao sertão, foi ella, entretanto, infeliz a ponto de serem mortos os bandeirantes, seus componentes acima mencionados, não havendo em S. Paulo mais noticias a seu respeito, o que dá a entender ter sido ella aniquilada.»

E' o que se vê das inquirições procedidas em S. Paulo («Inv. e tests.» vols. VIII, 139 e XIV, 199, 253); «.....*conforme affirmam e juram numero de testemunhas de experiencia que bem sabem o risco e perigo do dito sertão*.....»

E' uma hypothese, mera hypothese, porém, do douto estudioso do bandeirismo, como elle proprio o declara:

«Apezar de não termos elementos que, positivamente, o assegurem, achamos que esta expedição, aniquilada no sertão, o tenha sido na lucta travada contra os jesuitas de «Tape», pois, na occasião, a orientação das *razzias* bandeirantes era indiscutivelmente essa região riograndense, tanto mais quanto, na data em que deveria ter sido destroçada a bandeira, segundo nos ensina o padre Teschauer, na sua «Historia do Rio Grande do Sul», iniciava-se entre os jesuitas, indios e castelhanos a reacção contra as incursões audaciosas da gente de S. Paulo, sendo que combates travados em alguns dos quaes os jesuitas com seus indios armados levaram de

vencida os bandeirantes, que tão longe do seu ninho avançavam».

Julga Ellis que é possivel hajam sido os sertanistas precitados os vencidos por D. Pedro de Lugo em Caasapaguasú. Teremos de estudar esta acção de guerra á luz de documentos, abundantes e ineditos, que nos levam a suppôr haja sido Paschoal Leite Paes, o irmão de Fernão Dias Paes Leme o vencido pelo governador paraguayo.

---

## CAPITULO XVI

*Novas queixas das autoridades sul americanas ao Rei — Pedidos instantes de providencias.*

A medida que os triumphos dos paulistas se acentuavam alçava-se a grita das autoridades hespánholas sul-americanas ao Rei contra estes odiados e temidos adversarios.

Já vimos quanto a tomada do Guayrá levantara celeuma motivando sobretudo do Vice Rei do Perú grandes reclamações de soccorro. Veio a noticia da queda do Itatim provocar a recrudescencia dessa grita.

A 20 de agosto de 1634 noticiava o governador de Buenos Ayres, don Pedro Esteban d'Avila, ao Rei, que morrera o bispo portenho d. frei Pedro de Carranza e suggeria-lhe a idéa da reunião da sua diocese á do Paraguay, então provida no bispo de Assumpção, d. frei Christovam de Aresti. E a este proposito lembrava quanto era homem do maior valor apostolico. «Arrostando os maiores riscos e trabalhos affrontara a morte havia pouco para defender os hespanhóes de Villa Rica dos paulistas. Graças a elle e só a elle não succumbira aquella immensa christandade afflicta pelos portuguezes de S. Paulo. Puzera-a a salvo transladando-a para a margem occidental do Paraná, (cf. Arch. Gener. de Indias 74-4-13).

Nesta mesma occasião recebia o rei a queixa acerba do procurador geral da Companhia no Paraguay padre João Baptista Ferrusino. Soffriam as aldeias jesuiticas vexações continuas por parte das autoridades

civis e militares. Assim invocava mais uma vez a protecção majestatica.

Decidiu o conselho de Indias, em sessão de 22 de dezembro de 1634, que se tornassem effectivas as garantias pedidas pelos jesuitas, afim de se subtrahirem os seus «pueblos» a taes perseguições.

Já nesta época accedendo ás solicitações da Companhia ordenava Philippe IV que o padre Ferrusino pudesse partir para o Paraguay levando 20 sacerdotes e dois irmãos leigos, devendo-se-lhe dar em Sevilha todos os recursos para esta viagem. Mas, precaução curiosa! recommendava o rei instantemente ás autoridades sevilhanas que estivessem bem attentas a que os jesuitas não levassem bagagem alguma suspeita de contrabando. Só as roupas e «matalotagem necessaria á viagem». Nada de defraudação ás rendas reaes!

Já então, porém, haviam os acontecimentos do sul de Matto Grosso provocado o desmentido dos felizes prenuncios do padre Trujillo relativos ás missões dos Itatins. Destruira-as egualmente Antonio Raposo Tavares!

No primeiro quartel do seculo XVII, entendera a mal inspirada sabedoria governamental, fazer do Prata e do Paraguay governos independentes. Na opinião do governador portenho, resultavam dahi os maiores males. Fôra uma providencia «sinistra», affirmava em carta a Philippe IV, datada de Buenos Ayres e de fins de 1634. De grande utilidade seria realizar-se a reincorporação sobretudo integrando-se Cordoba no governo de Buenos Ayres (cf. Arch. Gen. de Indias 74-5-2).

Estava o Paraguay acephalo pela deposição do seu capitão-general don Luis de Cespedes, realizada pela Real Audiencia de Charcas, e dahi proviera a destruição de tres cidades hespanholas, paraguayas e uma do Rio Bermejo, do governo do Prata, devido á revolta dos indios. E não houvera como lhes levar soccorros.

Pouco depois escrevia ao Rei sobre estes graves assumptos o presidente da Audiencia de Charcas, don Juan de Lizarazu, em carta datada de 1 de março de 1635 e em abono dos trabalhos dos jesuitas no governo do Paraguay e provincia do Paraná e Urabay (sic), vasta região, que ia até ao Brasil, e, pelo Oriente, e ao Norte, confrontava com os Chiriguanes, indios guerreiros de S. Cruz de la Sierra, até Tarija (cf. Arch. General de Indias 74-4-5).

De 1610 a 1634 vinte e quatro reducções haviam

fundado, aldeiando 40.327 «almas de todas as edades», sem contar os catechumenos mortos nas quinze reducções do Guayrá pelos portuguezes «del Rio de Sant Pablo» (sic).

Tornava-se imprescindivel estabelecer sobre esta gentilidade numerosa o real padroado. Era o que os jesuitas queriam: «Esta sagrada religion, dizia o magistrado, mereze la protecion de v. m. com circumstancias de particular affecto».

E realmente nada mais admiravel nem digno de tanto elogio como o que se passava em Julli e suas egrejas, na provincia dos Chiquitos, «El govierno de aquellos indios, hago fee; como testigo de vista, es lo primero destos Reynos».

Continuava o monarcha impassivel como inteiramente extranho á sorte dos seus subditos americanos flagellados pela invasão paulista.

Em 1636 começava o Tape a ser assolado pelas bandeiras.

A 10 de agosto de 1637 escrevia novamente o Presidente da Audiencia de Charcas ao soberano dando-lhe conta das recentes aggressões dos paulistas, «jente ympia y cruel» que estorvava «tan gloriosos progresos como los que aquellos sanctos religiosos (os ignacinos) yban disponiendo en tan numerosa jentilidad». Acabara justamente de receber carta do governador do Paraguay, don Pedro de Lugo, relatando-lhe que haviam destruido tres novas reducções «matando y catibando millares de yndios hasta llegar a matar y herir a tres religiosos de la Compañia que los defendian». (cf. Arch. Gen. de Indias 74-4-5).

E enfurecido ante a inercia de sua gente hespanhola e a inepcia do seu governo e seu rei, quedos e impassiveis, bradava o juiz que a situação se tornava gravissima com o atrevimento crescente dos paulistas.

«Vayan abriendo paso y camino al Perú como lo hazen y de manera que han llegado menos de ochenta leguas de la ciudad de San Lorenzo de la Varranca en Santa Cruz de la Sierra».

Grande vantagem para a catholica majestade conhecerem estes inimigos o caminho das Minas! Hollandezes e judeus — «que todo es uno» — alliados dos bandeirantes, eram amigos e parentes.

Nada mais incomprehensivel do que esta tolerancia real para com gente tão ruim como a de S. Paulo!

Então, não podia S. M. castigal-a, obrigal-a a obedecer, a respeitar os vizinhos?

«Verdaderamente, Señor, que si no se arranca de una vez aquella perversa gente y se quita con esto la ocasion de que no se yntroduzgan con tan perjudicial continuacion semejantes correrias, no pareze que se cumple con la principal obligacion que ay de favorezer y ayudar por todos los caminos possibles la combersion de los yndios».

«Y es mas conveniente que estos se salven que no una gavilla de judios congregados en aquel paraje; sin mas religion y verguença que la que cave en hombres tan perversos», terminava no auge da indignação o presidente da Real Audiencia a estender o labéo israelita a toda a população paulista, no seu antisemitismo rubro de christão velho, livre da pecha de «judeu, mouro e qualquer outra infecta nação».

«Não sei com que fim vem este corja ao Perú», exclamava comica e ingenuamente o bom do homem. Acaso para ensinar o caminho do Perú e de suas minas, a hollandezes e judeus, á canalha que vivia na villa de Piratininga, onde todos eram amigos e parentes, em perfeita symbiose com os paulistas? Passando a outros assumptos, relatava don Juan de Lizarazu, uma série de incidentes curiosos, relativos ás normas da administração hispano-americana. Denunciava os abusos do visitador diocesano don Jeronymo Chaves y Castro, que, terriveis extorsões committera, de que haviam curas e indios sido victimas. Correra por toda a provincia do Potosi certo pasquim onde se via um indio despojado pelo seu vigario. Perguntava-lhe o pobre bugre: Porque me desnudas? e o cura lhe respondia: Porque me desnudam!

Em segunda carta, escripta de Buenos Ayres ao rei, a 12 de outubro de 1637, expunha o capitão general do Prata, don Pedro de Avila, a deplorabilissima situação do Paraguay, cujos indios estavam rebellados, assim como o districto do Rio Bermejo, pertencente á jurisdicção platina. «Oy se a venido a reducir el Paraguay, a solo la ciudad de la Assumpcion y todas las demas de aquel districto estan destruidas y despobladas». Provinha tudo isto, em seu entender, da fatal separação das duas circumscripções (cf. Arch. Gen. de Ind., 74-6-22).

Queixou-se amargamente o capitão-general da com-

missão que lhe commettera o soberano. Viera ter ao Prata apenas como subdito passivamente sujeito á vontade regia. Em diversos memoriaes debalde solicitára do governo real «do preciso y ynescusable para la conservacion y defensa» de sua capitania. Fôra-lhe tudo concedido, deferido, mas não realizado.

Como isto era bem do tempo do Conde-Duque! notemol-o entre parentheses.

«No tuve efecto su cumplimiento sobre que he padecido travaxos y cuydados de mucha reputacion».

Viéra como victima do desejo de servir á real vontade «sin aver tenido remuneracion de los muchos y señalados servicios que hasta entonces tenia hecho a V. Majestad en la guerra viva que son tan notorios» (sic).

Modesto, modestissimo, este delegado regio, pouco consciente da valia de seus serviços!

Emfim, pouco valia isto; passava S. Mercê adeante.

No Rio de Janeiro, pudera de visu constatar a venda de indios do Guayrá no mercado dos escravos; soubera que ali se avaliavam em sessenta mil os captivos das bandeiras, de 1628 a 1630.

Taes cousas lhe relatavam das «inumanidades increibles» dos sertanistas que enviára um protesto vehemente, por escripto, ao governador fluminense Martim de Sá, exhortando-o a não consentir mais em semelhantes horrores.

Na sua opinião, dois meios havia para reprimir os paulistas; um, mover-lhes guerra como a nação inimiga, o que aliás, justificava a sua attitude de insubmissos marchando «con banderas y a toque de caxas como los rebeldes de Olanda». Seria o segundo impedir que os jesuitas fundassem novas reducções longe de povoações hespanholas.

Palavras ao vento, projectos sem criterio, recursos falhos, tentativas a se baldarem, eis o que era todo este palanfrorio de autoridades castelhanas.

Bem sabiam quanto era impossivel expugnar o reducto das bandeiras, menos facil ainda estabelecer povoados hespanhoes ao lado dos aldeiamentos de indios, infensissimos como eram os colonos aos ignacinos.

Remedio havia, e um só, para a efficaz repulsa dos paulistas: o fornecimento de armas de fogo, em quantidade, aos jesuitas e aos seus indios, mas este é que de forma alguma convinha applicar.

Existia, não ha duvida, o perigo de um levante dos selvicolas, mas não era dahi que nascia a opposição ferrenha de todos os colonos hespanhoes ás supplicas da Companhia.

E com isto se foi agua abaixo o dominio castelhano no sul do Brasil a oriente do Paraná, derrocado pela arrancada do bandeirismo.

---

## CAPITULO XVII

*Inquerito requerido em Corrientes pelo Padre Basilio de Ladesma — Pormenores sobre a invasão do Guayrá, do Tape e de Corrientes — Chegada proxima do governador do Paraguay, D. Pedro de Lugo y Navarra.*

Como já em 1637 houvessem os paulistas destruido os aldeiamentos de Jesus Maria, S. Christovam, Santa Anna e outros das novas reducções do Uruguay e no anno seguinte reapparecessem naquella região, ordenou d. Mendo de la Cueva y Benavides, governador e capitão-general do Rio da Prata, que para ali seguissem forças. A 31 de março de 1638, achando-se este pelotão em Corrientes, aproveitou tal circumstancia o padre Basilio de Ledesma, procurador de seu provincial, Diego de Borôa, e do superior das reducções, Diego de Alfaro, afim de obter os depoimentos do Mestre de Campo Gabriel de Ynsaurralde e seus 10 officiaes além de outras pessoas, testemunhas estas destinados a um memorial que sobre estes successos queria enviar ao rei.

E assim depuzeram elles perante o governador da cidade, capitão Nicolau de Villanueva.

Na petição inicial, começa o requerente allegando que o movia exclusivamente «a sêde de justa justiça», nella não havendo a minima malicia. Assim, recordava que no Guayrá o numero de indios arrebatados pelos portuguezes de S. Paulo ascendia a seiscentos mil (sic).

Só por occasião do exodo geral, Paraná abaixo, de 12.000 neophytos das reducções, por fome e padecimentos morrera a maior parte dos fugitivos.

Assim, pedia que as testemunhas arroladas declarassem si em verdade haviam os paulistas destruido as reducções guayrenhas e forçado os habitantes de Villa Rica e Ciudad Real a emigrar, e, em 1637, na serra do Tape e reducções de jurisdicção correntina, causado «las mismas crueldades, cautiberios, muertes, robos y insendios de pueblos, casas y templos».

Queria ainda que se pronunciassem sobre outros pontos.

Não haviam estes inimigos, no anno anterior, destruido tres aldeiamentos de onde levantaram trinta mil captivos? Não fôra esta a causa do alvoroto e rebellião dos demais indios? Não continuavam as correrias na região do Uruguay, vendo-se agora em campo« grandisimo numero de soldados, jente de guerra a banderas desplegadas en forma de capitanias y escuadrones», matando, saqueando e reduzindo a cinzas quasi todos os aldeiamentos da serra do Tape, a saber: Santa Thereza e Apostolos, em Caasapaguassú; Los Martyres, em El Paso; San Joaquim, em Caasapamirim; S. Nicolau, no Piratiny, cujas populações haviam sido captivadas ou dispersas pelo panico?

Informassem tambem si não era exacto que desde muito andavam os paulistas a assoalhar que atrávessáriam o Uruguay, e si não o haviam feito em 1638, invadindo as mais legitimas terras de Hespanha, «con ejercito y mano armada», assolando a mesopotamia correntina até ás portas da cidade capital, a ponto de marchar ás pressas, para a defesa desta, o mestre de campo d. Gabriel de Ynsaurralde, com as forças que pudera levantar.

Sobre as acções de guerra decorridas em torno de Caazapamirim em 1637 depuzeram o Mestre de Campo e seus dez officiaes, naquella dia acima citado, 31 de março.

Não se podem referir os seus depoimentos a acção de D. Pedro de Lugo de que trataremos em breve, e como julga Ellis. Ainda não estivera D. Pedro no theatro da lucta.

São os depoimentos interessantes e assaz pormenorisados. Dizem os officiaes que chegaram ao campo da pugna quando os paulistas estavam cercados e pe-

dindo composição aos adversarios. Como esta lhes fosse negada haviam fugido. Perseguidos, pouco damno haviam os perseguidores podido fazer-lhes. Verificaram, de visu, os depoentes que os paulistas tinham destruido quatro reducções. Assim mesmo haviam elles depoentes visitado cinco outras aldeias de catechisados, Concepcion, São Nicolau do Piratiny, Martires, S. Maria do Yguassú, de retirantes de outras de igual nome, sobre o Yguassú, fugindo aos paulistas, além de Apostolos, que se estava refazendo de um assalto recente dos portuguezes de S. Paulo. Ficaram todos admirados do progresso e civilisação destas aldeias onde notaram excellentes igrejas e sumptuoso culto divino. E sabiam que além destas cinco tinham os jesuitas mais sete no Uruguay e serra dos Tapes, Santo Thomé do Ibiticuity, S. José, S. Cosme, S. Miguel, S. Francisco Xavier, Santos Reis do Japejú, Assumpção de Caragua, de onde haviam partido contingentes de indios governados pelos seus missionarios para fazerem frente aos paulistas em Caazapamirim.

Houve a seis de abril uma nova inquirição de testemunhas.

Foi o primeiro depoente o vigario de Corrientes, padre Francisco de Alarcon, commissario da Santa Cruzada.

Entre outras cousas menos interessantes, respondeu que, em Assumpção, vira muita gente fugida do Guayrá, de medo dos paulistas. A Corrientes viera, em 1637, o padre Juan de Parras, sahindo do Tape, a pedir soccorros, nada conseguindo por estar a propria cidade ameaçada pelos bandeirantes, cujos acampamentos della não distavam! Temera-se immenso, além de tudo, a revolta geral dos indios do districto, exasperados ante a impotencia hespanhola para os livrar da avançada portugueza.

«In totum», confirmaram taes palavras o padre Luiz Arias de Mansilla e o alferes geral alcaide da cidade, Gabriel de Morera.

Accrescentou este que, por esta mesma época, surgira o padre Simão Maceta, implorando soccorros, como pelo amor de Deus.

Nada de novo attestou o sargento-mór, Bernardo de Centurion.

Quanto ao mestre de campo, Ynsaurralde, novamente interrogado este lembrou a destruição de Santiago de Jerez, entre os demais maleficios dos paulistas, «Usei-

ros e vezeiros em atrocidades, o que com as suas praticas ferozes pretendiam era espavorir os indios, para que o panico os forçasse a seguil-os docilmente e sem dispersão dos aprisionados, rumo de S. Paulo».

Do padre Maceta cousas ouvira de erriçar cabellos, façanhas ultimamente praticadas no Tape. Tal a sua audacia que haviam acampado à dia e meio de marcha de Corrientes!

Os alferes Adriano de Esquivel e Pablo de Almiren, o morador Juan Antonio Serrano, o sargento Miguel Ortiz del Esquiçamo, companheiros de jornada do mestre de campo, todos se limitaram a lhe confirmar as palavras.

Apenas notou Ortiz que, na sua opinião, facilmente poderiam os paulistas occupar Corrientes, de tal modo estavam «los portugueses de San Pablo y sus aliados pujantes y soberbios y tienen a los naturales tan amedrentados y atemoriçados».

Encerrando a série dos depoimentos, declarou o governador correntino, sob juramento, que o padre Ledesma não precisava, para documentar o seu memorial, invocar o testemunho de quem quer que fosse, ainda.

Assim a arrancada do bandeirantismo tão violenta se fazia que já á margem esquerda do Paraná em territorio correntino surgiam as suas guardas avançadas, ameaçando derramar-se a invasão paulista pelas terras da mesopotamia platina.

---

## CAPITULO XVIII

*A acção morosa do Conselho de Indios — Sessões de julho de 1638 — Libello contra os paulistas, apresentado a Philippe IV — Medidas alvitradas — A promulgação da bulla de Urbano VIII, em 1640 -- Novos pedidos de soccorro.*

Já por diversas vezes fizemos notada a prodigiosa lentidão com que no seculo XVII se decidia a agir a machina administrativa hespanhola. Si tal vagarosidade se estendia aos negocios da Europa, que dizer então das providencias a tomar ou, antes, a estudar, ácerca de assumptos americanos! Assim succedeu em relação ás cousas do Paraguay, Moveu-se o governo castelhano da sua como intermina hibernação a respeito dos assaltos dos bandeirantes quando já annos e annos haviam decorrido de taes aggressões.

Já dezenas de cartas e memoriaes haviam sido enviadas pelos jesuitas e as autoridades sul-americanas ao rei e ao Conselho das Indias relatando quasi sempre a mesma cousa, quando em 1638 ainda, estavam os conselheiros de Estado a encetar o estudo da questão, como parece deprehender-se do curioso documento intitulado: «Sobre las molestias qui reciven los indios del Paraguay de los Portugueses del Brassil» (cf. Arch. Gen. de Indias, 74-3-26).

Trata-se de uma synthese: «Reconocidos todos los papeles de la materia», faz-se um apanhado, para o rei, das tropelias paulistas, e um historico do caso.

Assim, a primeira denuncia entrada em conselho fôra a do padre Francisco Crespo, em 1628, de que se dera conhecimento a Sua Majestade a 31 de agosto do mesmo anno. Dos remedios assentados se notificara ao conselho de Portugal e ao governador do Prata. Em 1631 novas denuncias, agora sobre a destruição das reducções guayrenhas. Em 1632 tivera-se a do conde de Chinchon, vice-rei do Perú, affirmando que os paulistas haviam capturado mais de duzentos mil indios. E o rei mandara o seguinte despacho: «Vêa-sse».

Este vejase é que se eternisava.

A proposta do conselho para que se impedisse a ida de ordenandos ao Paraguay sob o pretexto de se fazerem presbyteros, circumstancia muito prejudicial aos interesses do Estado, a esta não respondera o rei, mau grado «las bivas instancias para S. M. poner remedio en ello».

Em todo o caso, ordenára o monarcha que o conde de Castrillo escolhesse dois conselheiros, que deviam fazer uma junta com os ministros de Portugal, convocando esta reunião nos proprios aposentos do primeiro ministro da monarchia, conde-duque de Olivares. Mas parecia que esta ia ficar para os idos de algum mez do calendario hellenico. E como neste interim viessem novas cartas do padre Francisco Crespo, contando os horrores de 1628 e 1631 e as traições de don Luis de Cespedes, e, por ultimo, o memorial do vice-rei do Perú, decidira o conselho de Estado chamar novamente a attenção de Sua Majestade para a tão sinistra situação das colonias sul-americanas, taladas pela gente de S. Paulo, com tamanho prejuizo para a propagação da fé catholica.

Terminando o seu longo aranzel, e, certos de que não havia como decidir a catholica majestade a tomar as providencais exigidas pelo caso, recorreram os conselheiros de Estado á eloquencia estylistica do relator da sessão, que encerrou a sua acta com as vehementes palavras de um exhortatorio palavroso e bombastico.

Expostos os horrores commettidos pelos paulistas, a destruição de christandades florescentes, o perigo da invasão hollandeza do Potosi, o provavel descambamento dos indigenas para o horror á religião catholica, lem-

brava o requisitorio: as innumeras «y tan apretadas ordenes y proviciones reales quedaran desvanecidas, lo qual obliga al Consejo á representarlo a Vuestra Majestad con el sentimiento á que obliga materia de tal compacion y de tantos inconvenientes para el servicio de Dios y. de Vuestra Majestad». Assim finalisava o supplice requerimento.

Forçasse el-rei a seus ministros que se reunissem em junta, com o conde-duque, e quanto antes, para o exame de tantos papeis de relevancia maxima e a tomada de uma resolução definitiva e indispensavel á segurança da America hespanhola. A 14 de outubro immediato, reiteravam os conselheiros os seus pedidos ao monarcha, dando-lhe conta do relatorio de don Juan de Lizarazu, o presidente da Real Audiencia de Charcas, declaração de que já tratámos.

Quando se faria a tal junta? Tinha tanto o conde-duque que pensar e cuidar nos negocios da Europa, nas festas da côrte, nos rigores da etiqueta castelhana, no corso de carros ao Prado! E o rei nos seus admiraveis e numerosos retratos pelo genial Velasquez, nos seus galanteios innumeros, nas suas caçadas pelas bellas tapadas de Aranjuez, em tanta cousa! Ora, que mossa lhe poderiam causar umas vagas historias de correrias no coração da America Meridional? indios e mamalucos? Acaso começaria o sol a não mais se deitar nos dominios do rei catholico? Não! Pois então! Tempo se desse ás cousas que se arrumariam, senhores conselheiros!

E assim ia tudo devagarinho pelos dominios da Hespanha somnolenta e seiscentista, a que não despertava nem o fragor dos grandes desabamentos como o da perda de Portugal.

Pouco depois, a 2 de janeiro de 1638, novo brado de alarma partia contra os paulistas, agora de Buenos Ayres. Era o capitão-general do Prata, don Mendo de la Cueva y Benavides, personagem de relevo, membro do conselho supremo do governo de sua majestade, nos seus Estados de Flandres, capitão de lanças hespanholas, especialmente enviado ás terras argentinas, era o governador portenho que alçava a voz contra os odiados e temiveis «portuguezes de San Pablo».

A's autoridades de Corrientes, civis e militares, fazia saber, sob as mais graves ameaças de multa, destituição dos cargos e prisão, que, com a maxima energia,

deviam acudir ás reducções jesuiticas, apenas soubessem, pelos padres ou por quem quer que fosse, da approximação dos terriveis «mamalucos de San Pablo» que se sabia andarem por perto dos «pueblos» ignacinos (cf. Arch. Gen. de Indias, 74-6-28).

De diversos pontos, os mais distantes das terras americanas ameaçadas pelos paulistas, partiam prementes pedidos de soccorros. Assim encaminhava a Real Audiencia ao monarcha a denuncia de don Juan de Lizarasu, datada de Potosi a 1.º de março de 1638 (cf. Arch. Gen. de Indias, 74-4-6).

Avisara a don Diego de Paredes, capitão de guerra e tenente de governador na fronteira de Santa Cruz de la Sierra, que sabia da presença de quatrocentos portuguezes de S. Paulo na paragem de Itatim, provincia dos Orejones, a trinta leguas da cidade de S. Lourenço, a velha (Sul de Matto Grosso? Bolivia?). Embora já de tão grave occorrencia houvesse dado parte ao conde de Castrillo e lhe tivesse elle respondido que se estava tratando de tomar resoluções sobre o caso, achava a situação tão seria que resolvera recorrer directamente ao rei.

Dois intentos animavam os bandeirantes: «gente impia affecta a cruel carniceria». Era um: Destruir por completo as colonias jesuiticas, de que já haviam arrasado naquelle anno tres, conduzindo todos os indios para «sus trapiches e yngenios del Brasil con la ordinaria crueldad que lo acostumbram».

Muito mais ponderoso o segundo: A estes assoladores das terras de Castella moviam «as grandes noticias que havia das riquezas e mineraes do Itatim».

Indios refugiados em Santa Cruz de la Sierra referiam os avidos interrogatorios que lhes haviam imposto os paulistas, acerca da existencia das jazidas.

Tão perto se achavam os mamalucos dos Moxos e Toros, que não seria nada de extranhar que dentro em breve dominassem as cordilheiras do Itatim, assenhoreando-se de todo o coração do Perú, e cortando as communicações deste reino com o Paraguay e o Prata.

Terras em breve perdidas para a corôa de Castella e incorporadas ao Brasil! E que perigo envolvia tal desmembramento! Sabia sua majestade quanto naquelle reino lusitano estavam «tan introducidas las armas y commercio de Olanda». Dentro em breve poderiam os batavos, por meio dos portuguezes, saber

qual era «el camiño del Perú, por la parte de Santa Cruz de la Sierra, desde donde a Potosi aun no abrá sesenta leguas».

Todos estes receios tão infantis pela inverosimilhança das hypotheses, baseadas em premissas inexistentes, nos mostram quanto o bom don Juan de Lizarazu ouvira cantar o gallo sem saber onde. Hollandezes em São Paulo...

Emfim o hollandez e o turco argelino constituiam os dois espectros da continua obsessão para a Hespanha seiscentista — no dizer de Cervantes.

Assim insistia o informante, certo de que prestava os mais patrioticos serviços á corôa e á pessoa catholica e real de sua majestade, a quem Deus guardasse «como la christiandad lo havia menester».

Terminando o seu requisitorio, affirmava d, Juan ao rei quanto d. Pedro de Lugo, então governador do Paraguay, procedia com notavel acerto, revelando a maior piedade para attender á calamitosa situação daquella christandade desventurada.

Emquanto Antonio Raposo percorria o Itatim, annunciava, a 15 de março de 1638, o padre Pedro de Elgueta, vice-reitor do Collegio de Buenos Ayres, ao governador do Prata, o mesmo d. Mendo de la Cueva y Benavides, a approximação de tres grandes bandeiras — em que, além de muitissimos indios, vinham trezentos brancos — sobre a reducção de El-Caaro, a oito leguas dos estabelecimentos jesuiticos do Uruguay.

Já o numero de prisioneiros era enorme e a destruição das colonias da companhia seria total si não acudisse soccorro de Buenos Ayres com abundancia de armas de fogo.

«A vuestra señoria, clamava eloquentemente o reitor, como governador que es deste districto del Rio de la Plata, humildemente exorto, pido y suplico en nombre de los padres a cuyo cargo estan las dichas reduciones, pertensientes a este su govierno de vuéstra señoria, dê el socorro que fuere necessario para defender aquellas provincias del Tape y Uruguay, pues estan en manifiesto peligro de ser destruydas si luego no se les socorre en lo qual hará vuestra señoria gran servizio a las dos majestades» (a divina e a humana).

Respondendo-lhe, expunha d. Mendo de la Cueva as enormes difficuldades e a falta de recursos em que se debatia. Escreveram-lhe exactamente os dois gover-

nadores do Rio de Janeiro e de Angola que da poderosa frota de sessenta navios de alto bordo, encaminhados da Hollanda para o Brasil, uma grande divisão se destinava ao Prata.

Dois destes galeões já haviam apparecido á entrada da barra do Rio e posto a pique ou em fuga seis navios portuguezes, praticando os vencedores atrocidades com os prisioneiros, a quem afinal haviam degollado. Ao mesmo tempo estavam revoltados os Calchaquis, que haviam destruido a reducção de Santa Lucia, decapitando diversos hespanhoes, entre os quaes varios soldados. Annunciava-se o levante geral dos indios da região, motivo pelo qual reinava o panico em San Juan e Santa Fé. Todas as forças disponiveis seguiam para Santa Lucia, afim de soccorrer as cidades ameaçadas.

Emfim, consideradas as circumstancias, declarava o governador de que modo algum podia attender ao appello do pe. reitor. «Siendo tan evidente el peligro por todas partes se deve admittir christianamente la escussa pues la justifica la ley divina y umana».

Não se conformando o jesuita com esta resposta, della fez tirar publica fórma que vemos incorporada á representação e justificação do padre Francisco Dias Tanho, a tres de janeiro de 1657, documento do Archivo General de Indias (74-6-28).

## CAPITULO XIX

*Missão dos Padres Tanho e Montoya a Roma e Madrid — Junta de Conselheiros de Estado — Parecer por elle offerecido ao Rei — Providencias aventadas para a repressão dos paulistas.*

Ao throno hespanhol e á Santa Sé foram levar as queixas que dos paulistas tinham os hespanhoes e os ignacinos sul americanos, dous jesuitas illustres, despachado um, Francisco Dias Tanho, ao papa Urbano VIII e outro, o celebre glossologo, Antonio Ruiz de Montoya, ao rei Philippe IV.

Com o seu ar displicente e preguiçoso de digno filho do soberano que se deixára quasi morrer assado junto a um fogareiro, porque não se achava no momento presente o camarista a quem incumbia — rigida e majestatica, como era a pragmatica hespanhola — retirar o foco do calor; com o seu tódo de mandrião contentou-se o monarcha, entre dois bocejos, provavelmente, em mandar que uma junta de conselheiros de Estado, effectivos, e «ad-hoc», estudasse a questão, passada tão longe, tão longe!,,, nos dominios ultramarinos, semiphantasticos, envoltos na nevoa das cousas do El-Dorado.

E como se tratasse de negocio attinente ás duas corôas, decidiu o conde-duque de Olivares — então o verdadeiro rei dos iberos, em sua qualidade de valido, todo poderoso, de tão abulico amo — que a Junta se compuzesse de portuguezes e hespanhoes: o bispo

do Porto, d. Sebastião Zambrano, o dr. João de Solorzano Pereira, don Juan de Palafox y Mendoza, Cid de Almeida e Francisco Pereira Pinto. Mas, como tudo nos dominios de sua majestade catholica andava com uma velocidade comparavel á dos chelonios, em terra firme, tal nomeação só sahiu a 30 de julho de 1638!

Havia quasi dois lustros completos que succedera o assalto de Raposo Tavares. Mas, tambem se tratava de cousas tão longe do Escurial... Valeria mesmo a pena occupar-se alguem com ellas?

Os padres que tratassem de se avir com os paulistas... do melhor modo possivel. Maçante caso!

Fosse como fosse haviam as nomeações para a Junta sido bem inspiradas, pelo menos quanto a dois de seus membros, pois, dos demais, poucos vestigios ficaram; nos principaes diccionarios encyclopedicos, entenda-se.

Figura proeminente, quiçá incumbida da presidencia da commissão, era o dr. João de Solorzano Pereira, um dos grandes luminares da Universidade de Salamanca onde embevecia os juvenis auditorios. Discipulo da escola do insigne Covarrubias, passava por um dos primeiros jurisconsultos da Peninsula.

Corriam-lhe o latim pesado, os textos preciosos e precisos; e a reputação parelhas com a dos illustres Cabedo e Valasco de Gouvêa, glorias da jurisprudencia coeva lusitana.

Antigo membro do Senado de Lima, recebera, ao regressar do Perú, as altas investiduras de membro do Conselho das Indias e procurador fiscal da Corôa, e a sua grande obra «Disputatio de Indiarum jure», lhe dera os fôros de mestre insigne do Direito, fama que ainda viéra accrescer outro calhamaço, outróra celebre: «Emblemata regis politica».

Quanto a d. Juan de Palafox, grande lhe era tambem a autoridade, como conhecedor de questões americanas.

Membro do conselho de guerra e das Indias, nomeado bispo de Puebla, no Mexico, além de bom theologo, distinguia-se pelo zelo e caridade.

Tinha real pendor pelo mysticismo, que o levara a compor tratados sob esta inspiração especial, sendo em seu tempo muito popular, não só o «Pastor da Noite de Natal», obra mystica, talvez a melhor das suas composições, e um livro de historia «A conquista da China pelos tartaros». Dignas de apreço, ao que

parece, mereceram estas producções a honra da traducção em francez. Imbuido das ideias humanitarias do illustre Las Casas escrevera um phamphleto em defesa dos americanos: «Virtudes del Indio», obra que se tem reeditado até os nossos dias.

Quanto aos demais membros, como dissemos, muito poucos vestigios deixaram da existencia.

Afinal, decorrido dilatado tempo, desencantou-se o parecer da Junta.

Abre-o, formidavel libello contra os paulistas.

Desde 1614 havia conhecimento de suas entradas mas de 1637 em deante, tinham-se tornado terriveis os seus maleficios para com os indios: «habian hecho despoblar tres ciudades de españoles: Guayrá, Xerez y Villarica, trayendo dellas y de las reduciones y otros pueblos tan excesivo numero de indios, que ay testigos (não se estivesse entre castelhanos!) que los llégan a 300 mil almas».

Trezentos mil! Não o dissessem hespanhoes.

«An cometido tanta infinitad de delitos, atrocidades y delitos que para declararlos con la verdad posible se puede decir que son contra la obligacion de vasallos, de christianos y de catolicos!»

Desenvolvendo os tres pontos, explica o Conselho de Estado:

Que vassallos eram estes que investiam por terras de uma das corôas de seu rei a dentro, por mais de duzentas leguas? «con el mismo rigor y crueldad que si fuera por tierras de Moros? talando y destruyendo los pueblos»? formando para tal fim exercitos de quatrocentos brancos e dous mil indios, em forma regular, pois haviam nomeado até para tal columna «capitanes mayores y ordinarios y otros officiales de guerra?»

E os milhares de captivos «indios miserables y sin defensa, traidos por fuerza á la costa del Brasil, bendidos y repartidos como esclavos» agora servos de «ingenios de azucar, Haziendas y Heredades?»

Tal a extensão da razzia que até a Portugal, a Lisboa e a outros logares haviam chegado captivos guayrenhos «con tan rigurosa esclavitud como si fueran negros de Guinéa ó Berberinos». E isto quando innumeras Leis e Reaes Cedulas lhes garantiam a liberdade!

E que gente era esta que se intitulava christã?

Em certas aldeias haviam feito perecer abrazadas familias inteiras, em suas casas, «entrando á partes en

sangre y fuego contra los pobres Indios, sin que bastase su humildad ni el sujetar-se luego á sus armas, para que no matasen, despedaçasen y abrasassen muchos»?

E que aspecto o das levas de prisioneiros! caminhando, em colleira e gargalheira, por 300 e 400 leguas, carregando grandes fardos de cera sylvestre, tóros de madeiras e outras cousas; nunca podendo alimentar-se sinão dos escassissimos fructos sylvestres, e da pesca e caça, eventualmente achadas.

Quantos tambem haviam morrido «de hambre (fome) sed y cansancio?!»

«Ansi ban dejando tanto cuerpos muertos por donde pasan que por el rastro dellos se puede saber donde los trahen, y es tanta su crueldad que al que enferma le matan para que no los embaraze y porque quedandose atrás no buelban otros ó deudos ó amigos a acompañarle».

Ainda si se fizesse alguma distincção entre os sexos — clamam suas excellencias cada vez mais indignados.

«A la India, que por traher el hijo á cuestas no pueden con la carga que le reparten, se le quitan y matan. Priban los padres de los hijos y los maridos de las mujeres».

E aos casados, cujas consortes não se achavam na caravana, obrigaram a contrahir novas ligações, com o fito de impedir as deserções «por el amor de los que dejaban». Eis um traço de psychologia bastante curiosa.....

Emfim, redundava a acção dos paulistas na mais prodigiosa carnificina: das trezentas mil almas «sacadas del Paraguay, no an llegado 20.000 al Brasil». E este facto constituia, incontestavelmente, «lastimosa ponderación».

E quem eram estes bandos de individuos ferozes?

Não podiam, certamente, ser catholicos, expunha o Conselho de Estado.

Entre elles — sabia-se — iam sacerdotes regulares e seculares, mas gente «de iguales costumbres».

Si acaso não figuravam clerigos nas bandeiras, não trepidavam os capitães em mandar que certos soldados envergassem os habitos monasticos e abrissem corôa, pregando estes impostores aos indios «nuebas opiniones

y au'n sectas y diciendo que lo que enseñan los de la compañia es falso».

Levavam a impostura a ponto de fazer celebrar simulacros de missa acompanhados de «infinitas superstições» entre as quaes avultava a tirada de sortes.

E, verberando a impiedade dos bandeirantes, relatavam os conselheiros:

«En llegando á los pueblos, á lo que guardan menos respeto es á las Iglesias, profanandolas y quemandolas y á quantos se recojen á ellas, saqueando los basos y ornamientos sagrados desaciendo, picando, y rompiendo las Santas Imagenes qual si fuera exercito de luteranos.

Yá sucedió salir los Religiosos de la Compañia con el Santissimo Sacramento para que fuesse amparo de su reduccion y arcabuzear los soldados á los que le trayan y a acompañavan, matando á un Religioso y haciendo retirar los demás y por que se dijo que estas entradas habian de tener castigo y remedio, respondió uno de los capitanes que si se prohibian abia de negar el baptismo y la crisma resivida, y es mucho que digan semejantes escandalos».

Como explicar taes despropositos? Muito facilmente. Pela presença de numerosos hollandezes, francezes e individuos de outras nações do Norte, mas sobretudo judeus, nas fileiras paulistas. Como prova de tal, apontava-se o facto de imporem aos indios captivos os nomes do Velho Testamento. E o que não era israelita ou extrangeiro formava entre facinoras desterrados de Portugal.

Bem se vê quanto influira a obsessão religiosa no espirito dos conselheiros da Junta. Informados pelos jesuitas, attribuindo á acção hebraica tão predominante pendor descobriam numerosos elementos alienigenas nas bandeiras, quando os documentos genealogicos de S. Paulo e os do archivo municipal nos mostram quão reduzidos foram elles no seculo XVII — uma meia duzia de patriarchas, como, por exemplo, Cornelio de Arzão, Geraldo Betimck, Claudio Furquim, Joseph Pramta, (?), flamengos, francezes e allemães.

Um punhado de povoadores diluido na grande massa de elementos hespanhoes e lusitanos.

Que somma de perigos traziam á dominação hespanhola na America do Sul as bandeiras paulistas, advertem, gravemente, a S. M., os graves conselheiros da Junta!

Antonio Raposo Tavares, após haver talado o Guayrá, passára a assolar o Tape (Rio Grande do Sul), Uruguay e Itatim (Sul de Matto Grosso). Chegára, ao que se sabia, a 80 leguas de Santa Cruz de la Sierra. Portanto, mais outras oitenta, e estaria em Potosi; centro da mineração argentifera e reducto da riqueza americana!

E, ainda mais, andando, em sua companhia, hollandezes, francezes e mais gente do Norte, descobriam-se os segredos do continente, tão zelosamente guardados até então, e tão de se resguardarem!

Pessima se achava a situação do Paraguay:

«La provincia está arriescada pues de cuatro ciudades que tenia le faltan las tres (Ciudad Real, Villa Rica e Xerez), y solo quéda la Assumpcion, cuyos moradores apenas pueden defender-se de los Guaycuries, indios de guerra de su contorno que si se juntan con los portuguezes que ban del Brasil, se apoderan absolutamente de todo, quedando con tan peligrosa cercania á gran riesgo el Perú. Y mas que algunos vecinos de las tres ciudades despobladas, biendo-se sin indios casas ni haziendas, se han juntado con los portuguezes, dando los havisos y guiandolos á otros pueblos y reducciones».

Embora, desde 1614, estivesse a corôa hespanhola a par deste estado de cousas tão grave, pouco pudera agir dada a distancia.

O peor é que as autoridades do Brasil se mostravam cumplices dos bandeirantes, chegando as justiças de S. Paulo não mais a fazer vistas gordas sobre a entrada de indios prisioneiros, mas até a cobrar uma taxa ficticia, o quinto dos escravos, para os cofres reaes.

Passando a estudar os meios de se remediar a tantos despropositos, apresentava a Junta numerosos alvitres.

Assim, se expedissem ao Santo Officio, aos governadores da Bahia e do Rio de Janeiro ordens terminantes para a captura dos commandantes, officiaes e pessoas de pról de taes jornadas, sobretudo Antonio Raposo Tavares e seu logar tenente Frederico de Mello, por todos apontados como os principaes cabecilhas, o carmelita, frei Antonio de S. Estevam, frei Francisco Valladares, que se suppunha ser benedictino, os padres Francisco Jorge e Salvador de Lima, naturaes de S. Paulo, o clerigo hespanhol Juan del Campo y Medina,

antigo vigario do Guayrá e accusado de cumplicidade com os paulistas.

Todos estes sacerdotes não só haviam tomado parte nas entradas, como ainda as fomentavam.

Era preciso tambem expulsar do Brasil todos os portuguezes ou castelhanos, outróra residentes no Paraguay («por que estes solo sirven de guissa para los que ban á las entradas», diz o parecer). Assim se perseguissem, sobretudo, Sebastião de Peralta, Diogo Guilherme, Don Diego Borrego, Fulano Ponce, Francisco Sanchez, Fernando Melgarejo, Gavriel Brito, Amador Gonzalez e Pedro Dominguez.

Presos, fossem logo remettidos ao Conselho das Indias.

Com o maior rigor se applicasse a lei de 10 de setembro de 1611, que regulava a questão das garantias dos indios, comminando-se agora as penas de lesa majestade, aos seus desrespeitadores, fosse por que motivo ou pretexto fosse, devendo os auxiliadores das entradas, por mais leve que se lhes notasse o auxilio, ficar sujeitos ao maximo rigor das penas.

Puzessem as justiças do Brasil o maior empenho em restituir os indios á liberdade, ficando nullas e irritas todas as transacções que sobre elles se haviam feito ou se fariam, com ameaça de confisco e degredo para os contraventores.

E tal prohibição se notificasse a armadores, segeiros e quantos individuos se empregassem na industria dos transportes.

Acaso levassem em seus barcos ou seges qualquer de taes indios, embora criança, arriscar-se-iam a perder a carruagem e a embarcação e até mesmo a artilharia de bordo, si a tivessem!

E isto, quer navegasse o contraventor na costa do Brasil ou fosse á Guiné, ás Indias de Castella ou ainda viesse á Europa.

Aos que resistissem ás exigencias da lei se applicasse a privação dos direitos politicos, se tomassem os cargos exercidos e se prohibisse a allegação de serviços prestados ao rei. Procurassem as justiças, com o mais rigoroso afan, sobretudo, perseguir os ecclesiasticos delinquentes.

E, como em taes entradas, se commettiam nefandos crimes, autorizasse a Corôa a que os culpados pudessem ser julgados no fôro especial da Inquisição.

Para tal fim, tornava-se de toda a conveniencia a creação de uma diocese no Rio de Janeiro, sendo o novo bispo assessoriado por um commissario particular do Santo Officio, presidente do tribunal inquisitorial, fundado especialmente naquella cidade.

Ficassem os capitães-mores de S. Paulo, S. Vicente, Espirito Santo, o governador do Rio de Janeiro, os ouvidores e outras justiças, intimados a dar conta immediata ao Santo Officio das contravenções aos decretos sobre as entradas, sob pena de deposição, processo e confisco dos bens.

Fossem os indios aprisionados immediatamente libertos e restituidos ás suas povoações, devendo encarregar-se de semelhante serviço os padres da Companhia de Jesus, a quem se dariam plenos poderes para dirimir as difficuldades que surgissem para esta repatriação. Quem acaso se atrevesse a perturbar tal movimento seria passivel das mais severas penas.

Afinal completando-se esta longa série de providencias: sob pena de confisco de bens e morte nenhum portuguez ousasse atravessar a linha de demarcação das Corôas, embora sob os mais prementes pretextos.

E mesmo dentro dos limites do Brasil, a reducção dos indios por bandeiras só poderia ser feita mediante expressa e particular licença do Governador Geral.

Chegado ao fim da tarefa, dizia solemnemente o relator Don Juan de Palafox y Mendoza: Para la execucion y cumplimiento de todo y que se despachen para ello los despachos nezessarios será conbeniente que Vuestra Majestad se sirba de mandarlo por donde tocará á cada Tribunal para que cada uno, con la brevedad que pide la gravedad de la materia, acuda al remedio de tantos daños como actualmente estan padeciendo vassallos de Vuestra Majestad que mandará en todo lo que fuere servido»,

Requeria-se agora rapidez para a tão demorada applicação de providencias!

Convertidas as propostas em lei, por decisão de Olivares, coincidiu tal promulgação com a da bulla repressora do trafico vermelho, lançada por Urbano VIII, sob a pressão dos jesuitas e inspiração do padre Francisco Dias Tanho, enviado especial da provincia paraguaya ao Geral da Companhia, então Mucio Vitelleschi.

Armado do decreto papal, correu Tanho para a Hespanha, onde soube que a missão do seu confrade

Montoya obtivera pleno successo, Deixando Madrid, resolveu o jesuita embarcar em Lisboa. Levava uma ordem real para que lhe dessem conducção e a trinta missionarios de sua escolha, detinados ás reducções dos guaranys. Tal a frouxidão da autoridade regia, porém que o ministro Miguel de Vasconcellos lhes prohibiu o embarque na capital portugueza. Foi preciso a intervenção directa da vice-rainha de Portugal, a duqueza de Mantua, para que os padres pudessem partir.

Não era com as armas de que estavam munidos que compelliriam os paulistas a cessar os ataques! Iam apenas dar-lhes pretextos para desabafos violentos. Não importa, nunca pensaram em recuar.

Do alto da sua serrania de Paranapiacaba riam-se os de S. Paulo das cedulas do impotente monarcha castelhano.

A proclamação dos decretos e da bulla trouxe formidaveis tumultos no Brasil. Assim no Rio de Janeiro, não fôra o prestigio de Salvador Corrêa de Sá, teriam os dois heroicos jesuitas do Paraguay sido esquartejados pelos escravistas exasperados que chegaram a arrombar as portas do collegio fluminense para os capturar.

Em Santos, occorreram scenas peores: Deu-se na matriz a aggressão do vigario, pelo povo enfurecido, quando fazia a leitura da bulla. Em S. Paulo, traduziu-se a ira popular pelo movimento cujo resultado foi a expulsão dos jesuitas, exilados durante treze annos, da villa que haviam fundado.

Sobre estes acontecimentos importantissimos para a historia do bandeirismo largamente nos estenderemos no terceiro tomo desta obra. Por emquanto detenhamo-nos em reflectir que promulgada a decisão da Junta, pouco depois, decorrido um anno, surgindo a restauração portugueza, passavam á historia pura e simplesmente as decisões da pomposa Junta de Estado, illustrada pelo profundo saber cathedratico do jurisconsulto salamanquino e o humanitarismo repassado de laivos mysticos do Bispo de Puebla.

E acaso se não se desse a independencia lusitana começaria o governo do rei Philippe IV a pensar em executar as decisões apontadas, quando dos meninos indios capturados pela gente de Antonio Raposo houvesse os filhos de barba e as filhas casadeiras da expressão popular.

Era tudo tão moroso naquella immensa monarchia habsburgiana, onde jámais se deitava o sol, mas onde tambem tão pouco se faiza obedecido o monarcha, a uma centena de leguas de sua capital!

Mandam a justiça e a philosophia dos factos, porém, que se recorde em defesa do rei e do systema, quanto eram praticos os alvitres do Conselho... sobretudo tão faceis de se pôrem em execução...

A 29 de março de 1639 apresentava a Junta, encarregada de estudar a questão das devastações paulistas no territorio das reducções jesuiticas, o seu parecer (cf. Arch. Gen. de Indias, 74-3-31).

Recebeu-o o Conde Duque de Olivares e deixou-o a um canto.

Seu augusto amo — tão infenso ao estudo dos papeis de Estado quanto por semelhante labor se apaixonara o prodigioso e incomparavel trabalhador que fôra seu avô, Philippe II — seu augusto amo occupava-se em cousas muito sérias... Fazia-lhe o retrato, agora equestre e pela eniesima vez o grande Velasquéz. Era-lhe o tempo escasso para os galanteios com as damas da côrte e da cidade, no vigor dos trinta e cinco annos

Assim se preparava esta próle real e extra-matrimonial, constante de trinta e dois bastardos, de ambos os sexos, de que falam os historiadores e em que se destaca a figura de pequeno relevo do segundo don Juan de Austria, personalidade bastante mesquinha, ao lado da do grande tio avoengo e homonymo, tambem bastardo, o vencedor de Lepanto.

O grande estimulo do reinado e da vida de Philippe IV foi o prazer. Gosador desenfreado, jamais teve a coragem de abandonar o voluptuoso «far niente». E estava longe de ser estupido ou inculto... Por elle trabalhava o Conde Duque, com a sua actividade trapalhona, pessimamente orientada. E tinha que se avir com o mais tremendo rival: Richelieu.

Iam as cousas muito mal para a Hespanha, no momento empenhada de corpo e alma na Guerra dos Trinta Annos.

Naquelle mesmo millesimo de 1639 esmagavam os hollandezes, com o illustre Tromp á testa, a esquadra hespanhola de d. Antonio de Oquendo, o vencedor dos Abrolhos, na terrivel batalha do Canal. Surgiam os francezes na Catalunha e as armas castelhanas viám-se humilhadas nas fronteiras de Flandres.

Ainda é pois de se admirar que já a 16 de setembro promulgasse Olivares a real cedula resposta ás ponderações da Junta e relativa aos assaltos dos paulistas ao Paraguay (cf. Arch. Gen. de Indias 122-3-2 e 76-3-5).

Nada mais fez o valido do que mandar reproduzir quasi «ipsis litteris» as observações, avisos e suggestões dos conselheiros, enunciados pelo orgam do bispo de Puebla de los Angeles, d. Juan de Palafox.

Recapitulam-se as queixas contra os mamalucos de S. Paulo, vassallos, faltosos aos seus deveres de christãos e de catholicos, crueis como poucos e ligados a grande numero de judeus e extrangeiros herejes.

Apontava-se o perigo da invasão do Perú, pois estava a bandeira de Antonio Raposo Tavares a 80 leguas de Santa Cruz de la Sierra, em 1638

Acceitara-se tudo quanto aconselhava a Junta em materia de providencias repressivas, excepto quanto á fundação do bispado do Rio de Janeiro e á installação nesta cidade do tribunal do Santo Officio. Antes de se darem taes passos, devia pensar, e informar sobre o caso, o administrador do Rio de Janeiro que «quedaria mirando» si tal fundação conviria ou não. Já se vê que dahi proviria um longo estagio contemplativo precursor de hypothetica passagem para o terreno da pratica.

Ao Vice Rei peruano, Marquez de Mancera, recommendava o Rei que reprimisse os paulistas com ferrea mão para isto mandando «juntar la mayor fuerza que pudieres de gente armada». Aos paulistas presos se castigasse «con todo rigor de derecho como lo pide y merece la gravedad de tan enormes delictos pues son enemigos declarados de la religion y de esta corona». Mas ahi é que doia o callo a S. M.: nada de muita despesa! Em tudo isto se prestasse toda a attenção: aos «gastos de mi real hacienda ayudando-se los unos a los otros». Em longos pormenores explicava o Rei ao seu Vice-Rei e parente, a summula de maleficios dos paulistas.

Estes depois de despovoarem de indios o «puerto de Patos y Rio Grande» invadiam agora e cada vez mais as provincias do Paraguay. O grande chefe de todas estas entradas era Antonio Raposo Tavares. Quanta ruina e quanta desolação provocada pelas correrias

paulistas no Guayrá, no Tape, com perda de cem mil indios!

Em 1638 estava essa gente muito perto de S. Cruz de la Sierra. Assumpção, cercada pelos guaycurús, era a unica cidade que do Paraguay restava que as outras os paulistas os haviam aniquilado. E o peior é que muitos hespanhoes seus antigos habitantes vendo-se em indios e fazendas se tinham mettido com os portuguezes e lhes davam avisos, guiando-os a outros pueblos e reducções».

Recommendava S. M. a applicação da lei de seu pae Philippe III, com todo o rigor, prevendo a da pena de morte e confisco de bens. E vinha com eorme pormenorisação uma serie de providencias a adoptar para impedir toda e qualquer transacção, com indios escravisados em taes correrias. Muita severidade tambem no castigo de ecclesiasticos, cumplices de taes operações escravistas.

Pela Junta de Portugal se tomassem muitas providencias por meio das autoridades do Rio, S. Vicente, S. Paulo, bispos a ser nomeados e capitães móres, para se refrearem as operações dos traficantes. Seria tudo isto superintendido por commissarios do Santo Officio.

E era preciso tratar de fazer voltar ás suas terras os indios que se achassem no Brasil trazidos pelos paulistas. O caso era porém delicado e obrigava a muita prudencia. Assim não fossem comprehendidos nesta decisão os que estivessem casados com outros indios do Brasil ou se achassem muito velhos.

Queria o Rei tão estrictamente fosse comprida a sua real cedula que a mandaria apregoar em Lisboa sobretudo em todo o Reino de Portugal, nos Açores, Madeira e Cabo Verde pois sabia que houvera grande dispersão de indios do Guayrá no Brasil e fóra do Brasil. Todos os indios arrecadados tinham de ser transportados ao Rio de Janeiro de onde seriam encaminhados ás suas terras.

Tomadas estas providencias vinham as de repressão e castigo dos causadores principaes de tantas perversidades. Ordenava o monarcha que se procedesse á prisão de todos os seculares e ecclesiasticos, denunciados pela Junta, sobretudo de Antonio Raposo Tavares e Frederico de Mello Coutinho. E mais uns tantos ecclesiasticos Fr. Antonio de S. Estevam, carmelita, Fr. Francisco Valladares, frade bento, ao que se

dizia, o Padre Juan del Campo y Medina, hespanhol, que fora vigario no Guayrá, Francisco Jorge e Salvador de Lima, padres paulistas, E entre os hespanhoes agora domiciliados no Brasil, outróra habitantes do Paraguay e hoje servindo de guias aos paulistas nomeava o Rei Sebastião de Peralta, Diego Guilherme, Diego Dorrego, Fulano Ponce, Fernando Melgarejo, Francisco Sanchez, Gabriel Brito, Amador Gonzalez, Pedro Domingues que todos deviam ser presos e remettidos ao Conselho de Indias.

Assim tambem fossem presos os portuguezes que tivessem vivido no Paraguay.

E expressamente se prohibisse aos vassallos das duas coroas atravessassem a linha de demarcação das possessões portuguezas e hespanholas, sobretudo para caçar indios «so pena de la vida y perdimiento de vienes».

Como se vê foram adoptadas pelo monarcha todas as suggestões do seu Conselho.

Verba, verba, verba! diria o Vice-Rei a ler os termos da real cedula do seu augusto amo, enviada ainda, em quatro vias, ao presidente da Audiencia de Charcas, aos governadores do Prata, Tucuman e Paraguay.

Novo palanfrorio real vinha, logo depois, reforçar o primeiro. Nova objurgatoria contra «los portugueses de Brasil y otras naciones» suas alliadas na faina das correrias.

Congregassem esforços as autoridades de Buenos Ayres, Tucuman e do Paraguay com tôdas «sus fuerzas de gente armada cuanta mas pudiezen ayudando se unos a otros» para «debelar y castigar rigorosa y exemplarmente a los portuguezes y holandezes que hiziesen tales entradas por ser enemigos declarados de la religion y de esta corona».

Mas tudo isto o mais baratinho possivel... «escusando fuere posible los gastos de mi real hacienda»...

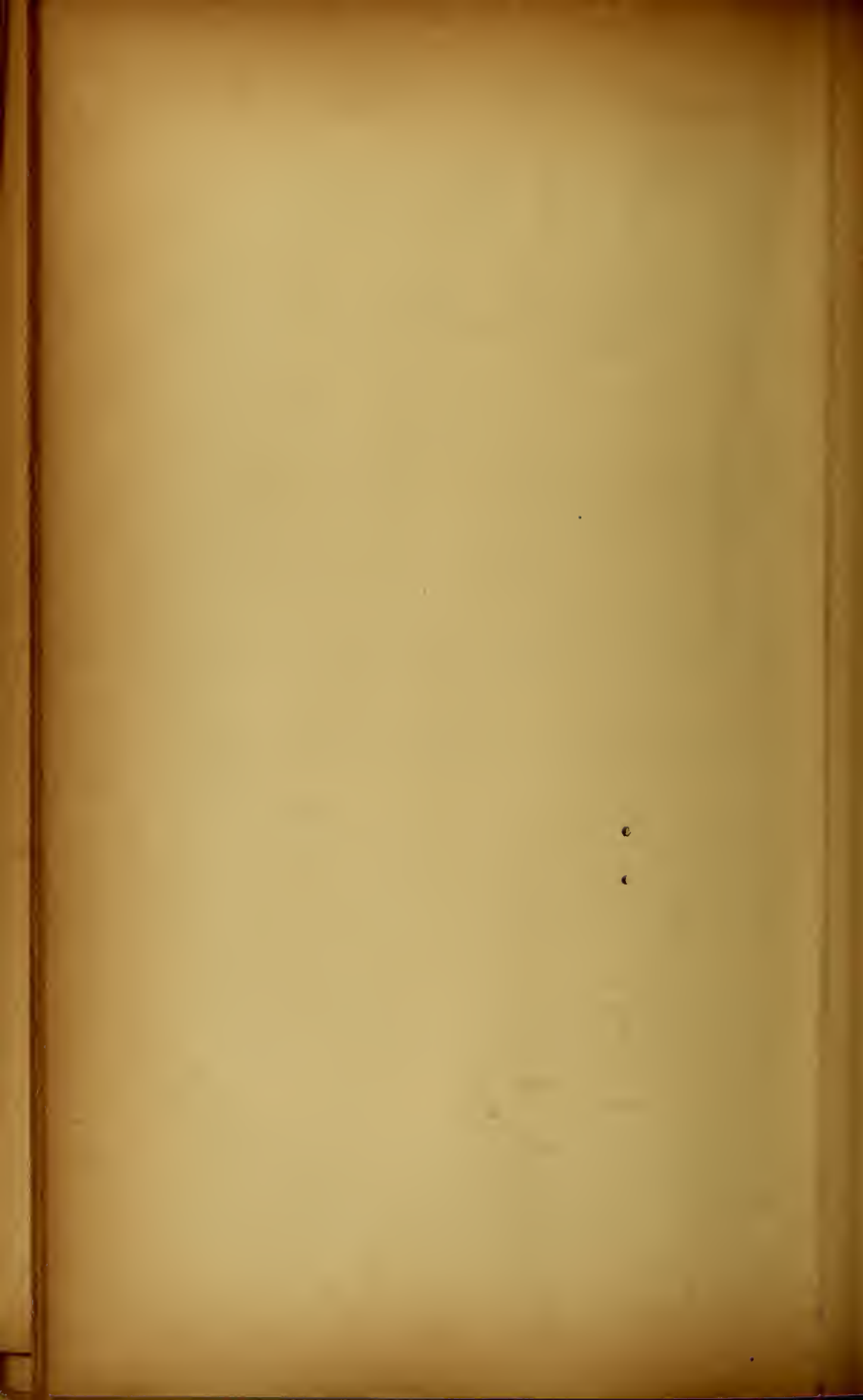
Chegava pouco depois ao governo hespanhol a carta escripta ao rei pela Real Audiencia do Prata, em data de 1.º de março de 1639 (cf. Arch. Gen. de Indias 74-4-6).

Denunciava a má administração do governador portenho don Mendo de la Cueva, e suas contendas com o bispo relatando ao mesmo tempo que, pelo governador do Paraguay, tivera repetidas noticias das entradas paulistas e dos damnos por ellas causados.

«El está por su parte bien prevenido, contava a Real Audiencia, segun somos entendidos.»

Em Buenos Ayres, ninguem cogitava de uma apparição dos mamalucos: «Acá lo quedamos para lo que importare a la nuestra ciudad, diz jactanciosamente o documento.

Era a foz do Prata, portanto um oasis de paz, no meio de tamanho sobresalto a lavrar na America hespanhola atlantica...

---

# TERCEIRA PARTE

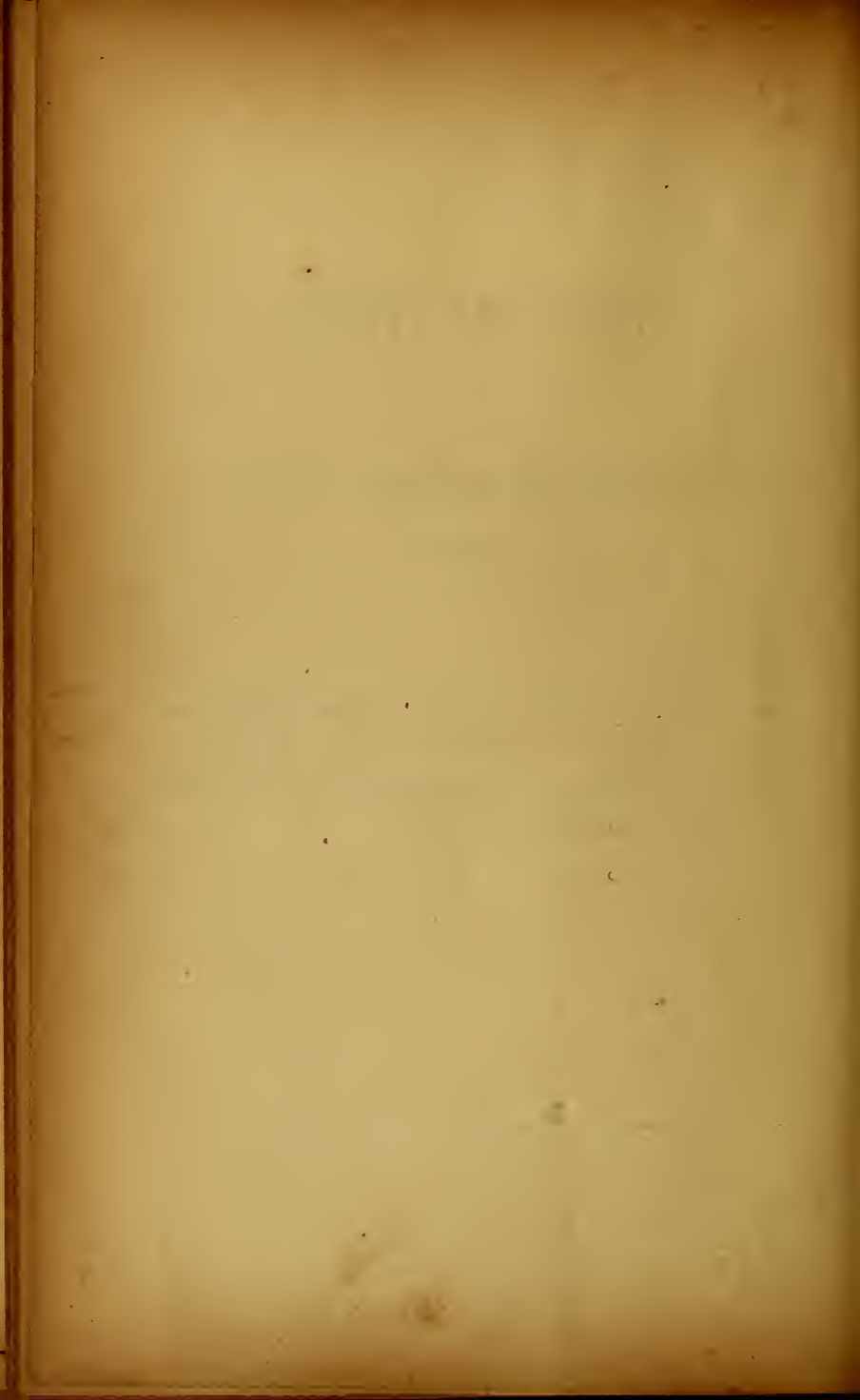
---

## REVEZES DAS BANDEIRAS AO SUL

## (1638-41)

---

*Reacção jesuitico-hespanhola ante a investida bandeirante.— A campanha de D. Pedro de Lugo y Navarra. — A derrota paulista de Caasapaguassú. — Novo e terrivel revez dos paulistas em Mbororé.*

---

## CAPITULO I

*Pedidos instantes de soccorro dos jesuitas ao governador do Paraguay — Divergencias dos autores a respeito da campanha de D. Pedro de Lugo — Analyse de documentação inedita — O combate de Caasapaguasú e a derrota dos paulistas.*

Apezar do revez soffrido em 1638, no embate com os quatro mil homens commandados pelo Padre Romero e o morubixaba Nhenguirú, não deviam os paulistas deixar o territorio riograndense.

Não tardariam a reapparecer em fins de 1638, de modo a provocar os maiores receios ao Padre Diego de Alfaro superior da missão do Tape, outróra tão florescente e hoje arruinada.

As altas autoridades a quem podia Alfaro recorrer eram o governador de Buenos Ayres, D. Mendo de la Cueva, e o do Paraguay, D. Pedro de Lugo y Navarra. Pedindo-lhes auxilio, respondeu o governador portenho de que não podia soccorrel-o. Fôra avisado pelo seu collega do Rio de Janeiro de que a todo o momento cahiria sobre o Prata uma esquadra hollandeza.

Voltando-se para D. Pedro de Lugo rogou-lhe o Padre Alfaro que se encarregasse da campanha contra os paulistas.

Era o governador paraguayo fidalgo que na corte de Philippe IV causara a melhor impressão pelo criterio e seriedade, apesar dos verdes annos.

«Havia-se reconocido en el en la Corte muy gran virtude, que fue suplemento a los años y esperancia, porque para tomar aquel gobierno dejó al manteo y sotana de estudiante.» (Montoya, Memorial).

Mandou fornecer aos guaranys armas de fogo e veio ao encontro dos bandeirantes.

A'cerca desta jornada ha radicaes divergencias entre os autores. Afiançam Charlevoix (l. IX) e Southey (cap. 23) que D. Pedro de Lugo se bateu com os paulistas ao passo que Lozano nega o facto.

Na sua douta «Historia do Rio Grande do Sul», affirma Teschauer, reportando-se aos documentos divulgados pelo sabio Pastells que a Lozano cabe a razão.
A' vista de novos elementos procuremos estudar o caso.

São ainda muito confusos os pormenores da lucta dos paulistas com os jesuitas do Sul.

Sustenta Teschauer que, abandonados pelo governador paraguayo, não esmoreceram os indios do Rio Grande, commandados pelo padre. Alfaro e o morubixaba Nhenguirú. inflingindo aos paulistas sangrenta derrota, onde pereceu aquelle ignacino. Resumamos a documentação inedita, consultada, de onde aproveitamos muitos pormenores desconhecidos, absolutamente, e interessantes.

Percorria d. Pedro de Lugo que aliás diz Montoya procedia «en su gobierno ajustadamente» o districto do Paraná (hoje Corrientes) quando, achando-se em Candelaria, appareceu em seu quartel um jesuita, o padre Francisco Clavijo, procurador e protector geral das Provincias do Paraná e Uruguay a pedir-lhe encarecidamente que suspendesse a visita e acudisse com todas as forças em soccorro das aldeias do Rio Grande do Sul (então Tape), das onze reducções do Rio Uuruguay, «en nombre d'El Rey nuestro señor y de la Majestad Divina». Si não o fiezsse, seria responsabilizado pela desidia perante a Côrte, diz o primeiro documento dos autos que analysamos.

Estava-se a 30 de dezembro de 1638.

Tinha d. Pedro de Lugo comsigo grande numero de officiaes, entre os quaes os mestres de campo, d. Francisco de Espiñosa e d. Cristobal de Valbuena y Ocampo, varios capitães, sargentos-móres e alefres, sessenta soldados brancos e cerca de tres mil indios. E'

o que noticia uma carta do padre Claudio Ruyer a Montoya, transcripta por Pastells.

Convocado o conselho de guerra, por unanimidade de votos, decidiu que as forças integraes do governador iriam ao encontro dos paulistas acampados, segundo denunciou o padre Clavijo, num logar chamado Caasapaguasú.

«Castigue Vuestra Merced y ahuyente los dichos portugueses», intimava o jesuita, «donde no, protesto quejarme y querelarme de Vuestra Merced ante su Majestad y al Real Consejo de las Indias».

Allega aliás Montoya em seu celebre «Memorial» que o capitão general paraguayo recebera da propria bocca de Philippe IV ordem formal para que castigasse os paulistas.

Trinta leguas, si tanto, accrescentava, separavam os dois acampamentos, terreno todo de facil transcurso.

Atravessando o Uruguay para territorio hoje riograndense, ordenou d. Pedro de Lugo que partisse o mestre de Campo Valbuena em exploração, acompanhado de dez soldados hespanhóes e grande troço de indios.

A oito de janeiro de 1639, attingia este official as ruinas de Piratiny, onde encontrou o padre Francisco de Molina e outros jesuitas, a reunir os antigos neophytos dispersos.

Marchando para o Ijuhy, pouco depois conseguia capturar quatro indios, que lhe pareceram espiões dos paulistas tres dos quaes naturaes do Tape e o quarto tupy.

Satisfeitissimo com a presa, despachou immediatamente o mestre de campo um proprio ao governador avisando-o de que regressaria logo. Levados os bugres á sua presença, foram scientificados de que precisariam contar tudo o que sabiam. Sinão, seriam applicados «os grandes meios», desatadores das linguas perras. Não foi necessario, porém, chegar até ahi, Assustados «con el rigor del auto leido», diz, pittoresca e euphemisticamente, o escrivão redactor do documento desentranharam quatro depoimentos tomados isoladamente e, no emtanto, concordes, motivos pelo qual foram tidos como verdadeiros.

Assim pois não «siendo menester atormentalos para sacar la verdade», relata o interprete escrivão, Juan de Sayas — «persona que entiende y habla muy bien la lengua guarany», na phrase do auto — que ouviu

os quatro indios Guaymigurú, Abaiany, Marandasa, naturaes do Tape e recentemente capturados e Antonio Ayuiaguia, guayrenho da aldeia de Ubay, jurisdição de Villa Rica. Escravizado este ultimo, mais antigamente já vivera em S. Paulo, em casa do chefe da bandeira, certo Paschoal, cujo sobrenome não soube ou não quiz declarar.

Guaymigurú e Marandasa, rapazes novos, irmãos, haviam sido apanhados com grande numero de outros habitantes da aldeia de Caalagua. Era Marandasa o mancebo de uma sua irmã e na distribuição de escravos pelos bandeirantes couberam elle e ella a Paschoal, que passara a viver com a sua prisioneira.

Fugira a Briseis guarany ao novo senhor, e este, summamente contrariado e, provavelmente, apaixonado, ordenara aos dois irmãos que lhe fossem ao encalço e lha trouxessem. Mandou então que Abayany, natural de Guaymicuayú, outra aldeia devastada, os acompanhasse e ao seu já antigo escravo, o indio guayrenho a quem puzera como cabo de esquadra.

Quantos seriam os paulistas, indagou o Mestre de Campo? Quarenta no maximo, asseverou Guaymigurú, trinta e poucos avançaram Abaiany e Antonio. Quanto a Marandasa declarou que apenas vira uns 15 brancos.

Indagados sobre o numero de indios que os acompanhavam nas correrias contaram que não seriam muito numerosos.

Havia mez e meio estava a bandeira acampada em Caasapaguasú, onde não tinha feito nenhuma obra de defesa contra possivel e inesperado ataque. No local só existiam umas choças em que se abrigavam os brancos.

Não pretendiam os paulistas, ao ver dos depoentes, continuar a assaltar as reducções. O que desejavam era voltar a S. Paulo, quanto antes, para acáutelar os escravos feitos, numerosos mas cujo total elles, denunciantes, não sabiam avaliar. Dois mil, avança o Padre Ruyer no documento citado por Pastells.

Si se demoravam ali, é porque exactamente estavam preparando mantimentos para a longa jornada da volta.

Indagado Antonio sobre o itinerario da bandeira relatou ainda que com seu amo percorrera «as provincias de Caamo e Ybia».

Senhor destes informes preciosos, não tardou D.

Cristobal de Valbuena a incorporar-se novamente ao grosso da expedição castelhana.

As boas noticias trazidas pelo Mestre de Campo sobremodo animaram o governador e sua gente, pois o que lhes constava era que os paulistas passavam de trezentos brancos e dois mil tupys.

Decidiu d. Pedro de Lugo, á vista das informações colhidas, avançar immediatamente ao encontro do inimigo.

Resolveu o conselho de guerra acampar junto ao rio Taguaupagueri e procurar envolver a bandeira. Dias depois, surprehendiam os hespanhóes aos paulistas, acampados num logar encostado a collinas de certa altura, cobertas de matto.

Ao passo que com o grosso de sua tropa, d. Pedro os atacava de frente, mandava que diversos destacamentos occupassem os pontos por onde pudessem os bandeirantes fugir, cortando-lhes a retirada para o Norte.

Num desses passos postou-se um alferes com soldados brancos e muitos indios, noutro o padre Diogo Alfaro, com oito hespanhoes «y un golpe de indios».

Antes de se empenhar a acção reuniu o governador os soldados castelhanos e os indios e falou-lhes recommendando que sobretudo procurassem apriosionar os inimigos, quer paulistas, quer tupys.

Era da maxima importancia colher os depoimentos dos invasores que provavelmente seriam a vanguarda de outros grupos. Esta recommendação repetiu-a calorosamente e varias vezes.

Dado o signal de ataque, apenas perceberam os paulistas a presença dos hespanhóes, abriram rija fusilaria, incendiando o acampamento e procurando entrincheirar-se na matta que lhes ficava á retaguarda.

Grande alvoroto levantou-se entre os indios recem captivados; ao perceberem os acenos que lhes faziam os seus abarés, desceram tumultuosamente ao seu encontro, jubilosos de se verem libertos.

Apertando-se o cerco, não tardaram os paulistas, vendo-se perdidos, em offerecer rendição incondicional. Receioso de que os seus indios trucidassem os vencidos, obteve d. Pedro, por meio dos jesuitas, e após muitas difficuldades, que elles se afastassem.

Desciam pouco depois do seu reducto os bandeirantes. Não traziam armas e punham-se á discreção

do vencedor. Eram dezesete brancos, entre os quaes dois meninos além de um negro africano. Seis ou sete haviam conseguido escapar, fugindo por um dos passos por onde haviam aberto caminho e sete dos seus tinham deixado a vida na refrega, assim como muitos tupys.

Não relata a parte official quantos homens perdeu d. Pedro de Lugo.

Satisfeito da facil victoria, não tardava elle, comtudo, a receber uma noticia má.

Havendo o padre Alfaro procurado prender os bandeirantes, que fugiam com elles tirotéiara. Derribara-o do cavallo, morto, com uma bala na testa, um dos mamalucos, ao entrar num matto, onde os guaranys assignalavam os refugiados.

Fiel á sua politica, conseguiu o governador paraguayo salvar os prisioneiros á sanha dos indios exasperados com a morte do padre Alfaro.

A 11 de março estava em Assumpção, onde immediatamente promovia uma inquirição para documentar os serviços prestados na feliz campanha que encerrara. A seu respeito requereu que depuzessem os diversos officiaes que o haviam acompanhado, estabelecendo oito quesitos, a que responderam os mestres de campo Francisco de Espiñosa e Christovam de Valbuena y Ocampo, o sargento mór Rodrigo de Ybarrola, os capitães Bartholomeu Velasques, Rodrigo de Osuna, Pedro Franco de Avelar, o alferes Sebastião de Leon, o ajudante Juan del Valle, o encomiendero Juan Vallejos Osorio e os cidadãos de Assumpção Diego de Almiron, Francisco Esquival e Bernardino Avalos y Mendoza.

Eram estes os quesitos: si a campanha fôra motivada a rogo do Padre Clavijo, si realmente se dera o encontro do mestre de campo Valbuena com os quatro indios, si o governador recommendara a seus soldados que poupassem o adversario aprisionado; si d. Pedro de Lugo avançára a peito descoberto sobre as linhas inimigas e tomára providencias para as cercar, si para impedir a matança dos paulistas que pediam capitulação fizera os jesuitas influir sobre os indios auxiliares afim de que se retirassem, si os indios tinham abundancia de armas de fogo e os jesuitas forja e arsenal em Concepcion, e afinal si o que se dizia sobre a expedição era mesma publico e notorio entre os soldados.

Repetiram todos, com insignificantes divergencias e variantes, as mesmas narrativas laudatorias do Chefe.

Para que tanto papelorio? occorre-nos indagar.

E' que o governador do Paraguay, muito infenso ao facto de se acharem os indios das reducções munidos de armas de fogo, sabia que breve teria que rixar com os jesuitas. E, com effeito, para estes era a questão um caso de vida e morte. Assim não tardariam a atacal-o rijameonte perante o rei. Precavido, tratava D. Pedro de Lugo de defender-se, com todas as cautelas, de semelhante e dura aggressão.

A 20 de abril de 1639 escrevia directamente ao rei, dando-lhe conta do que fizera.

Conduzira os presos a Assumpção e, pensando sobre o destino a dar-lhes, acabara resolvendo despachalos ao governador de Buenos Ayres.

«Juzgando no tener jurisdiccion, los remito con el mayor recado y custodia, que esta tierra pobre dió lugar, á el gobierno del Rio de la Plata».

Levara-os a Assumpção para os livrar de mais que provavel vindicta.

«Remetidos por el Uruguay ó Paraná, fuera ponerlos em manos de sus enemigos, que fué bien menester mi presencia y cuidado para que no fueran muertos por el camino ó ahogados en los rios».

Annunciando a remessa dos autos relativos á campanha, ainda contava o governador paraguayo que os indios do Uruguay, catechumenos dos jesuitas, dispunham de muitos mosquetes e arcabuzes, talvez mais de cento e cincoenta. Tinham os padres na reducção de «Concepcion del Uruay» um pequeno arsenal «fragua donde se labran y fraguean mosquetes y otras armas, y arcabuzes, y ay armeria formada de ellos».

Ficára o Capitão General mal impressionado com o aspecto da bugrada posta em pé de guerra pelos loyolistas.

«Muchos son infieles y muchos recien bautizados y todos con poca communicacion y menos amistad con el español».

Achava perigosissimo que estivessem em mãos de taes selvagens «armas tan aventajadas», a que não só se acostumavam como já estavam manejando com desembaraço. E o facto de que destes indios se podiam levantar cinco ou seis mil guerreiros era motivo de apprehensões serias para o governo do Paraguay.

## CAPITULO II

*Depoimentos iesuiticos contra D. Pedro de Lugo — Identificação do chefe paulista batido em Caasapaguasú.*

Ao passo que com grande luxo de testemunhos e prolixidade de expressões, procurava documentar o governador do Paraguay e seu zelo pelo serviço real e o valor dos feitos de guerra, alçavam-se contra as allegações de sua coragem e do seu interesse pelo bém publico os depoimentos jesuiticos.

Já a 12 de maio de 1639, escrevia de Candelaria o padre José Domenech a Montoya, sobre a expedição de don Pedro de Lugo, uma série de conceitos e informes summamente depreciativos, destinados, certamente, a serem transmittidos ao rei.

«De la yda del gobernador del Paraguay con 60 españoles y exercito de indios a buscar el enemigo portugués al Caasapaguazú, es mejor callar que decir poco. Al fin al buen padre Diego le mataron aquellos enemigos de Diós de uno escopetazo que le dieron en la fronte que no duro medio quarto de hora. El primer tiro que dispararon le hizieron en el padre».

Indignado com a brandura empregada pelo governador em relação aos paulistas, commenta acerbamente o jesuita: «Los portugueses que se cautiavron se pasean por el Paraguay y se hyrán cada y quando quisieren».

Terminava á carta a sinistra noticia de que deviam ter sahido de S. Paulo, em fevereiro, seiscentos brancos: «Ya V. R. puede pensar a que y adonde van y cuan gran fuerza es si nuestro Señor no los confunde, como espero de su misericordia. Continua centinela hay por todas las fronteras».

Da derrota dos paulistas em Caasapaguasú se havia obtido um reforço de 27 escopetas, apprehendidas, mas era preciso fazer vir mais arcabuzes e polvora. Os indios se adextravam bravamente e si lhes chegassem armas em maior quantidade «serian otros», embora já dispuzessem de um «buen golpe».

Do relatorio do padre Claudio Ruyer, immediato successor de Alfaro, ao padre Montoya, em Madrid, documento datado de 23 de julho de 1639, e tambem trazido á luz por Pastells, colhem-se alguns dados curiosos e importantes sobre a jornada de Caasapaguasú.

Nelle se fazem terriveis accusações a d, Pedro de Lugo. Vendo-o tão cheio de «covardia, floxedad y remission, el buen padre fué animando a sus hijos a que peleasen valerosamente con los enemigos que se habian retirado en un montecillo, y un malvado, escondido en una chossa, de pocos pasos, conociendole muy bien, le apuntó y hirió en la frente sobre el ojo derecho, porque tomandole un padre la mano y diciendole que se la apertasse para que le diesse la absolucion y concediesse la indulgencia plenaria, dijo que abrió el ojo isquierdo, le miró y apretó la mano».

Caminhára o exercito tres leguas durante a noite e ao saber o governador da morte do padre Alfaro, mostrara-se acovardado, afastando-se do campo de acção e prohibindo sob pena de morte, a seus soldados, avançar.

Não lhe cabia, pois, a menor interferencia no triumpho de Caasapaguasú. Esta victoria fôra devida exclusivamente, á bravura dos indios das reducções, que exasperados com a morte de Alfaro, haviam tão violentamente investido com os reductos dos paulistas que logo os tinham expugnado.

O vencedor real da refrega de Caasapaguasú era um leigo jesuita, o irmão Antonio Bernal, que quando secular occupara «muy honrosos puestos en la guerra de Chile, o commandante geral dos Indios, do exercito de Lugo, afiança Montoya ao rei em seu memorial, aproveitando-se destas informações do seu confrade.

Ao chefe da bandeira ferira gravemente com um tiro o irmão Domingos de Torres. Vendo-se perdidos, puzeram-se, elle e os sequazes, de joelhos, pedindo misericordia. Presos e desarmados, dezesete delles, decidiram os jesuiats leval-os ao governador, que se mantinha a meia legua do local do combate e os recebeu positivamente assombrado do feliz e inesperado exito de suas (?) armas.

Exasperado com a conducta posterior de d. Pedro de Lugo, afiança o padre Ruyer que seu plano era deixar todos os paulistas fugir. Já do Paraguay haviam cinco escapado.

Nem siquer mandára castigar o matador do padre Alfaro, embora se soubesse sobejamente quem era.

As informações, cartas testemunhaes, autos que preparara para remetter ao rei, haviam todos sido indignamente forgicados «contra nós otros y nuestros hijos».

Dois mil prisioneiros, fôra a chusma de libertos das victimas da bandeira destroçada, da qual haviam conseguido escapar, ao cerco e á derrota, quarenta brancos. Ora vimos que os bandeirantes não chegavam a quarenta, segundo os depoimentos dos indios, prova evidente do exagero informativo do jesuita. Ainda em 1643 affirmava, Montoya, categorico, ao Rei que eram «quinientos con dos mil indios tupis (Memorial).

«Aguardando estamos a los malvados portuguezes, muy resueltos de que no han de llevar a ninguno de nuestros hijos, si es posible, y que todos hemos de morrir en la demanda» affirmava o padre Ruyer. «Si los portuguezes nos dejaran vivir en paz serian un paraizo terrenal estas reduciones, dentro de 3 a 4 años», concluia como a suspirar.

Ante duas versões tão contradictorias fica-se suspenso. Qual a verdadeira? Então todos os autos testemunhaes, onde tanta gente depoz, serão de tal modo falsos, forgicados para que não façam fé alguma ante os depoimentos dos padres Domenech e Ruyer, como quer Teschauer? Não ha duvida que os autos de inquirição da Assumpção tem contra si uma causa infirmatoria bastante séria. Todos os depoimentos dos officiaes que tomaram parte na jornada de Caasapaguású, foram feitos em presença de d. Pedro de Lugo, e todos por elle rubricados.

Nos demais documentos, os referentes aos successos da campanha, ha tão logico encadeamento de fac-

tos, um aspecto tão grande de sinceridade, naturalidade tão exuberante, que não os podemos repellir, parecem-nos expôr, com toda a franqueza, a verdade tal qual é.

E no emtanto, ironico, do governador ainda em 1643 avançava Montoya que «atemorisado con la novedad del suceso», que nunca imaginara, por no haber-se visto en otro y temiendo que en venganza volveria todo Portugal a destruir la tierra, rudemente apostrophava os indios, reprehendendo-os pela victoria.

Quem seria Paschoal, o chefe Paulista, o cabo da bandeira, gravemente ferido, e aprisionado pelos hespanhoes?

Quem seria esse cabo de bandeira, cujo amor e saudade a uma Hippodamia esquiva, de pelle cobreada, foi a causa da ruina de sua expedição ás terras do Sul?

Mais uma vez, Amor! perdeste Troia!! si é que os leitores nos relevam o mau gosto da corriqueira apostrophe com que ainda esta vez lhes apontamos reminiscencias dos eternos gregos e dos eternos romanos. Estes mesmos antigos a quem tanto aborrecia, pelo estafamento e o desejo das cousas novas, o satyrico francez setecentista, bilioso e anti-voltaireano, cuja obra se resume hoje no alexandrino unico, em que brada aos céos pela vinda daquelle que libertasse os seus contemporaneos dos gregos e dos romanos...

Um documento de 1641, uma carta do Padre Claudio Ruyer, ao Provincial Padre Zurbano, parece-nos deixar fóra de duvida que Paschoal, chefe da bandeira destruida por d. Pedro de Lugo haja sido Paschoal Leite Paes, irmão do grande Governador das Esmeraldas. Mais adeante encontrarão os leitores o documento em questão largamente commentado, quando tratarmos da batalha de Mbororé.

Bem diversa da carreira de seu celebre irmão foi a de Paschoal Leite Paes. Não o aponta Pedro Taques como sertanista. Apenas refere que se casou duas vezes, foi a Lisboa buscar uma sua tia, viuva alli residente e desejosa de voltar a residir em S. Paulo, teve uma filha apenas, como toda descendencia, falleceu em 1674, provavelmente em Parnahyba onde se processou o seu inventario. Viveu e morreu no dizer do linhagista como estes milhões de humanos que ao desapparecer deixam como unica biographia a lista dos filhos, dos netos, dos irmãos, cenhados e sobrinhos.

Não lhe menciona Taques os feitos desastrados da

bandeira do sul. Entretanto a carta de Ruyer aponta-o quasi inilludivelmente como sendo o chefe da entrada destroçada de Caasapaguasú.

Ficou Paschoal Leite Paes alguns annos prisioneiro dos hespanhóes, pôde voltar a S. Paulo e esta aventura mallograda curou-o provavelmente do prurido sertanista para o resto da vida.

E' que não tinha a fibra do seu formidavel irmão.

(A documentação para estes capitulos, I e II, consta dos papeis do Archivo General de Indias em Sevilha 74-3-26; 74-6-28; 74-4-6; 74-3-31; 74-3-15. A ellas se referem os numeros 604, 606, 607, 610, 611, 614, 618-621, 630 do catalogo do douto Pastells cf. «Historia de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay», tomo II, pags. 11 *et pass*).

---

## CAPITULO III

*Denuncia da Camara de Assumpção ao Rei contra os jesuitas — A concessão de armas de fogo aos indios — Preparativos da grande bandeira paulista de 1641 — Duvidas sobre a identidade de seus chefes.*

A 11 de abril de 1639 nove officiaes do cabildo da Assumpção representavam ao Rei. Partira o Governador Dom Pedro de Lugo com sessenta soldados brancos e tres mil indios em soccorro das missões jesuiticas do Uruguay. Batidos os paulistas, voltaram os soldados brancos ao Paraguay absolutamente espavoridos de verem os indios das reducções, não só dispondo de armas de fogo como perfeitamente industriados no seu manejo e exercicios militares.

Os jesuitas não sabiam o que estavam arriscando pondo ás mãos dos selvagens taes elementos. Breve haveria a sublevação geral dos indios e a destruição do Prata e Paraguay. Obrigasse-os S. M. a que restituissem as espingardas e se desarmasem.

Indicava a Camara, como solução para o caso das correrias dos paulistas, transladarem-se todas as reducções para as cercanias de Buenos Ayres, pois que os indios já não estavam mesmo nos locaes de suas primitivas aldeias.

Ao passo que com a costumada e inveterada cegueira escravista cerravam os colonos hespanhoes os ou-

vidos e a razão ante a imminencia do perigo da invasão bandeirante, cogitava-se em S, Paulo de desfechar tremenda offensiva contra os castelhanos.

Representava a Camara de Assumpção ao Rei contra o unico meio de que podia lançar mão a posse hespanhola para se defender da aggressão dos odiados mamalucos a saber o provimento de armas de fogo aos indios (cf. Arch. Gener. de Indias 74-4-15).

Assim se preparavam os paulistas para dar um golpe mortal ao poderio jesuitico no Brasil e na Prata. Coincidiram os seus esforços em S. Paulo e na região das reducções do Uruguay. Em julho de 1640 eram os ignacinos de S. Paulo expulsos pela revolta geral dos habitantes da villa; pouco depois ultimavam-se os grandes preparativos para a entrada em campanha da maior expedição até então partida de S. Paulo, sertão a dentro. Eram uns 400 homens brancos e uns 2.500 a 3000 tupys que partiam para assaltar os pueblos da Companhia e em março de 1641 deviam soffrer a derrota terrivel de Mbororé.

Como chefe destas forças consideraveis para o pequeno nucleo que era S. Paulo não partiu quem parecia entre todos os grandes cabos do sertão na época, indicado para tal commando: Antonio Raposo Tavares, Até bem pouco não se sabia quem seria o chefe dessa grande bandeira de 1640-1641.

Revelaram-nos documentos trazidos a lume por Pastells (ob. cit. II, 82) que Jeronymo Pedroso figurava entre os principaes chefes do exercito paulista, A elle referindo-se fala o Padre Zurbano, da derrota de uma partida composta dos «mexores soldados de Geronymo Pedroso».

Em outro papel, que descobrimos no archivo sevilhano ,nos autos de inquerito mandado realisar em Buenos Ayres pelo Almirante Don Luis de Aresti depondo a testemunha Miguel Vidal declara que encontrou, depois da derrota em Mbororé, uma partida de paulistas dispersos no valle do Jacuhy (o antigo Tibiquary). Aprisionado e obrigado a seguil-os, delles ouvira, depois de muitos pormenores do desastre que «Juan Perez, su capitan se habia retirado con otro trozo de gente para San Pablo». Mais adeante diz Vidal que este capitão era Fulano *Piris*.

Lançam estas referencias nova luz sobre os chefes do exercito paulista (cf. Arch. Gen. de Ind. 74-6-28).

Era o João Pires, contemporaneo de Mbororé, um dos mais notaveis piratininganos do seu tempo. Filho de Salvador Pires, já figura quinhentista de prol, corria-lhe o sangue indio nas veias por sua mãe Mecia Fernandes ou Meciussú, neta de Antonio Rodrigues — companheiro de João Ramalho — e da india, filha de Pequeroby, baptisada por Anchieta com o nome de Antonia.

Já fôra Salvador Pires, fallecido em S. Paulo, em 1592, um dos grandes potentados em arcos e terras de seu tempo, pessoa principal no governo da republica, possuidor de um enorme latifundio sobre o Tietê, acima da cachoeira Patuahy, onde viviam sob a sua administração numerosos indios catechisados.

Talvez já houvesse nascido no Brasil ou quiçá embarcasse menino para as terras americanas.

Fôra-lhe o avô, João Pires o Gago, portuense, emigrado com Martim Affonso, e cavalheiro fidalgo, o primeiro juiz ordinario de Santo André. Passara-lhe em 1553 o pae, Salvador Pires, casado com Maria Rodrigues, de morador em S. Vicente a habitar Santo André.

Em 1573 concedera-lhe o capitão mór Jeronymo Leitão muita terra «na Tapera, que tinha sido alojamento do indio Baibebú, partindo pelo campo de Piratininga, direito á serra, por ser dito Pires lavrador potentado, que dava avultada somma de alqueires de trigo ao dizimo, além da colheita de outros fructos todos os annos (Silva Leme, 2, 4).

O segundo Salvador Pires euramericanisara a sua prole ligando-se a Meciussú. Do primeiro matrimonio tivera Diogo, Amador, Domingos Pires, todos elles homens sem relevo conhecido. Do segundo, Salvador Pires de Medeiros, de quem diz Pedro Taques: «capitão da gente de S. Paulo pelos annos de 1620, fôra pessôa das principaes da terra «grande paulista abundante em cabedaes».

Muito mais notavel foi-lhe o irmão, ainda segundo o linhagista. «Nobre cidadão de S. Paulo, teve grande voto nas assembléas do governo politico, como pessoa de muita autoridade respeito e veneração».

Com effeito o vemos como chefe de um dos dous grandes partidos, em lucta accesa na guerra civil que assolou o planalto em meiados do seculo XVII, a celebre contenda chamada dos «Pires e Camargos», que tão conhecida é e encheu de crimes e violencias os

annaes de S. Paulo, durante longos annos, produzindo conflictos sanguinolentos innumeros e a perda de muitissimas vidas.

Abundante de cabedaes possuia «uma grandiosa fazenda de terras de cultura, com uma legua de testada até o rio Macoroby que lhe foi concedida de sesmaria em 1610 com o seu sertão para a serra de Juquery. Teve grande copia de gados vaccuns, ovelhas e cavalgaduras.

Tinha extraordinaria colheita de trigo todos os annos e igualmente dos mais mantimentos e legumes. Com o seu grande respeito e força, sustentou, e teve de encontro o partido tambem grande da nobre familia dos Camargos quando, em 1652, para 1653, se puzeram de rompimento de armas estas duas oppostas familias — Pires e Camargos; o João Pires, por si só teve maior sequito com os mais de seu appellido e de muitos neutraes que o auxiliavam com poder de gente armada como foi Garcia Rodrigues Velho, Fernão Dias Paes e outros paulistas potentados em arcos que dominavam. Estes bellicosos movimentos, os tumultuosos partos da ira e da paixão, por vezes chegaram a rompimento de batalha».

Tal um dos chefes paulistas provaveis do exercito batido em Mbororé.

Curioso que mais tarde fosse elle com Fernão Dias Paes Leme, exactamente o politico de mais prestigio, empenhado pela volta a S. Paulo dos jesuitas expulsos em 1640!

«Este João Pires, continua Pedro Taques, unico com seu amigo Fernão Dias Paes, pôde vencer a odiosa lembrança com que os moradores de S. Paulo repugnavam a instituição dos padres jesuitas, que tinham sido lançados do seu collegio para fóra da Capitania de S. Vicente em junho de 1640, e obtendo elles da paternal clemencia do rei d. João IV ordem para serem restituidos em 1647, ainda assim se não deram por seguros, e durou a sua expulsão até o anno de 1653 em que o respeito, amor e veneração de João Pires (declarado protector dos jesuitas) mereceu aos moradores de S. Paulo que recebessem aos padres com affabilidade, lavrando-se termo de transacção e amigavel composição entre todos, assim se conseguiu em 14 de maio de 1653».

Muito podem as reviravoltas da politica! O futuro

protector da Companhia em 1653 era exactamente quem a frente das hostes paulistas em 1640 se preparava para destruir as ultimas reducções do Uruguay!

Quanto a Jeronymo Pedroso deve elle ser o setimo filho do illustre Pedro Vaz de Barros e irmão dos grandes sertanistas Sebastião Paes de Barros, explorador do Tocantins, Luiz Pedroso de Barros morto no sertão dos Serranos no Perú, em 1662, de Valentim de Barros official da retirada do Cabo de S. Roque ao S. Francisco em 1640 como um dos capitães da columna paulista embarcada na esquadra do Conde da Torre; de Antonio Pedroso de Barros, grande caçador de indios assassinado por seus escravos vermelhos em 1651; de Pedro Vaz de Barros e Fernão Paes de Barros dous dos «maiores potentados» paulistas de seu tempo.

A seu respeito apenas diz Pedro Taques «que falleceu solteiro» quando escreve longas biographias dos irmãos. Singular este laconismo acerca de alguem que merecia certamente bem maior noticia pois foi sertanista de relevo.

Quiçá pretendesse o linhagista, por mal entendido patriotismo, silenciar o que sabia sobre o grande desastre das armas paulistas sob o commando de Jeronymo Pedroso.

Sobre a personalidade do chefe paulista de Mbororé, cognominado Pires, veio pórem lançar duvida o extenso relatorio do Padre Claudio Ruyer que detidamente haveremos de analysar pois é verdadeiramente precioso como com tanta razão assignala o eminente Rocha Pombo. Nelle surge uma carta assignada por um dos principaes chefes bandeirantes, quiçá o seu commandante supremo: Manuel Pires e não João Pires, como se diz no documento que acabamos de citar.

Havia em S. Paulo na época de que tratamos um capitão Manuel Pires, cuja existencia deu lugar a complicada questão genealogica solvida por Silva Leme (Gen. Paul., II, 4).

Bem documentado refuta este genealogista as affirmações de Pedro Taques. Na sua opinião, era Manuel Pires um sobrinho de João Pires, de quem falamos e não seu tio como suppunha o linhagista da «Nobiliarchia».

De Manuel Pires diz Pedro Taques (cf. «Rev. do Inst. Hist. Bras., 35, 2, 18) «foi capitão em S. Paulo, que governou, regendo-lhe os moradores, como pessoa de muita autoridade e respeito». Havendo desposado

Maria Bicudo tornara-se genro de Antonio Bicudo Carneiro, povoador quinhentista de prol, um dos fundadores do clan dos Bicudos e ouvidor da comarca e capitania de S. Vicente, pelos annos de 1585.

Falando da personalidade de Manuel Pires affirma o autor da «Nobiliarchia» que «praticou virtudes moraes, com as quaes soube lucrar excellente nome, e mereceu que Deus lhe abençoasse a sua geração, que toda tem sido de admiraveis productos, e conseguiu casamentos de autoridade e respeito com sujeitos de bom nome. Do seu feliz matrimonio teve em S. Paulo nove filhos».

Entre estes «sujeitos de bom nome» casados em casa de Manuel Pires estava — o que é muito significativo — Antonio Raposo Tavares! marido (já viúvo nesta época) de Beatriz Furtado de Mendonça, quarta filha de Manuel Pires e fallecida em 1632.

Seguindo as inclinações de seu primogenito, Diogo da Costa Tavares, o irmão e lugar tenente do conquistador do Guayrá e do Tape, tambem se agradara de outra filha de Manuel Pires, Maria Bicudo.

Assim era Manuel Pires o sogro dos dous formidaveis sertanistas e esta circumstancia nos leva a crer que Antonio Raposo, occupado naquelle anno de 1640, em levantar a tropa paulista que devia embarcar na esquadra do Conde da Torre haja convencido ao sogro de se associar á expedição de Mbororé e quiçá o tenha ajudado a obter a chefia do exercito paulista ou, pelo menos, nelle, algum posto de grande destaque.

Era aliás Manuel Pires, pelos meritos pessoaes, sertanista acatado, segundo nos conta Pedro Taques.

«Teve um estabelecimento de muitos administrados que, sendo gentios barbaros, foram conquistados no sertão e reduzidos ao gremio da Igreja pelo sagrado baptismo».

Na ingenuidade destas expressões euphemicas com que se synthetisam as violencias do trafico vermelho, veja-se o reflexo de uma mentalidade immensamente distanciada da dos nossos tempos.

Podia alguem passar a vida a commetter mil tropelias contra os homens inferiores da selva e «praticar virtudes moraes, merecendo que Deus lhe abençoasse a geração....» como do nosso sertanista recorda o linhagista. E assim mudam os tempos e o juizo dos homens.

Do que acabamos de expor, parece-nos fôra de duvida que os principaes chefes do exercito paulista ven-

cidos em Mbororé hajam pois sido Jeronymo Pedroso de Barros e Manuel Pires. A carta por este assignada, transcripta no documento de Ruyer, dá-lhe inconfundivel preeminencia entre os cabos da tropa de S. Paulo.

Talvez haja Pedro Taques silenciado o seu desastre militar ás margens do Uruguay pelas mesmas razões por nós expostas a falarmos do caso identico de Jeronymo Pedroso de Barros.

A referencia a João Pires ,vaga como é, no documento que tambem allegamos é de tal modo inferior, em relação ao testemunho da carta, que nos leva a pensar num engano de nomes por parte de quem a fez.

E occorre-nos ainda, mais uma vez, salientar o parentesco e as estreitas relações de Manuel Pires com Antonio Raposo Tavares e Diogo da Costa Tavares.

Assim apezar da maior importancia social de João Pires quer-nos parecer muito mais acceitavel a preeminencia do seu sobrinho neste caso do commando chefe da expedição paulista de 1641.

E a titulo de contraste violento, muito ao sabor da época, lembremos que emquanto Manoel Pires se preparava para arrazar o poderio jesuitico nas terras do Sul, seu primogenito, Estevam, cogitava de entrar para a Companhia de Jesus se é que a ella ja se não associara.

Nella professou e existiu como «religioso da provincia do Brasil», refere-nos o linhagista paulistano. «Acreditando não só a patria mas a mesma provincia» viveu «tão adornado de letras como de virtudes» vindo a terminar a austera e piedosa existencia no Collegio da Bahia.

Homem de outra mentalidade, não oraria longamente pela salvação do Pae, a pensar naquelles processos graças aos quaes «reduzira Manuel Pires ao gremio da igreja, pelo sagrado baptismo a gentios barbaros conquistados no sertão»?

E' bem provavel que sim....

Mas estes processos eram tanto do Brasil e da America, do mundo europeu todo, no Novo Mundo e America quanto do mundo europeu todo, no Novo Continente e na Europa da Guerra dos Trinta Annos!

« Crimen fué del tiempo, no de España....» como bem o disse o vate castelhano, cujo pensamento exacto teria minorado as attribulações do piedoso ignacino, filho e cunhado de grandes caçadores de homens vermelhos.

## CAPITULO IV

*O relatorio extenso e pormenorisado do Padre Ruyer sobre a batalha de Mbororé — Synthese por Teschauer das narrativas dos principaes historiadores ignacinos.*

Parecia dever a victoria de Caasapaguasú, afugentar os paulistas do territorio rio-grandense. Mas tal não se deu. Agora uma expedição muito mais poderosa do que a de Paschoal Leite Paes renovava a tentativa de assalto ás missões do Uruguay, enorme viveiro de indios semi-civilisados que era verdadeira mina a explorar.

Assim os vemos em principios de 1641 surgir com verdadeiro corpo de exercito em attitude aggressiva ás reducções, soffrendo então, ás margens do Mbororé tremenda derrota que para sempre os afastou daquellas paragens.

Sobre a importantissima acção de guerra que foram a batalha de Mbororé, a 11 de março de 1641 e as operações que a ella antecederam e succederam, nada cremos exista tão extenso e pormenorisado como o grande relatorio do Padre Claudio Ruyer, ao provincial do Paraguay, em 1641, documento este que pertence á collecção De Angelis da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro e foi por Capistrano de Abreu divulgado. Graças a este sabio mestre, appareceu em 1906 impresso no tomo X da «Revista do Instituto Histo-

rico de S: Paulo» (a pags. 529-553) e é um dos mais notaveis papeis do passado paulista que jamais se divulgaram ,constituindo esta iniciativa do illustre auror dos «Capitulos de historia colonial», um dos melhores serviços prestados á nossa tradição. Intitula-se «Relacion de la guerra y victoria alcanzada contra los Portugueses del Brasil, año 1641, en 6 de abril». Esta data é simplesmente a da terminação da longa epistola escripta da reducção de S. Nicolau.

De Angelis, diz-nos Capistrano, considerava autographo o documento cujos diversos caracteristicos entende o nosso historiador «persuadem á realidade do asserto».

Pediu o Barão do Rio Branco copia deste papel a Capistrano e a seu inseparavel amigo, o grande erudito das nossas cousas que foi Valle Cabral. Realisaram-na ambos mas «por motivo hoje impossivel de apurar, deixou de ser remettida em tempo a seu destino» annota Capistrano. Assim parece que delle não se serviu Rio Branco para o estabelecimento de sua memoria na questão do litigio das Missões.

Teve Mbororé importantissimo papel e as consequencias mais notaveis nos factos da historia sul-americana. Não houvessem os hespanhoes ali conseguido deter o avanço paulista e talvez tivessem as bandeiras chegado a apossar-se não só da mesopotamia parano-uruguaya, ou pelo menos feito na zona entreriana o que haviam conseguido no Guayrá.

Sobre os successos de Mbororé escreveram todos os historiadores ignacinos do Paraguay, mais ou menos largamente. Temos a impressão porém de que se não avistaram com o documento capital de Ruyer. Dahi a relativamente escassa pormenorisação que nelles se encontra a proposito do notavel embate.

E' o que tambem se nota em Teschauer a quem escapou a insistencia com que chama Rocha Pombo a attenção para este papel attribuindo ella o valor que realmente tem.

Insiste o nosso douto historiador contemporaneo em frisar quanto é documento valioso.

Na sua bella «Historia do Rio Grande do Sul» onde ha excellente apanhado que corresponde á synthese do que narraram Techo, Lozano, Charlevoix, Southey, Guevara, Nusdorffer, Pastells, etc. deu Teschauer com a sua irrefragavel probidade e capacidade de synthetizar

uma descripção interessante da batalha de Mbororé.

«Chegára a nova que os mamalucos se mobilizavam e faziam preparativos para uma nova invasão no Rio Grande do Sul.

Dois annos tardaram a tental-a. Tel-os-ia feito tão receiosos a ultima licção ou foi tanto o tempo que precisaram para reunir forças maiores que ás vezes passadas? (Refere-se o A. aos combates de 1638 em Caasapamini e Caasapaguassú).

Desta, como temerosos de dar assalto por onde tinham soffrido tanto damno, escolheram outro caminho, vindo agora pelo norte das Reducções como primeiro as tinham acommettido pelo sul. Não longe do povo de S. Xavier (a 27 graus 50' de lat. merid., junto á margem direita do Uruguay), desemboca no Uruguay um rio denominado então Mbororé (hoje, sem duvida, o chamado rio das Onze Voltas).

Pouco mais ao norte, a sete leguas de S. Xavier, entra na dita margem outro rio, com o nome de Acaraguá e agora, provavelmente, aquelle que varios mappas chrismam de Guaranyguazú.

Nas suas margens fundou em 1630 o p. Christovam Altamirano uma Reducção de Guaranys a que deu o nome de Assumpção, em memoria da reducção de Assumpção do Ijuhy, fundada pelo ven. Roque Gonçalves e destruida em 1628 pelo feiticeiro Nheçum.

Este ponto, ao norte das Missões Riograndenses foi o que escolheram para acommetter os paulistas.

Vindos das cabeceiras do Uruguay em inicios do anno de 1641, aproximaram-se das reducções, captivando ao mesmo tempo os indios pagãos espalhados, pelas mattas. Escapou-lhes o famoso Nheçum que se tinha retirado para aquella região, fugindo com quatrocentos indios seus.

Ainda que dos indios capturados soubessem que os guaranys já tinham licença para usar armas de fogo, desprezaram a noticia, jactando-se de que desta vez tinham que destruir todas as reducções. Tocou-se alarme não só aqui mas tambem nas reducções entre o Uruguay e Paraná para acabar com o inimigo, em uma batalha decisiva.

O commando superior foi entregue ao morubixaba d. Ignacio Abiarú, que, logo, nas duas margens do Uruguay, fez um largo recrutamento de guerreiros, de que escolheu quatro mil, armados uns de arcos e flechas,

outros de fundas. De armas de fogo havia trezentos arcabuzes, que, porém, deviam decidir o exito da guerra.

Mas não se cifraram a isso. Tinham os indios, industriados por irmãos leigos, que os dirigiam, conseguido fabricar uma especie de artilharia que se reduzia a umas cannas de taquarassú ou cannas mui grossas, forradas de couro, capazes de disparar tres ou quatro tiros. Vinham os mamalucos em numero de quinhentos a seiscentos, com mais de quatro mil indios tupys em setecentas canôas, (estes numeros differentes dos indios, por Lozano, segundo memorial do p. Francisco Burges, apoiam-se nos autos) que tinham preparado nas margens dos rios, com as quaes occuparam o rio Acaraguá, affluente do Uruguay, emquanto suas tropas entraram no povo ermo.

Constituido o exercito christão e munido com os sacramentos da egreja, foi ao encontro do inimigo, até um dia de distancia á margem do Uruguay, onde este fizera o seu acampamento.

Devendo esperar os mamalucos embarcados em canôas, os christãos apromptavam tambem umas trezentas, para, devidamente, receberem o inimigo. Emquanto se preparavam para a peleja, em uma enseada do Uruguay, este, confiado em suas forças, baixou ao seu encontro.

Este realizou-se primeiro com o commandante em chefe, o bravo Abiarú, que, á testa de cinco barcas, foi explorar o terreno inimigo. Approximando-se como si quizesse parlamentar, os mamalucos deixaram vir á distancia de se poder fazer entender.

Então o commandante dos mamalucos o mandou intimar que só lhe restava render-se á discrição.

Abiarú, assumindo um ar meio altivo, exprobrou ao chefe mamaluco, que tinha avançado para falar-lhe, as injustiças e crueldades que sua gente tinha comettido contra christãos, que não lhe tinham dado para isso motivo algum; em seguida, declarou que elles estavam promptos para morrer antes que perder a liberdade, accrescentando como era vergonhoso, para gente que se dizia christã, querer roubar a quem professava a mesma religião.

Os mamalucos nada respondendo, avançaram sua flotilha até que se descobriu a dos neophytos, na dita enseada do Ijuhy. Esta deu começo ao combate por um tiro de canhão tão feliz que metteu a pique tres

lanchas dos mamalucos. Para os indios produziu mui bom effeito sua primitiva artilharia, pois ainda que podia disparar só dois tiros ou tres cada canhão, diz o P. Lozano, empregavam-nos com tanta dextreza e acerto que deixaram coberto de mortos o campo de batalha.

Não menos feliz foi outra arte proveniente da pratica militar e industrial dos irmãos leigos que os dirigiam.

A' maneira, que sobre duas canôas atadas costumavam levantar casinhas, construiram de taboas sobre maior numero de canôas uma especie de baluarte com bombardeiras. Estas serviam para enviar e disparar os taes canhões e os arcabuzes, assegurando as descargas.

A madeira bastou para defendel-os das descargas do inimigo que não trouxera artilharia sinão arcabuzes, carabinas e mosquetes. Occultos no interior alguns disparavam suas balas de conveniente distancia aos principaes mamalucos com tão bom successo que, mortos muitos, aterraram os demais.

A' beira do rio estavam os missionarios, a turba indefesa das crianças, mulheres e velhos recitando a ladainha e quando invocaram o apostolo das Indias, o seu nome, repetido pelos soldados repercutia nas selvas littoraes.

Os arcabuzes fizeram tantos estragos nas fileiras inimigas que um grande trecho das aguas do Uruguay se tingiu de sangue. Vendo os estragos feitos na batalha naval, recorreram os mamalucos ao estratagema de estender um destacamento na margem para tomar os neophytos entre dois fogos; mallogrando-se porém tambem esta manobra, abandonaram as embarcações para se refugiarem no littoral, mas alli não melhoraram a posição; os neophytos foram ainda melhor succedidos; começando já a desordem entre os mamalucos, ter-se-iam entregue á fuga, se não entrasse a noite.

Mandou tocar a retirada a d. Abiarú, afim de evitar que os seus bravos, enthusiasmados com a victoria, deitassem a perder o que ganharam ou cahissem em alguma emboscada, estratagema muito em voga entre os mamalucos. Não contavam os neophytos sinão 3 mortos.

Ao amanhecer reappareceram os mamalucos dispostos em ordem de batalha. Os neophytos tambem foram chamados ás armas e depois de formado o exercito

marcharam sobre elles e reaccendeu-se o combate com grande ardor, de parte a parte.

Como o inimigo na vespera tivesse grandes perdas de gente, Abiarú extendeu suas alas para envolvel-o e logo fez um ataque tão brusco que immediatamente poz em desordem o exercito inimigo e tudo se resolveu em uma carnificina; a derrota teria sido completa, si um temporal que subitamente se desencadeou, não favorecesse sua retirada ás mattas proximas.

Cessado o furacão, procederam os vencedores a uma terceira acção, muito sangrenta, em que só puderam entrar os arcabuzeiros. Emfim o inimigo, depois de uma resistencia assáz vigorosa, não procurava outra cousa sinão aproveitar o terreno para fazer uma retirada ou fuga menos desastrosa.

Os neophytos, senhores do campo de batalha, perseguiram os fugitivos, tinham 43 fóra de combate, 3 mortos e 40 feridos. Grande foi a perda dos mamalucos (160) e maior a dos seus auxiliares quasi todos tupis. Destes passaram muitos ao exercito christão, cançados de aguentar os vexames e crueldades dos mamalucos. Estes, desesperados de se poderem apoderar das Reducções foram atacar diversos grupos de gentios, entre outros os gualaxos que porém os dispersaram e lhes comeram os mortos e captivos».

Vejamos porém o depoimento extenso e cheio de pormenores do Padre Claudio Ruyer. Notarão os leitores quanto dispõe de uma riqueza informativa muito superior á dos autores ignacinos antigos e já impressos.

## CAPITULO V

*Prenuncios de vinda dos paulistas — Preparativos de combate e medidas de defesa — Enchente imprevista do Uruguay — Apparecimento da esquadrilha paulista — Primeiros embates — Vantagens dos indios — Escaramuça em Acaraguá — Imminencia de uma batalha geral.*

Narrando os graves acontecimentos cujo desfecho foi o grande desastre das armas paulistas, começa o Padre Ruyer dizendo que muito antes do Padre Diego de Boroa avisar os confrades da vinda certa dos paulistas elle, Ruyer, tomara uma série de providencias militares: destacára guardas avançadas e espias, mandara realisar exercicios militares.

Era notavel a elevação de sentimentos bellicos dos catechumenos que desejavam summamente a chegada dos dias de combate. Sabia-se vagamente que o inimigo rondava pelas cabeceiras do Uruguay e esperavam todos que de repente surgisse, a rodar pelo grande rio abaixo alguma canoa de indios fugindo dos bandeirantes. Isto não occorreu porém, mas chegou a tempo o aviso do Padre Boroa que enviou como mensageiro da má noticia o irmão leigo Pedro Sadoni, o qual trouxe muitas «ayudas de cosas para la guerra y premios para los soldados». Vinham os paulistas des-

cendo as aguas do Uruguay! annunciou peremptorio. Haviam alguns dos Padres sahido para as missões da serra; mandou Ruyer chamal-os a toda pressa, pois fariam grande falta. Com elles iam uns mil indios, com suas armas de fogo. E não só: estavam mais outros dous a partir com duzentos indios escopeteiros em direcção á reducção de S. Thereza.

Avisado ordenou o Padre Ruyer ao seu confrade Diego Suarez, que occupava um posto avançado á margem do Uruguay, redobrasse de vigilancia. Passaramse assim em alarme continúo uns quinze dias.

Inesperadamente, occorreu extraordinario incidente em que o Padre Ruyer vê o dedo manifesto da Providencia. Teve o Uruguay enorme enchente, absolutamente fóra de tempo, pois começava a cheia habitual em janeiro e os indios reduzidos, ribeirinhos, apanharam canoas que rodavam rio abaixo, cheias de artefactos indigenas, sobretudo flechas. Deduziu o Padre Ruyer que se tratava de embarcações de gente fugindo ante os paulistas e assim reunindo todos os seus padres, em conselho de guerra, levantou nos pueblos uma columna de dous mil homens, a 8 de janeiro, mandando que se mobilisasse o resto da força. A' testa da columna partiu para Acaraguá afim de destruir as roças alli existentes. E enviou numeroso destacamento a informar-se rio acima, commandado pelos padres Christovam de Altamirano, Diogo de Salazar, Antonio de Alarcon, além do Irmão Pedro Sadoni. Encontrou esta guarda avançada alguns cadaveres frescos e nas aguas do rio jangadas de taquara, abandonadas, de procedencia guarany. Chegando os padres ao Salto do Uruguay despacharam espias por terra e pelo rio. Estes pombeiros não tardaram em voltar tendo encontrado indios que fugiam dos paulistas, após abandono de suas canoas. Contaraam então que o plano destes era marchar uma columna sobre o Paraguay, outra por S. Thereza a Concepcion e uma terceira sobre as missões do Uruguay. Passavam pelo rio embarcações arrebatadas pela grande cheia agora evidentemente de procedencia portugueza. Acima do Salto, nas duas leguas que foram exploradas, tudo estava deserto graças ao exodo geral dos indios. Temerosas deviam ser as forças paulistas em campanha.

Voltaram os Padres a reunir-se ao grosso da tropa e o Padre Ruyer mandou que se vigiasse o caminho terrestre e um passo no Paraná por onde poderia vir o inimigo. Deste serviço incumbiram-se os Padres Pablo de Benavides, Pedro de Mola e Christovam Portel que com isto tiveram enorme desconforto pois fazia então excessivo calor e o seu posto de commando era uma choça miseravel, desabrigada, no meio do campo.

Deixando o Padre Altamirano com alguma gente em Acaraguá, concentrou Ruyer o grosso de seu exercito em Mbororé, a um dia de marcha, a jusante, daquelle porto. Semanas decorreram sem alteração sensivel até que a 25 de Fevereiro «quiz o Senhor avisar-nos da vinda certa dos Portuguezes, diz piedosamente o narrador. A gente de Acaraguá capturara neste dia uns muchachos escapos ao captiveiro dos paulistas.

Dobrando roldas e sobre roldas collocou ao longo do rio duzentos homens como guardas avançadas. Correra o ruido de que os paulistas se dirigiam ás missões do Paraná e com effeito houve o que o justificasse. Encarregado o Padre Altamirano de verificar o caso sahiu rio acima com oito canoas. Duas dellas avançaram sós mas tiveram de voltar ás pressas pois quasi cahiram ás mãos do inimigo. Seis canoas paulistas, tripoladas por valentes remadores, deram-lhes caça, chegando quasi a attingir os barcos jesuiticos, a fazer enorme gritaria, com o fito de lançar o panico entre os indios. Conseguiram comtudo escapar os guaranys e attingir o ponto onde estavam as suas outras seis embarcações que sahiram a affrontar os perseguidores ao disparo dos arcabuzes. Retiraram-se os paulistas sob as vaias adversarias. Estava imminente a batalha. Avisado partiu o Padre Ruyer, sob tremendo temporal para o acampamento de Mbororé, despachando o Padre Mola a tomar o commando do posto de Acaraguá.

Avisou este os seus indios do perigo immediato e brandindo um crucifixo fez-lhes ardente pregação exhortando-os a que defendessem os seus lares. «Hizieron mas que el Padre pensaba», annota Ruyer.

Continuava o temporal desabrido mas os paulistas persistiram em rodear o acampamento jesuitico na ancia de apanhar indios e sobretudo «algunas indias que deseaban muchisimo».

Formaram tres columnas além de terem gente ao rio. As guardas avançadas dos belligerantes chegaram logo depois a ter contacto escapando a dos jesuitas de cahir ás mãos do adversario. Pela manhã os paulistas atacaram o pueblo que acharam deserto, pois os reduzidos haviam todos embarcado. Eram 250 homens das reducções de Acaraguá e São Xavier embarcados em trinta canoas que corajosamente enfrentaram cem barcos dos paulistas desafiando-os a pelejar. A' vanguarda iam quinze barcos «guiados por S. Francisco Xavier, nuestro Patron», e commandados pelo Capitão Ignacio Abiarú. Duas horas durou a peleja. «Un mosquetero nuestro, escreve Ruyer, disparó y guiando la bala, San Francisco Xavier dió en el muslo (coxa) al Portugues y se le quebró dando con el en el agua, y otro de otra canoa dió a otro Portugues en un costado y le derribó, otro con una bala de mosquete algo de serca limpió una canoa de enemigos».

No meio da refrega appareceu o Padre Altamirano alentando aos indios que resignados fizeram os paulistas recuar «mas de ocho quadras». Abicaram então as suas canoas e desembarcaram recusando continuar a batalha para que os desafiavam os guaranys. Como porém surgisse reforço aos paulistas, tres magotes com as respectivas bandeiras, decidiu Altamirano abandonar o posto e recolher-se com sua gente a Mbororé; o que realisou com muita felicidade, sem baixa alguma, apezar de que «llovian balas como granizo y flechas a montones».

Este primeiro encontro incutiu aos guaranys, affirma Ruyer, grande confiança, pois «só pocos hazian huyr infamemente a tantos quanto mejor lo havia todo nuestro exercito yunto y con tantas armas».

No dia immediato, nove de março, sabbado, desabou tremendo temporal cuja occurencia o jesuita pretende haver sido providencial. Estavam os paulistas, aliás, admiradissimos, affirma Ruyer, daquella primeira resistencia em Acaraguá. Já queriam muitos que o exercito voltasse ao Norte e o desanimo era grande em suas fileiras ,sobretudo depois que os tupys, havendo percorrido a região circumvizinha, notaram que estava deserta ,nella não apanhando um só captivo. Mas de repente, como tocados pelo dedo da Providencia, que queria castigal-os pesadamente, mudaram de ideia e foram-se rio abaixo.

No acampamento de Mbororé, neste interim, faziam-se grandes exercicios; era admiravel a fé dos indios, confessando-se, commungando, jejuando, pois apprehendiam vivamente «el temor de la muerte en peccado». Trabalheira insana tiveram os ignacinos para ouvir mais de tres mil confissões que lhes tomaram tres dias até segunda-feira, 11 de março, ás duas da tarde.

Duas vezes deixou a esquadra paulista o porto de Acaraguá, diz Ruyer, e depois de meia legua de rio voltou para o Norte. Afinal baixou definitiva, mas cautelosamente, «com reselos grandes de alguma selada».

Doente de sezões ausentara-se o Padre Superior para S. Nicolau, a tres leguas, ficando a commandar o exercito o Padre Pedro de Mola emquanto não chegava o Padre Romero, que era o general effectivo. Appareceu este no momento opportuno e immediatamente tomou as suas providencias.

No rio collocou setenta canoas com a tripolação completa; nellas embarcaram cincoenta e sete arcabuzeiros. Commandava-os o cacique capitão Don Ignacio Abiarú, que «cumplio suo oficio excelentemente», con applauso de «todos los Padres y indios, hablando, industriando a sus soldados del modo que avian en pelear con el enemigo que aguardaban con deseos».

Em terra commandava o Irmão Domingos de Torres «con notables veras, grande animo y esfuerço» e a quem auxiliava o Irmão Pedro Sadorni tambem dedicadissimo.

Resaram os guaranys o acto de contricção, receberam a absolvição geral. Reinava em toda a sua linha a maior anciedade quando ,ás duas da tarde, daquelle mesmo onze de março appareceu «de voga arrancada» uma canoa de sentinella jesuitica avisando a approximação do inimigo.

Embarcou Don Ignacio Abiarú a sua gente e foi occupar o canto do rio. Ahi começou-se a descobrir, numa volta do Uruguay, a armada inimiga que «venia ostentando su poder y arrogancia».

Como avistassem o casario de Mbororé estacaram os paulistas, desembarcando pequena parte de sua gente, a certa distancia, como para um reconhecimento Sahiu Abiarú a desafial-os, temerariamente, com cinco canoas. Insultou-os muito, diz o Padre Ruyer; «avançassem se tinham coragem» tuviesen verguensa de que unos indios desnudos se expusiesen a salir les al en-

cuentro, diciendo les otras palavras de vituperio y desprecio».

Assustados vieram os seus commandados pedir-lhe que se recolhesse logo ao grosso da esquadrilha e assim Abiarú volveu a occupar o seu posto de commando que era numa «balsa fuerte y bien acomodada con sus parapetos etc.» em que tremulava uma bandeira com a imagem de S. Francisco Xavier e onde havia um berço (pequeno canhão).

---

## CAPITULO VI

*O grande prelio de onze de março — Derrota completa dos paulistas — Carta do chefe bandeirante aos jesuitas — Bloqueio do acampamento paulista — Serie de combates e escaramuças — Retiram-se os paulistas desordenadamente — Assalto ás suas posições de Acaraguá.*

Desafiados pelo cacique guarany, e indignados dos insultos que lhes lançara puzeram-se os paulistas em ordem de batalha e fizeram menção de avançar.

De joelhos lançaram-se os jesuitas, a pedir a victoria ao Deus dos Exercitos por intermedio de S. Francisco Xavier, offerecendo vigilias e jejuns e cincoenta missas em suffragio das almas. Aos guaranys bradaram que implorassem a misericordia de Deus e invocassem a protecção do Apostolo das Indias. Levantaram-se em côro, as vozes dos catechumenos, recitando a ladainha. Avançava a esquadra paulista lentamente certa da victoria. Quando chegou ao alcance da peça da balsa, desta fizeram fogo.

Foi o disparo certeiro, matou dous bandeirantes e muitos indios, das tres canoas da frente, que ficaram muito avariadas». Houve um começo de desordem na esquadra paulista ao passo que os guaranys redobravam de enthusiasmo. Puzeram-se em fila as duas flotilhas e travou-se renhido combate «con brabo corage de una y otra parte». Mostraram-se os indios perfeitamente dextros no manejo das armas».» «Comenso la arcabuceria, de entranbas partes, cargando y dis-

parando nuestros hijos tan apriesa y con tal destresa que parecian soldados de Flandres».

Como manobra tactica retiraram-se os indios para attrahir os paulistas a um ponto commodo onde os poudessem espingardear vivamente.

Neste interim houve um momento envolvente por parte dos portuguezes de S. Paulo.

Saltando em terra com trinta homens, o capitão Pedroso, provavelmente Jeronymo Pedroso de Barros, um de seus mais prestigiosos chefes (el mayor bellaco de todos, diz o Padre Ruyer), atacou os indios pela rectaguarda, vigorosamente, e com tanta subitaneidade, que lhes matou tres homens e feriu mais de trinta. Depois de alguma hesitação reagiram os guaranys que, acommettendo bravamente o inimigo, lhe mataram um branco e quatro tupys, feriram a muitos fazendo o troço de Pedroso fugir. Baleado na coxa asylou-se o chefe bandeirante atraz de uma paliçada onde pereceram varios dos seus. Era Pedroso odiado pelos rio-grandenses «mas que a otro deseaban matarlo los Indios y les falto bien poco para hazerlo».

Haviam os jesuitas tambem levantado uma estacada onde tinham gente abrigada. Contra ella investiram as canoas paulistas, julgando que alli estava o maior reducto inimigo, quando o grosso de seu exercito occupava posições de emboscada.

No assalto á estacada, foi a repulsa violentissima, os guaranys dispararam tantos mosquetes «que parecian graniso las valas».

Fugiram as canoas deitando-se sobre a quilha os tripolantes para escapar aos tiros, ao passo que os indios alçavam aos ares os seus pavilhões, com enorme grita. Neste entrevero perderam os paulistas um homem branco e tiveram muitos feridos.

Continuava terrivel, neste interim, nas aguas do Uruguay a peleja porfiada.

As 130 canoas dos paulistas tripuladas por quasi 300 brancos e 600 tupys fóra os remadores, davam combate ás 70 canoas dos jesuitas e que tripulavam 300 indios. Diz o Padre Ruyer que apezar da desproporção de forças tão denodadamente se bateram os seus catechumenos que obrigaram os paulistas a recuar incutindo-lhes tal pavor, que, tomados de panico, foram muitos delles abicar á margem opposta do Uruguay,

abandonando as embarcações. Em muitas canoas viam-se homens largar as escopetas para remar. Nove brancos mortos e innumeros feridos, entre paulistas e tupys, foram os resultados do combate. Como tropheus tomaram-lhes os hespanhoes quatorze canoas uma bandeira, uma escopeta, muita polvora e balas. Refugiados em sua estacada foram os indios ainda alli provocal-os «tremolando sus banderas, tocando sus cajas y pingollería, señores del campo assi por tierra como por el rio».

Mas os vencidos não levantaram a luva. Diz o Padre Ruyer, ahi ainda vendo o dedo manifesto da Providencia, pela intercessão de S. Francisco Xavier, que sua gente não teve um só morto e apenas seis ou sete feridos no combate naval.

Atraz das linhas jesuiticas estava o hospital de sangue onde serviam diversos padres e donatos sobretudo o irmão Sadorni cuja caridade foi extraordinaria. Confessados os feridos eram tratados como todo o carinho, occupando-se os Padres em entreter grandes fogueiras em torno do posto, para impedir o resfriamento das feridas e cauterisar-lhes as chagas. Como houvesse grande falta de panno para os pensamentos de feridas ainda picaram a sua pobre roupa branca para tàl mistér.

A noite toda de 11 para 12 de março passaram os paulistas a estabelecer nova e forte estacada em torno do seu acampamento. De manhã estava quasi terminada. Desafiados novamente a sahir não se moveram. Enviaram porém aos jesuitas uma carta assignada por um dos seus principaes chefes o capitão Manuel Pires, cujo nome deve ter o jesuita estropeado graças á tendencia então geral no tempo, universal mesmo em se traduzirem os nomes. Assim a reproduzimos na integra, traduzindo-a do hespanhol para que a verteu o Padre Superior:

«Rev. Padres. Temos chegado aqui onde vinhamos a falar a Vossas Paternidades para saber dos homens que prenderam ha annos passados, a saber Paschoal Leite Paes e os demais dos quaes nunca tivemos noticia por mar nem por terra, nem sabemos se são vivos ou mortos; pelo que vi antehontem vejo que V. Paternidades estão armados e antes que tivessemos chegado já achámos este rio cheio de canoas de guerra, por ordem de V. P.es, ás quaes quatro moços indisciplinados sem ordem nossa se dispuzeram a sahir-lhes ao en-

contro, o qual V. P.es sem nenhuma razão nem christandade o fizeram que se eu viesse a fazer mal os abalroara com todo o meu exercito; antes porém mandei recolher toda a gente e assim o fizeram como V. P.es bem viram por ver que eram religiosos e servos de Deus a nós outros christãos: e sem havermos primeiro falado ás canôas de V. P.es alçámos uma bandeira branca á qual nos responderam com muitas escopetaços cousa que de cada vez vae de mal a peior e assim requeiro a V. P.es da parte de Deus e de Sua Magestade, uma e muitas vezes descarregando a minha consciencia e a de todo este acampamento sobre V. P.es do que succeder de hoje em deante, de parte a parte, pois V. P.es tem causado pois é claro que não tive tal intenção e para isto deixo traslado desta mesma carta para que em todo o tempo conste esta verdade pois nós outros não temos intenção de fazer mal a christãos.

Assim é que aquillo a que vimos não é senão saber dos nossos irmãos e parentes que os mais delles são casados e carregados de filhos e filhas que estão hoje em dia em grande desamparo clamando e pedindo justiça a Deus contra V. P.es pelo desamparo e miseria em que se vêm; e a mim como da parte do Padre Vicente Rodrigues da Companhia de Jesus me pediram as partes que chegasse até aqui para saber delles. E' assim estimarei que V. P.es me façam a caridade e mercê de que nos vejamos e principalmente para que nos digam missa e ouçam algumas confissões, pois estamos na Santa quaresma e assim não imaginem V. P.es que tenhamos vindo aqui com cubiça de seus indios que muito bem sabem V. P.es o muito gentio que tinha este rio o qual eu tenho enviado por deante com o que V. P.es venham aqui visitar-se commigo verão que acharão ser tudo isto certo e verdadeiro eu fico esperando a V. P.es ou resposta. E não seja a que se deu a Antonio Raposo Tavares em Jesus Maria e V. P.es muito bem sabem, e que dalli resultou o que entendo que o não farão V. P.es e assim querendo V. P.es chegar aqui podem fazer confiadamente sem receio algum.

Eu fico esperando a V. P.es a quem Deus guarde etc. 13 de março de 1641 annos. De V. P.es servo que lhes beija as mãos. O capitão Manuel Pires».

A assignatura do chefe bandeirante e a sua expressão «o meu exercito» parecem nos deixar patente que era elle o general do exercito paulista, sendo Jeronymo Pedroso de Barros um dos seus lugares tenentes.

Não sortiu effeito a pedida conferencia, embora se acenassem aos jesuitas os motivos piedosos sempre tão caros aos sacerdotes convictos do seu ministerio. Explica-os o Padre Ruyer: a traça de que os portuguezes usavam era por demais conhecida dos missionarios «para con esto entretener de tiempo en demandas y respuestas, enfadar y entibiar los animos de nuestros hijos y hazer nos sospechosos a ellos lebantando nos mil testimonios y dizendo que nos otros tenemos trato con ellos y los entregamos en sus manos».

Assim a resposta que se deu á tal carta foi rasgal-a perante os indios formados. Decidiram depois os jesuitas bloqueiar os inimigos pelo rio e por terra. Cautelosamente avançaram tres mil indios a distancia de tiro de arcabuz dos portuguezes e alli começaram a darlhes «una famosa surriada de arcabuzeria y flecheria». Ao mesmo tempo, a pouca distancia da estacada paulista construia-se outra. Sahiram os atacados a campo, tentando impedir a construcção da paliçada hespanhola, travando-se então brava peleja.

Diz o Padre Ruyer que fizeram os paulistas tres sortidas mallogradas tendo sempre sido acossados, a ponto de se refugiarem dentro do seu arraial. Ao mesmo tempo do rio eram tambem acommettidos por seis grandes balsas, con parapeitos fortes, bem armados de mosquetes «de onde los cañonearon y hizieron mucho daño». Quasi tres horas durou a refrega, até á noute fechada, perdendo os paulistas quatro homens brancos mortos e muitos indios e contando nas suas fileiras muitos brancos e tupys gravemente feridos. Tal o impeto dos indios riograndenses que chegaram por vezes a arrancar mourões da estacada para nella abrir brecha. Pretende ainda o Provincial que o inimigo se mostrava cansadissimo e desmoralisado ao ultimo ponto. Ouviamse os gritos de pavor das indias de seu acampamento, de que muitas havia feridas e maltratadas; acolá reinava a maior desordem. «Los mesmos Portugueses unos con otros reñian y se echaban maldiciones por aver venido a dar sobre nuestras Reducciones, viendo el estrago que nuestros hijos hazian en ellos e en su gente».

Com a noute cessou o combate: acharam os jesuitas mais prudente voltarem ás suas posições, embora já houvessem feito um grande lance de estacada e estivesse «el Portugues bien castigado y mal contento de la respuesta que a su carta se le dio» reponta ironico o Padre Claudio Ruyer.

Continuaram a 13 de março os combates do Mbororé. Fugiu aos paulistas um grupo de seus tupys indo entregar-se aos jesuitas. Havia entre elles um excellente arcabuzeiro e traziam armas e munições. Mandou o Padre Mola que embarcassem numa balsa e fossem exhortar os demais indios captivos dos portuguezes a que os imitassem «para gozar de la libertad que Dios y el Rei les daban».

Recebidos por forte fuzilaria a que violentamente contestaram surtiu comtudo excellente effeito esta acção que provocou a defecção de numerosos captivos dos paulistas.

A esquadrilha bloqueadora do Uruguay commandada pelo padre Juan de Porras inquietava dia e noute os de S. Paulo fuzilando-os incessantemente. Morreram no campo alvejado um branco que accendia fogo, outro deitado numa rede além de diversos tupys. Grande impressão causou a morte de terceiro paulista quando estava a ceiar. O projectil quebrou «el plato en que comia, le dio en el ombligo y lo mató logo». Receiosos das balas dormiam os de S. Paulo no chão e não accendiam mais fogo, á noute, chegando, no seu temor, a construir segunda estacada.

Emquanto isto bem resguardados pelas taboas grossas que as encouraçavam estavam as guarnições das balsas em condições de não soffrerem dos contrarios nenhum damno.

Procuraram os paulistas construir embarcações para as atacar mas ainda ahi tiveram desvantagem, e novas baixas, desistindo do intento. Uma ultima tentativa fizeram contra a esquadrilha das jangadas, numa sortida nocturna em canoas, das que lhes restavam, mas estava o Padre Juan de Porras attento pois «no reposaba andando em continua vela y cuydado» e percebendo a manobra deu aos assaltantes «tal rosiada que con desconcertada priesa salieron de las canoas y entraran a su palisada».

Por sua vez quiz o chefe jesuita tirar ao inimigo

os seus barcos. A' noute, mandou que nadando silenciosamente fossem alguns homens escolhidos captural-os. Mas só foram tomadas duas ou tres canoas. Estavam tão solidamente amarradas que se tornou impossivel tiral-as. E acharam-se além de tudo bem guardadas. Retiraram-se os guaranys, pois, protegidos pelas balsas que vieram soccorrel-os, fuzilando nutridamente os paulistas.

---

## CAPITULO VII

*Novas refregas — Retirada dos paulistas em pequenos grupos tenazmente perseguidos — Abandono do acampamento de Aracaguá — Desapparecem os bandeirantes do territorio ao sul do Uruguay — Ceremonias celebradoras da victoria jesuitica.*

Continuas refregas houve de 11 a 16 entre os dous exercitos: No sabbado, 16, sahiu do acampamento portuguez uma canoa arvorando bandeira branca, portadora de uma mensagem para os jesuitas que foi entregue aos indios da vanguarda. Mas estes «con deseo de que no tratase de concierto algun» picaram o papel em pedacinhos.

Vendo mallogradas todas as tentativas de composição ainda ficaram os paulistas mais assustados sabendo que a Tabay acabavam de chegar mais de mil e duzentos indios, vindos das reducções do Paraná, para occupar por ordem do Padre Romero uma posição afim de lhes cortar o passo. Tinham-se entrincheirado atraz de uma estacada e os paulistas lhes ouviram o rumor dos tambores e cornetas. Assim, cortada a retirada pelo rio, puzeram-se os de S. Paulo e os seus indios a destruir as suas canoas, com toda a furia e precipitação. Atacados pela esquadrilha jesuitica interromperam esta obra depois de uma escaramuça em que morreu mais um branco. Arrebentaram mais de cem, comtudo, das 250 que traziam, na maior parte tomadas

a indios ribeirinhos do Uruguay. Algumas dellas eram «hechas de mala figura, aunque de buen porte» commenta ironicamente o Superior.

Indo tres dos jesuitas ao arraial do Tabay visitar a gente que alli estava «y consolar los de la armada», chegou-lhes á fala um dos principaes paulistas. Exprobrou-lhe o Padre José Domenech e aos companheiros «afeando les su mala vida, ponderando les sus maldades y la descomunion en que avian incurrido, la deslealtad que a su Rey tenian haziendo estas entradas contra sus reales sedulas, comettendo en ellas tantos y tan enormes peccados, con que les tocó un punto de la eternidad». Aproveitou o ignacino o ensejo para perguntar se no seu acampamento não havia feridos mortalmente e offereceu-se para confessar os que estivessem «in articulo mortis».

Disse o official que sabia de onze nestas condições, brancos («que assi llaman a los Portuguezes») annota o Pe. Ruyer, além dos indios. Outro paulista que ouvia a conversa protestou: eram só dous os malferidos (pretendia dest'arte occultar a fraqueza de sua gente «y el daño que avian resevido de nuestros hijos»).

Não ousando mandar mais parlamentarios puzeram os paulistas novas mensagens dentro de uma grande cabaça, bem fechada «el qual nuestros hijos dexaron yr rio abajo sin tocarle con deseo de dar a tan malos hombres el castigo que merecian».

Reinava entre elles formidavel desordem; avolumavam-se as queixas e recriminações de uns contra os outros, dahi se gerando quasi que pendencias pelas armas; pareciam até «gente totalmente fuera de juizio y raçon».

Redundava aquella expedição em prejuizos enormes, totaes, e muitos bandeirantes havia endividadissimos, pois esperavam pagar os compromissos com «nuestros pobrecitos hijos si Dios no los defendiera y sus Padres con tanto cuydado».

Ah! não fôra a previsão do Padre Diego de Borôa armando como armara os indios com mosquetes, animando-os com incitamentos e exemplos e delles exigindo o maior rigor nos trabalhos preliminares para a defesa...

Começou a defecção dentre os paulistas. Houve um grupo que deixando o arraial da margem do Uruguay armou a certa distancia tranqueira, apparentemente de-

serta, a ver se apanhava algum indio, mas falhou este ardil. Aos fugitivos fazia-se furiosa caçada. Troços de indios, guiados pelos missionarios, não lhes deram repouso algum, muito embora cahissem então enormes chuvaradas. Varias vezes houve pequenas refregas e os paulistas sempre recuarem debandados ante a «braba bateria» dos contrarios. Nesta retirada morreram mais seis brancos e muitissimos tupys num entrevero que durou desde manhãsinha até ás duas da tarde.

A' rectaguarda da columna retirante ia um grupo de brancos armados de machados e escudos, rosteando os guaranys que perderam tres homens e tiveram mais de trinta feridos graves. Tantas foram então as baixas entre os tupys de S. Paulo que «parecia o terreno semeado com os seus cadaveres».

Um grupo de gualachos paulistas envolveu certa vez o Capitão General Don Nicolau Nheenguirû, mas a este acudindo sua gente, foram os gualachos todos mortos.

Diversos outros capitães guaranys escaparam tambem ao captiveiro, como Don Ignacio, de Acaraguá, Don Francisco Mbayroba de S. Nicolau.

A este libertou um indio de sua reducção, que prostrou o bandeirante seu aprisionador. Relata o Superior uma serie de pequenos incidentes para mostrar o espirito bellicoso de sua gente.

Segundo o Padre Ruyer terminou a perseguição em debandada geral, no meio de tremenda algazarra dos fugitivos que pediam misericordia.

«Dexad-nos yá capitan Nhenguirû, haced suelta tan de nos otros», imploravam. Dez homens mortos custaram aos guaranys oito dias de combates continuos! Perdiam os paulistas sessenta homens brancos além de uma enormidade de indios. Só um dia de retirada, e num só rancho, foram achados dez cadaveres de tupys, victimas de flechadas e arcabuzaços.

Ao proseguimento da perseguição obstaram a difficuldade do terreno, a nevoa e o cansaço, mas os retirantes soffreram horrores pela fome, pois haviam perdido os viveres da expedição e não pouderam apanhar uma unica espiga de milho das plantações dos seus adversarios. Passaram a viver de palmitos. Em cada acampamento diario ficaram numerosos abandonados, feridos e enfermos, ou gente tão fraca que apenas podia mexer, reduzida ao estado de esqueletos. A muitos

destes invalidos malferiam os camaradas, que proseguiam na retirada, procurando matal-os. A outros deixavam sem uma só espiga de milho, sem um trapo para se cobrirem. E fazia um frio terrivel... Mandaram os missionarios recolher muitos destes largados, entre os quaes numerosos padeciam de camaras de sangue, e trataram-nos com carinho. Tal o panico, affirma Ruyer, que pelo estado de confusão de espirito dos debandados deu-se o caso de se entreverarem dous grupos de paulistas julgando combater o inimigo, dahi lhe provindo numerosas baixas. Grande regalo foi o dos tigres e jaguares que acompanhavam os fugitivos, cevando-se nos cadaveres dos que iam tombando pelo caminho.

Muitos escravisados foram libertos como certa india que, encontrada exinanida com uma filha pequenina ao peito, confessou não comer havia dez dias.

Constando-lhe que havia ainda um partido forte de paulistas na vizinhança, em Acaraguá, ordenou o Padre Ruyer que marchasse uma columna de 1.200 homens a enxotal-o, commandada pelo Pe. Pedro de Mola a quem acolytavam mais quatro jesuitas. Na vanguarda, como explorador, sahiu o capitão Don Ignacio. Seguindo as pegadas dos paulistas encontrou muitos indios feridos e extraviados, homens e mulheres e afinal na quarta feira de trevas encontrou uma guarda avançada inimiga a quem aprisionou.

Levados os prisioneiros á presença dos Padres contaram que sua gente, apenas passasse a Paschoa, deixaria o Acaraguá, em direcção ao affluente do Uruguay chamado Guarambaca. Dahi partiriam uns em direitura ao Iguassú, outros para o Salto, rumando em direcção a S. Thereza para visitar as taperas de Jesus Maria, Caamo e Caaguá; outros ainda pretendiam ir Uruguay acima «arrebuscar los pueblos de los infideles».

A' tarde de quinta-feira resolveram os Padres surprehender o acampamento paulista que para mais segurança se transferira para a margem direita do Acaraguá. A' esquerda ficavam alguns tupys de atalaia. Foram apanhados de surpreza e cahiram quasi todos presos. Conseguiram alguns comtudo atirar-se ao rio e a nadar, attingir o acampamento de seus senhores.

Estavam então os paulistas occupados em exercicios devocionaes provocados pela santidade do dia; faziam a Via Sacra. «Estaban occupados en lebantar cruces hacer calbarios, enramar arcos y andar estaciones, di-

ziendo a los Indios que nuestros hijos no los acometerian en dias tan santos y quietos».

Assim veio a noticia pol-os em polvorosa.

«Assombrados de tan inopinado successo hizieron suelto de los altares, interrompieron sus estaciones, desempararan sus calbarios, y se retiraron a los montes tratando luego de hir aquella mesma noche».

Deu-se então enorme debandada de tupys, gente que desejava «como agua de Mayo la venida de nuestros hijos.» Fugiram uns em direcção ao acampamento jesuitico, por terra, ao passo que os outros o faziam a nado. Apavorados com a ideia de perderem toda a sua gente vermelha gritaram-lhes os paulistas que não se fossem, «haviam recebido carta dos padres avisando de que enforcariam todos os transfugas, já estando a igreja de Acaraguá cheia de cabeças de enforcados; breve se ajustariam as pazes e os transfugas seriam devolvidos e castigados; e além de tudo era certo de que a nenhum pouparia a sanha dos neophytos da Companhia». Alguns estupidos e medrosos ouviram taes conselhos, commenta Ruyer mas a immensa maioria não quiz acreditar em semelhantes avisos «teniendo los por calificadas mentiras y patrañas diziendo no poder persuadir-se que Padres tan amorosos suyos como los eran los de la Compañia de Jesus, y avian sido siempre, se mudasen asi de repente». E desertaram levando comsigo roupas, redes, tudo enfim o que da bagagem de seus amos puderam apanhar.

Na sexta-feira santa de 1641, dia immediato do abandono do porto de Acaraguá pelos paulistas, cessaram as operações bellicosas. Todo o exercito jesuitico se occupou com as praticas devocionarias do dia. Pregou-se-lhe a Paixão que ouvida foi com a maior attenção, «acompañando el predicador con lagrimas, gemidos e actos fervorosos de contricion que consolaba a los Padres el berlo. A lo qual se siguieron muchas confessiones de manera que mas parecia congregacion devota que exercito de soldados victoriosos».

Em commissão arriscada de reconhecimento partiu aquella noute o capitão Ignacio Abiarú com dous homens afim de reconhecer o estado das forças retirantes. Muito apprehensivos deixou os seus amigos jesuitas que fervorosamente haviam rezado muito para que nada de mal succedesse ao tão fiel amigo. Na manhã seguinte voltava Abiarú confirmando as noticias da fuga

desabalada dos portuguezes. Iam quasi já sem gente. Era o que lhe dissera, aliás, um dos transfugas, certo capitão de tupys paulistas que, apesar de por elles muito estimado e tratado como se um dos seus fôra, desertara, «cansado de aquella vida vestial que entre los Portuguezes tenia y deseoso de vivir como christiano».

Aconselhou o tal tupy que os guaranys não continuassem a perseguir os retirantes. Era o caminho da fuga asperrimo e talvez dahi decorresse perigo de emboscada. Mas os indios ,depois da missa de Paschoa e communhão geral não se contiveram e ainda sahiram ao encalço dos bandeirantes a quem comtudo não apanharam. Recolheram porém innumeros retardatarios e desgarrados de sua columna, todos em miseravel estado de nudez e desnutrição.

A muitos destes recolhidos mal tiveram os Padres tempo de baptisar, pois foram encontrados moribundos.

Continuou a perseguição na segunda de Paschoa. Queriam os Padres emprehendel-a pessoalmente mas os guaranys a tanto se oppuzeram de modo formal. Proseguiram na faina de recolher os restos da antiga chusma de apresados dos paulistas e ainda obtiveram abundante colheita de desgraçados. Estava entre elles uma moça atrozmente queimada nos pés. pelo seu senhor, que a vira impossibilitada, pelo cansaço e a fraqueza, de o acompanhar. Abundavam os cadaveres pelas mattas ,com signal de violencias; corpos de velhos e velhas e tambem de moços, victimados pela faca e o cacete. Chegaram os guaranys a recolher transviados junto á nova estacada dos paulistas; com a maior alegria os transportaram, embora muitas vezes moribundos, para dar a seus missionarios o immenso prazer de os baptisar.

As ultimas noticias que do exercito paulista chegaram a seis de abril de 1641, diz o Padre Ruyer, é que nelle havia bandos inteiros de estropeados arrimados a muletas, volvendo humildes a sua villa natal» se é que alli chegariam.»

Finda a campanha, expulsos os inimigos dos limites da região das reducções do Uruguay celebraram-se nas aldeias solemnes cerimonias religiosas.

Em S. Francisco Xavier cantou-se magestoso «Te-Deum»; e o de S. Nicolau onde estava Ruyer não

foi menos imponente; e o mesmo se realisou em todas as reducções. Houve depois solennes missas de requiem pelos mortos em combate. Fechando a sua longa epistola avisava o Padre Ruyer que ia enviar, Uruguay acima, o Padre Christovam de Altamirano para arrebanhar o resto da gente que fugisse dos portuguezes, a acudir aos enfermos e desgarrados e certificar-se do rumo definitivo tomado pelo inimigo.

Annunciava ainda que brevemente se inauguraria uma nova missão na Serra. E piedosamente attribuindo tão assignalada serie de victorias contra o temeroso inimigo, á intercessão fervorosa de muitos missionarios e á do seu superior, o Padre Provincial Francisco Lupercio de Zurbano, dizia Ruyer que ouvira Deus «las ordinarias y extraordinarias oraciones de V. Rª. y todo la provincia. Ellas son las que dieron animo a nuestros hijos; ellas las que nos defendieron con confusion grande de nuestros enemigos» pois ajudados pelo Todo Poderoso e a intercessão do Santo Padre S. Francisco Xavier, «nuestros hijos son otros en valor, brio y esfuerso, y bien lo an mostrado pues an hecho rostro a mas de trecientos y sinquenta Portugueses y mas de mil y docientos tupys tan bien armados y prevenidos y que avian salido con animo de acabar con todas las Reducciones, pero no lo permittio Nuestro Señor que ayuda a los Pobres».

E realmente tal brio haviam os guaranys demonstrado na peleja que o Irmão Domingos de Torres, veterano do exercito hespanhol, affirmava: «soldados de Flandres no lo havian mexor». Até os proprios paulistas, espantadissimos, diziam que lhes parecera não enfrentar indios e sim hespanhoes. Nunca imaginariam ver tão luzido e numeroso exercito, dispondo de tantos arcabuzes e gibões de armas.

E na plenitude da victoria, entumescendo-se-lhe o peito de confiança, após aquelles dias de sobresalto e violencia, lembrava o Padre Ruyer que os seus indios pareciam para sempre escapos ao jugo paulista. «Com o que, afinal livraram-se do poder de tantos sertanistas do Brasil, homens que empregaram a vida a destruir pueblos de Indios, homens que arruinaram a christandade do Guayrá, serra do Tape, Pinhaes e parte do Uruguay, homens que, confiantes em suas armas, já contavam ter a posse de todo o Uruguay, e ac-

crescer a sua destruição á do Paraná, homens que brazonavam enviar ás suas terras os Padres e até matal-os ou pelo menos leval-os manietados, depois de lhes arrebatar os seus queridos filhos, homens que levados pela paixão, cega e louca, se jactavam e compraziam, como se ja tivessem em mãos as mulheres e filhos dos pobresinhos dos Indios, de quem contavam muito a salvo gozar não se empecendo de o dizer aos proprios maridos e paes; homens que traziam montões de correntes e gargalheiras, anjinhos e algemas para que os vencidos ficassem em miseravel captiveiro, homens tão desalmados que em brados declaravam aos missionarios que os matariam a escopetaços, na forca ou pelas flechas!

Aquelles mesmos que, tão empafios e soberbos, berravam que destruiriam os pueblos dos hespanhoes, foram vencidos, destruidos e afuguentados pela mão poderosa do Senhor que por instrumento tomou aos pobresinhos dos nossos filhos!»

Triumpho soberbo, o da christandade do Uruguay!

«Destroçados os seus assaltantes» longe de deixarem as reducções destruidas, como orgulhosamente promettiam, deixavam-nas augmentadas! com o melhor da gente e quem haviam captivado! Era uma intensa dor de coração que agora confessavam lastimando-se ter vindo á procura de lã e voltado tosquiados».

Era por isto que de todas as reducções subia aos ceus um cantico fervorosissimo de jubilo e gratidão, «a Nosso Senhor pela multidão de mercês que de sua liberalissima mão se esparzira em tal occasião».

E ninguem esquecia o que valera tambem, em tão grave conjunctura o peso das orações de toda a Provincia jesuitica do Paraguay e do seu Provincial, «que con tantas veras nos an ayudado, y alcansado con sus oraciones, de Nuestro Señor esta victoria, en la qual an quedado muertos, heridos y afrentados la flor de los certanistas de San Pablo y del Brasil, enemigos declarados desta afligida christiandad y de sus Padres».

Tal o relatorio tão extenso quanto interessante do Padre Superior Claudio Ruyer que longamente analysámos, certos de que se trata de um dos mais importantes documentos dos fastos do bandeirismo.

E' contemporaneo dos acontecimentos que narra, assim se torna precioso pela vivacidade e precisão de in-

formes. Exemplifiquemol-o adduzindo um unico e ultimo argumento: levam os autores de historia do Paraguay o numero dos paulistas a seiscentos e a quatro mil os seus tupys, como ainda o repete Teschauer. Ruyer, testemunha ocular, reduz estes algarismos dignos de um exercito xerxesiano a 350 brancos e 1200 tupys.

---

## CAPITULO VIII

*Novos documentos sobre Mbororé — Pesquizas de Pablo Pastells — Analyse de cartas jesuiticas — Relatorio do Provincial Zurbano ao Geral da Companhia de Jesus.*

Documentos paulistas e portuguezes sobre a batalha de Mbororé jamais os vimos, nem cremos existam, numerosos e circumstanciados. Comprehende-se bem porque. Trata-se de enorme desastre das armas paulistas a uma distancia immensa, em pleno sertão. E os bandeirantes além de tudo eram muito pouco affeitos á escripta, occorrendo ainda a circumstancia de que as entradas eram prohibidas pela legislação coetanea.

Pormenores novos sob Mbororé além dos das relações dos antigos jesuitas fornece-nos o precioso livro de Pastells. Agora se completam com mais alguns documentos ineditos do Archivo General de Indias de Sevilha, que trazem contribuição de real importancia.

Quatro documentos notaveis e ineditos estampou o padre Pastells que aliás parece não ter encontrado no Archivo General de Indias a carta de Claudio Ruyer. E' um delles o depoimento de uma testemunha presencial do prelio, o irmão leigo Simon Mendez numa carta a outro leigo da Companhia, Diego de Molina em Sevilha.

Depois de referir as violencias feitas no Rio de Janeiro, Santos e São Paulo contra os jesuitas, em virtude da publicação da Bulla de Urbano VIII relata que estava elle, Mendez, no Rio de Janeiro ainda com o

padre Tanho quando avisaram a este da partida do exercito paulista para o sul, 400 homens brancos e 2000 tupys. Dera-se Tanho pressa em partir, fizera rapida viagem a Buenos Ayres e tivera tempo de mandar avisar os confrades das diversas reducções, que concentrassem forças. Reuniram elles umas 400 escopetas. Em principios de março de 1641. appareceram os paulistas. Tinham cerca de 600 canôas e desciam o Uruguay; haviam perdido cerca de 300 barcos numa grande cheia do rio. Ao seu encontro marcharam os padres com 800 indios, em cerca de 80 canôas. A 11 de março, travou-se a refrega. A capitanea jesuitica levava á prôa um canhãozinho e á pôpa desfraldava a bandeira de São Francisco Xavier. Aos primeiros disparos da peça foram tres canôas dos paulistas postas a pique.

Os riograndenses, diz o irmão Mendez, usaram de um estratagema «q. fúe dexarlos venir cargando sobre ellos hasta cierto paraje, para luego dar sobre ellos». Nesta primeira refrega sahiram os bandeirantes vencidos, perdendo 14 canôas e muita gente afogada. Para mais de 60 mortos e numerosissimos feridos. Recolheram-se ás pressas, para a sua paliçada. Pretende o irmão Mendez que os seus só tiveram oito feridos o que, com certeza, não deve ter sido muito exacto.

Navegando em rumo do porto do entrincheiramento paulista tomaram os indios missionarios innumeras canôas ainda.

Afinal retiraram-se os sertanistas ainda, abandonando muitas embarcações. «Recogeron los nuestros todo lo que avia quedado del enemigo, dando mil gracias a su divina Magestade de tan gloriosa victoria de tan soberbio enemigo».

Oito dias estiveram as duas forças em presença e afinal arrancaram os paulistas em fuga para o Norte. No fim de alguns mezes appareceu nova bandeira, mas pequena, com dez brancos e alguns indios. Cercada pelos hespanhoes perdeu cinco dos brancos, tomando os vencedores todos os seus despojos. Uma outra partida de 150 homens, dias depois, atacára uma segunda bandeira paulista, fortemente entrincheirada e depois do combate, forçára os invasores a fugir.

Esperava-se, porém, a volta dos paulistas com immensas forças. Dia e noite fabricavam-se armas de fogo nas reducções. Já havia mais de 500 promptas e o padre Domingos Torres era o instructor militar dos

ião tomaram elles aos mamalucos 300 dos seus ...vos.

...ulgavam os ignacinos que os inimigos já estavam ...ge quando surgiu uma segunda esquadrilha sua, em... pequena. Mandaram o capitão Ignacio, cacique ... deia de Acaraguá, com 50 homens a reconhecer ..., e este verificou que os paulistas tratavam de ...uir forte, perto das reducções, que lhes serviria ... se ás operações guerreiras. Surprehendeu-os Igna... os derrotou, matando varios brancos. Tomou-lhes ... 46 prisioneiros indios muitas canôas e vultosos ...jos.

...erminando a sua carta, a 9 de novembro de 1641, ...a de uma das reducções annunciava o padre Ta... ...ue tinha como certa a volta dos paulistas.

...as os seus indios viviam em exercicio militar e ... apercebendo de armas com grande confiança na ...uação de tão felizes successos!

... 20 de fevereiro de 1642, estava o padre Tanho em ...uenos Ayres de onde tambem escrevia ao irmão Dieg... de Molina.

...ccrescenta ahi alguns pormenores, fala de um segund... encontro dos seus indios com os paulistas, egualmen... desfavoravel a estes, que haviam perdido muita gent... e abandonado um segundo entrincheiramento.

...eferiu ao padre geral da Companhia ,então Mucio V...telleschi, todos estes acontecimentos, o padre Provinci... Lupercio Zurbano, successor do padre Diego de Borô..., no seu relatorio annual da Provincia do Paraguay... E' um manuscripto até hoje inédito, de que Pastells ...rou preciosas notas. Estava Zurbano em Buenos Ayre... vindo de Lima a Tucuman, Cordoba, etc., e relata ...s «nuevas de aquella famosa victoria que los nues...os alcançaran de los crueles enemigos de S. Pablo»

...ra a elle que escrevera Claudio Ruyer.

S...gundo o provincial, eram os paulistas 400 e seus tupys 2700.

S... o Provincial se guiava pelo depoimento de Ruyer, a pr...osito do numero dos inimigos, praticara a regra de q...m conta um conto... E realmente não são estas as ci...as de Ruyer.

H...viam os jesuitas reunido muita gente, cerca de 4200 ...idios, sendo porém, os brancos, do seu exercito, m...to poucos. Ancorára a flotilha paulista em Aca-

raguá, a um dia de Mbororé, onde acampavam os reduzidos e os seus padres.

No dia 11 de março desceram os paulistas o rio, fazendo enorme algazarra, «con grande orgullo y griteria, con mais de 300 canoas, que llenaban todo el rio, appellidando victoria segun bogaban ufanos adelante».

Havia quatro canôas jesuiticas de sentinella. Ao presentir o inimigo partiram a toda voga, a dar aviso aos seus, da chegada do inimigo. Seguiram ao seu encontro cinco canôas da vanguarda. A certa distancia intimou o cacique d. Ignacio Abiarú, general das forças jesuiticas, aos paulistas que parassem e retrocedessem. Alli estavam elle e os seus indios para defender «sua liberdade, suas Igrejas e missionarios». Foi então que da capitanea jesuitica, onde fluctuava a bandeira de S. Francisco Xavier, partiu o disparo do canhão que provocou o despedaçamento das tres canôas dos mamalucos. Os paulistas, atordoados, quizeram abicar os seus barcos e pôr sua gente em terra. Cahiram então na emboscada preparada á margem do Uruguay. Recebidos por viva fuzilaria, reinou entre elles a maior desordem. Assim mesmo desembarcaram, travando-se «tan sangrienta batalla que duró hasta la noche que con sus tinieblas solo pudo departilos». Perderam os paulistas doze brancos e «muchisimos tupys» e os seus adversarios tres homens e alguns poucos feridos.

Houve depois diversas refregas, sempre favoraveis aos riograndenses. Mandaram os invasores por cartas pedir tréguas. mas os seus mensageiros foram recebidos a bala.

Mantinham-se os paulistas entrincheirados e seus adversarios faziam uma contra palissada para os bloquear e obrigar a render-se, quando occorreu tremenda tempestade. Aproveitaram-se os de S. Paulo do occorrido e retiraram-se através da espessa matta vizinha. Perseguiram-nos os vencedores. Tal a aspereza da floresta que elles só haviam conseguido vencer uma legua num dia. Assim foram cercados e ahi houve então uma refrega, desde a manhã até ás duas da tarde, a arma branca. Perderam os indios das reducções, oito homens mortos e 40 feridos. «El daño q, recebió el enemigo fué sin comparacion maior, pues quedó todo aquel bosque lleno de cuerpos muertos principalmente de los Indios Tupis; y hubieran acabado, con todos nuestros balerosos indios si yá cansados de romper con la es-

pessura de aquella breña, no hubieran dexado huir infamemente a los enemigos de S. Pablo que si iban lamentando de su mala suerte y desgraciada fortuna....»

Depois de commentar deste modo, rapidamente, os successos de guerra, referia o padre provincial que por informações vindas do Brasil, de pessoas veridicas, passadas a Buenos Ayres, haviam os paulistas perdido nesta infeliz campanha 120 homens brancos, não só em combate, como extraviados e devorados por féras e ainda por tremenda chuva de pedras que apanhára a sua columna retirante no campo.

Tal a sua dispersão que haviam alguns ido parar nas reducções dos Ytatins! A mortandade dos tupys, esta fôra terrivel, não só em combate, como pelo caminho. E numerosissimos destes auxiliares dos paulistas se haviam acolhido á sombra da protecção dos jesuitas, nas reducções, «por las horrendas crueldades que con ellos usaban» os seus senhores agora vencidos. Apenas sabedor de tão notaveis occurrencias, partira elle provincial para o theatro da campanha, de onde não tardaria a mandar novas e curiosas informações.

As que aqui ficam exaradas apoiam-se indubitavelmente no relatorio de Ruyer mas parece-nos que tambem para ellas serviram outras fontes informativas.

## CAPITULO IX

*Os Annaes manuscriptos do Padre Lupercio Zurbano — Novos pormenores sobre os successos de Mbororé.*

Ainda divulgou Pastells sobre a batalha de Mbororé e successos a ella posteriores, numerosos pormenores ineditos, copiados dos «Annaes» manuscriptos do padre Lupercio Zurbano. Refere este autor a viagem de visita que fez «a la reduccion famosa del Bororé q. ha de hazer aun mas gustosos que hasta aqui estos presentes anales».

Dirigiam-na ,então, os padres Joseph Oregio e Christovam de Altamirano,

Contava 380 familias e 1300 almas pouco mais ou menos. Havia muita piedade entre os reduzidos «famosos pelo seu fervor christão e celebres pelo valor de suas armas» tendo sido ella o «fiel testemunho daquella victoria insigne alcançada sobre as armas portuguezas».

E, a tal proposito, cáe o padre Lupercio em verdadeiros dithyrambos: «Aqui se fez temer o Guarany do mais insolente inimigo! aqui se viveu em vigilia de armas durante muito tempo e a muita distancia! aqui se redimiram muitos dias de captiveiro depois da derrota dos invasores! aqui foi o theatro das mais terriveis tragedias! aqui padeceram innumeros trabalhos de guerra os padres Altamirano e Gallego! aqui como touros enfurecidos correram pelos montes bramindo, desesperadamente, os portuguezes de S, Paulo, farpeados pelos bravos indios!

Continuava a sorte das armas muito propicia aos guaranys.

Haviam os paulistas descoberto o refugio de numerosos escapos á destruição de S. Thereza e cahido sobre os indios. Mas estes «viendo que yba muy sangrienta la batalla usaran de una estratagema digna mas de unos soldados de Flandes que destes barbaros yndios».

Entregaram-se aos paulistas que, de tão alegres, apenas manietaram alguns dos seus novos prisioneiros. A' noite, os outros soltaram os amarrados e atacaram os seus apresadores «matando una buena tropa delles» e de seus tupys, obrigando o resto a fugir, reduzida a uma meia duzia de individuos, dispersos por aquellas mattas enormes.

Haviam chegado, continuava o padre Lupercio, á reducção de Mbororé noticias ainda de outros fracassos do inimigo; o exterminio de uma partida de dez paulistas e numerosos tupys, dos melhores soldados de Jeronymo Pedroso. Na mesma occasião se soubera da morte desastrada deste cabo da bandeira que pelo modo do Provincial se exprimir deve ter sido o general do exercito paulista.

E' o padre Altamirano communicava que, aos batidos e fugitivos de Mbororé, davam terrivel caça os indios gualaxos «a quienes Nuestro Señor por sus justos juicios, ha tomado por instrumento para castigar a estes malos hombres de San Pablo». Muitos paulistas haviam então figurado nos festins anthropophagicos dos gualaxos. Mortos com a maior crueldade «les quitaron tola la carne de las pantorrillas, musculos y braços para comersela y despues quemaron los huesos, y con las cabeças de los muertos las pusieron por trofeo encima de los caballetes de sus casas pelaranles las barbas y colgaron las por las alar de los tejados en odio del mal que les avian hecho los dichos portuguezes. De los cuales otra tropa que acertó pasar por ali, viendo tan horrendo espetaculo, en los de su nacion, despues de grandes lastimas y llantos los enterraron».

Mas a esta segunda bandeira tambem occorrera uma série de desgraças. Haviam perdido muita gente, numa refrega, com os gualaxos que lhes aprisionaram muitos de seus tupys e depois inimigos como eram dos guaranys, os mataram sem piedade. Os restos da bandeira paulista «despues de muchos encuentros que tuvieron con los Gualachos una noche se escaparan, y al huir-

se ellos, se les huyó mucha gente del rio arriba, de la qual mataran mucha los Gualachos reservando las mugeres para su torcidos intentos q. son si siempre por este fin privilegiadas en semexantes encuentros»,

Impressionado relatava o padre Altamirano as scenas horrorosas occorridas no valle do Tebiquary (o actual Jacuhy).

«Pone horror el contar las crueldades que han hecho los Gualachos en esta pobre gente, y no menor espanto do oir la maquina do cuerpos muertos q. ay entre nuestro rio Uruay tierras de los Gualachos y las manadas de tigres que se sevan en sus carnes, despedaçando a los yndios vivos q. andan descaminados por aquellos montes. Dios aplaque su justa ira y se compadesça de aquellos pobres».

Agora vinha a parte sobrenatural destes acontecimentos pavorosos: E' das mais pittorescas, relatando as scenas extraordinarias comprovadoras do castigo soffrido pelos paulistas no inferno.

Em primeiro logar por toda a parte onde tinham estado os malditos mamalucos surgia uma multidão de guzanos que empestavam «toda la tierra que han pisado los sacrilegos pies de los de S. Pablo».

Nada deixavam estes nojentos bichos florescer ao passo que ao lado dava «muy saçonados frutos, la tierra circumvezina que no hollaron sus (dos de S. Paulo) plantas». Devotamente annotava o annalista: «cosa que por ver-se con los ojos y tocar-se con las manos, causa mayor pasmo al entendimiento y veneracion a los juicios de Dios».

Mais muito mais terrivel do que isto eram as scenas espectraes, a que muitos indios, dellas testemunhas nocturnas, no local dos antigos acampamentos paulistas se referiam espavoridos. Accumulando prodigios sobre prodigios permittira Deus «que em todos os logares onde tinham acampado os portuguezes de São Paulo se ouvissem, durante tres annos, o entrechocar de espadas e escudos, retinir de armas, confusão de vozes e gritaria «do que tiene amedrentado a todos los yndios de la tierra».

E diziam estes indios que haviam distinguido perfeitamente no meio desta algazarra as vozes lamentosas e recriminadoras dos precitos. «Por vós outros nos vamos nós outros nesta desventura», diziam umas, ao que lhes contestavam outras: «Não é assim, somos nós

que por vós outros nos vemos agora em tanta desgraça!» E logo depois era um infernal retinir de armas e um estrondo tal de espadas e escudos que lembrava o que dois exercitos entreverados fazem.

«Todo lo qual ha puesto tan estupendo miedo y pavor a los yndios que habitan aquellas paraxes, q. antes de ponerse el sol se suelen vénir al Puéblo no atreviendo de medo a quedar-se por ali de noche» commentava o Provincial.

«Procuravam os indios, sabedores destes factos, explical-os e os mais acertados «suspeitavam» e não sem fundamento que aquellas vozes repetidas, alternativamente, a córos, embora tão descompassadas e tristes, fossem dos defunctos portuguezes de S. Paulo e daquelles indios Tupys que tomam por instrumentos para estas invasões contra as nossas reducções lançando-se uns aos outros a culpa das desgraças e calamidades, mortes e desventuras que uns e outros padeceram na ultima batalha e depois della, por permissão e alta providencia de Nosso Senhor a qual devia ter dado pouso no Inferno áquelles miseraveis homens e crueis inimigos, naquellas mesmas terras testemunhas de horriveis crueldades e tyrannias usadas para com estes indios pobresinhos, em invasões repetidas de tantos annos».

Terminando estes informes curiosos relatava o Padre Zurbano que apesar da victoria completa de Mbororé numerosos indios das reducções amedrontados, se haviam espalhado pela selva. Que trabalho recolher, para os celleiros do céo aquellas espigas que os segadores de Satanaz, a saber os Portuguezes de S. Paulo, haviam esparramado pelo espaço de dois annos, graças ás suas correrias! «O padre Altamirano tinha conseguido reunir 600 destes dispersos muitas vezes occultos «por los arroyos y montes espesos donde se avian escondido de miedo». Mas á custa de prodigioso trabalho e incalculavel fadiga. Chegara a fazer viagens de um mez inteiro, andando 70 leguas, por entre espessos bosques, atravessando correntosos rios, frequentemente invadeaveis, á busca dos seus parochianos dispersos que agora andavam «como fieras silvestres, por aquellas selvas, huyendo de los lobos carnizeros de S. Pablo».

Os paulistas apesar de tão dura licção de Mbororé não desanimavam. Não queriam «bolver-se a su tierra con las manos vasias».

E assim sabendo que havia muitos indios espalha-

dos apressavam-se «para recoger, primero que los nuestros, los yndios que andan en tropas e manadas como de animales por aquelles montes».

E para o fazerem serviam-se de muitos estratagemas. Assim em Varumbacá «sitio de mucho gentio» se haviam dito soldados do cacique d. Ignacio Abiarú, o chefe vencedor de Mbororé.

«Pero la mas diabolica estrataxema q. estos descolmugados enemigos han usado» continuava o Provincial «foi quando por duas vezes tentaram surprehender o Acaraguá, mandando annunciar aos indios que vinham entre elles missionarios para os baptizar».

Mas não surtira effeito o plano «de aquelles misioneros fantasticos del infierno y declarados enemigos de misioneros verdaderos».

---

## CAPITULO X

*Mais alguns depoimentos ineditos sobre os successos de Mbororé — Papeis do Padre Thomaz de Ureña.*

Na «Peticion presentada por el P. Thomas de Ureña, Procurador General de la Companhia de Jesus, al Teniente General y Almirante de las Provincias del Rio de la Plata Don Luiz Aresti», a nove de janeiro de 1644 sob o titulo de «Informacion de la victoria contra los Portuguezes» encontram-se ainda informes curiosos e ineditos sobre a batalha de Mbororé.

Começa o padre Ureña declarando que deseja fazer informação juridica e authentica «ad perpetuam» rei memoriam» para dar contas ao rei do que haviam obrado os indios das reducções da Companhia «estorvando y defendiendo el paso a los enemigos portuguezes revelados de la costa del Brasil, capitania de Santos, San Vicente y San Pablo».

A petição inicial é de Buenos Ayres, da data acima citada.

Relata Ureña que, em 1641, haviam apparecido mais de 400 portuguezes seguidos de mais de 3000 indios guerreiros com muitas armas e munições.

E os indios reduzidos, sem auxilio de pessoa alguma, haviam defendido os seus pueblos, matando muitos paulistas, dispersando os demais, feito uma hecatombe de seus indios e tomado as embarcações, com as quaes haviam baixado pelo Uruguay, além de muitas armas e petrechos bellicos, depois de os desalojarem

dos postos e sitios em que se haviam fortificado. Graças a esta victoria não fôra Buenos Ayres tomada pelos paulistas nem o Paraguay, Santa Cruz de la Sierra e o Perú invadidos. Assim queria um instrumento juridico documentando os serviços inestimaveis dos seus indios salvadores do dominio hespanhol na vertente atlantica. Arrolando testemunhas para o seu processo a primeira que depoz foi certo Miguel Vidal, hespanhol de Alicante.

Relatou que vivera no Rio de Janeiro em 1640 e 1641. Alli chegando a noticia da restauração de Portugal e da rebellião do «tirano Duque de Verganza» presenciara a adhesão dos cariocas e o movimento nacionalista.

Resolveu então voltar á Hespanha mas como não achasse navio seguiu para Loanda de onde o seu barco devia levar negros para Carthagena de las Indias. Chegado a Angola assistira ao assalto da cidade pelos hollandezes que nas suas forças traziam 300 indios de Pernambuco. Deixaram os batavos, depois da tomada da praça, que se retirasse para o Brasil.

Da Bahia, onde aportara, viera ao Rio; a Santos e desta villa pelo littoral, a Itanhaem que então tinha cerca de 200 vizinhos a Iguape que contaria uns 150 como Cananéa 100. Passara depois por Paranaguá.

Em todo o littoral notara vestigios das scenas horriveis do trafico. Estava a costa deserta, havendo os indios fugidos dos traficantes. Encontravam-se a cada passo ossadas pelas mattas e ruinas de tabas.

Em S. Francisco do Sul só havia sete ou oito moradores. Alli lhe disseram que a cem leguas, pelo lado de oeste, havia um posto de paulistas com 400 homens e 3000 arqueiros. Convidaram-no a que se associasse á empresa dos paulistas que pretendiam effectuar uma campanha cuja duração devia ser de quatro annos ou mais. Deixando S. Francisco partira então para o Sul costeando em sua embarcação e penetrara na barra do Rio Grande e Lagôa dos Patos.

Percorrera a zona das aldeias missioneiras, recem-assoladas pelos paulistas e cujas ruinas vira, cheias de ossos e caveiras de indios. Marchando para Oeste attingira o rio Tipuca, que tambem chamavam Tebicuary onde houvera muitas e florescentes aldeias jesuiticas, agora todas desertas e destruidas. Continuando a marcha para Oeste, inesperadamente encontrara um

bando de paulistas, cerca de sessenta, destroçados e fugitivos.

Havia entre elles vinte escopeteiros. Contaram-lhe que «habian peleado con los indios de las reduciones del Uruguay de los Padres de la Compañia y que les habian muerto mas de dos mil indios sin otros muchos que seles pasaron a los padres, y que quitaron y perdieron muchas armas de fuego y novecientas canoas que habian traido el rio abajo hasta las dichas reduciones y muertos algunos compañeros suyos y elles se habian retirado porque Juan Perez, su capitan, se habia retirado con otro trozo de gente para San Pablo».

Aprisionado pelos paulistas fugitivos e por elles desarmado fora obrigado a acompanhal-os na sua marcha durante quatro mezes até que um dia pudera fugir-lhes, em companhia de outro hespanhol, guayrenho, que havia dez annos estava em sua companhia. No fim de 19 dias de penosissima marcha tinham conseguido chegar á reducção destruida de Santa Thereza de onde os paulistas haviam sacado dez mil prisioneiros.

O companheiro que se fazia acompanhado de 4 indios e uma india seus captivos, foi por estes assassinado emquanto dormia. Depois deste crime haviam-no os indios aggredido mas conseguira defender-se e fugir. Vagara então semanas e semanas pela selva por toda a parte enxergando ruinas causadas pela invasão paulista.

Depois de muito tempo conseguira atravessar o Uruguay a nado, perdendo então os seus papeis, indo afinal ter á reducção de Concepcion onde escapara de ser morto pelos reduzidos certos de que era paulista. Os sessenta paulistas seus aprisionadores lhe haviam confirmado a existencia do entrincheiramento com 400 homens e 3000 indios de que tivera noticia em S. Francisco do Sul. Achava-se situado no territorio que foi litigioso entre o Brasil e a Argentina e outróra chamado de Ibituruna pelos paulistas.

Em Concepcion notou Miguel Vidal quanto estavam os indios bem armados de arcabuzes, mosquetes, alfanges, lanças, escudos e quanto se achavam bem exercitados, fazendo manobras militares uma vez por semana dirigidos pelos padres. Possuia a reducção um pedrez.

Disse-lhe o padre director que as outras aldeias

ainda dispunham de elementos de defesa mais solidos por se acharem mais perto do inimigo.

Relatou Vidal ainda que durante o seu captiveiro entre os paulistas, delles ouvira mil pormenores sobre a campanha de 1641 e a sua terrivel derrota. Eram 400 brancos e 5000 indios frecheiros e tinham perdido immensa gente. Só indios, 2000, na batalha de Mbororé. Pena que este hespanhol não haja tagarellado largamente em vez de ser tão laconico.

Mas era do tempo esta restricção de palavras.

Assim mesmo nos conta que a gente de S. Paulo lhe referira ter sido o seu intento invadir o Paraguay. e apossar-se de Assumpção como já havia feito com Villa Rica, Ciudad Real e Gibraltar (?) (Xerez, provavelmente). Nas suas correrias anteriores «habian muerto muchos castelhanos que se opusieran a defender las dichas ciudades y villas».

Logo depois depunha o biscainho Domingos de Aguirre maritimo que declarou ter vivido bastante tempo em Santos e havia pouco.

De muitos paulistas, ouvira lamentosos écos do fracasso de Mbororé «pesada refriega, cosa lamentable y desdichada para ellos».

Depois de batido e de haver perdido as suas canoas tinha-se entrincheirado o exercito paulista «con ramos y fachena del monte».

Ali soffrera novo assalto com que «pelearan muy cruelmente y mataran un padre de la compañia, y los indios de los dichos padres los tuvieran cercados hasta que los mataron mucha gente y destrozaron y pusieron en huida dividiendo los en dos partes y que les seguiran al alcance muchos dias y mataran muchõs, y los quitaran parte de la presa y muchas armas que traian».

Ouvira, ainda Aguirre, de testemunha ocular do desastre que, no meio dos combates tinham os paulistas presenciado a defecção de seus indios. Havia tremenda ancia de desforra entre os vencidos parecendo-lhe que se os paulistas refizessem as forças voltariam sem falta e logo a atacar as reducções.

A terceira testemunha foi Juan Rodriguez Vaez, morador em Buenos Ayres. Contou que estava no Rio de Janeiro a negocio quando lá chegara a nova da revolta de Portugal em 1640. Tratara então de informar-se o mais possivel para ser util á causa hespa-

nhola, dos movimentos occorridos no Brasil, sobretudo em S. Vicente. Assim conversara com um paulista que fôra ao Rio comprar armas e por este soubera pormenores da refrega de Mbororé. A fuzilaria e a artilharia dos indios dirigidos pelos jesuitas haviam morto muita gente. E o que valera ainda fôra o facto do canhão dos ignacinos haver arrebentado sinão «ninguno de ellos no escapara». Os indios, solidamente entrincheirados, dispunham de 700 a 800 armas de fogo. Na fuga tinham ainda os vencidos perdidos muita gente e presenciado a defecção de todos os seus indios.

Prevenira então a testemunha ao seu interlocutor que os paulistas deviam deixar taes empresas que lhes sahiriam cada vez mais caras, pois ia o rei de Hespanha mandar tropa de linha para defender os jesuitas ao que lhe retrucara o portuguez que elles, paulistas, tambem, tinham escripto ao duque de Bragança (d. João IV) pedindo-lhe elementos para intentar brevemente nova campanha activissima de assalto ao Paraguay.

Já tinham 700 homens alistados para tal fim.

Havia em S. Paulo muita falta de escravos pelo facto de estar Angola com a exportação de negros paralyzada e isto era um incentivo fortissimo ás entradas. Pagava-se por peça adulta 50 pesos.

Pensava Vaez que era indispensavel guarnecer solidamente o ponto ameaçado, por onde os portuguezes passariam ao Prata, ao Paraguay e ao Perú.

Dois annos e meio vivera entre os portuguezes do Rio e de Santos e estava em condições de falar, exactamente como ninguem, sobre os planos e projectos dos encarniçados inimigos do dominio hespanhol que eram os terriveis «mamalucos de San Pablo».

Vencidos os paulistas em Mbororé apesar da extensão de sua derrota apenas a considerariam como um simples revez.

Não tardariam em reapparecer em armas a ameaçar em muitos pontos o dominio hespanhol no coração da America do Sul, a proseguirem infatigaveis na realização de uma conquista que annexaria ao Brasil milhões de kilometros quadrados.

---

## CAPITULO XI

*Echos dos successos de Mbororé entre os hispano-americanos — Enthusiasmo provocado pela noticia da victoria — Manifestações de jubilo — Mensagem dos jesuitas a Philippe IV — Providencias regias sobre as armas de fogo.*

Foi com verdadeiro enthusiasmo que a America meridional hespanhola recebeu a noticia dos triumphos de Mbororé.

A seis de setembro de 1641, escrevia de Assumpção ao presidente da Real Audiencia de Charcas o successor de d. Pedro de Lugo, d. Gregorio de Henestrosa ,dando-lhe conta desta grande victoria. De Hespanha partira, com a expressa recommendação de Philippe IV para que desse protecção efficiente ás réducções. Chegado á Bahia ali soubera da nova e grande expedição, preparada em S. Paulo, contra os aldeiamentos do Rio Grande do Sul. Estava, em dezembro de 1640, em Buenos Ayres. A navegar Paraná acima, soubera que as autoridades reaes não haviam enviado soccorro algum aos indios ameaçados por 450 paulistas brancos e dois mil tupys «gente toda feroz». Penalisara-o muito não poder acudir a tempo, quando de repente soubera da assignalada victoria castelhana. Oito dias haviam durado os combates de Mbororé, nelles morrendo muitissimos paulistas e, sobretudo, tupys. Estavam os de S. Paulo em desapoderada fuga para o norte, perseguidos pelos adversarios.

A victoria se alcançára, commentava piedosamente o governador, primeiro graças a Nosso Senhor, que attendera á justiça da causa daquella christandade nova e depois «mediante algunas armas de fuego que los religiosos de la compañia les buscaron para su defesa (dos indios) sin las quales era impossible como lo ha mostrado muchas vezes la experiencia».

Enorme o alcance desta victoria: vinha impedir a invasão de Buenos Ayres e do Perú, tão ameaçador estava o inimigo.

Tão cedo não voltariam os paulistas: durissima lhes fôra a licção: No Paraguay poderiam ser mobilizados setecentos homens brancos, dispondo apenas, porém, de 250 arcabuzes. Viviam em Assumpção 75 luso-brasileiros, casados e solteiros. Sobre estes ia exercer a mais severa vigilancia.

Ninguem prestasse ouvidos aos que censuravam a entrega de armas de fogo aos indios, sob o pretexto de que podiam rebellar-se contra os hespanhoes. Era indispensavel que os reduzidos dos jesuitas estivessem bem armados. «Tener estas armas agora no hay peligro alguno, por estar en frontera del enemigo que tan a meudo les inquieta». A experiencia de 36 annos de America, sobretudo no Chile, levava-o a aconselhar vivamente que se não desarmassem os indios, sob pena de se arriscar a perda do dominio hespanhol no Prata e Paraguay. No Chile andavam indios armados, os que eram amigos e com optimo resultado os do Uruguay vigiados pelos jesuitas nada fariam. E depois não havia nas reducções salitre nem enxofre.

Assim tambem pensava Don Gabriel de Ocaña y Alarcon, escrevendo ao Vice Rei do Perú, Conde de Chinchon, a 14 de outubro de 1641. Mais do que nunca, agora, «con el accidente de Portugal», era preciso armar os indios das reducções para que se defendessem dos paulistas. Bastava que se nomeassem os jesuitas depositarios de todo o material bellico. Sua Magestade Catholica assim pensava e queria.

Sabedor do succedido, em defesa de seus dominios, pelos reduzidos do Uruguay, mandou Philippe IV, por uma real cedula, de sete de abril de 1643, á vista da exposição de Montoya sobre estes successos que durante dez annos não se cobrassem tributos nem se encommendassem os indios do Prata e do Paraguay.

A 19 de dezembro de 1646 dirigindo-se ao Rei di-

zia-lhe o Provincial, ainda o Padre Francisco Lupercio de Zurbano, que precisava muito de missionarios para a sua provincia do Paraguay; para reduzir os Calchaquis e os Abipones. Recordava então quanto havia feito a Companhia em pról da corôa hespanhola, com os seus indios, que defendiam com valor «el paso de los Portuguezes de San Pablo».

Obedecendo ás ordens reaes determinou o Vice Rei do Perú D. Pedro de Toledo y Leivá, Marquez de Mansera, ao capitão da sala de armas de Lima, que deixasse aos indios o uso de armas de fogo.

Deferia a uma petição de Montoya neste sentido em que o celebre guarany logo lhe recordava os maleficios dos paulistas contra os hespanhoes. Já não se contentavam estes portuguezes em aprisionar os indios conversos pelos jesuitas e destruir as reducções, deixando o Guayrá, o Tape e os Ytatines num deserto. Perseguiam no plano inflexivel de se apoderarem de Buenos Ayres e do Paraguay. Destruindo as cidades hespanholas de Villa Rica, Ciudad Real e Xerez tinham levado para S, Paulo os seus moradores hespanhoes!

Relatou ainda os successos occorridos em Caapazamini e em Mbororé. Se os paulistas não tinham sido exterminados alli é porque, exactamente, os indios fieis não dispunham de sufficiente armamento. Agora pretendiam elles apossar-se de Assumpção; organisavam uma expedição nesse sentido. Era preciso armas para se defender as terras de Hespanha do assalto de mil paulistas seguidos de dous mil tupys que traziam centenas de escopetas. Assim pedia 500 escopetas e 70 barris de polvora e outros tantos quintos de chumbo.

A' petição annexou Montoya uma cedula real de Saragossa, e de 25 de novembro de 1642, ordenando a entrega das armas e munições de que ficariam responsaveis, e depositarios, os jesuitas. Num memorial indagava o governo real a D. Pedro de Lugo se não conviria, e quanto antes, á vista da rebellião portugueza, reforçar-se a guarnição de Assumpção como se fizera com a de Buenos Ayres, pondo-se alli 200 praças hespanholas com os seus officiaes. E autorisava-o a consentir que nas reducções do Uruguay tivessem os Padres da Companhia 150 mosquetes.

Foi o pedido de Montoya porém muito reduzido. Em vez de 500 mosquetes deram-lhe apenas 150 mas

concederam-lhe a munição pedida. Para as armas, pediu o Provincial rapido despacho, por Arica e dahi por terra a Buenos Ayres. A 15 de janeirro de 1646 ordenava o Vice Rei ao seu Capitão de Sala d'Armas a entrega de 75 «bocas de fuego» setenta e tres arcabuzes e 12 mosquetes com todos os seus apetrechos, e a munição requsitada.

De Oruro e Potosi seguiria polvora e chumbo para se reforçar o paiol do arsenal de Assumpção.

Contemporaneamente, a 22 de dezembro de 1646, enviara o Padre Juan Pastor, Procurador Geral da Companhia de Jesus no Paraguay, um memorial de aggravo á catholica magestade de Philippe IV.

Refere, ao começar, que nas reducções uruguayas havia, em mão dos indios, 700 armas de fogo. Graças a isto, não perdera S. M. o Paraguay. Assim alliviasse S. M. a estes vassallos fieis, dos tributos, durante algum tempo, a juizo do Vice Rei do Perú. Informando a petição do Padre achava o Fiscal da Audiencia de Charcas Dom Gabriel de Ocaño que o governador do Paraguay devia em nome de S. Majestade agradecer aos indios o muito que tinham feito em prol da integridade da corôa castelhana. Lembrara o Pádre Pastor em memorial anterior, de oito de junho de 1646, auto dirigido ao Real Conselho, o que em quarenta annos obrara a Companhia, no Prata e Paraguay, Dez membros perdera, mortos pela Fé; mais de cincoenta sacerdotes trabalhavam agora nas Missões, pastoreando mais de cem mil vassallos do Rei.

Era preciso um reforço de 50 novos missionarios o que immenso augmentaria o rendimento do serviço daquelles obreiros da vinha do Senhor.

Os ferozes Calchaquis rendiam-se ao Evangelho e pediam doutrinadores. Assim tambem os não menos bravios indios do Chaco e grande numero de nações cujos nomes cita o Procurador. Do mesmo modo os Charruas, terror dos naufragos que iam dar á costa uruguaya. Era enorme a nova christandade, conquistada pela Companhia na bacia do Prata. Maior seria não fosse o temor dos paulistas que punha muita gente dispersa pela selva. Agora que convinha e muito, vinha a ser, colonisar a provincia dos Itatines (Sul de Matto Grosso) oitenta leguas pelo rio Paraguay acima.

---

# INDICE GERAL

CAPITULO IV



CAPITULO V



CAPITULO VI



CAPITULO VII



CAPITULO VIII



CAPITULO IX



CAPITULO X

CAPITULO XI



CAPITULO XII



CAPITULO XIII



CAPITULO XIV



CAPITULO XV



CAPITULO XVI



CAPITULO XVII

CAPITULO XXIV



## SEGUNDA PARTE

(1632-1638)

### Invasão do Itatim e do Tape



CAPITULO I



CAPITULO II



CAPITULO III



CAPITULO IV

CAPITULO V



CAPITULO VI



CAPITULO VII



CAPITULO VIII



CAPITULO IX



CAPITULO X



CAPITULO XI

CAPITULO XII



CAPITULO XIII



CAPITULO XIV



CAPITULO X V



CAPITULO XVI



CAPITULO XVII



CAPITULO XVIII



CAPITULO XIX

## TERCEIRA PARTE

CAPITULO VII



CAPITULO VIII



CAPITULO IX



CAPITULO X



CAPITULO XI

# INDICE ONOMASTICO

NOTA: — Afim de não sobrecarregar os já tão extensos indices, foram supprimidos os algarismos de dezenas e centenas que deviam ser repetidos.

# INDICE GEOGRAPHICO